



TAMBÉM VÃO AO BAILE

C. NAN BIANCHI

É difícil ficar
quando se quer partir
É difícil partir quando
se quer FICAR



**QUADAS
MADRINHAS
TAMBÉM VÃO AO
BAILE**

C. NAN BIANCHI

*Copyright © 2019 C. Nan Bianchi
Capa e diagramação: Carolina B.*

Os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei no. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal. Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

“Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui, um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei.”

Antoine de Saint-Exupéry



RIO DE JANEIRO, BRASIL.

— Estou atrasada. — largo as sacolas no chão e vasculho a bolsa ansiosa à procura das chaves. — Achei!

No momento em que as ergo triunfante, a porta do elevador se abre e, automaticamente, olho para trás. Uma mulher na faixa dos quarenta anos de terninho alinhado e cabelos presos sai do elevador acompanhada por duas crianças peraltas.

— Gustavo, eu já disse para não correr! — ela grita quando um deles se apressa em direção ao fim do corredor. Meu coração dispara de saudade quando vejo a porta que o pequeno garoto alcança.

— Olá! — sorrio simpática para a mulher. — Acho que vocês são meus novos vizinhos.

— Ah, sim! — ela confirma sem jeito, ajeitando o cabelo escuro atrás da orelha enquanto o outro filho passa por ela com os braços abertos imitando um avião. — Nos mudamos ontem à tarde.

— Vanessa. — estendo a mão para me apresentar. — Sejam bem-vindos ao prédio e caso precise...

— Thiago! Já disse para não fazer isso com a maçaneta! — ela grita de repente e se apressa na direção da porta até se lembrar que ainda estou ali, a mão debilmente estendida no vácuo. — Er... Me desculpe, mas estou com um pouquinho de pressa.

—Ah... é claro. — assinto sem graça, baixando a mão e a enfiando no bolso. —Tenham um boa noite.

Ela acena em reposta e, sem mais delongas, entra no apartamento, levando consigo os filhos para aquele saudoso lugar que já foi morada de um anjo.

O meu anjo.

A saudade dói, me aperta o peito. Sentindo aquela profunda onda de nostalgia me atingir de novo, dou um sorriso conformado e giro a chave na minha fechadura, abrindo a porta. No segundo seguinte em que ponho os pés em casa, o celular toca em meu bolso, anunciando uma chamada em vídeo pela qual esperei o dia todo.

— Um segundo... um segundo... — falo agitada comigo mesma enquanto largo as sacolas de compras no chão e, aos tropeços, pego os cabos HDMI da tv para conectar à entrada USB do telefone. — E voilà!

— Hey, você! — Alex aparece na tela estampando o sorriso mais glorioso e perfeito do mundo. *O sorriso dele.*

E é sempre assim.

Sua simples visão me derruba, me quebra de milhões de maneiras e então me junta de novo.

Saudade e amor, dois sentimentos tão poderosos, convivendo num só coração.

— Hey, você. — sorrio de volta como uma tola perdidamente apaixonada, repetindo nosso tradicional cumprimento. — Senti sua falta.

Ele abaixa aqueles olhos azuis ladeados de cílios escuros com rubor.

— Eu também, minha rosa. Como foi seu dia hoje?

— Trabalhei na Isis e... — aponto as sacolas atrás de mim. — fui ao mercado.

Embora nada específico tenha sido dito, o olhar que Alex me dá é de pura compreensão. — Você ainda se lembra dela todas as segundas. – não é uma pergunta, mas sim uma afirmação.

Ele não poderia estar mais certo.

Uma saudade monstruosa retumba em meu peito.

Já faz seis meses desde que ela se foi, mas Dona Josefa e nosso passeio são mesmo muito difíceis de se esquecer.

— Acho que certas memórias são como compromissos. — digo olhando para a nossa foto juntas que pendurei na parede ao lado de um retrato do meu avô. — O tempo pode até passar, mas ainda temos encontros marcados com

elas.

Ele me dá um sorriso cúmplice, de quem deseja poder me abraçar, estar ali comigo e me ajudar a lidar com esse sentimento.

Pisco as lágrimas antes que se formem. — Falando nisso, parece que finalmente alugaram o apartamento dela... — acrescento tentando soar casual.

— Sério? — Alex pergunta, me permitindo a fuga. — E como são seus novos vizinhos?

Dou de ombros.

— Hum, acho que legais.

— Mas não são ela, certo? — ele acerta em cheio outra vez.

Suspiro fundo me jogando no sofá-mala do meu avô. — Nem poderiam, né? Pessoas são únicas.

Como um arrombo, a lembrança daquela querida vizinha nordestina que significou tanto para a mudança da garota alienada e insegura que eu era me invade. Quantas vezes Dona Josefa não me tirou da minha zona de conforto com aquele jeitinho só dela? Quantas vezes ela não me abriu os olhos para ver o óbvio? Quantos ensinamentos importantes me deixou mesmo após sua morte? Será que eu agradei por todos como deveria em sua vida?

— Hey, — Alex chama a minha atenção suavemente e volto o olhar à tela, os olhos marejados. — eu te amo.

A frase tão simples vem num momento perfeito e aquece todo meu coração.

É incrível essa habilidade de Alex de dizer as coisas certas nos momentos certos. É quase como se ele tivesse sido inventado para isso, para me recompor, me equilibrar, me deixar em paz.

— Eu também te amo, meu inglês. — respondo sentindo meu coração ganhar vida e cor novamente. Cores que você só sabe que existem quando ama. — Muito.

Ele abre um sorriso e reparo melhor em sua aparência hoje.

Alex usa uma impecável camisa branca, sua barba está recém feita e seu cabelo castanho, normalmente rebelde e apontando para todas as direções, está molhado e penteado para o lado, o franjão batendo quase na altura daqueles olhos tão profundamente azuis.

— Uau, você está tão... limpinho! — aponto o fato franzindo as sobrancelhas. — Tem certeza que trabalha mesmo num haras, bonito?

Alex dá risada.

O som é dos mais lindos já registrados no mundo.

— Para sua ciência, madame, tomo banho e me ajeito todos os dias depois do trabalho para vir falar com você.

Arregalo os olhos surpresa. — Está falando sério?

— Absolutamente. Sabe, eu faço questão de estar apresentável para que não ache que fez um mal negócio ficando com esse inglês caipira aqui.

Agora quem dá risada sou eu. *Há, até parece!*

Eu ter feito um mal negócio com Alex? Sem chance.

Faço uma mesura brincalhona. — Bem, me sinto honrada pelo prestígio de sua limpeza, senhor.

Ele ergue a sobrancelha marcante e abre um sorriso provocador. Especificamente aquele sorriso que me tira o sono e me rouba o ar todas as vezes que o recebo.

— É só isso que você sente, Vanessa?

Fico imediatamente vermelha, meu rosto incendeia. Mesmo à distância, Alex ainda mexe comigo de muitas e intensas maneiras. As reações que o inglês causa em meu corpo são sempre sentidas à flor da pele.

Em toda pele.

Apertos os olhos em leve sinal de acusação. — Por acaso está tentando me seduzir?

— Depende... — o sorriso dele se alarga um pouco. — Por acaso está funcionando?

Cruzo os braços bancando a difícil.

— Bem, acho que você vai ter que se esforçar um pouco mais que isso... Se bem me lembro, tive um trabalho duro para te fazer se mexer e vencer a concorrência do meu sofá quando você esteve aqui. — o relembro da ocasião em que dormimos juntos pela primeira vez, quando ele veio se hospedar na minha casa por uma nada coincidência do destino, pelo que vim a descobrir só depois. — Devo dizer que foi difícil, você estava bastante apegado a ele.

Ele ri. *Adora esse jogo de gato e rato como ninguém.*

— Entendo... — se diverte cruzando os braços e joga o corpo para trás na cadeira, assumindo um olhar jogador. — Então devo encarar isso como um desafio seu?

Abro um sorriso travesso.

— Considere-se desafiado, Summers.

Sem demora, o inglês solta os braços musculosos e inclina o corpo para frente, passando as mãos pelos cabelos. O visual desalinhado o deixa ainda mais sexy, é quase humanamente injusto ser tão bonito assim. — Vai me

dizer que quer que eu dance funk para você de novo, Vanessa? Sabe bem como eu arraso nisso...

Gargalho bem alto. Primeiro porque Alex dança funk mal pra caramba, mas principalmente porque, no fundo, tenho que admitir que, de alguma maneira louca e insana, o cara de pau acaba sendo incrivelmente sedutor ao fazê-lo.

Tô falando sério, é algo que nem Freud e toda a sua psicologia explica!

— Nada de dancinha hoje, garanhão. — contendo meu desejo de vê-lo se mover daquele jeito hilário de novo em prol de um objetivo muito maior e, digamos, bem mais interessante. — Eu estava pensando em tentarmos algo mais ousado que isso... — completo com um sorriso maldoso tomando conta do meu rosto.

Ele ergue a sobrancelha desconfiado.

— Vanessa...

— Afff, deixa para lá, Alex! — abano a mão teatral e desvio o olhar com desdém. — Esqueci como os ingleses são moralistas...

Ele faz careta.

— Por acaso você está me provocando?

Sorrio me entregando e então Alex se ajeita na cadeira e cruza a perna.

— Então conte-me, Vanessa. O que exatamente você tem aí nessa sua mente perigosa?

Ganhar o benefício da dúvida me faz sorrir ainda mais.

Faço a minha melhor pose de mulher de negócios e o encaro com casualidade. — Bem, estava pensando em algo como... sexo virtual?!

Alex arregala os olhos antes de estourar em uma sonora e explosiva risada.

Oh, merda... e lá se foram meus planos por água abaixo.

— Me desculpe, me desculpe mesmo, eu não queria rir assim... — ele se recompõe rápido da crise de riso, reassumindo a postura. — É só que... eu definitivamente não acho que isso seja uma boa ideia, Vanessa. Definitivamente não.

Mas que droga!

Malditos ingleses e seus advérbios pomposos e senso de moral elevado!

— E por que diabos não acha uma boa ideia, Alex? — pergunto e agora sou eu quem cruza os braços e faz biquinho.

O que mais uma mulher tem que fazer para seduzir um homem hoje em dia?

— Ah, eu não sei... seria estranho fazer isso através de uma câmera. Acho que sou um cara do tipo tradicional mesmo, gosto do corpo a corpo, pele na pele, boca... bem, boca onde você quiser que ela esteja...

— Alex! — eu o censuro pela imagem mental indecorosa que acabou de proporcionar a essa já desesperada mulher. — Por favor, não poderia ao menos tentar dar uma chance à ideia? São quase seis meses longe, sabe... isso poderia quem sabe esquentar as coisas um pouco mais entre nós. Como uma preparação para as próximas semanas...

Ele me olha reticente.

Acho que estou fazendo minha melhor cara de “por favor, por favor”, porque a expressão do belo inglês se suaviza, e ele aperta os lábios numa linha fina enquanto reconsidera a questão. Passado um minuto, um sorriso vencido toma o seu rosto e me seguro para não colocar tudo a perder comemorando com pulinhos.

— Ok... Então... sexo virtual? — coça a cabeça tímido olhando para o lado e está visivelmente corado quando volta a falar. — Eu não sei bem se gosto disso, para falar a verdade.

Abaixo a voz ao responder.

— E por acaso você já tentou?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Então... nem eu. — ergo os ombros como quem compartilha um segredo íntimo, o que de fato faço. — O que me diz de se voluntariar e ser o meu primeiro?

Seus olhos sorriem daquela forma tão sedutora deles e vejo estrelas e luas dançando ali.

— Estou mais preocupado em ser seu último, senhorita Zandrine.

Coro ao som das palavras.

— Isso é tão típico de você... ingleses sempre jogam baixo.

— Ah, é? — ele ri, se divertindo. — Se me lembro bem foi você a garota que tirou a blusa para tentar me seduzir meses atrás.

Meu rosto esquentava e ponto para ele.

Ah, não, não posso deixá-lo ganhar dessa vez.

— Taí! — resolvo virar o jogo e provocá-lo da melhor forma que consigo pensar. — Ótima ideia, Alex! Um strip-tease é perfeito para começarmos aqui.

— Ei, peraí! — ele quase cai da cadeira, agitando os braços quando entende o que acabei de propor, usando sua linha de raciocínio. — Eu só

mentionei um fato, não estava insinuando que... você sabe, não estava dando ideia nenhuma, apenas.... eu...

Rio com a forma como ele se enrola todo para falar. Alex pode ser um homem bem sedutor e intimidante, mas diante de mim às vezes ele se transforma num garoto acanhado.

De certa forma incompreensível, eu o intimido.

Percebendo que me divirto com seu embaraço, ele sacode a cabeça e sorri.

— Você é louca.

— Completamente maluca.

— Surtada.

— Com todos os parafusos soltos.

Então me olha por um minuto inteiro sustentando aquele sorriso.

— Agggghhh... eu devo te amar muito mesmo. – e revira os olhos azuis de oceano nas pálpebras ao se levantar num impulso. – Ok, espera aí, sua pervertida. Eu já volto para fazer seu show.

Meu show?

Sério isso? Ele topou?!

Ai meu Deus, minha rainha da Inglaterra!!!!!!!

Sorrio toda boba enquanto ele some da tela, deixando apenas a cadeira em que estava sentado ali, em quadro.

Seis meses, são seis meses mantendo essa relação apenas com olhares, conversas e provocações trocadas através de aparelhos eletrônicos.

Dá para sacar que foram seis meses bem longos...

Não me leve a mal, as conversas e o flerte com Alex, mesmo online, são mais que incríveis e eu não os trocaria por nada no mundo, mas o desejo físico é algo que vem junto com uma atração verdadeira. A vontade de ver, de tocar, de sentir o cheiro e o calor da pessoa amada... é algo intenso, arrasador. Necessário.

Foi com Alex que eu realmente senti pela primeira vez na vida e, não vou mentir, foi perfeito e eu poderia morar naquela sensação para sempre.

De repente estou nervosa com a expectativa de ter um pouco desse calor outra vez, ainda que seja através de uma tela - o que não é de todo ruim, pois são de trinta e nove polegadas de alta definição que estamos falando.

Maravilha, começo a superaquecer.

Com a garganta seca e orelhas ardendo em febre, vou até a cozinha me refrescar para me acalmar um pouco antes do “show” quando a campainha

toca.

— Mãe. — me surpreendo ao atender e vê-la parada ali, do outro lado.
— Tá tudo bem contigo?

— Claro, Vanessa! — ela sorri com aqueles olhos castanhos esprevidados tão iguais aos meus e sai entrando no apartamento daquele jeito intempestivo dela. — Tá tudo bem sim, passei aqui rapidinho só para deixar esse... Ulalá, minha senhora de Deus!!!! O que é que é isso?!! — ela arregala os olhos e, beirando o pânico, me viro para a tela da tv no momento em que Alex solta um “*Holy crap*” peladão, exatamente como veio ao mundo, na tela ampla da tv da sala.

Oh, merda!

Ele com certeza vai me matar por isso...

Quando minha mãe volta os olhos para mim, posso jurar por Deus que estão maiores que dois planetas.

— Vanessinha, minha filha... pela tv, heim? — sacode a cabeça ainda aturdida com a ‘expressiva’ visão que teve e ri. — É, esses relacionamentos estão ficando pelo visto cada vez mais modernos... — diz me fazendo querer morrer e então se vira de novo, para espiar um Alex que já está se enrolando num lençol, cor de vinho de tanta vergonha. — Oh, desculpe a minha falta de educação, genrinho! E aí, tudo *em cima* contigo?

Ela levanta os polegares.

Oh - meu - Deus! Duplo sentido agora não, mãe...

— Er... oi, senhora Beth. — constrangido, ele aperta ainda mais o lençol em torno da cintura, olhando para baixo enquanto arrisca um bastante digno português que vem treinando comigo nesses seis meses.

— É sempre um prazer te rever, Alex. É incrível, a cada encontro você se supera. — ela o provoca, claro que o faz. *Embaraçar os outros deve ser mesmo um traço de família...*

Até hoje, foram três vezes em que minha mãe e Alex se viram e, acredite, ela teve o prazer de pegá-lo nas situações mais embaraçosas possíveis em todas elas. Um timing perfeito para o constrangimento alheio ela tinha, devo admitir.

— Sinto muito pelas roupas... ou pela falta delas. — ele gagueja sem graça e imagino como o inglês deve estar querendo se esconder em um buraco e sumir nesse momento.

Ela abana a mão tentando ser casual.

— Ora, mas que é isso, rapaz! Está tudo bem, não está, Vanessa? —

então pisca para mim e sussurra um “Óootemo!!” de aprovação e sou eu quem quer morrer de vergonha agora. — Sei bem como são os hormônios aflorados da juventude, afinal não foi de roupas que eu o Lucio fizemos a Vanessa, né!

Muita informação, alerta, muita informação!

— Ô, mãe, acho que é melhor você ir andando agora... — decido empurrando suas costas rumo à porta.

— Ah, sim, claro! — ela abre um sorriso. — Vou deixar os pombinhos “conversarem” a sós. — abre aspas marota e dá uma piscadinha e vejo Alex assumir preocupantes tons de roxo na tela. — Aqui, tome o escondidinho de camarão que eu trouxe especialmente para você, minha filha querida.

Pego a travessa que ela me entrega e dou um beijo em seu rosto. — Obrigada, mãe.

— Ah, mas que isso... Foi um enooorme prazer. — ela olha de novo para Alex com um sorrisinho no rosto.

Sádica, sádica, sádica.

Com certeza um traço de família.

— Tá bom, tá bom... já se divertiu bastante por hoje e mais uma centena de anos, dona Beth. Agora vai indo, antes que o inglês ali tenha um troço.

Ela gargalha alto.

— Juízo, minha filha. — diz ao passar pela porta como se quisesse dizer o oposto. — E tchauzinho pra você também, Alex!

— Tchau, Mrs. Beth.

Fecho a porta atrás de mim e explodo numa sonora e estrondosa gargalhada.

— Meu Deus! Isso foi absolutamente terrível! — comento rindo enquanto largo a travessa de escondidinho de camarão sobre o balcão da cozinha.

— Eu realmente não tenho sorte alguma quando se trata da sua mãe. — Alex esconde a cara nas mãos, tamanha a vergonha que sente. — Por Deus, como alguém pode ser tão azarado assim? Três vezes pego pela sogra nas piores situações possíveis... Caramba, ela deve achar que eu sou um pervertido!

Sorriso.

-Relaxa, Alex, não é pra tanto. Tenho certeza de que ela não acha isso. — então atravesso a sala e me sento de frente para ele no sofá. — Bem, agora vamos esquecer isso tudo e continuarmos de onde paramos...

Ele levanta o rosto no mesmo segundo que completo a frase.

— Você só pode estar de brincadeira!

— Ah, Alex, para de bobeira! Foi só um pequeno contratempinho...

— Contratempinho? — ele dá risada, revirando os belos olhos nas pálpebras. — Acredite quando digo, Vanessa: eu estou oficialmente de greve de sexo contigo por um mês.

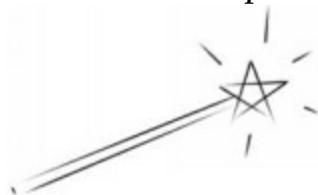
Ihh, lascou!

— Mas, Alex! Nós podemos apenas...

— Boa noite, Vanessa. — ele ri desligando a transmissão e me deixando na mais pura vontade.

Eu fecho o computador dando risada também.

Ainda bem que faltam só três semanas para eu pegar esse avião.



Na sexta após o trabalho, entro no bar e procuro por dois rostos conhecidos.

— Nessa, Nessa, aqui! — Nanda acena animada no meio do salão cheio de banhistas recém-saídos da praia de Copacabana. As pontas do cabelo dela estão ainda mais douradas do que na última vez que a vi, assim como sua pele assumiu um tom mais bronzeado por passar a surfar regularmente com Bruno.

Me aproximo da mesa em que os dois estão relaxados tomando um chopp de fim de tarde. — Oi, Nandinha, há quanto tempo! — a abraço apertado e estico o braço para alcançar o ombro de seu namorado atrás dela. — E aí, Bruno, tudo certo contigo, meu rei?

— De boa, Nessa, de boa! — ele me sorri de seu jeito tranquilo e indica a cadeira. — Senta aí com a gente. Vai beber o quê?

— Uma caipirinha, a tradicional.

— Garçom! — ele faz o pedido enquanto Nanda me cutuca animada.

— E aí, me conta tudo, mulher! Quero saber tudinho, os mínimos detalhes dessa Eurotrip que você e seu inglês estão planejando e... Opa, peraí, é o meu. — ela se interrompe ao som do toque de Girls of Summer e puxa o celular do bolso do short jeans para atender. — Oi, pai! Tá tudo bem aí? Ah... tá, ele tá sim. — então passa o telefone para Bruno com uma carranca. — Ele

quer falar contigo.

Bruno nem pergunta “o quê” e já coloca o aparelho no ouvido animado.

— Fala, sogrinho! Tudo beleza aí na terra dos pinhais?

Cutuco Nanda nas costelas.

—Sogrinho??! — debocho quando ele se levanta e se afasta para travar o que parece ser uma conversa animada entre amigos de décadas.

— Nem me fala disso, Nessa! — ela revira os olhos cor de mel, bebendo um gole de chopp. — Desde que voltamos dessa viagem à Curitiba, esses dois estão um grude só! E eu com medo deles não se darem bem, lembra? Há, até parece, tiro no pé total. Acho que eles se dão melhor juntos do que comigo agora! Talvez seja um daqueles casos de *bromance*.

Caio na risada.

— Ah, para, Nanda! — dou um tapinha em seu ombro quando ela me olha feio, me divertindo com a situação. — Pensa por esse lado: o homem que te deu a vida e o homem da sua vida se dão bem. Isso é ou não é um excelente motivo para comemorar?

— É... — ela revira os olhos sorrindo e seu rosto relaxa. — acho que você tá certa, tirei a sorte grande nesse quesito. E tudo graças a você, né, amiga? O destino nos uniu de um jeito muito especial...

— Sem dúvidas. — assinto. É incrível pensar que encontrei essa garota completamente por acaso numa noite na Lapa e que, graças a ela, entrei para a comunidade de viajantes que mudou minha vida. Foi justamente nela que conheci diferentes culturas, amigos, estilos de vida e, até mesmo, um grande amor.

No ambiente descontraído do bar, nós duas deixamos o papo correr solto e aproveito a ocasião para atualizá-la sobre as novidades da minha tão esperada (e agora próxima) viagem.

Eu e Alex nos encontraríamos dentro de pouco tempo na Inglaterra e, com nossos passes de trem válidos pelo período de um mês, rodaríamos por vários destinos da Europa, mochilando de país em país, dormindo em diferentes sofás e albergues matando a saudade um do outro. Seria uma aventura, a maior aventura de toda a minha vida, sem sombra de dúvida.

Meu coração acelera no peito só de pensar.

Quando Bruno retorna a mesa quase uma hora depois, nós já estamos a todo vapor na segunda rodada de aperitivos, batatas fritas cobertas com cheddar, discutindo entusiasmadas os destinos confirmados em meu planejamento.

— Ah, mas vocês têm que ir a Bruges nem que seja por um dia! Eu garan... Ué, meu pai não pediu pra falar comigo? — Nanda se interrompe ao receber de volta o celular do namorado.

Com a testa franzida, Bruno pega uma batata e põe na boca. — Não. Por quê?

— Tá vendo só, Vanessa? — ela se vira para mim revoltada. — Ele roubou mesmo meu pai e agora está atacando nossa batata!

Seguro a vontade de rir e Bruno, finalmente entendendo o que está rolando com a namorada, a abraça por trás, meio carinhoso, meio palhaço.

— Ô, sereia... não fica com ciúmes não. Tem baiano aqui pra todo mundo...

— “Tem baiano pra todo mundo”? Ora, seu!!! — ela bate nele e nós caímos na gargalhada.

— Sabe, eu fico feliz de ver que vocês estão tão bem. — comento, secando as lágrimas de rir com o dorso da mão. — Vocês são um casal perfeito.

— E você e o Alex? — Nanda se debruça na mesa, me sondando. — Como estão levando essa coisa toda da distância?

Mordo o canto do lábio.

— Hum, no limite da sanidade, eu acho. Mas graças a Deus só faltam mais umas duas semanas para eu reencontrá-lo.

— Ué, mas não faltavam três semanas para a viagem? — ela questiona confusa e abro mais o sorriso.

— Bem, esse era o plano original, mas aí eu e o Blake bolamos um outro muito mais divertido...

Ela me olha conspiratória. — Blake, o irmão mais novo de Alex?

— O próprio. — confirmo. Não conheço pessoalmente o mais jovem dos irmãos Summers, mas já posso dizer que o adoro. — Ele armou com a tia uma surpresa. Segundo o plano dele, vou chegar uma semana antes e pegar Alex totalmente desprevenido.

— Caramba! Deus salve esse inglês! — Nanda ri com vontade. — Isso vai ser demais! Imagina só isso, Bruno! Nossa, queria só ver a cara do Alex quando te ver chegar lá, linda e poderosa, uma semana antes!

— Depois de seis meses na seca? Posso garantir que ele vai pirar! — Bruno comenta com um sorrisinho safado no rosto. — Tô falando sério, se prepara aí, Nessa, que é capaz de ele te agarrar ali mesmo, na frente de todo mundo.

— Como assim “seis meses na seca”?! — Nanda olha chocada do namorado para mim. — O Alex não ficou com ninguém durante todo esse tempo?!

Ergo os ombros em sinal de que não faço ideia, mas Bruno confirma veementemente.

— Tenho certeza que não ficou. O cara é louco por ela, mulher nenhuma teria chance.

Nanda olha chocada para mim.

— E você? Vai dizer que também não ficou com ninguém durante todo esse tempo?

Confirmo e o choque dela só aumenta.

— Vocês só podem estar malucos! Estamos falando de seis meses longe! Vocês combinaram isso? Fecharam uma relação? Pensei que você tinha dito que isso não ficou definido.

— Mas não ficou mesmo. — admito. — É que foi tudo muito rápido entre a gente, Nanda. Esse celibato foi meio que espontâneo pra mim, a verdade é que depois do Alex eu não tenho mais interesse em ficar com outros caras. Ele me basta, é tudo o que preciso e mais. Tão mais...

Deixo escapulir um suspiro apaixonado e Nanda apenas me olha passada. Seis meses envolvida com um cara a milhas e milhas de distância sem ter firmado um namoro, mas agindo com exclusividade devia mesmo parecer bem chocante visto do lado de fora.

Mas a real é que quando Alex foi embora, era muito cedo para propor um relacionamento e, fazê-lo por telefone ou vídeo também não me parecia correto, uma vez que não sabíamos tudo o que poderia acontecer nesse meio tempo. Acho que foi por isso que não tocamos nesse assunto, deixamos apenas rolar, sem rótulos.

Existe um ditado de Richard Bach que representa bem a conclusão que cheguei: *Se ama alguém, deixe-o livre. Se um dia voltar, é seu. Se não, é porque nunca fora.* Eu amo Alex do fundo do meu coração e espero que ele volte pra mim, porque eu... eu estou voltando para ele.

— Eu te entendo perfeitamente, Nessa. Quando se ama, se ama e ponto. — Bruno beija a testa de Nanda e ela sorri, aliviando um pouco a expressão de choque em seu rosto. — Mas agora me conta, como foi que conseguiu aguentar a espera sem pirar durante esse tempo?

— Visitantes. — respondo com um divertido erguer de ombros. A minha rotina andava a todo vapor desde que passei a receber gente do mundo

inteiro no sofá-mala de meu avô. A comunidade trazia a emoção e distração necessárias para ocupar minha mente e suportar a saudade. Então confiro o relógio. — Por falar nisso, já está quase na hora. Hoje chega a minha última visitante antes de eu embarcar para a minha própria viagem: Anastasia, uma violinista russa radicada na Polônia.

— Uhhh, que maneiro!! — Nanda bate palmas animada. — Estou louca para saber mais sobre ela. O que está esperando? Vai lá recebê-la, mulher!

Dou risada.

— Vou sim, mandona. Te mantenho atualizada pelo zap.

— Se cuida, Nessa. — Nanda me envolve carinhosa num abraço. — E se não nos virmos antes, desejo que faça uma viagem pra lá de fantástica, está me ouvindo? E mande beijos por mim para o Alex assim que chegar lá!

— Abraços. — Bruno coça a garganta bancando o ciumento e não posso evitar sorrir, o papel não combina em nada com ele. — Mande abraços respeitosos para o inglês por nós dois, Nessa.

— Podem deixar comigo! Bem, vou lá. Continuem aí aproveitando o chopp!

Me despeço mais uma vez e, ao chegar ao balcão para pagar minha parte da conta, discretamente pago a deles também. Porque isso é algo que aprendi com essa dupla. A comunidade da qual fazemos parte não é para qualquer um, você realmente precisa acreditar que a gentileza existe no outro e, quando menos espera, percebe que ela passou a existir dentro de você também.



Com ansiedade aguardo o desembarque de minha convidada no terminal dois do Aeroporto Internacional Tom Jobim. Seguro bem alto uma placa com seu nome escrito em letras garrafais para que ela possa me encontrar naquele mar de gente que espera seus conhecidos chegarem de uma viagem do outro lado do mundo.

Eu sou completamente apaixonada por esse lugar. *A sensação de encontro eminente é sempre maravilhosa.*

Como todas as vezes, me distraio assistindo abraços e beijos de boas vindas de casais, pais, filhos, avós e amigos. São cenas que sempre tocam,

me fazem lembrar das chegadas e partidas dos meus avós que eram comissários de bordo até partirem para um voo sem volta para um lugar além daqui.

Ainda me pergunto, será que eles ainda viajam juntos por lá?

Quando a massa de passageiros do voo da Polônia finalmente se dispersa, percebo que minha convidada não estava entre eles. Sem pressa, já que é sexta, me sento num banco e decido esperar por ela um pouco mais. Uma hora depois, no entanto, quando parece que já não há mais a menor possibilidade da garota aparecer, desisto finalmente e me levanto para ir embora.

Já estou dando meia volta no saguão, quando uma jovem pálida de longos cabelos loiros carregando um estojo de madeira grita meu nome.

— Vanessa! Vanessa! — ela ofega ao se aproximar, as mãos apoiadas nos joelhos para recuperar o fôlego da corrida, o olhar fixo na placa baixa em minhas mãos.

— Anastasia! — reconheço de imediato seu rosto. Meu Deus, zero photoshop! A garota à minha frente é idêntica à sua foto da comunidade.

— A própria! — a loirinha de não mais de um e sessenta de altura me estende a mão pequena de música. — É um prazer finalmente te conhecer. Sério, eu estava na dúvida se encontraria uma pessoa ou um sofá de dois lugares me esperando.

Gargalho alto porque, por mais inusitado que seja, ainda é a foto do sofá-mala do meu avô que me representa na comunidade. Afinal, por que mudar? *Curiosamente ele só me atraiu sorte.*

— Sinto te decepcionar, mas sou comumente humana, minha cara.

— Bem, não se pode ter tudo. — ela ajeita a pequena mochila nos ombros e covinhas perfeitas surgem em suas bochechas rosadas.

— Vem, deixa-me te ajudar com iss... Caramba! Você deve ser muito desprendida para passar uma semana inteira só com essa mochilinha aí! — exclamo perplexa ao notar a total ausência de outras bagagens, exceto o estojo do violino.

— Infelizmente não é esse o caso. A minha bagagem extraviou, essa coisinha aqui é apenas a minha mala de mão. Foi por isso que demorei tanto lá dentro.

Levo a mão à nuca, me sentindo péssima pela falta de tato. — Mas que droga, Anastasia! Eu não...

— Relaxa. — ela me tranquiliza, totalmente de boa. — Eu já falei com a

companhia aérea e eles estão cuidando do assunto, me deram até uma cota de emergência para me virar enquanto isso, olha só!

Ela estende um envelope da companhia.

— Cara, mas ainda assim... Suas roupas, sapatos, tudo o que planejava usar...

— Acontece... — ela sorri com bom humor. — E, sendo bem honesta, tenho que confessar que os sapatos e roupas são o que menos me preocupa agora.

—Sério? — e não resisto à curiosidade de perguntar. — E o que a preocupa então?

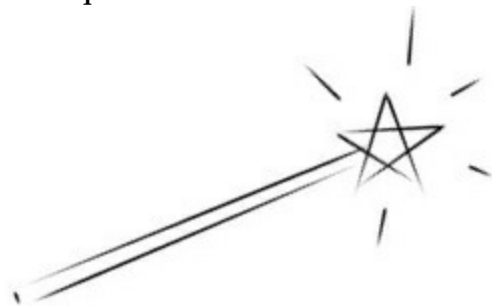
Ela se encolhe toda envergonhada e sussurra em hilário tom de desespero. — O que vai por baixo. Por tudo o que é mais sagrado, Vanessa, me diga que nem todas as calcinhas brasileiras têm o mesmo tamanho dos biquínis daqui. Sério, vou ficar neurótica se usar algo que entra na bunda o dia inteiro!

Não me aguento: caio na gargalhada.

Jura que essa é a maior preocupação dela?

— Pode ficando calminha aí, Anastasia! — jogo o braço sobre seus ombros, a carregando às risadas. — Vamos providenciar agorinha mesmo uns belos calçolões de vovó e vai ficar tudo certo!

— Cara, nunca pensei que ficaria tão feliz em ouvir isso na vida!



Duas horas depois, nós saímos da loja de roupa íntima carregadas de sacolas, estou rindo tanto que lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos em rios selvagens.

— Eu te disse, sua polaca doida, nem toda brasileira é modelo de lingerie! — ela espirra refrigerante pelo nariz rindo enquanto caminhamos pelo shopping. — Nossa, e do jeito que você estava gesticulando na loja parecia até que queria uma tenda, não uma calcinha! A vendedora quase que te trouxe um paraquedas, sabia?!

— É, você tinha toda a razão. Me apavorei à toa. — ela enxuga as

lágrimas dos olhos, seus pequenos ombros agora mais leves. — E agora? O que mais tenho que comprar depois das calcinhas? Gente, nem sei... Acho que tudo, né? Quer saber? Pode indo para casa, Vanessa. — a projeto de gente tenta me despachar, me empurrando em direção ao estacionamento. — Já é noite e você deve estar morta de cansada. Não quero te perturbar, posso muito bem me virar sozinha.

— Eu sei que pode, Ana, mas não precisa. — então pisco para ela e lhe dou uma cotovelada de leve no braço. — Relaxa, eu tô de boa aqui. E não precisa comprar todo o resto ainda. Vai que a sua mala é encontrada amanhã?

Uma ruguinha de preocupação surge em sua pele clara de porcelana quando me olha. — Ok, mas como vou me virar sem nenhuma roupa enquanto isso?

— Ora, isso é muito fácil! Você pode usar as minhas.

Ela pisca surpresa. — Como disse?!

— Acho que apesar da nossa altura ser diferente, temos mais ou menos o mesmo corpo.

Ela ironiza apontando com ares de ressentida da bunda dela pra minha. — Não sei se notou, mas definitivamente você tem algo aí que eu não tenho, ô musa tropical.

Abro os braços dando uma voltinha. — Bem, algo de verdadeiro tinha que haver nesses estereótipos, né?

Ela sorri. — Convencida. Mas... está mesmo falando sério? Eu não quero abusar...

— Não tá abusando em nada, sua boba, fui eu que ofereci pra começo de conversa.

Então, me pegando totalmente de surpresa, Ana me abraça com direito a pulinhos e gritinhos.

— Caramba, obrigada mesmo, Vanessa! Nossa, não tô acreditando na sorte que estou tendo aqui!

— Sorte? Mas que sorte, sua doida? Você acabou de perder sua mala, esqueceu?

Ela imita uma balança com as mãos. — Copo meio cheio, copo meio vazio. A vida é uma questão de ponto de vista. Do meu, o saldo ainda tá bem positivo.

— Se você diz... — meneio a cabeça achando graça. — Então já que já resolvemos a questão das suas calçolas e roupas, podemos ir para casa ou ainda quer ver mais algo aqui no shopping?

— Na verdade... — ela hesita por um momento, baixando os olhos enquanto risca o chão com o dedo do pé. — tem só mais uma coisinha de nada que eu gostaria de poder comprar antes de irmos... Só se não for muito incômodo, sabe.

— Mas é claro que não é. Vai, desembucha, do que que precisa?

Ela cora dois tons, se aproximando do meu ouvido outra vez daquele jeitinho dela. — Um biquíni. — revela então num sussurro. — É que eu tinha planejado comprar um daqueles fio-dental assim que chegasse, sabe, para poder usar na praia...

— Opa, opa! Para tudo!! — faço auê, levantando os braços em absoluta incredulidade. — Deixa ver se entendi direito: quer dizer que você fica apavorada com a ideia de usar calcinhas brasileiras, mas usar o tal biquíni minúsculo não tem problema, é?!

Ela dá de ombros, jogando os cabelos loiros sobre o ombro.

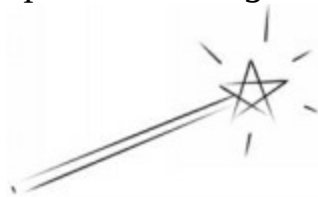
— Ora, você sabe como é, né, Vanessa... Se não é visto, não vale o esforço. Já se é...

— Sua polaca safada! — bato com a sacola de compras nela, arrancando risos travessos da loira. — Veja só, quem te vê assim tão princesinha nem imagina o tanto de trabalho que deve dar!

— E vai dizer que isso não é uma vantagem e tanto?! — ela brinca e não resisto rir junto.

A verdade é evidente.

Já estou adorando a companhia dessa garota.



— Entra aí, polaca. — a convido, abrindo a porta do meu modesto apartamento após tirar os meus sapatos na entrada. — Você deve estar exausta. Quer alguma coisa? Uma água, outro lanchinho?

— Não, obrigada. Tô legal. — ela tira suas sapatilhas, delicadas como as de uma bailarina e as coloca ao lado das minhas. — Acho que estou satisfeita agora.

Olho para a barriga chapada dela outra vez.

— Cara, ainda não faço ideia de como aqueles quatro hambúrgueres couberam aí dentro.

— Ah, isso é tipo um dom, Vanessa. — ela dá tapinhas na altura do estômago. — Meu irmão costuma dizer que tenho um buraco negro na barriga, mas prefiro chamá-lo carinhosamente de meu triângulo das bermudas.

— Reze então a Deus para que sua mala não tenha ido parar aí, porque, acredite, a pobrezinha não teria nenhuma chance de ser encontrada com vida.

Ela revira os olhos e se joga no sofá.

— Ele é mesmo muito lindo. — diz examinando as etiquetas de viagens e adesivos de destinos presos no malão marrom que é a base do móvel, coberto com confortáveis almofadas azul marinho.

— Obra do meu digníssimo avô.

— Ele deve ter sido alguém memorável para criar algo assim.

O comentário me aquece o coração. — Você nem imagina o quanto.

Demorei muito para entender a importância do vô Ângelo na minha vida, mas foi a perda dele que me jogou nessa espiral de mudança, que fez com que eu me libertasse dos antigos padrões e buscasse o novo.

De certa forma, foi ele que me trouxe até aqui.

— É a primeira vez que viaja pela comunidade, Anastasia? — pergunto, me sentando ao seu lado e puxando uma almofada.

A loirinha tira o casaco e atira-o com precisão em cima de sua mochilinha. — Não. Já rodei boa parte da Europa assim quando era mais nova. E você, Vanessa? Já se hospedou com alguém?

— Na verdade, viajarei em breve... daqui a duas semanas.

— Uhhh... mas que sorriso bobo é esse aí? — a polaca se inclina para frente a fim de poder me inspecionar melhor e sinto meu rosto esquentar. — Não me diga que tem um crush envolvido nessa viagem? Ah, tem! Mas com certeza que tem!

Assinto tímida.

Às vezes é impossível negar o que está escrito na cara.

Tiro o celular do bolso e mostro uma foto na tela. — Esse é o Alex.

— Musa tropical, você não é boba, não, heim?! — ela me dá um tapa orgulhoso no ombro e pega o aparelho para conferir de perto. — Que homem mais lindo é esse?! Olha só esse sorriso perfeito, esses olhos azuis, esse cabelo despenteado de gato rebelde pedindo pra miar...

— Ei, ei, ei, pode tirando o olho, sua assanhada do fio-dental! Esse gato aí tem dona e ela é pra lá de ciumenta! — brinco tomando o celular dela e então suspiro me jogando contra o encosto e abraçando a almofada mais

apertado. — O Alex é um cara incrível, Ana. Você iria gostar de conhecê-lo.

— Ah, mas eu posso apostar que iria... Assim como posso apostar meu violino que você está perdidamente apaixonada por ele.

Sorriso pega.

— Como sabe?

Ela dá de ombros casual. — Seu olhar te traiu.

— Meu olhar?

— É. — ela assente e aponta para meu rosto. — Você tem aquele brilho nos olhos que só quem ama tem.

Ana não é a primeira pessoa a me falar isso. Aparentemente, de uns tempos para cá, meus olhos castanhos que eu sempre achei tão sem graça passaram a viver iluminados com essa estranha felicidade que não se dissipa.

Essa estranha felicidade chamada amor.

— Como foi que vocês se conheceram? — ela se vira confortável para me encarar como quem espera por uma grande história romântica.

Bem, nós temos mesmo uma grande história romântica.

— Pela comunidade. — revelo saudosa. — Na verdade, foi nisso que acreditei por um tempo, que fora uma incrível coincidência do destino Alex me encontrar e tal, mas aí descobri que tivemos um empurrãozinho de um amigo em comum para isso acontecer.

— O quê? Um amigo colocou esse homão na tua fita? Pois pode passando endereço, what's app agorinha mesmo que estou necessitada de um guru amoroso!

— Ah, fala sério! Você deve estar cheia dos crushes...

— Ihhh, nem perto disso, musa. Tô na seca há quase um ano!

— Tá brincando?! Mas você é toda linda e perfeitinha, parece até uma princesa!

— De princesa só tenho o nome! — ela esboça um sorriso travesso com uma piscadela. — A verdade é que sou uma verdadeira espanta homens, Vanessa. E olha que gosto dos grandalhões, heim. Sei lá, acho que sou incisiva demais quando tô a fim de alguém, parto com tudo pra cima!

Caio na gargalhada. A ideia de Anastasia, aquela florzinha de gente, partindo pra cima e assustando caras grandes parece totalmente impossível.

— Tô falando sério, viu! — ela insiste sorrindo. — Às vezes acho que os homens querem uma matrioska, não uma mulher de verdade.

— Acho bem difícil acreditar, minha cara, mas vou te dar o benefício da dúvida. E, para todo o caso, saiba que eu não tenho os talentos de guru

amoroso como os de Ravi, mas me coloco à sua disposição para o que precisar de mim enquanto estiver aqui no Rio. Por falar nisso, espera aí um segundinho.

Corro até o quarto e volto com uma muda de roupas nas mãos.

— Toma. — lhe entrego a pequena pilha. — Toalha para você poder tomar banho e um pijama.

— Uhh, valeu! — ela se levanta, pega as roupas e então me abraça de novo. — Nossa, eu estou tão feliz de estar aqui com você, Vanessa. Você é tipo uma fada madrinha, sabe, transformando o meu dia de abóbora em algo bom. Obrigada, obrigada mesmo!

Ela desfaz o abraço e, antes que eu possa responder qualquer coisa, sai rumo ao banheiro cantarolando alegremente Bibidi-bobidi-bu.

Eu rio ao reconhecer a trilha sonora de Cinderela.

Doidinha de pedra!

Fada madrinha eu, até parece! Fadas madrinhas não existem. Como anfitriã, é meu dever receber meus convidados da melhor maneira possível, e é apenas isso que estou fazendo. Mas o fato é que vê-la feliz... vê-la feliz alegria o meu dia e há algo realmente mágico nisso.

Ao som da alegre melodia encantada que vem do banheiro, armo o sofá-cama do meu avô, retirando dele a estrutura metálica com colchão, e depois sigo para o meu quarto, me deitando na cama para checar as mensagens no laptop após passar o dia inteiro fora.

Radiante, vejo que Alex me mandara uma há poucos minutos.

“Oi, pervertida! Como está com a nova hóspede?”

Me aninho na cama e digito animada.

“Olá, senhor íntegro, respeitoso e conservador da moral e bons costumes! =P Anastasia é uma fofa e estou adorando tê-la aqui! Parece até a irmã mais nova que nunca tive.”

“Acho que ela te causou uma boa impressão.”

Meu coração se agita quando vejo que está online.

Digito rápido.

“É verdade, Anastasia está sendo uma boa surpresa. Acho que os próximos dias serão bem animados por aqui.”

“Será que também vão ser animados quando estiver comigo?”

Meu corpo inteiro estremece de alegria com a proximidade desse reencontro.

“Humm... não sei.” — faço suspense apenas para provocá-lo um pouco,

porque, bem, é assim que somos, implicantes. — “Será que vou, Alex? Sabe como é, você anda meio puritano demais ultimamente pro meu gosto...”

“Ah, é? Pois saiba que vou me lembrar disso quando você estiver aqui, madame.”

“Mal posso esperar.”

Um minuto inteiro se passa até que ele digita o que já sei que virá.

“Sinto sua falta.”

Meu coração se aperta.

“Eu também...” — e, Deus, como sinto! — “Como está o Blake?” — troco de assunto rápido para não sucumbir à pressão que não afrouxa em meu peito.

“Um verdadeiro atentado!” — ele responde e sinto certo alívio ao redirecionar meu pensamento para outro tópico que não aquele, que é tão difícil, tão emocional ultimamente. “Agora o moleque deu para bisbilhotar minhas coisas, acredita? Outro dia o peguei mexendo escondido no meu celular.”

O alívio se transforma imediatamente em pânico. Gelo com a possibilidade de Alex ter descoberto o nosso plano surpresa logo agora, tão perto da viagem.

“Sério? E o que ele queria nele?”

“Sei lá! Assim que me viu chegar, o safado saiu correndo como o diabo foge da cruz.”

Respiro mais tranquila.

Ufa, essa foi por pouco!

“Espero que ele não tenha recebido os nudes que te mandei...” — não perco a oportunidade da piada e Alex reage como esperado, colocando milhões de emoticons com expressão assassina, o que me faz gargalhar alto.

“Calma aí, é só brincadeira, viu?! Nada de matar o garoto.”

“Engraçadinha.”

“Eu tento. =)”

‘Sinto sua falta’, é o que eu quero digitar de novo e sei que é o que ele também, mas não digitamos as três palavras porque sabemos que tem um limite para o quanto podemos expressar nossa saudade. Toda vez que ela é mencionada, parece que se condensa um pouco mais, quase que se tornando tangível.

Como um peso alojado bem no epicentro do nosso coração.

“É melhor eu ir...” — é ele quem quebra o tênue silêncio.

“Claro... *está tarde aí.*” — me lembro da diferença de nossos fusos. —
“*Durma bem, Alex.*”

“*Você também, Vanessa.*”

Quando ele desconecta, jogo o laptop de lado e fecho os olhos. Lágrimas escorrem pelo meu rosto sem que eu as tenha convidado.

É incrível como toda vez encontro Alex ali, vivendo em meu pensamento, por baixo das minhas pálpebras, entranhado em mim como se tivesse se tornado um membro vital ou algo assim. Só que esse membro não está mais comigo, me lembro com um amargo crescente no estômago, ele está a milhares de quilômetros de distância. Nove mil duzentos e trinta e seis para ser mais exata.

E um oceano.

Dizem que quando você perde um braço ou uma perna, ainda pode senti-los por meses ou anos, como se eles continuassem lá, ocupando exatamente o mesmo lugar e função. O *membro fantasma*, como é chamado pela medicina, prova como a ausência de uma parte não significa sua imediata anulação. Algo que foi tão importante um dia, mesmo que tenha sido arrancado de você à força, acaba de alguma forma subsistindo, seja através da sensação de simples presença ou causando dormência, prazer e, até mesmo, dor.

Para mim, a saudade é como um membro fantasma.

A separação não encerra o elo, às vezes o intensifica.

Mesmo tendo passado quase seis meses, eu ainda sinto a presença de Alex. As sensações em meu peito variam bastante, tem dias que o sinto bem perto e sorrio como se estivesse ali e tem outros que dói como o inferno porque é como se ele estivesse sendo extraído cirurgicamente de mim de novo.

Nessas horas de angústia, tento acalmar meu coração da única maneira que consigo: me lembrando repetidas e repetidas vezes como um mantra de que, independente do que acontecer daqui pra frente, eu já lucrei.

Por causa da cor do trigo.

Sorrio com essa lição, essa parte linda de Alex que subsiste em mim, a parte que me ensinou algo tão importante, que me fez mais forte, que me mostrou como amar alguém direito, a valorizar o que tenho pelo tempo que durar.

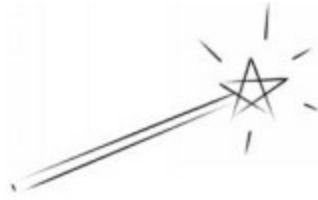
Isso acalma meu coração.

Mas é só por hoje, eu sei.

Porque amanhã, a saudade vai voltar, vir mais forte, com tudo. E vou

repetir meu mantra mais uma vez e fechar meus olhos, ouvindo o vento soprar o trigo e o sol iluminar o céu no tom mais lindo que existe no mundo.

O tom daquele azul.



Olho aturdida para o vidro das portas duplas do desembarque, mirando meu reflexo embaçado nele. Estou velha e enrugada me encarando de volta, o corpo envergado em um vestido senhoril, coberto por um desgastado casaco de inverno de lã, a mala pesada pendendo da mão agora frágil.

Passaram-se dezenas de anos até finalmente eu poder pegar esse avião. Os imprevistos da vida, a falta de dinheiro e tempo, tanta coisa aconteceu nesse meio tempo, mas agora nada disso importa porque carrego comigo a alegria infinita de que verei meu amor em breve.

Com passos largos, abro um sorriso e atravesso as portas automáticas, sentindo meu coração se agitar a um ritmo alucinante pela expectativa do tão esperado reencontro.

Porém, quando elas se fecham atrás de mim, me deparo com o impensado:

Alex não está aqui para me buscar.

Ninguém está.

Frio. O saguão de desembarque está vazio, estéril e melancólico, as luzes todas apagadas. É inverno e sinto um vento de congelar a alma soprar, torturando meus ossos tão velhos e cansados.

Sem saber que rumo tomar até que ele apareça, fico ali, sozinha, perambulando pelo gigantesco e inóspito aeroporto por horas e horas, até que seguranças aparecem e me dizem que não posso mais ficar.

Quando deixo o aeroporto, enxotada como um cachorro velho, me sinto zozna e deslocada, tentando me localizar nas ruas movimentadas e elegantes de Londres.

E é então que o vejo.

E meu coração para.

O mundo inteiro para por um segundo.

Ao contrário de mim, noto que Alex não envelhecera nem um ano sequer. Ele continua absurdamente jovem e lindo com seus cabelos castanhos

rebeldes caindo sobre os olhos azuis de safira. E sorri, sorri radiante com aquele segundo sorriso dele que cataloguei em minha mente quando o conheci: o sorriso infantil que o faz fechar os olhos formando aquelas pequenas linhas.

O meu sorriso.

A visão dele aquece meu peito e, aliviada, sorrio de volta. Mas é só então que percebo a verdade à minha frente: o tempo passou não só para o meu corpo, mas para mim também.

Eu sou passado.

Alex está ali, de mãos dadas com outra mulher, alguém jovem, linda e inglesa como ele, vivendo uma relação fácil, possível e sem distâncias. Ele parece feliz, feliz de verdade, e isso me toca fundo porque eu queria muito poder vê-lo feliz.

Não ser comigo, porém, causa uma dor inimaginável.

Quando a tristeza sobe aos meus olhos em forma de espessas lágrimas, é impossível que eu as contenha. Engulo os soluços e me oculto nas sombras enquanto assisto o amor da minha vida seguir seu caminho. O deixo ir, atravessar a rua com ela e sumir de vista. Sem gritar, sem protestar... o deixo ir porque o amo demais...

...e me apaixonei pela ideia da sua própria felicidade.

Acordo agitada, me sentando na cama. Meu peito sobe e desce acelerado, minha respiração entrecortada, a sensação dominante de angústia que o pesadelo deixou ainda entranhada em minha garganta e evidenciada no travesseiro encharcado de lágrimas.

Mas que droga... de novo.

Já não bastasse a saudade insana que sinto de Alex todos os dias, ainda existe essa insegurança que reprimo constantemente no meu pensamento, mas que encontra vazão nos raros momentos em que abaixo a guarda.

Esse sonho, assim como os outros, não é meramente gratuito. Lá no fundo, embora eu não verbalize nunca, a real é que tenho medo de que Alex se canse dessa espera, dessa relação impossível que vivemos a milhares de quilômetros, não tátil, não presencial.

Sei que a sugestão de sexo virtual pode ter parecido ridícula para ele, mas era algo que eu precisava tentar porque seria o mais próximo de termos uma relação completa, dadas as nossas atuais condições. Queria que, além das nossas conversas, pudéssemos dispor de alguma intimidade. Queria que

podéssemos ter tudo, mas no fundo sempre soube que, por mais que ele aceitasse e fizéssemos, não seria o mesmo.

Agora entendo quanto negligenciamos o valor de um toque, de um beijo. Eu sinto tanta falta de contato... Contato nos lembra que estamos perto, que estamos vivos...

Que somos reais.

Eu e Alex somos reais ou tudo não passou de um conto de fadas?

Me levanto. Decido não deixar meu subconsciente me apavorar e sigo até a cozinha para preparar o meu café vital de cada dia, porque se tem uma coisa no mundo que acredito que tem o poder de curar tudo é café.

Pego a leiteira e a encho de água. Quando o líquido começa a borbulhar, coloco o pó no coador. Tento fazer o mínimo de barulho que consigo durante o processo para não acordar minha hóspede, mas basta a água atingir a mistura recém triturada de grãos, exalando o familiar aroma no ar, que Anastasia abre um olho interessado.

— Bom dia, princesa russa. — saúdo vendo sua curiosidade recair em mim, ou mais precisamente, sobre o líquido fumegante que preparo.

— Bom dia. — ela esfrega os olhos sonolentos e então estica os braços e o corpo miúdo no sofá com um gemido. — Que horas são?

— Nove. E aí, o pijama serviu direitinho? — pergunto achando graça do seu cabelo, que amassou e está todo para cima.

— Perfeitamente! — ela responde e até se senta para mostrar o pijama cheio de nuvenzinhas que lhe emprestei, não ligando a mínima para o fato de estar toda descabelada na frente de uma estranha. — É muita sorte nós duas usarmos o mesmo tamanho.

— Sorte mesmo é você manter esse bom humor até quando as coisas não saem como planejou.

— E quem disse que a vida segue planos, Vanessa?

Olho para ela com uma interrogação enquanto sirvo as xícaras.

— Não adianta se prender a eles com correntes, nem tentar controlar tudo de cima do muro. — ela me dá um meio sorriso e vejo algo jovem e, ao mesmo tempo, sábio residindo naqueles grandes e redondos olhos castanhos. — A vida é como música, sabe, ela flui livremente por nós, escapa a lógica e exige que nos joguemos de cabeça. Ela é o imprevisto, o acaso, e nós... nós somos o que fazemos dele.

— Explique-se. — sorrio me aproximando.

— Adiantaria alguma coisa eu ficar frustrada com a perda da minha

mala?

— Não. — Dou o braço a torcer.

— Então eu decido aproveitar a viagem mesmo assim. — ela conclui dando de ombros, totalmente desencanada com o assunto. — É uma escolha, percebe. Uma escolha que fazemos todos os dias, para as mais diferentes situações que nos fogem o controle. O fato é que me aborrecer com os imprevistos só vai conseguir estragar o tempo que tenho aqui e a maior prejudicada serei eu mesma. Veja a mala, por exemplo. Se pensar pelo lado positivo, as coisas de maior valor estavam todas na bagagem de mão: celular, carteira, passaporte, violino. É verdade que estou sem minhas roupas, mas não estou pelada, então dos males o menor. A embaixada polonesa *ainda* não tem com o que se preocupar comigo.

Seu sorriso otimista me contagia.

— *Ainda?* — retruco estendendo a xícara.

Ela pisca marota ao aceitar. — Claro! Afinal nunca se sabe o que ainda posso aprontar...

— Você é realmente terrível, polaca. — me sento ao seu lado balançando a cabeça rindo. — Me conta aí, o que planejou fazer hoje?

— Planejar? — ela dá uma risada gostosa. — Você não ouviu nadinha do que eu disse, Vanessa? Eu não planejo nada, sou como um bom e velho jazz, aconteço na hora, como deve ser.

— Calma aí, então você tá me dizendo que vai passar uma semana só aqui no Rio e não faz a menor ideia dos lugares que quer visitar?!

— Praticamente isso. — ela confirma minhas suspeitas com aquela expressão angelical e, agora percebo, intimidadora de tão confiante. Não é à toa que essa garota assusta os caras. — Mas para que não ache que eu sou uma viajante totalmente sem norte, eu trouxe uma lista para me guiar nessa aventura.

— Uma lista? — ergo a sobrancelha já antevendo que ela tirará algo surpreendente da cartola, ou melhor, da pequena mochilinha.

— Sim. — Ana confirma animada, puxando um papel dobrado dali de dentro. — Lembra que eu te contei que este é meu último verão de férias antes de começar a encarar a vida real?

Então me recordo dela ter mencionado o fato numa das nossas conversas pelo chat da comunidade. Quando voltasse à Polônia, Anastasia começaria oficialmente sua carreira como violinista clássica, após vários anos de estudo e treino. Ela faria sua estreia em uma apresentação solo num elegante

anfiteatro de sua cidade, Varsóvia. Pelo que assisti de alguns vídeos dela no youtube, a garota teria uma carreira fantástica, pois era uma musicista incrível.

— Sim, me lembro disso. — confirmo.

— Então! — ela continua parecendo empolgada em dividir aquilo comigo, como um segredo compartilhado entre amigas. — Por conta disso tive a ideia de fazer uma lista com tudo que eu queria viver antes de encarar essa nova etapa da minha vida. E essa viagem é justamente a primeira coisa que cumpri dela.

— Sério? Que demais, Anastasia! E o que mais tem mais nessa lista aí?!

— Ah, não são coisas específicas, tipo quero ir ali ou acolá. É mais uma lista de experiências do que uma programação em si.

— Ai, para de suspense e me deixa logo ver isso!

— Toma. — ela me entrega o papel e desdobro, vendo ali seis frases escritas com a caligrafia bonitinha dela em inglês:

Viajar para um lugar distante

Aprender algo novo

Fazer uma boa ação

Mudar algo em mim

Cometer uma loucura

Conhecer alguém especial”

— Uau! — olho para ela já toda empolgada com a ideia. — Você caprichou mesmo, parece até coisa de filme! Amei!

Ela concorda sorrindo.

— Não é?! E o fato de não fazer a menor ideia de como essas coisas vão acontecer é o que torna tudo ainda mais emocionante. A primeira coisa da lista, viajar para um lugar distante, eu simplesmente decidi girando o globo e tocando em um ponto aleatório com os olhos fechados. E estou no Brasil agora, caramba! Como isso poderia ser mais mágico?

Dou risada. — Você é completamente louca!

— E não são os loucos os melhores?, disse o chapeleiro.

Balanço a cabeça me divertindo com ela.

Doida de pedra.

— Ok, maluquinha. — fico subitamente de pé. — Sendo assim, vamos levantando esse popozão inexistente daí do sofá que temos muita coisa para

fazer hoje.

— Uhhh!! – ela se anima e se ergue em um pulo só atrás de mim. — Minha falta de bunda se ofendeu um pouco, mas taí, gostei da motivação! O que vamos fazer primeiro?

— Te vestir. Não quero você criando nenhum problema com a sua embaixada por desfilarem de calção bege por aí.

Ela me mostra o dedo do meio, mas me segue até meu quarto rindo.

— Fique à vontade, polaca. — digo ao entrarmos. — Este aqui é o meu armário, pegue o que quiser vestir. Não tenho muita coisa, mas...

— Como é que é?! – ela me corta absolutamente chocada, os olhos arregalados e as mãos no rosto numa pose igual ao do garotinho de *Esqueceram de mim*. — Como assim você não tem muita coisa, Vanessa?! Esse é o guarda roupa mais in-crí-vel que já vi no mundo! É tudo tão colorido, brilhante, tão cheio de vida! Olha só essas estampas aqui! – ela pega as peças fascinada, as mostrando para mim. — São absolutamente fantásticas!

Eu não havia reparado nisso até o momento.

A maioria das peças que ficaram após minha limpeza no closet eram coloridas e vibrantes. Ao invés das roupas de cores sóbrias que eu normalmente usava em meu antigo emprego, agora eu estava usando praticamente só aquelas que antes ficavam subutilizadas no fundo do guarda-roupas, esperando por um momento especial que nunca chegava para ser usadas. *Aparentemente, eu considerava todos os meus momentos especiais agora.*

— Você tem muito bom gosto, Vanessa. — Anastasia comenta encantada, admirando as peças penduradas. — Olha só que coisa mais incrível esse aqui! — ela puxa o vestido lilás de seda e tule que comprei em Veneza e um suspiro genuíno escapole de seus lábios quando ele dança esvoaçante em suas mãos com um brilho sutil que faz lembrar estrelas salpicadas sobre delicadas asas de borboleta. — Parece até um sonho, extraído de um verdadeiro conto de fadas!

Me sento na cama.

— E você já escolheu o vestido com que vai se apresentar em sua estreia? — olho para o violino que Anastasia trouxe da sala, como se fizesse parte de seu corpo e fosse difícil demais se separar dele ainda que pela distância de um cômodo.

A pequena russa-polonesa se joga na cama com uma expressão

frustrada. — Ainda não. Na verdade, sou bem ruim em escolher roupas... meu armário é bem sem graça se comparado ao seu.

Me deito também, esparramando o cabelo sobre o colchão.

— Eu costumava ter um closet lotado, sabe... precisava de tudo o que via, tinha um apego enorme pelas coisas, um completo desastre shopaholic. Só muito recentemente percebi que não tinha real necessidade de tudo aquilo. Aprendi que a gente tem que saber investir o que tem nas coisas certas. E que as coisas certas na vida nem sempre são necessariamente coisas, entende?

Ela assente como quem entende e muito.

— É curioso você falar isso, porque essa é meio que a história da minha vida, Vanessa.

Olho para ela sem entender.

— Meus pais me criaram para ser a garota perfeita. — ela conta nostálgica olhando para o teto. — Eles me deram nome de princesa, me colocaram nos colégios mais caros da Rússia, me embalaram em roupas de marca e me obrigaram a fazer aulas de violino apenas porque me faziam parecer mais refinada. Tudo isso servia a um propósito, o futuro esplêndido que planejaram pra mim: um casamento com um cara do círculo social elitista deles e uma faculdade de administração para que eu assumisse os negócios da família.

“Fui acostumada ao luxo, Vanessa. Vivia dependente do dinheiro e isso me deixava nas rédeas deles. Meus pais só não esperavam por uma coisa, um sutil desvio que eles mesmo colocaram em seu plano perfeito: Eu acabei me apaixonando pela música. Era para ser só um dos meus muitos dotes de socialite, mas quando prestei meus exames naquele ano, também me apliquei em segredo para a Universidade Fryderyk Chopin, na Polônia. E ganhei a bolsa de estudos. Integral.”

— E seus pais? — pergunto curiosa. — Como receberam isso?

— Meus pais surtaram, óbvio. Disseram que não iam apoiar uma filha “artista”, diziam essa palavra como se fosse algo ruim, como se fosse uma vergonha a esconder de todos os seus amigos. Eu não arredei e disse que seguiria meu coração e eles então ameaçaram me tirar tudo. E dito e feito. Eu saí de casa aos dezoito, trabalhei em dois empregos, passei por altos perrengues, mas segui meu sonho. Não contei com o apoio deles desde aquele dia, sequer uma ligação, me sustentei, me formei e paguei minha viagem tudo sozinha. Então acho que, como você, posso não ter mais tudo, mas sei que investi nas coisas certas.

Olho para ela com um pequeno sorriso. *É incrível como encontramos semelhanças em completos estranhos.*

— Vista logo uma roupa, polaca. Quero me certificar que tenha a melhor viagem de todos os tempos.

Ela pula da cama animada.

— Ora, Vanessa, não precisa pedir duas vezes!



Só é preciso poucas horas para que eu me sinta realmente conectada à jovem russa. Como se fôssemos irmãs separadas no berço, nós duas conversamos abertamente sobre relacionamentos, medos, carreira, experiências marcantes, família, música e muito mais.

Revelo a ela sobre meus pesadelos, meu medo de ser esquecida por Alex por conta da distância e do tempo que nos separam e ela divide comigo mais da sua mágoa com a família por desacreditar de sua carreira artística desde o início.

Em pouco tempo já nos chamamos por apelidos carinhosos: ela se tornara oficialmente a princesa russa, e eu, a musa tropical. A companhia da garota é como um sopro de ar fresco no meu coração sufocado pela saudade, ela é divertida, ousada e vibrante de forma que seria humanamente impossível não me deixar contaminar pelo clima de animação, pelo clima de possibilidades.

Decido levá-la nesse primeiro dia para fazer o que nomeio de “Tour Bossa Nova”, um passeio que envolve mergulhar nas geladas águas esmeraldas da praia de Ipanema, almoçar no boêmio bar em que Vinicius e Tom compuseram a música mundialmente conhecida do doce balanço a caminho do mar, dar um abraço na estátua fidelíssima de Tom Jobim e assistir o pôr do sol do mirante da Pedra do Arpoador.

Logo na primeira parte do passeio, porém, acabo topando com Daniel, meu instrutor de stand up paddle. Quando retorno à areia, Anastasia está totalmente vidrada olhando na direção do surfista com seus óculos de coração abaixados.

— Que deus grego é aquele, Vanessa?! – ela pergunta assim que me

aproximo da canga.

— O Daniel? — olho para as águas onde ele mergulha. — Era o meu instrutor de stand up paddle.

— Stand up o quê?

— Stand up paddle. É tipo um remo na prancha. A minha antiga vizinha queria me tirar de uma deprê pós fim de namoro e me incentivou a fazer algo que eu queria mas que nunca tive coragem de fazer. Ela sabia que eu morria de vergonha de tomar uns caldos na frente dos outros.

— E você foi mesmo assim?

— Bem, era isso ou pular de asa-delta. Você não tem ideia de como aquela senhorinha era persistente.

Ela ri e me sento ao seu lado.

— E quando você faz aulas com ele mesmo? — me sonda sem tirar os olhos da água.

— Costumava ser as quartas, mas agora não faço mais aulas, só alugo o equipamento.

— Ah, mas eu vou fazer uma aula com certeza e vai ser amanhã!

Reviro os olhos, abrindo um sorriso com sua determinação. — Ok, Ok, eu prometi que seria uma boa amiga. - começo a me levantar da canga. — Vou lá falar com ele.

— Tá doida, é? — ela me puxa de volta me fazendo cair de bunda na areia. — Eu que vou, sem chance de perder uma oportunidade de ouro dessa. Ma-i-or ga-to! — ela articula com a boca antes de se levantar sacudindo a areia.

— Ah, safada! Espere só para ver se vai gostar do fato dele ser gato na hora em que estiver se estabacando e tomando caldos na frente dele!

— Bem, — ela me dá um sorriso maroto se afastando. — se ele for agir como meu salva-vidas é capaz de eu me jogar na água até de propósito!

Eu gargalho alto.

Então a assisto ir na direção do meu ex instrutor bonitão que está saindo da água, sacudindo os cabelos loiros que respigam água para os lados. Quando ela o aborda, é hilário assistir a desenvoltura da polaca, flertando na maior cara dura com o surfista, que passa mais de uma vez a mão pelo cabelo molhado. Mesmo sem escutar o que eles falam a essa distância, sou capaz de afirmar que ele gostou dela.

Após alguma interação, Anastasia pega o celular e ele dita para ela seu número. E então ela se despede toda cheia de charme e noto que enquanto ela

se afasta, Daniel dá uma boa secada no biquíni brasileiro dela.

Ah, polaca esperta!

— Prontinho! Marquei com o Dani aula amanhã na Barra, pertinho da gente. — ela anuncia vitoriosa ao retornar a nossa canga.

— Dani? — pergunto com um sorriso malicioso.

— O que posso fazer? — ela dá de ombros falsamente inocente. — Ficamos íntimos tão rápido...

— Percebi.

— Deve ser o biquíni. — ela desconversa malandra.

— Ahã... ou o que está dentro dele. — aponto sarcástica. — Sério, você é um total perigo, polaca!

Ela abre um sorrisinho safado. — Eu nunca disse que era santa.

É, ela não disse mesmo.

Enquanto voltamos para casa ouvindo música alta, percebo como Anastasia tem mesmo o dom de se entregar ao momento. Durante o dia inteiro, a garota sequer se lembrou de sua mala perdida.

Qualquer pessoa deixaria a frustração, a preocupação e o aborrecimento estragar pelo menos algum tempo da sua viagem, mas Anastasia pelo visto não era qualquer pessoa.

Quando chegamos ao apartamento, a primeira coisa que faço é checar as mensagens na secretária eletrônica. O recado que encontro não é bom, nada da mala ter sido encontrada.

Fico decepcionada em ter que dar essa notícia a ela, mas, quando o faço, Anastasia sequer se abala. Ela diz apenas “Vanessa, não se preocupe”, então retira o violino do estojo e resolve tocar um pouco antes de irmos dormir.

E é lindo.

E tranquilizante.

É perfeito e libertador.

Por um momento, esqueço a mala, a saudade, o medo e a insegurança. Esqueço do tempo que se arrasta e da distância que parece querer me engolir a cada dia mais. A música dela é como um refúgio seguro, um abraço e um convite para dançar.

É inevitável sorrir. É inevitável chorar.

Mas as lágrimas são de alívio, alegria.

Alegria pelo agora.

E então descubro que a preocupada aqui era eu. Não ela.

Quando a música termina em um acorde perfeito, a pequena garota se curva ao som dos meus efusivos aplausos, guardando o violino com cuidado de volta ao estojo.

Me levanto meio embaraçada por ter chorado. — Bem, vou deixar você dormir agora...

Ela me pega de surpresa ao me interromper com um abraço.

— Vai ficar tudo bem, — diz baixinho e só então percebo o quanto estava assustada com a ideia de dormir de novo. — Não deixe seus sonhos pregarem mais peças em seu coração, Vanessa. Acredite, você é especial demais para ser esquecida.

Então me sorri de um jeito que aquece a alma e se deita no sofá-cama, pegando no sono logo em seguida, como quem realmente está no céu e não tem mais nenhuma preocupação no mundo.

E a inveja por isso.

Quantas vezes eu deixei que preocupações me tirassem a paz e o sono quando eu nada poderia fazer para mudar a situação? Quantas vezes deixei de aproveitar a viagem pensando na mala cujo destino fugia ao meu controle?

Olho para o sofá uma última vez e sinto lágrimas quentes de gratidão brotarem em meus olhos quando apago a luz.



Parece que o acaso está conspirando a favor de Anastasia, porque durante a semana a lista de experiências dela vai meio que magicamente se completando. No domingo ela aprende uma coisa nova na aula com Dani, além de partir pra cima do cara, óbvio, só que, para a surpresa dela, ao contrário dos grandalhões russos, o brasileiro não foge à raia e eles trocam telefones para sair depois.

Já na segunda, Ana pega carona comigo de manhã até o shopping em que trabalho e acaba participando por acaso de uma campanha de doação de cabelos para pessoas com câncer que está rolando num salão, matando assim uma mudança e uma boa ação numa tesourada só.

À noite, a ajudo a se embelezar para o encontro com Dani. Tiramos as roupas e maquiagens do meu armário e promovemos um desfile para selecionar o look perfeito. Fazer isso me faz pensar como ter coisas que

dividimos com amigos é muito melhor que ter coisas para causar inveja em inimigos. Coisas devem trazer alegria, não prepotência.

Como não podia deixar de ser, o encontro é um verdadeiro sucesso e a partir dele, Dani passa a pegar a polaca todas as noites. E todas as noites quando chego do trabalho, nós duas ligamos o som e tagarelamos sobre tudo enquanto a produzo para o *date*.

— Você é mesmo muito boa nisso. — ela diz se admirando no espelho na quinta à noite.

— Talvez seja parte dos meus dons de fada madrinha. — brinco com as palavras dela. — Pronta para mais um encontro, Cinderela?

— Não mais um. O encontro. — ela me dá uma piscadinha marota. — Se as coisas correrem bem hoje, nem precisa me esperar voltar pra casa, viu...

— ORA, SUA SAFADA! — jogo a almofada nela que ri. — É melhor ter dado um jeito de substituir aqueles calções de vovó por algo mais sexy ou não vai ter surfista que fique de pé na prancha.

— Há Há Há! Tá achando que eu sou boba, é? Comprei uma lingerie especialíssima, entra na bunda que é uma tristeza, mas se é para ser vista...

Reviro os olhos rindo então meu celular apita e rio mais alto ao checá-lo.

— O que foi? — ela espia curiosa atrás de mim.

— Ah, nada sério... É o Alex, ele é um palhaço às vezes. — conto ainda sorrindo. Ela enrugando a testa, então explico melhor. — Eu o sacaneei ontem à noite pedindo que me enviasse fotos das partes mais ‘reservadas’ dele e agora o doido fica me mandando toda hora umas mensagens maliciosas acompanhadas por fotos altamente bizarras.

— Ah, mas isso preciso ver! - ela arranca o celular da minha mão. - “Queria sua boca aqui.” Uhhhhhhh! — lê fazendo uma expressão safada que se torna uma careta meio segundo depois quando desliza a tela. — Cruzes, Vanessa! Mas que diabos é isso aqui???

— Taí, eu não faço a menor ideia!! — afirmo rindo mais, lágrimas chegam a escapular dos meus olhos de tanto que me divirto com essa bobeira. — Fico olhando por um bom tempo para elas até que identifico ser o dedão do pé, o cotovelo, a parte interna da pálpebra... Não tem erro, gargalho todas as vezes!

Ela me olha com um sorriso. — Você gosta muito dele, não?

Assinto e meu coração se agita só de pensar no quanto. E então suspiro. — Você já olhou para alguém que estivesse contigo e pôde visualizar sua

vida inteira num instante? Como se estar junto fosse natural como respirar, fosse certo? — ela nega com a cabeça. — Pois é assim que me sinto com Alex.... é como se eu soubesse com cada célula do meu corpo que estar com ele é meu destino. Que nasci pra ele e ele pra mim...

— Aguenta, coraçãozinho, que já tá chegando a hora de matar a saudade. — ela coloca a mão cúmplice em meu ombro, captando aquelas palavras não ditas, o ‘sinto sua falta’ sufocado em meu peito. — Acredite em mim, musa, logo, logo você vai poder dar todos os beijos e abraços que ficaram guardados até esse inglês ter que correr para pedir uma ordem de restrição ao juiz mais próximo.

Gargalho alto e o ato alivia o meu coração. A sensação é de furar um balão que estava cheio demais.

— Aproveite seu encontro, princesa russa.

— Obrigada, musa.

— Espere aí. — corro no quarto e pego um perfume borrifando nela.

— O que é isso? - ela ri quando a nuvem a atinge.

— É algo que li. Odores são os principais ativadores da nossa memória. Agora toda vez que sentir esse cheirinho vai se lembrar dessa noite com Dani.

— Acho que vou ter que comprar um frasco inteiro quando voltar para a Polônia. — ela brinca e então se checa pela última vez no espelho ansiosa. — Bem, vou lá, musa. Como está minha bunda nessa calça?

— Quase como se existisse.

— Maravilha! Então aqui vou eu! — para abrindo a porta. —Deseje-me sorte.

— Você é maravilhosa e não precisa, mas sorte mesmo assim, polaca.

Ela sai saltitando porta afora e eu me deito no sofá. Com um sorriso, alcanço o celular e faço uma chamada em vídeo para Alex. Quando a imagem surge na tela, não consigo segurar a risada.

— Sério, Alex! Você consegue ser a criatura menos sensual do mundo quando quer! — exclamo exasperada quando vejo o close do que parece ser sua sola do pé preencher o visor.

— Ué, mas foi você que pediu para te seduzir com imagens íntimas! — ele ri se fazendo de inocente.

Cruzo os braços. — Ah, é? E o que de íntimo tem nisso aí, heim?

— Ah, Vanessa! Quantas pessoas do universo inteiro você acha que já tiveram a exclusividade de ver essa belezinha aqui de perto? — pergunta

convencido enquanto tremula o pé me provocando. – Admita! Um pezinho desse é sedução na certa!

— Só no seu mundo, seu inglês doido....

— Você é meu mundo. — seu rosto aparece preenchendo a tela e meu coração dispara sem aviso. — E, sim, você é louca de pedra e meio pervertida até, mas o que posso fazer? Amo cada parafuso solto seu.

Perco a fala, perco o ar.

Perco o chão e a razão.

Alex sorri e, devagar, se senta na cadeira, de frente para a câmera, os braços fortes pra frente. Ele está bonito, de blusa azul oceano que ressalta seus olhos, a barba cerrada daquele tom meio acobreado que me atrai e os cabelos castanhos bagunçados e úmidos. — *Hey, você.*

— *Hey, você.* — meu sorriso é de pura saudade assim como o dele. – No final de semana assisti ao pôr do sol na praia... Lembra do dia que fizemos isso juntos? Foi lindo, não?

Ele morde o lábio inferior. — Todo o pôr do sol com você é lindo, Vanessa.

Seus olhos se abrem e sorriem, fazendo cada parte de mim se aquecer.

Quantas vezes é possível se apaixonar pela mesma pessoa?

— Eu comprei algo para você hoje. – ele diz despertando minha atenção.

— Ah, é? – me inclino para frente, um peixe mordendo a isca. — E o que é?

Ele ergue os ombros. — Só vai saber quando chegar aqui.

É claro que Alex sabe que amo surpresas.

O suspense é tipo o meu chocolate, sou viciada nele.

Sei que não vou conseguir arrancar nada sobre isso, então passamos a conversar sobre as aventuras que vivi com Anastasia durante os últimos dias, sua lista de experiências, o encontro com Dani. Treinamos algumas novas frases em português e depois conversamos sobre a nossa viagem, revemos nossos planos, rimos e flertamos um pouco, até chegarmos naquele denominador comum de todas as nossas conversas virtuais, quando a saudade engole as palavras na mesa e temos que inventar pretextos para dizer adeus.

Eu odeio dizer adeus.

Desligo o computador e apago na cama. Quando me levanto na manhã seguinte para ir para o trabalho, dou de cara com a polaca entrando em casa. Ela está nas nuvens e tão cheia de histórias para contar sobre Dani que

poderia gritar de tanta felicidade.

Exausta, se joga no sofá, revelando entre suspiros os detalhes da noite maravilhosa com o surfista. Fico tão, mas tão feliz por minha mais nova amiga que é difícil parar de sorrir enquanto a ouço tagarelar. Parece que a princesa russa encontrou, sim, alguém especial. Pelo visto, só falta um item para sua lista se completar:

Uma loucura.

Vai ser interessante ver o que o destino reserva.



— Anastasia, cheguei!! — grito ao retornar do trabalho à noite enquanto tiro os sapatos na entrada. O trânsito na cidade estava caótico para variar.

— Estou aqui. — ela grita em resposta e estranho ao ouvir sua voz vir da área de serviço.

— O que você está fazendo aí, sua louca? — espio sobre o balcão da cozinha e a vejo afundada até os cotovelos no tanque.

— Lavando a roupa. — ela explica sorridente sem parar a tarefa como uma pequena operária comprometida. — Fui corresponsável por elas nesse meio tempo, então nada mais justo.

— Não precisa, sua boba! E lavar à mão? Fala sério, que trabalhadeira doida! Em que século acha que estamos? Máquina de lavar tá aí pra isso!

— Nem vem! — ela me impede quando tento malandramente tirar a peça que está nas suas mãos, me dando um tapinha. — E é claro que precisava, não sou folgada. Usei, lavei.

Cruzo os braços e a avalio com um sorriso. *Se passou apenas uma semana, mas já conheço essa perturbadinha tão bem...*

— Você não vai soltar, vai?

— De maneira alguma. É o mínimo que posso fazer depois de tanta gentileza da sua parte. — sorri, voltando alegremente à tarefa. — Todavia, devo alertar que é possível que você encontre uma estátua em sua homenagem na Polônia... — acrescenta me fazendo rir.

— Não vamos exagerar, polaca! — entro na brincadeira e arregaço as mangas. — Vamos, deixa que eu te ajudo a pendurar isso na corda.

Tento alcançar as peças já lavadas, mas ela me impede ligeira. — Nem pensar! — curva o corpo em cima delas, protegendo-as do meu alcance como uma mãe protege a sua cria. — Eu cuido disso aqui. Você, vá preparar nosso jantar!

Eu estranho a frase e lanço um olhar confuso a ela. Só costumo cozinhar às segundas e hoje, bem, hoje é sexta.

Como se já esperasse minha confusão, Anastasia dá uma risada e aponta para o balcão da cozinha. — Ali, chef! Comprei comida para nós duas, achei que merecíamos comemorar em grande estilo hoje.

Noto só então duas sacolas de restaurante que repousam ali.

— Ah, Anastasia! Não precisava gastar o seu dinheiro com isso...

— Não foi o meu dinheiro. — ela sorri marota. — Foi do Universo, ele me deu em troca da minha bagagem.

— O quê?! Te pagaram a indenização?! — me surpreendo com a boa notícia dando um salto no lugar quando ela confirma. — Caramba, até que enfim!

— É, me ligaram hoje para avisar. Na verdade, a grana veio em ótima hora.

— Como assim?

— Sabe, Vanessa, eu andei pensando... roupas você me emprestou durante todo esse tempo, seria besteira comprar agora, já no finalzinho da viagem. E, além do mais, tenho outras em casa, não é como se eu fosse ficar pelada quando voltar se não repuser... Então pensei em dar um uso diferente para esse dinheiro, usá-lo para fechar essa viagem com chave de ouro.

Me encosto no balcão já prevendo que vem bomba. — O que você está tramando?

Ela me olha com um sorriso audaz. — Adivinha!

Mais suspense?! *Ah, não, assim vou ter um troço...*

— O quê, sua louca? Vai, conta logo!

Ele segura o sorriso, os olhos brilhando de excitação com a novidade

— Nós vamos pular de asa delta! — revela empolgadíssima. — E vamos fazer isso amanhã! Juntas!

Eu quase caio para trás.

— Ah, mas nem que a vaca tussa!

— Ah, deixa de drama, Vanessa! Vai ser demais!

— Isso é loucura!

— Justamente. A loucura! — ela ri fazendo referência a sua lista. — E

você mesma disse que sempre quis fazer.

— Mas fui sensata o suficiente para *não fazer*.

— Do que vale ser sensata se a vida é tão curta? – ela me dá uma piscadinha marota. — Não quero ser prudente ou sensata, quero ser feliz!

— É a sua cara dizer algo assim.

— E você não quer dizer o mesmo?

— Fora isso é muito caro... — desconverso.

Ela gira os olhos. — Eu estou patrocinando...

— Fala sério, Ana! É seu dinheiro, sua indenização... não tem que gastar comigo, você não me deve nada.

— Eu sei, eu sei! – ela me corta como se já preparada para essa minha reação. — Não é um pagamento pela sua gentileza, Vanessa. É um presente meu pra você. Eu não esperava por esse dinheiro, mas o Universo levou até minha mala para trazê-lo até minhas mãos. Acredito que quando ganhamos algo de forma inesperada assim devemos usar em algo não premeditado, como se fosse tudo parte de uma trama superior para fazer algo antes improvável acontecer.

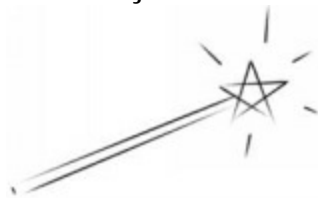
Sorrio balançando a cabeça. — Você e suas teorias do Universo... Guarde o dinheiro, Ana, pode precisar.

— Não, Vanessa, não precisarei. É minha decisão e eu já a fiz, está tudo acertado, Dani me ajudou com os detalhes. É só dizer que sim. Aceita, vai? — larga as roupas e pede segurando minhas mãos. – Por favor?

Oh, droga... aqueles malditos olhos de gato pidão estão me encarando.

— Por que eu acho que vou me arrepender tremendamente por isso? — hesito, mas ela abre um sorriso. — Ok, você venceu! – concordo para a sua alegria, que pula em comemoração, molhando tudo ao redor. — Mas só para que fique claro, se eu pulo, você pula!

— Mas é óbvio! — ela me abraça saltitante. — Pularemos juntas.



No sábado eu acordo sentindo um bloco de gelo se formar em meu estômago. Eu sonhei ou isso é mesmo sério? Eu realmente vou pular do alto de uma montanha em plena consciência?

Minha barriga se remexe desconfortável e sei que nem o santo café dará

jeito nela agora. Me sento na cama e emito um gemido nervoso. Onde é que eu estava com a cabeça quando aceitei participar dessa loucura?

— Você já está acordada? — ouço a voz de Anastasia vinda da sala.

— Já. — confirmo com o tom igualmente vacilante. Duas covardes arrependidas, é isso que nós somos.

Ana entra timidamente no meu quarto e se joga dramática ao meu lado. — Como foi que eu fui me meter nessa? — se martiriza e dou risada.

— Na verdade, foi você quem teve a brilhante ideia de colaborar com o Universo.

— Você vai dar para trás? — ela se vira pra mim e vejo esperança em seus olhos verdes.

— Só se você der.

— Droga... Então vamos logo.

Me levanto e estendo a mão para ela. — Ao último item da lista.

— Ao último item da lista. — ela concorda pegando a mão.

Está na hora de cometer uma loucura.

Tremendo igual vara verde, dirijo até o bairro da Gávea e subo a Estrada das Canoas. Começo a pensar que ter comido um sanduíche gigante antes de sair de casa talvez não tenha sido a melhor das ideias, pois agora meu estômago descontrolado está perigosamente abastecido.

Deixo o carro no estacionamento e seguimos a pé até a rampa de decolagem, que fica no meio do caminho para a Pedra Bonita. Ao chegarmos lá, espio por sádica curiosidade a altura da qual saltaremos e meu coração bate apavorado contra minhas costelas. Estamos a nada menos que quinhentos metros acima do nível do mar. Traduzindo isso da melhor forma que consigo, estamos alto, alto pra caramba!

Os instrutores que a Anastasia contratou se aproximam e começam a treinar conosco no deck de madeira. Em duplas, nós duas corremos como baratas tontas de um lado para o outro até estarmos suficientemente acostumadas com todo o procedimento. Digo suficientemente porque na minha cabeça é impossível ficar acostumada com a ideia de pular de uma montanha.

— Acho que já deu de treino. — um deles decide, satisfeito com nosso desempenho. — E então, quem vai ser a primeira?

Ao som da pergunta, o pânico me toma por completo. Estou tremendo da cabeça aos pés e pensando agoniada que sou muito nova para morrer. Eu

ainda nem revi Alex, meu Deus! E se eu cair ladeira abaixo, igual jaca madura?

Nananinã, sem chance de eu pular daqui.

Viro para Anastasia completamente culpada. Nem preciso falar porque acho que minha covardia deve estar estampada na cara.

— Tá tudo bem, musa. — me surpreendo quando a loirinha sorri e coloca a mão sobre o meu ombro plácida. — Embora tenha te arrastado até aqui comigo, sei bem que essa é a minha loucura, não a sua. Mas confie em mim, um dia você vai encontrar a sua própria montanha, algo que te atraia, desafie e assuste, tudo ao mesmo tempo. E, quando isso acontecer, sei que vai encontrar dentro de si a coragem para pular. — e assim ela respira fundo e se vira para o instrutor, anunciando em voz clara e límpida. — Eu vou! — e pisca marota pra mim. — Está na hora de riscar o último item dessa lista!

Com o coração na mão, então a assisto se atar à asa-delta, colocar o capacete e revisar os procedimentos de segurança. O instrutor confere tudo uma última vez e se prende também ao seu lado, declarando que estão prontos.

— Preste muita atenção agora, Anastasia. — ele pede cauteloso. — Quando eu der o sinal, corra, corra, corra e então pule, ok? Não hesite, não olhe para trás, não pense! — o acompanho explicar e fico ainda mais apreensiva com as palavras que escuto a seguir. — Se o fizer, se duvidar por um único segundo que seja do que está fazendo, nós dois rolaremos ladeira abaixo. Em loucuras não se tem meio termo, ou se acredita cem por cento ou não. Você está certa que é isso que quer?

Ela assente obstinada. — Cem por cento.

— Ótimo! Então abra os braços e vamos lá alçar voo, passarinha!

Com expressões altamente compenetradas, eles se posicionam e tomam fôlego. Quando o instrutor dá o sinal, disparam a correr pela pista como se a vida deles dependesse disso.

— Corra, corra, corra! — o escuto gritar efusivo e então prendo a respiração quando vejo Anastasia pisar no vazio em um salto rumo ao abismo.

E perco o ar, a voz e até o raciocínio.

Um momento de incerteza em que meu coração deixa até de bater.

Em que tudo o que me resta é ter fé. Fé no Universo.

Assisto aflita a asa-delta descer e, com alívio sobre-humano, se sustentar logo em seguida no ar, mostrando que estão bem, mostrando que

conseguiram. Anastasia está rindo. A louca está feliz.

Recuperando o tino, corro para o carro, acelerando rumo à praia do Pepino. Quando chego às areias, Anastasia está acabando de aterrissar

—Vanessa!!! — ela grita correndo ao meu encontro. Ela tomba sobre os próprios pés, rindo a torto e a direito de si mesma, toda descabelada do vento e radiantemente feliz.

Nossa, como ela está feliz!

— Você conseguiu, Anastasia!! Você conseguiu! — grito emocionada e nós duas nos abraçamos e giramos como loucas, caindo na areia da praia, a adrenalina do voo ainda correndo em suas veias, gravada em suas pupilas dilatadas.

— Nossa, isso... isso foi totalmente insano... — ela consegue dizer com lágrimas nos olhos de tanta emoção. — É realmente mágico, Vanessa! Seus pés correm e você não sabe o que vai acontecer até que percebe que não está caindo, mas plainando. É muito louco, é muito insano... Nossa, é tão, tão bom! E a vista... você não faz ideia, Vanessa... a vista não tem preço!

E eu entendo o que ela quer dizer. Pular de asa-delta tem um preço, um preço alto é verdade, mas a emoção da experiência vivida, essa é sem dúvida de valor inestimável.

Eu a abraço apertado mais uma vez. — Você cumpriu toda a sua lista, minha amiga, cada item dela! Eu estou tão orgulhosa de você!

— É mesmo... — ela finalmente atina com um sorriso radiante surgindo em seu rosto. — Eu fiz isso, fiz tudo! Eu pulei de uma montanha, Vanessa! De uma bendita montanha!

Ela começa a rir e rio junto. Anastasia fora imprudente, é verdade.

Mas quem foi que disse que loucuras devem ser sensatas?



Chegamos em casa com o coração a mil, a adrenalina do salto dela ainda vibrando em cada célula. Anastasia vai tomar um banho para a sua despedida e sigo para o meu quarto para pegar uma coisa antes de sairmos quando meu celular toca.

— Hey, você! — Alex saúda no segundo em que atendo a sua chamada em vídeo. — Até que enfim consegui falar contigo, estou ansioso aqui pra

saber! Você pulou?!

Dou risada. — Sinto decepcioná-lo, senhor, mas fui a amarelona de última hora.

— Você nunca me decepciona, linda. — ele me dá uma piscadela acompanhada de um sorriso pra lá de caloroso ao confessar. — Na verdade, me sinto até meio aliviado. Estava aqui morrendo de preocupação de algo acontecer com você nesse salto, mas não queria bancar o super protetor ou algo assim. Foi difícil, ainda mais agora que estamos tão perto de nos reencontrar...

E então nos olhamos e sorrimos.

E mais uma vez sabemos exatamente o que queremos dizer.

— Duas semanas e dois dias... — ele diz de outra maneira.

— Duas semanas e dois dias. — assinto e completo. — E nem um segundo a mais.

Ele ri, concordando. — Por favor, não.

Ficamos em silêncio. É um silêncio confortável.

Poderia olhar para Alex o dia inteiro. Seu sorriso largo de dentes brancos, os olhos de oceano, as sobrancelhas grossas, o cabelo castanho, a pele branca com suas tatuagens coloridas, os braços fortes que dão o melhor abraço do mundo.

— Eu te amo. — deixo escapulir num sussurro.

Ele sorri baixando os olhos. — Eu também, Vanessa. Muito.

Quando seu olhar encontra o meu é como se fogos de artifícios estourassem em meu estômago. É uma sensação de alegria e euforia que não tem medida, não tem igual no mundo. É única, é minha.

É nossa.

Quando encerro a chamada, vejo que Anastasia está ali, observando do corredor.

— Deus, vocês dois são tão fofos! Se isso não é amor, não sei mais o que é.

Sorrio sem jeito, pois acho que meus olhos estão transbordando.

— Só falta agora uma semana para o seu conto de fadas começar, minha amiga. — ela passa o braço sobre meus ombros me animando.

— Eu sei, eu sei... — a felicidade me invade em ondas que são difíceis de processar. Respiro fundo, *aguenta mais um pouco coração*. — E você, — olho para ela que já está arrumada. — preparada para se despedir do seu príncipe surfista antes de voltar pra casa?

— A mala mais fácil de fazer na vida! — ela brinca se virando para mostrar a mochilinha e o estojo do violino já na mão. — Vamos nessa?

— Vamos. - pego a sacola que vim buscar em cima da cama e partimos. Está na hora de Anastasia voar mais uma vez.



Após a animada despedida que eu e Dani organizamos para Anastasia, é chegada a hora. A polaca tem que pegar o avião de volta e dar início à sua brilhante carreira como violinista clássica.

Com o coração na mão, a levo até o saguão de embarque do aeroporto e, num perfeito dejavù, me vejo de novo diante daquela pequena garota com um sorriso enorme e apenas uma mochilinha nas costas.

— Bem, é isso. — digo sem conseguir encontrar palavras melhores porque de repente sinto meu peito se apertar demais. *Seria minha sina ser sempre aquela a dizer adeus aqueles que gosto?* — Agora você, minha linda russa, pode voltar para casa e para sua vida de gente grande com a certeza de que cumpriu uma lista de experiências incrível: fez sua viagem fantástica para o Brasil, aprendeu stand up paddle, doou seu cabelo para uma boa ação, conheceu um surfista pra lá de especial e finalizou em grande estilo com a loucura mor de pular de asa-delta.

— Ah, Vanessa... — ela balança a cabeça e lágrimas brotam de seus olhos claros. — Você está certa quando diz que cumpri todas as metas da minha lista, mas está enganada quanto a uma delas. — franzo a testa sem compreender e ela avança um passo me abraçando. — A pessoa especial que conheci nessa viagem não foi o Dani, foi você.

Sinto lágrimas subirem aos meus olhos.

A abraço ainda mais forte.

— Amei te conhecer também, Ana... você veio num momento difícil da minha vida, quando tudo que me dominava era saudade e medo. E me trouxe alegria, me trouxe paz.

— E você me mostrou gentileza, me mostrou seu mundo... Me emprestou roupas... por Deus, quem empresta suas roupas para um estranho hoje em dia? — ela brinca para aliviar a emoção e rio com ela, enxugando as

lágrimas com os dedos. — Eu podia ter cecê.

— Você não tinha. — abro um sorriso e então ofereço a sacola que peguei antes de sairmos — Toma, isso é pra você.

— Um presente? — ela estranha a segurando. — Mas você já me deu tanto, Vanessa...

— Você me deu muito mais, Ana. Hoje eu sei que não ganhei apenas uma visitante, mas uma amiga. Uma amiga verdadeira e especial para toda a vida.

Ela me abraça emocionada.

— Posso dizer o mesmo de você, musa. Faço questão que venha me visitar na Polônia, ouviu?

Assinto obediente, as lágrimas rolando.

— Já acrescentei em nosso roteiro. E quero que saiba que um dia estarei na primeira fila de um dos seus concertos também, viu? — ajeito uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Você vai fazer muito sucesso, russa, vai ganhar o mundo, acredite em mim.

— Oh, droga... agora fiquei emotiva! — ela ri, assoando o nariz e secando as lágrimas com o antebraço e então olha para a sacola de presente em suas mãos. — Possa abrir agora?

— Mas é claro, é seu! – incentivo, dando-lhe espaço.

Então, devagar, ela abre o embrulho e retira o conteúdo.

E lá está ele:

Deslizando em suas mãos, o vestido lilás que comprei em minha viagem à Florença anos atrás, a única peça da qual não consegui me desfazer na minha arrumação, porque mesmo que eu não tivesse onde usar, ela era especial demais pra mim, um prelúdio de um momento mágico que eu não queria abdicar de viver.

Eu não estava abdicando desse momento, percebo só agora, estava dando-o para alguém. Alguém que se tornara muito importante para mim. Alguém especial.

Anastasia me olha aturdida, o queixo dela está tremendo, os olhos transbordando d'água. Acho que ela entende bem a importância do gesto.

— Esse é o seu vestido favorito, Vanessa... – as lágrimas escorrem por seu rosto delicado e ela balança a cabeça sem conseguir acreditar. – Eu não... eu simplesmente não posso aceitar...

— Mas é claro que pode, Ana. – discordo com convicção e então coloco as mãos em seus ombros, forçando-a a levantar o rosto e olhar nos meus

olhos. - Eu sempre achei que esse vestido merecia um momento especial e agora ele finalmente terá. Quero que use na noite de sua estreia, minha amiga. Quero que esteja tão linda por fora quanto é por dentro.

Seus lábios tremulam e então ela desata a chorar, emocionada demais para se conter, tocada demais para se importar.

Apenas a abraço com tudo de mim.

Talvez eu não fosse a Cinderela dessa história no final das contas e, sim, a fada madrinha. E o mais irônico é que eu estava supreendentemente bem com isso. Ver alguém como Anastasia feliz assim, me fazia sentir mais feliz ainda.

— Eu amo esse vestido. — ela diz o apertando forte contra o peito. — E vou me lembrar disso, Vanessa, por todos os dias da minha bendita vida, pode ter certeza. Quando eu estiver vestida com ele, minha música vai reativar a sua lembrança e não tenho dúvidas: ela soará linda. — então me abraça mais uma vez com todo o amor do mundo. — Obrigada. Muito, muito obrigada mesmo, minha amiga.

— Você merece muito mais. — sopro em seu ouvido sincera. — Vou sentir sua falta, princesa russa.

— Não mais do que sentirei a sua, musa tropical.

— Não se esqueça de escrever. — a relembro de nosso acordo de manter contato, acenando quando ela se afasta. — Quero saber de tudo sobre sua estreia!

— Pode deixar comigo! – ela me assegura dando sua piscadinha marota e, com uma respiração profunda, segue em direção ao embarque, mas então pára e se vira apenas por um instante. – Ei, Vanessa! – me chama e ergo os olhos para ela com curiosidade. - Vá pegar aquele inglês!

Eu rio, assentindo com um movimento de cabeça.

Então ela faz aquele último aceno sorrindo e some na área de embarque.

E tenho a mais absoluta certeza:

Vou sentir muita falta dessa garota.



— Então é isso, Soles! — Magô leva a mão dramática à testa no final da

quinta-feira, quase uma semana depois da partida de Anastasia. — Amanhã a Vanessa vai embarcar naquele avião rumo a uma viagem dos sonhos e nunca mais a veremos de novo.

— Mas é claro que não, sua boba! — reviro os olhos me divertindo com suas loucuras. — Não sei de onde você tira essas loucuras, vou ficar só um mês lá. Vocês vão ter que ver muito minha cara ainda por aqui.

— Liga não, Vanessa, ela encasquetou com isso. — Soles conta descontraído sentando-se sobre a minha mesa. — Fica dizendo que é o fim de uma era, algo envolvendo Júpiter ou Marte, sei lá!

— É Plutão! — a garota de cabelos azuis corrige apenas para nos fazer rir ainda mais.

— Pois avisa para esse Plutão aí, Magô, que eu tenho um monte de trabalho me esperando aqui na Isis Co para quando eu voltar. — entro na brincadeira do zodíaco. — Ou você acha que sou louca de te deixar cuidar sozinha do lançamento da próxima coleção?

— Estou dizendo... — ela levanta as mãos na defensiva. — unicórnios ainda estão no auge da moda.

— Para você e a coitada da Coral, só pode! — rebato com uma gargalhada. — Acha que não vi a maldade que você fez fantasiando a gata com aquele chifre no Halloween?

— Não era para o Soles ter te mostrado! — ela faz careta para o namorado que ri cobrindo os lábios e balançando o cabelo cor de areia. — Mas falando sério, Vanessa, não me leve a mal, mas preciso de provas para acreditar no seu retorno. Provas contundentes.

— Adianta se eu der minha palavra que não vai ter uma despedida?

— É um começo, mas só por garantia cadê a passagem de volta?

Giro os olhos suspirando e abro o email da compra no celular para mostrar a ela. — Satisfeita agora?

Ela confere as passagens e sorri.

— Ah, muito! Seria uma nota adiar essa volta! — e então se vira para o namorado agora toda plena. — Tá tudo certo! Pode ficar tranquilo agora, mô.

— Mas eu já estou tranquilo! — ele arfa injuriado me fazendo dar risada.

Um barulho na porta e todos nos viramos para ver a recém-chegada no escritório.

— Olá, boa tarde! Como está a minha amada equipe? — Isis entra abarrotada de sacolas nos braços e nos apressamos para socorrê-la.

— Tagarela como sempre. — Soles responde e eu e Magô o fuzilamos

com o olhar ao mesmo tempo. — Ei, qual é, só tô dizendo a verdade...

Nós colocamos as bolsas sobre a mesa e ela respira aliviada, ajeitando a blusa de linho azul. — Ufa, obrigada! — e então cruza os braços e ergue o queixo. — E aí, qual era o assunto da vez?

— O nosso possível abandono pela Vanessa por conta da passagem de Plutão na casa do sol dela. Mas tá tranquilo agora, chefe, botei ordem no galinheiro! — Magô a atualiza, mostrando o meu celular em seguida. — Aqui, ó! Conferi a passagem de volta e o valor da remarcação espanta até Saturno na casa do destino!

Isis dá uma risada gostosa. — Bem, acho que estamos seguros então. Você já arrumou a sua mala, Vanessa?

— Ainda não, minhas amigas vão lá em casa hoje me ajudar com isso.

— Que horas é seu voo?

— Amanhã às vinte. Saio daqui direto para o aeroporto.

— Não, nada disso. Eu te dou o dia. — Isis determina daquele jeito tão prático dela. Ao contrário de Constança, ela sempre remunerou minhas horas extras e recompensou minha dedicação proporcionalmente. — Faça sua mala com calma, arrume-se, durma bem e se divirta bastante lá na Europa, ok? Não se preocupe conosco, ficaremos bem, não é, Soles?

Ele assente com seriedade. — Claro.

— Por um mês. - Magô acrescenta fazendo todos gargalharem.

— Ok, ok, já entendi essa parte! — balanço a cabeça contendo o riso. — Obrigada, Isis. Sério, por tudo. Você é uma chefe muito especial.

A abraço, essa mulher incrível e inspiradora que fez tanto por mim.

— Eu é que te agradeço, Vanessa. — ela responde com carinho, me abraçando de volta. — Te agradecerei sempre. Quero que saiba que torço muito pela sua felicidade. Gosto de você como se fosse uma filha.

Meu coração se aquece ao ouvir isso. — Fico muito feliz em saber, gosto muito de você também, Isis.

— A propósito. — ela me entrega um pequeno envelope. — Isso aqui é seu.

— “*Cortesia de Vitor Diniz*”. — Eu leio as palavras gravadas na frente e gargalho alto. — Ótimo senso de humor, Isis! Obrigada!

— Eu é que agradeço, minha cara. — ela levanta a mão e exhibe o anel rosegold com uma bela pérola no centro que um dia já foi meu. — É uma belíssima joia.

Então viro o pesado envelope nas mãos e vejo que ela escreveu uma

mensagem ali também.

“Está na hora de dizer adeus à essa chuva de verão e se entregar de vez a um amor de verdade. Só se vive uma vez, Vanessa, então quero que faça tudo o que quiser aí na Europa sem culpa, curta bastante e não se preocupe comigo, ficarei bem. Quando voltarmos a nos encontrar será para discutir grandes planos pro futuro e, pode ter absoluta certeza, você vai amá-los.”

— Mal posso esperar pelos planos. — digo com genuína ansiedade. Sei que Isis está bolando algo grande para a Isis Co, sinto no meu coração que está.

— Tudo ao seu tempo, Vanessa. Tudo aos seu tempo. — ela me sorri calorosa e então me segura os ombros e seus olhos castanhos encontram os meus. — Espero de coração que aproveite bastante lá com Alex e que vivam momentos inesquecíveis juntos. E não tenha medo de se jogar de cabeça, de viver o momento, de ouvir seu coração nessa viagem. As melhores coisas da vida acontecem quando o ouvimos. — e então ela mexe em uma das sacolas e tira uma caixa dela coberta com papel de presente. — E, por falar nisso, isso aqui é para você.

— Um presente? —seguro curiosa o presente, dando uma leve balançada para tentar descobrir o conteúdo. — O que é?

— Uma surpresa. — ela me sorri misteriosa. — Leve com você na mala e use no momento mais especial da viagem. Botei muito amor nele, acredite, com tanta energia só vai te trazer sorte.

— Obrigada. Obrigada por tudo, Isis.

Ela me abraça de novo. — Eu é que agradeço, Vanessa. Eu é que te agradeço muito.



Quando chego ao meu prédio, Nati e Flavinha já estão me esperando no corredor.

— Aff, até que enfim! — é Fla quem bate o pé quando saio do elevador.

— E ai, Nessa? Animada para começarmos a arrumação? — Nati pergunta *relax*, encostada contra o batente da porta.

Yin-yang. Minhas melhores amigas possuem personalidades e comportamentos tão distintos que chega a ser engraçado como conseguimos

nos dar tão bem até hoje.

— Devíamos ter começado essa mala há dias! — Flavitz argumenta exasperada antes que eu possa responder à pergunta de Nati. — Só Deus sabe como vai ser difícil essa garota escolher o que levar no meio daquela tralh...

Abro a porta e ela se cala ao dar de cara com o meu pequeno apartamento outra vez. Uma sala com cozinha americana minúscula, um sofá-cama, uma tv, um banheiro e meu singelo quarto.

— Nossa, eu sempre me esqueço... — os ombros dela caem, sua postura agitada se relaxa. — Ainda não consigo acreditar como sua vida mudou no último ano, amiga.

Nati coloca a mão no ombro dela.

— Pelo visto temos tempo de sobra para fazermos essa mala, né, Flavitz?

Sorrimos.

Com certeza temos, temos todo o tempo do mundo.

— Você não sente falta? — minha amiga me pergunta curiosa quando entramos. — Digo, da forma como vivia antes?

Não minto quando respondo:

— Nenhuma. — e então olho para ela que ainda vive naquele que parece um distante universo para mim e questiono. — Como estão as coisas por lá?

— Na Sahanna? — Flavinha confere e assinto enquanto caminhamos rumo ao meu quarto. — Bem, tudo na mesma: clima competitivo, horários loucos, metas, metas e mais metas. — suspira atribulada. — Mas se bem que algumas coisas estão diferentes...

— E o que seria? — Nati pergunta, pegando o mochilão que coloquei em cima da cama e sorrindo com a escolha de bagagem.

— Mônica não está mais com Vitor... — ela se senta casual sobre o edredom, alisando-o distraidamente. — Continua daquele jeito insuportável dela, é claro, mas parece que finalmente abriu os olhos depois do alerta que você deu e terminou com ele.

— Bom para ela. — Nati soa satisfeita com a notícia enquanto me ajuda a colocar as coisas de forma prática na mochila. — Por pior que Mônica fosse, nenhuma mulher merece estar numa relação abusiva. Não existe homem perfeito que te trata mal.

— Verdade. — concordo e Flavitz assente também.

— Já ele... — continua após uma longa pausa que não pode indicar algo bom. — Não me alegra dizer, Vanessa, mas Victor continua o mesmo

canalha de sempre e ainda faz um baita sucesso com a mulherada. Mas, não sei, às vezes olho para ele e acho que o ego dele ficou ferido porque ainda me pergunta sobre você. Acho que por mais que finja bem e tente soar desinteressado, ele não conseguiu te esquecer.

— Ele ainda me manda mensagens. — conto colocando a última muda de roupas na mochila. — Muitas delas. São tão estranhas... rancorosas e agressivas, mas ao mesmo tempo dizendo que ‘me aceita de volta’ se eu estiver disposta a implorar. Tive que bloqueá-lo em todas as redes sociais, inclusive no telefone. É estranho como ele chama algo tão tóxico de amor. Ah, isso me lembra de uma coisa...

Corro até a sala e volto com a minha bolsa, retirando dela o envelope que recebi hoje enquanto busco um livro na mesinha de cabeceira.

— Victor te mandou uma carta? – Flavitz se espanta ao ver o que está escrito ali.

Eu rio achando a cópia francesa de Pequeno Príncipe que ganhei de Alex. — Não, por Deus, já basta ele me stalkear digitalmente! Lembram daquele anel que Victor me deu quando me pediu em namoro e depois me forçou a ficar quando terminarmos, dizendo que era o meu pagamento?

— Lembro, aquilo foi horrível! — Nati faz uma careta de desgosto com a memória. — Nossa, Victor era mesmo um grande babaca.

— Ele ainda é, — Flavinha corrige, mas se volta ansiosa novamente pra mim. — E aí, conta!

— Então, — prossigo. — eu estava com o dinheiro contadinho para a viagem, mas há uma semana mais ou menos a Magô me perguntou porque eu não vendia esse anel, já que deveria valer uma boa grana e seria uma excelente reserva de dinheiro, caso precisasse. Eu respondi que tinha até pensado em passá-lo adiante, mas que não o fiz por dois motivos: Um, porque Victor podia algum dia reaparecer exigindo-o de volta, e, dois porque tinha medo do anel dar má sorte para quem ficasse com ele, dado todo o drama que aconteceu conosco. Então ouvi uma risada e vi que a Isis estava acompanhando a nossa conversa. Ela sorriu do seu escritório e disse ‘Eu compro’.

Abro o envelope e vejo as centenas de euros ali, um dinheiro realmente inesperado, do Universo.

— Isis me explicou que coisas possuem o significado que damos a elas. Que a intenção de Victor quando me forçou aquele anel era fazer com que o objeto fosse um eterno lembrete da presença e do poder dele na minha vida e

que eu estava o permitindo fazer isso ao guardá-lo na gaveta, como se fosse algo intocável, crendo que ele ainda podia exigir alguma coisa quando tirou tanto de mim. Ela me fez enxergar que um anel é só um anel e, se Victor queria me humilhar ou me prender com ele, bem, agora financiará algo da minha viagem. *Com Alex.*

Sem aviso, nós três caímos na gargalhada.

— Nossa, amei, amiga! — Flavinha seca as lágrimas de rir. — Reciclando *bad feelings* total. Essa Isis é demais! Uma deusa da sabedoria moderna!

— Com certeza, mulher mais resolvida no mundo não há! - Nati concorda admirada. — Sério, aquela ali não vai precisar de terapia é nunca!

— Não mesmo! — Fecho o envelope e o coloco dentro do livro do Pequeno Príncipe antes de enfiá-lo no já abarrotado mochilão de vinte litros. O dinheiro que vou levar já está na doleira que vai junto ao meu corpo, mas li nas dicas dos mochileiros para nunca colocar tudo num só lugar. — E é isso! Acabou.

Olho ao redor, a mochila pronta, o guarda-roupas ainda mais vazio e de repente tudo parece muito definitivo, muito real.

Uma emoção me toma... olho para as minhas amigas. Minhas melhores amigas nesse mudo inteiro. *Nós passamos por tanta coisa juntas.* Nati agora tem seu próprio consultório e planos para engravidar, Flavitz parou com a sua obsessão por dietas malucas, abraçou o próprio corpo e está toda feliz, inclusive namorando.

— Amo tanto vocês!

— Ahhhh!!!! — elas falam em coro e me abraçam apertado quando meus olhos transbordam e choramos. Choramos juntas.

Choramos como amigas.

Amigas que se desejam bem.

— Aff, vamos deixar esse chororô de lado e falar de coisas alto astral que senão eu vou acabar desidratando aqui! — Fla seca as lágrimas fungando, sem sombra de dúvida a mais chorona do trio. — Vai, Vanessa, conta aí os detalhes dessa viagem de novo pra gente!

Me ajeito na cama, me recompondo daquela emoção toda.

— Então... na primeira semana ficarei em Surrey, na casa de Alex. — pausa para os gritinhos assanhados das amigas. — Já na seguinte, — continuo ficando vermelha. — nós iremos para Londres, ficar na casa da tia deles — mais gritinhos e um indecoroso “leva ele pra cabine telefônica e faz

uma ligação internacional, amiga”. Coço a garganta e minha vermelhidão só aumenta. — Depois daremos início ao nosso mochilão pela Europa passando por Brugges, Berlim, Polônia e Itáli... — meu celular toca, interrompendo a conversa. — Ihh, é o Alex! — aviso as meninas pegando o aparelho e mordendo o canto da boca com um sorriso torto. — O que é que eu falo?!

Nati me olha incrédula.

— O quê?! Não vai me dizer que ele ainda não sabe que você embarca amanhã?!

Faço que não ostentando aquele sorriso e ela balança a cabeça soltando uma lufada de ar pela boca quando ri.

— Doida.

— Ai, meu Deus! Jura?! Isso é tão emocionante! – Flavinha se anima toda por sua vez — Atende logo, vai!

— Peraí, esconde isso. — eu jogo a mochila para o chão e viro o celular para o meu rosto, de forma que ele não veja que tem outras pessoas no quarto quando atendo a chamada em vídeo.

— Hey, você. — saúdo com uma simulada voz de sono.

— Hey, você! — Alex aparece sorridente e arrumadinho de camisa social azul na tela. — Já indo dormir?

—Acho que sim, estou exausta.

— Dia cansativo no trabalho? — ele pergunta e vejo que tentar esconder a ansiedade. *Oh, Deus, ele até passou a camisa para me ver! É ou não é muito amor?*

Confirmo com a cabeça, forjando um bocejo convincente. — Isis está fechando a nova coleção esse mês. Acredite, o mundo de calçados sustentáveis dá mais trabalho do que se pensa por aí.

— Ah... — ele parece desapontado ao ouvir isso, mas então seus olhos recaem atrás de mim. — Na verdade, não me importo se falar comigo na cama... — provoca e percebo um fogo incendiário no olhar que me dá. — Você fica muito bonita deitada, Vanessa. É um dos ângulos seus que mais gosto...

Nati e Flavitz seguram os risinhos, e piso no pé delas para que se calem.

Jura que logo hoje Alex resolveu ser assanhadinho, é?

— Sinto lhe informar, senhor, que infelizmente hoje não vai rolar. Tenho um compromisso super importante amanhã cedo e não quero ir dormir tarde.

— Compromisso? — ele ergue a sobrancelha curioso.

Abro um sorriso. *Quem pegou a isca agora, heim?*

— Sim, um compromisso.

— Hum... e com quem? — posso visualizar a pulguinha surgindo atrás de sua orelha, parte que eu conheço muito bem agora, pois o louco me mandou foto exclusiva dela.

— Segredo. — faço mistério, o imitando.

— Entendo... — ele alarga o sorriso entrando no jogo, o corpo jogado para trás na cadeira, os belos olhos azuis me avaliando. — Só quero que saiba que se você está me provocando para tentar quebrar minha greve e ganhar um pouco de sexo virtual essa noite, não vai rolar, espertinha.

Eu tusso umas três vezes, totalmente embaraçada enquanto Flavitz e Nati se escangalham de rir silenciosamente no chão. Jura que logo hoje Alex resolveu ficar saidinho? *Deus, se o inglês soubesse que as garotas estão ouvindo isso agora ele definitivamente me mataria...*

Tento fugir à francesa do assunto. — Sabe, às vezes você pensa tão mal de mim, Alex, é claro que eu não estou intencionada a nada...

Ele joga o corpo para frente, o sorriso mais que malicioso.

— Ora, Vanessa, não disfarce... — provoca assumindo um tom de voz um tanto rouco que me faz querer sumir pelas paredes e rasgar todas as minhas roupas e as dele. — Já se esqueceu que você é a pervertida dessa relação?

Incêndio! Estou queimando em tudo quanto é lugar! Chamando todos os bombeiros da região! Chamando todos os bombeiros!

Fico vergonhosamente vermelha.

— Ok, se quer manter a greve tudo bem, a escolha é sua. — decido cortar rápido o assunto antes que Alex se anime demais na frente das minhas amigas e meu karma seja alto e impagável. — Mas, só pra constar, o azar é todo seu. Minha lingerie é realmente muito sexy... — revelo deixando tombar uma alça do vestido, guardando na memória o engasgo dele e rindo internamente ao ouvir o desesperado e arrependido “Nãooo, espera!” enquanto encerro a chamada.

Assim que abaixo o celular, as meninas que estavam se segurando caem na mais sonora gargalhada, se contorcendo de rir no chão.

É Nati quem fala primeiro, recuperando o fôlego com dificuldade. — É, amiga, acho que essa viagem promete!

— Ei, o que está fazendo, Flavitz? — pergunto quando vemos que ela já está atracada com as minhas gavetas de novo, procurando algo de forma

afoita.

— Garantindo que suas melhores lingerie estejam nessa mala, claro!
É o suficiente. Com essa nós três rimos madrugada adentro.



Acordo na manhã seguinte sentindo cada célula do meu corpo vibrar de ansiedade e animação. Minhas amigas foram embora bem tarde ontem e foi maravilhoso poder passar esse tempo com elas.

É incrível como algumas pessoas imprimem sentimentos positivos na gente. Estar cercada de quem me faz bem, de quem me faz sorrir é algo que aprendi a valorizar. A quantidade nunca é o que importa.

Sorrio ao ver o mochilão que arrumamos juntas junto à porta, ele é bem maior do que a mochilinha de Anastasia, é verdade, mas ainda assim é uma mochila. Para quem passou a vida até então dependente de duas malas de 32 kg sempre que viajava, acho que isso é mesmo um grande avanço.

Quando na vida eu imaginaria que iria rodar a Europa por quase um mês com apenas isso? Quando imaginaria que seria preciso tão pouco para ser feliz?

Antes de sair de casa, reservo um momento para conferir se deixei tudo em ordem. Desligo as coisas da tomada, checo o forno e as torneiras e então vou apagando as luzes até chegar na sala e dar de cara com o sofá-mala de meu avô.

Caminho até ele e me sento ali, alisando uma almofada, sem pressa, sem correria. Um momento que preciso ter com ele. Um momento onde pessoas que sorriem de lugares distantes podem se encontrar no mesmo lugar.

— Eu estou indo, vovô. — começo a falar, sem me importar em soar ridícula por não vê-lo, porque, no fundo, eu o sinto ali, presente, comigo. — Partindo para a minha própria viagem como você me inspirou tantas vezes a fazer. Sendo totalmente honesta, eu não faço ideia do que vou encontrar nessa estrada, mas uma coisa é certa: Eu vou amar muito descobrir.

Olho para o retrato dele pendurado na parede com sincero carinho e gratidão.

— Muito, muito obrigada mesmo, vô. Você me libertou da minha gaiola dourada e estou pronta para alçar voos maiores agora. — meus olhos se

enchem de lágrimas quando me despeço. – Me deseje sorte.

E, assim, colocando a mala mais leve do mundo nas costas, parto ansiosa para enveredar essa nova e emocionante estrada.



Uma hora depois, estou no aeroporto internacional fazendo o meu check-in.

— Olha, se divirta muito lá, ame, faça loucuras, viva. — minha mãe instrui agitada, checando cada detalhe com aqueles olhos sagazes de coruja quando deixo o balcão da companhia aérea com minha mochila nas costas. — De verdade, eu nunca estive tão feliz por você, minha filha!

Sorrio com candura. — Obrigada, mãe.

— Divirta-se com juízo. — meu pai diz sem jeito quando me viro para ele. Ele sempre foi o mais comedido dos dois, mas sei bem o quanto me ama e se preocupa comigo, principalmente quando dá aqueles tapinhas nas minhas costas como se eu tivesse cinco anos.

— Juízo? — minha mãe dá uma risada alta, chamando atenção de todos ao redor, claro. — Há há há! Com aquele pedaço inglês de mal caminho pode ir esperando muitos netos, Lucio!

Minhas orelhas esquentam de vergonha e meu pai arregala os olhos começando a ficar ligeiramente preocupado com essa viagem.

— Vai ficar tudo bem, pai. — asseguro a ele e não sei se rio ou a repreendo a maluca a quem chamo de mãe. — Você, dona Beth, é uma mulher absolutamente terrível!

— É genético. — ela rebate espirituosa e decido rir.

Amo o jeitinho doido dela.

— Atenção senhores passageiros do voo 1420, com destino a Londres, favor se dirigir a área de embarque. — ouvimos ecoar o aviso por todo o aeroporto.

— Estão chamando, tenho que ir... — informo a eles com o coração ficando subitamente apertado. Sem conseguir falar mais nada, dou um aceno me virando para entrar na área restrita.

— Espere. — minha mãe de repente me puxa e me abraça com força, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— O que foi, mãe? — me preocupo com sua súbita mudança de humor.

— Nada. — ela balança a cabeça e seca as lágrimas que escorrem como fitas por sua face. — Coisa de mãe, eu acho. — então toca o meu rosto com afeto e olha no fundo dos meus olhos por um longo e precioso instante. — Seja muito feliz, minha filha.

Eu a abraço de volta, meu coração disparando como o de um beija flor.

— Eu serei, sim, mãe.

— Última chamada para o voo 1420, com destino a Londres...

— Vou lá. — De repente meu coração está descontrolado, nossos dedos escorregam relutantes do aperto, nossas mãos caem no ar.

Sei que algo importante aconteceu aqui.

Sinto isso.

— Mande notícias assim que chegar! — meu pai grita quando me viro em direção ao portão de embarque outra vez. — Estaremos aqui para te pegar na volta!

— Pode deixar! — meus olhos transbordam e não consigo deixar de me emocionar quando grito de volta. — Amo vocês! Muito!

Eles sorriem amorosos.

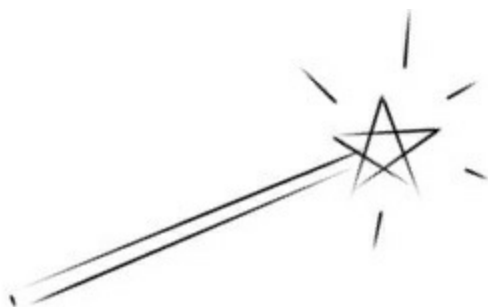
Há lágrimas se formando em seus olhos também, percebo.

Me viro, o coração disparado no peito. Gravando a imagem daqueles dois como ferro em brasa na minha mente, passo pela revista, entro no salão de embarque e encontro às pressas o portão informado na passagem.

Então subo a bordo do gigantesco avião que me espera e, ao localizar meu lugar na aeronave, coloco a mochila no compartimento de bagagem e me sento na poltrona junto à janela vendo que começou a chover na cidade.

Ansiosa, coloco os fones e dou o play no celular, quando See You Again, de Wiz Khalifa começa a tocar. Enquanto a aeromoça passa as conhecidas instruções de segurança a todos os passageiros do voo, eu fecho os olhos e me deixo ser embalada pelo sonho que em poucos minutos vai se tornar realidade.

*“Tem sido um longo dia sem você, meu amigo
E eu te contarei tudo quando eu te vir de novo
Fizemos um longo caminho desde onde começamos
Oh, eu te contarei tudo quando eu te vir de novo
Quando eu te vir de novo”*



LONDRES, INGLATERRA

As luzes se acendem dentro da aeronave junto com um sinal, me despertando uma hora depois de fazermos a conexão no Charles De Gaulle.

— Senhores passageiros, bom dia! — saúda o piloto pelo sistema central de som. — São seis e cinquenta e cinco da manhã e dentro de vinte minutos procederemos a aterrisagem no aeroporto Heathrow, em Londres.

Sinto um frio na barriga me tomar e imediatamente endireito a cadeira e abro a persiana para olhar a grande e nublada Londres crescer a milhares de metros abaixo de nós. A sensação de dormir em um lugar e acordar em outro é realmente muito louca.

E boa!

Meu Deus, eu finalmente estou em Londres!

A aeronave aterrissa alguns minutos depois em solo britânico com a suavidade de uma pluma embora meu coração trepide com a leveza de uma britadeira. Estou tão ansiosa que acho que poderia morrer disso.

Assim que o avião parqueia e as luzes dos cintos de segurança se apagam, eu desafivelo o meu e me apresso em pegar minha mochila no bagageiro e passar pela entrevista de imigração local.

Quando finalmente me dirijo para o portão de desembarque, meu coração soca em meu peito com tanta intensidade que é difícil até respirar. Em fato, até o ar é diferente aqui, o clima é mais frio e me faz esfregar as mãos uma na outra e testar um baforejo para ver se produz fumaça.

Produz.

Sorrio que nem uma boba.

Reparo então nas pessoas que falam, não uma, mas diversas línguas diferentes à minha volta, em uma profusão de culturas e etnias, as placas em inglês apontando para lugares em que nunca estive e quero ansiosamente estar.

É uma emoção sem palavras saber que está fora de casa.

É uma aventura sair da ostra e encarar o mundo desconhecido.

Avisto parentes e amigos aguardando além das portas duplas e penso animada que sou eu quem está do outro lado da moeda agora. *Eu sou a turista.* Tenho milhões de estradas desconhecidas à minha frente e sou livre

para explorar cada uma delas.

Devo ser louca pois nunca estive tão ansiosa assim para me perder.

— Vanessa! — escuto meu nome ser chamado com um peculiar sotaque inglês e me viro com um sorriso.

Uma senhora de pele clara, cabelos cor de mel, óculos ovais e corpo cheinho de uns cinquenta e tantos anos me acena simpática.

— Tia May? — me aproximo dela sem hesitar. Esqueci de pedir a Blake uma foto para identificá-la, mas posso sentir em meus ossos que é ela.

— A própria. — ela sorri e me analisa apenas por um segundo antes de acrescentar. — Bem que Alex disse que você era a mulher mais bonita que já tinha visto na vida!

Eu reviro os olhos sem jeito.

Os típicos exageros ingleses, é claro.

— Ele desconfia de algo? — pergunto ansiosa esfregando as mãos.

— Ih, não faz a menor ideia! — ela ri. — Não para de falar a quatro ventos que na semana que vem o amor da sua vida virá. Ah, coitado! — ela dá uma piscadela cúmplice e me oferece o braço. — Vamos, eu estacionei lá fora. Deixa que eu te ajudo com sua mala.

Ela se abaixa, mas não encontra nada ali.

— É só a mochila mesmo. — explico apontando o mochilão nas costas.

— Ora, veja só! — Tia May parece se divertir com isso. — Você e o Alex são mesmo iguaizinhos... Quem diria que duas formas tão similares foram produzidas à tanta distância?

Eu sorrio em pensar na ideia de que Alex e eu somos metades separadas que se encontraram. *Deus deve ser uma criatura realmente fascinante se orchestra destinos poéticos e românticos assim.*

Juntas, nós caminhamos até fora do saguão, onde avistamos a modesta picape vermelha de tia May no estacionamento. Ela coloca minha mochila no porta-malas e me observa mais uma vez, os olhos pequenos acinzentados surpreendentemente calorosos.

— Sabe, é mesmo um enorme prazer te conhecer, Vanessa.

— Ah, que isso, tia May! — fico toda sem jeito com o comentário. — O prazer é todo meu.

— De verdade. — ela insiste entrando no carro e me indicando a fazer o mesmo. — Você ter entrado na vida do Alex transformou completamente aquele menino.

Coro sem jeito colocando o cinto.

— Com vinte e oito anos e quase um metro e noventa, acho que ele está mais para homem.

Ela meneia a cabeça.

— Corpo de homem, coração de menino. — diz ligando o motor e manobrando para sair dali. — Alex já tem idade, mas seus sentimentos têm uma pureza que não se vê por aí. Desde que os pais dos garotos se foram, ele tem vivido em função do irmão, não se relacionou sério com ninguém, quase nunca tira momentos para lazer próprio e até o dinheiro que ganha com o haras ele não gasta, deixa lá, na poupança dizendo que é para a faculdade de Blake, embora com o que já tenha juntado até hoje o garoto poderia se formar umas quarenta vezes em Oxford e ainda sobraria um pouco. — ela ri, mas sei que fala sério quando volta a olhar para a rua ainda escura à esta hora da manhã. — O Alex vive de maneira abnegada, Vanessa, se privou de quase tudo mesmo sendo tão jovem. Aquela viagem ao Brasil foi a primeira coisa que vi ele fazer para si mesmo em muito tempo.

— Eu sei.

Sei bem quanto tempo levou para ele tomar aquela decisão, sei bem como ele a considerou antes.

— E ele te ama. — ela continua me pegando de surpresa com a escolha de palavras tão significativas. — Muito e mais do que ele seja capaz de administrar no momento. E eu gostaria bastante de ajudá-lo com isso, gostaria de poder tirar esse peso de responsabilidade dos seus ombros, mas moro e trabalho na cidade e Blake... Blake é apaixonado pela vida no campo, tirá-lo de lá, seria como roubar o ar que ele respira, você vai entender quando conhecê-lo. O que me preocupa é que Alex jamais se permitiria roubar a felicidade do irmão, ainda que tenha que sacrificar a própria em troca.

E estou plenamente ciente disso.

Alex tem algo dele, como um código de honra, que não permite que abdique das responsabilidades que atribui a si mesmo. Ele sempre faz a coisa certa, por mais que isso o machuque ou prejudique.

E essa é uma das coisas que amo nele.

É preciso muita coragem para fazer o que devemos e não o que queremos.

Ela para e suspira fundo quando o sinal vermelho se agiganta acima de nós.

— O que quero dizer é que meu sobrinho é um verdadeiro cavalheiro, um rapaz à moda antiga, Vanessa. — ela se vira e abaixa os óculos redondos

até a ponta do nariz, os olhos não desviando dos meus. — E é por isso que sei muito bem que ele vai preferir quebrar o próprio coração a partir o seu ou de Blake. Então por favor, eu lhe imploro... não deixe que ele faça isso. Alex pode achar que não, mas já está quebrado demais para se partir outra vez. E... perder você, ah, eu não tenho dúvidas... isso o devastaria.

— Ele não vai me perder. — digo em um tom confiante, sentindo meu coração estremecer. — Nós levamos tanto tempo para nos encontrar, tia May, que agora que estamos tão perto eu jamais deixaria isso acontecer.

Ela me olha com uma tristeza sábia.

— Infelizmente as coisas mais preciosas que perdemos nessa vida estão bem na nossa frente, minha menina. Mas não quero que se preocupe em demasiado com isso, — bate de leve em minha perna. — apenas não hesite sobre essa relação ou Alex vai hesitar também. Não porque não te ama, mas porque te ama demais e quer sua felicidade.

Um caroço me sobe a garganta.

Conheço bem essa frase.

— Eu entendo. — e entendo perfeitamente porque também penso assim.
— Pode deixar, tia May. Eu não vou piscar.



SURREY, INGLATERRA.

Duas horas depois, vemos a paisagem mudar de urbana para rural. As estradas deixam de ser de asfalto e começam a ser de terra batida, o cheiro passa a ser nostálgico de grama fresca e o céu se limpa dos contornos dos prédios cinzas e ganha um distinto e infinito tom de azul.

O azul dele.

— E seja bem-vinda a região de Surrey, Vanessa! — tia May bate marota o ombro no meu sem largar o volante.

Dou um sorriso ansioso para ela e confiro como estou no espelho do retrovisor. Os meus cabelos castanhos estão soltos ao natural, com ondas e mais longos do que quando nos conhecemos no Rio. Minhas bochechas, por sua vez, estão rosadas do frio do início do inverno europeu e os olhos castanhos brilham visivelmente, tamanha a expectativa. Ajeito o vestido soltinho de mangas compridas com as mãos e também as meias de lã pretas sete oitavos.

— Fique tranquila, menina. — tia May ri de minha preocupação em parecer bem. — Aquele menino beija o chão em que você pisa, poderia aparecer até toda descabelada e vestindo trapos aqui que ele ainda assim iria ficar de joelhos e te olhar como se fosse a própria lua na Terra.

Borboletas dançam em meu estômago com essa imagem mental e não resisto conferir no espelho mais uma vez. *Ô, ansiedade, aguenta coração!*

Seguimos trepidando por uma estrada sinuosa por um longo tempo até passarmos por uma porteira azul e adentrarmos na propriedade dos Summers.

Haras Summers Brothers.

O lugar é imenso, mas tem uma simplicidade convidativa, claro que tem. Além de uma vasta área gramada, consigo avistar uma moderna pista circular de treino, um estábulo, uma clínica veterinária e uma área de plantação variada. E, é justamente ali, entre ramos de trigo dourados, que avisto aquele ser que faz meu mundo parar de girar e o coração bater tão rápido a ponto de quase sair do peito e de órbita.

— Acho que tem alguém ali que vai gostar de te ver. — tia May acompanha o meu olhar e freia bruscamente o carro. — Alex! — grita alto e buzina, então ele se vira.

E me vê descer.

A expressão de surpresa e alegria que toma seu rosto é de certo uma das coisas mais belas que já vi na vida, uma das sete maravilhas do mundo.

Meu coração erra uma batida.

Sem pensar duas vezes, Alex larga a enxada e corre em minha direção como uma flecha em busca do alvo, me erguendo pela cintura em um rodopio enquanto me beija completamente incrédulo, intenso e apaixonado. É um beijo de tirar o fôlego, de romper distâncias, de abalar todas as já frágeis estruturas do meu ser, tirar meus pés do chão e me levar até às estrelas.

— Mas... como? — ele balança a cabeça confuso, ainda sem conseguir distinguir se o fato de eu estar ali é real ou não. Uma felicidade exultante domina seus olhos, os braços enlaçados em meu corpo como se não quisessem, não pudessem me deixar escapar.

Eu não vou escapar de jeito nenhum.

— Ora, veja só! — tia May brinca atrás de nós, encostada no capô do carro enquanto assiste a cena. — É tanta felicidade que meu sobrinho até perdeu as palavras!

Ele sorri para ela e então de volta olha pra mim.

— Surpresa. — anuncio baixinho e beijo a ponta de seu nariz.

Ele me desce ao chão e me fita num misto de fascínio e estupefação.

— Caramba... — passa a mão exasperado na testa, bagunçando todo o seu cabelo já rebelde. — Eu... eu não consigo acreditar... Você... você está aqui. Você veio.

— Mas é claro que eu vim, seu bobo! — sorrio pra ele. — Costumo cumprir minhas promessas.

Ao invés de responder, sua boca encontra a minha afoita e ele me puxa contra si, me pegando em outro beijo, dessa vez muito mais faminto e voraz que o primeiro, como se Alex simplesmente não conseguisse ter o bastante, como se precisasse me consumir por inteira e rápido, como fogo e oxigênio.

— Ahãhã! — tia May coça a garganta quando estamos a um passo de nos animarmos demais e sairmos rolando ali, que nem dois depravados, no meio da grama, com terra batida e tudo.

Coro mil tons e abaixo os olhos envergonhada quando nos afastamos, as mãos para trás como crianças levadas que acabaram de ser pegas fazendo arte. Alex também sorri de um jeito particularmente travesso, mas ao contrário de mim, ele não tira os olhos dos meus por nenhum instante, completamente fascinado ainda com a minha presença ali.

— Bem, crianças, eu vou até a casa avisar a Blake que já chegamos. —

ela entra no carro e se inclina na janela do carona. — Vocês dois, juízo.

Nós acenamos concordando, minhas orelhas queimando de vergonha.

— Juízo. — eu suspiro alto ao ver o carro se afastando de nós. — Por que será que vivem nos dizendo isso?

Volto o olhar arteira para Alex que me observa com um sorriso faminto.

— Deve ser porque nunca obedecemos. — ele me beija outra vez de forma nada contida, me agarrando pelos quadris, meu corpo fazendo um perfeito arco, como nos filmes, quando ele me pressiona contra si, nossas línguas se embaralhando de uma forma deliciosa e nada, nada ajuizada.

De repente Alex se afasta.

— O que foi?

— Me desculpe, te sujei toda... — noto o embaraço em seus olhos quando olha para mim. — Estava trabalhando desde cedo, estou todo imundo e suado.

Sim, agora que ele falou noto que está mesmo.

Cabelo bagunçado, a camisa suada colada no corpo evidenciado ainda mais o tórax definido, o rosto com uma engraçada mancha de terra que corta de sua bochecha à testa.

— Eu meio que gosto, — digo me aproximando de novo e tocando o suor em sua testa, provocando um arquejo dolorido de prazer nele. — é meio que sexy ver você assim, se esforçando.

Ele inclina a cabeça. — Eu posso me esforçar ainda mais.

— Ah, pode?

Quando seus olhos sobem aos meus e sua boca encontra a minha, ele é totalmente voraz, minhas pernas cedem, minha cabeça rodopia e não existe mais lugar certo ou tia May ou mundo, existe apenas Alex e eu e um desejo intenso guardado por seis meses.

— Acho que a greve acabou. — constato ofegante entre beijos e sou erguida com facilidade outra vez, minhas pernas envolvendo sua cintura, suas mãos explorando por debaixo da saia do meu vestido e meus dedos se enrolando em seu cabelo incapazes de se soltarem dali.

— Definitivamente sim. — ele sorri e me puxa consigo para dentro do campo.



— Hey, aqui estão eles! — tia May exclama trinta minutos depois, quando Alex e eu entramos em casa, cabeças baixas de vergonha, mas nenhum arrependimento pelo atraso.

É evidente que ela contém o sorriso e sabe muito bem o motivo da demora.

Trinta melhores minutos ever!, estou ainda comemorando internamente.

— Finalmente! — um garoto bonito de pele bronzeada se levanta com um sorriso no rosto e não consigo evitar sorrir de volta. A semelhança com o irmão é inegável, cabelos escuros só que mais longos, na altura dos ombros, olhos desconcertantemente azuis e alto, bem alto para a idade. Ele se aproxima e tira casualmente um ramo de trigo preso ao meu cabelo e, juro, acho que quase morro de tanta vergonha ali. — Então você é a tal Vanessa que roubou o coração do meu irmão?

— A própria. — confirmo passando a mão nos fios só por garantia antes de dar um passo a frente. — É um prazer finalmente te conhecer, Blake!

— Ei, o que é isso? — Alex pergunta se metendo entre nós quando trocamos dois beijinhos no rosto.

— Um cumprimento, ué! — respondo achando graça. — Cariocas se cumprimentam com dois beijinhos, você sabe muito bem disso, Alex.

— É, mas Blake é inglês e na Inglaterra só apertamos as mãos. — resmungo e o garoto ri.

— Agora eu entendo o porquê você ficou todo chorão quando ela te dispensou, mano. A Vanessa aqui é mesmo muita areia para o seu caminhãozinho.

— Alex chorou? — arregalo os olhos surpresa.

— Au! — Blake geme quando o irmão acerta um cascudo em sua cabeça.

— Qual é, dedo-duro!

— Não deixa ele te intimidar, Blake. — me aproximo rápido do irmão mais novo, formando uma barreira entre eles. — Como assim ele ficou chorão?

Ele abre um sorriso malicioso. — Quando você falou que estava

namorando o tal CEO masoquista dominador, o Alex aqui ficou malzão, não foi maninho?

— Eu não chorei. — ele nega orgulhoso cruzando os braços.

Blake levanta a sobrancelha de lado, o encarando. — Não mesmo?

Alex revira os olhos. — Tá, meus olhos podem ter ficado levemente marejados.

— Levemente, Alex? — sou obrigada a entrar na brincadeira também. — Acha que eu sou boba de acreditar nisso? Você é inglês, levemente não combina em nada com você.

Ele olha para o irmão mais novo com uma expressão traída hilária.

— Eu deveria te castigar para todo sempre por me entregar assim, seu pestinha...

— Você já faz isso, querido irmão... com a sua comida.

Caio na gargalhada. *Meu Deus, esses dois são hilários!*

— Ora, seu... — Alex se prepara para correr atrás de quando tia May intervém.

— Ora, não seja ingrato, Alex, afinal foi seu irmão que armou essa surpresa para você.

Ele para.

— Sério? — olha dele pra mim. — Você... Isso foi ideia sua? Foi por isso que estava mexendo no meu celular naquele dia?

— Oh, merda, Vanessa! Corra, ele descobriu o nosso caso.

Dou risada com o Summers mais novo, esse garoto é divertido demais!

Alex puxa Blake para um abraço mata leão e bagunça seu cabelo torcendo o pulso ali de um jeito carinhoso. — Obrigado, maninho. Isso foi muito gentil de sua parte.

— Só não me beija, odeio beijos! Exceto os seus, Vanessa, você com certeza pode me beijar quando quiser. — ele pisca safado pra mim e Alex chuta a bunda dele de brincadeira.

— Bem, meninos, acho que meu papel nessa operação surpresa está devidamente cumprido! — Tia May anuncia se levantando do sofá e pegando as chaves na mesa de centro. — Agora tenho que voltar para Londres, tenho uma campanha para fazer. — ela beija a cabeça de cada um deles, tendo que ficar nas pontas dos pés e ainda puxá-los para baixo para fazê-lo. —guardo vocês lá na semana que vem!

— Obrigada, tia! Foi uma surpresa maravilhosa. — Alex envolve ela num abraço e dá um beijo carinhoso em sua bochecha, levando-a até a porta.

— Tchau, tia May. — eu me despeço dela com um abraço apertado. — Adorei te conhecer.

— Eu é que adorei, Vanessa. — ela me dá uma piscadela antes de ir.

Quando a porta se fecha, Alex volta a olhar pra mim como se eu fosse um milagre, um sonho, uma lua na Terra

Tia May estava tão certa! *Coro dez tons e não é do frio.*

— Você deve estar com fome. — ele finalmente diz, atencioso. — Vem, vamos tomar café da manhã. — me puxa com ele pela sala. — Me desculpe, eu não preparei nada de especial para hoje.

— Relaxa, maninho, eu preparei um banquete — Blake provoca indo na nossa frente e indicando a cozinha. — Só tô dizendo, Vanessa, talvez nessa sua estadia aqui você perceba que escolheu o irmão errado.

Alex aperta os olhos para ele antes de entrar. — Não abusa da sorte, pirralho. Não abuse.

Blake sorri e então faz uma reverência pra mim. — Seja bem-vinda à sala de refeições, madame.

Olho para a cozinha espantada, Blake realmente caprichou. A comprida mesa de madeira rústica está coberta de pães, frutas, variedades de chás, sucos, salsichas, ovos, queijos, bacon e até feijão!

— Uau!! Estou oficialmente impressionada com a hospitalidade inglesa!

O garoto se adianta e ergue uma garrafa de vidro. — Você gosta de leite de vaca fresco, Vanessa?

— Hum... não sei? — sou sincera na dúvida. — Eu meio que bebi leite de caixinha a vida inteira.

— Ah, mas leite de caixinha não é leite! — o garoto censura taxativo me fazendo rir. — Não é à toa que os garotos Summers são como são. — e então ele abre um sorriso maldoso. — Ah! A propósito, Vanessa, você tem que comer isso aqui.

Blake puxa maroto uma bandeja que estava coberta por um pano de prato.

— Não! — Alex pula em cima da bandeja de biscoito, mas Blake é mais ligeiro em salvá-la.

— Fiquei sabendo que meu maninho aqui não te deixou provar seu talento na cozinha quando estive no Brasil e, como bom amigo que lhe provarei ser, estou disposto a te alertar do perigo. — ele diz se esquivando de Alex com agilidade invejável.

— Para com isso moleque e me dá logo essa bandeja aqui! — Alex

parece desesperado em alcançá-lo. Estou gargalhando, esses dois juntos são uma comédia!

— Ele fez esses biscoitos por semanas tentando acertar a receita para quando você chegasse. — ele continua até chegar onde estou e pego um rápido.

— Não coma! — Alex grita tentando me impedir, mas o lanço inteiro na boca antes que ele consiga tirar da minha mão.

— Oh, meu Deus, isso é horrível! — eu falo sem conseguir engolir ou parar de rir.

Alex ri também, os ombros caídos e as mãos levantadas num pedido de desculpas.

— Eu te avisei.

Blake cruza os braços com uma expressão avaliativa. — Bem, agora que a moça sabe ou vai querer ir embora ou vai declarar que te ama de vez.

Alex me olha com pena. — Por favor, cuspa.

— De jeito nenhum. — contenho o riso, balançando a cabeça de boca cheia.

— Caramba, isso é que é amor verdadeiro! — Blake brinca entusiasmado. — Vamos, Vanessa, você consegue! Viscoso mas gostoso, lembra do lema do Timão e Pumba. Ahhh... agora entendo porque esse era o filme preferido do Alex.

Caio na risada quase engasgando com o biscoito duro e de gosto duvidoso e Alex acerta um tapa de leve na cabeça dele que se diverte demais.

Sem conseguir parar de rir, eu me forço a continuar mastigando e engolir aquela maçaroca e, por Deus, como é difícil! É como quebrar um tijolo com os dentes e o gosto não é lá muito diferente do objeto também, arrisco.

— Alex... vou te dizer, você é mesmo ótimo na sinuca. — eu consigo falar quando aquele bloco sólido e intragável passa finalmente pela minha garganta. — Na cozinha, no entanto... meu Deus! Como você consegue ser tão bem nutrido, Blake?

O garoto dá de ombros conformado. — Como eu disse, leite de vaca.

Gargalhamos juntos.

Após a inesquecível experiência gastronômica do biscoito assassino de Alex, nós tomamos café da manhã reunidos em volta da mesa e é maravilhoso ver a dinâmica dos dois. Blake e Alex são jovens, simples e brincalhões. Alex assumira o papel de pai, mas nunca deixou de agir como

seu irmão mais velho.

Eles têm uma relação realmente muito boa.

— Vamos conhecer a casa? — Alex pergunta ansioso quando termino de beber meu leite de vaca fresco, que confesso, é completamente diferente do que vem na caixa, mas surpreendentemente bom e viciante.

— Vamos sim. — entrego minha mão a ele que me puxa animado para um tour. — Bem, essa é cozinha.

— ... onde meu irmão traça planos para aniquilar a humanidade, ops, digo, prepara deliciosíssimas refeições para a família. — Blake sacaneia vindo atrás de nós.

— Palhaço. — Alex revira os olhos divertido e continua as apresentações. — A sala de estar.

— ... que poderia se chamar sala da tv porque é tudo o que fazemos nela.

— A sala de jantar.

— ...que nunca usamos para isso, então transformamos em sala de jogos.

— O quarto de hóspedes.

— ... onde a Vanessa vai ficar.

Eu e Alex olhamos imediatamente para Blake, nossa expressão de pânico deve ser hilária porque ele dá risada.

— Relaxem, relaxem! Eu só estava provocando vocês um pouquinho. Sou um garoto moderno, podem dormir juntinhos.

Posso ouvir o suspiro aliviado de Alex... ou seria o meu?

— Continuando... — Alex retoma o sorriso abrindo outra porta. — Quarto do chatinho aí.

— ... para onde poderá correr quando se cansar do meu irmão. — ele dá uma piscadela cretina e Alex apenas vira para trás apertando os olhos.

— Banheiro.

—... para onde vai correr se comer a comida dele.

— E — Alex pausa na porta azul antes de abri-la. — o meu quarto.

— Bem, como pode ver, meu irmão não tem nenhum estilo... — Blake sai entrando e falando pelos cotovelos no modesto quarto com móveis de madeira, cortinas azuis e estante recheada de livros.

— Oh, droga, — Alex sussurra baixinho em meu ouvido enquanto Blake continua a falar.

— O que foi? — sussurro de volta

— Você está no meu quarto.

— Você está nervoso com isso? - acho graça.

Ele pega a minha mão e sinto como está gelado, o pulso acelerado, o coração disparado. Nós nos entreolhamos e de repente minha garganta está seca e estou nervosa, muito nervosa também. Aquela ali parece uma cama bem apropriada para...

— Sério, gente! — Blake arfa nos fazendo pular de susto. — Eu estou bem aqui, controlem seus hormônios assanhados ou vão lá pra fora!

Ele sorri torto para nós e Alex me puxa para fora do quarto rindo.

— Ele está certo. — sussurra me segurando pela cintura e me coloca contra a parede do corredor antes que Blake saia. — Se ficasse mais um segundo com você ali dentro não responderia por mim.

Blake sai do quarto, conferindo primeiro se não estamos nos agarrando e então batendo as mãos. — Bem, acho que o nosso tour acabou.

— Mas e este aqui? — pergunto parando em frente a maior porta ao final do corredor.

Alex me pega pela mão e me leva até lá. — Esse, Vanessa, era o quarto dos meus pais.

Ele abre a porta e chocada vejo então o maior quarto da casa à minha frente, uma suíte com o dobro do tamanho dos quartos modestos de Alex e Blake. A decoração, os porta-retratos, as roupas dos pais deles, tudo ali dentro está inalterado, como se tivesse parado no tempo, como se a qualquer momento aquelas pessoas fossem entrar pela porta e voltar a viver.

Fico momentaneamente sem palavras.

— Ah, eu quase me esqueci! — Alex bate na testa, radiante demais para perceber qualquer coisa de errada em minha reação. — Espera aí, eu já volto!

Ele larga a minha mão e some correndo no corredor.

Olho para Blake que está atentamente me observando. — Para onde ele foi?

Ele ergue os ombros igualmente sem saber. — Coisas de um homem apaixonado, suponho.

Nós rimos, mas notamos que em ambos os casos os sorrisos não atingem os olhos.

— Eu sei... você deve estar pensando que é estranho. — É Blake quem quebra o silêncio.

— Um pouco... — confesso sem jeito. — Seus pais já morreram há... ?

— Oito anos

— É bastante tempo.

— É, sim. — ele concorda com uma maturidade no olhar que não tinha

demonstrado até então. — Mas creio que certas feridas são profundas demais para alguns de nós, Vanessa. Alex ainda não conseguiu superar isso. Tudo ao nosso redor cresceu, mas ele não faz mudanças na casa principal e dorme no mesmo quarto que antes porque não consegue se ver ocupando o lugar do meu pai, da minha mãe. É isso que esse quarto representa para ele, o papel de chefe dessa família. Embora meu irmão tenha assumido todas as responsabilidades desde que eles se foram, nunca se achou no direito de reivindicar esse lugar pra si, de desocupá-lo dos pertences deles e seguir em frente. Às vezes me pergunto: se a morte não foi desfecho suficiente, o que mais seria?

Nós nos entreolhamos calados. Essa é sim uma pergunta importante a se fazer: *Quão profundas são as cicatrizes que Alex tem carregado durante esses anos? Quanta coisa ele tem guardado em si?*

— Pronto, estou de volta! — Alex anuncia quebrando o silêncio desconfortável que se instaurou no quarto imaculado. — Surpresa já posicionada!

Blake olha reticente para nós. — Considerando que sou um garoto altamente impressionável, acho que vou me retirar e deixar vocês a sós antes que me traumatizem com alguma demonstração de amor explícito.

Dou risada. — Até mais tarde, Blake!

— Não se esqueça, — ele pisca ao passar por mim. — segunda porta à esquerda.

Alex ameaça pegá-lo, mas Blake é mais rápido e, tendo amor à própria vida, rapa fora dali.

— Seu irmão é muito legal. — comento quando finalmente ficamos a sós no corredor.

— É, ele é sim.

Toco em seu rosto, a barba por fazer roçando perfeitamente em minha pele sensível pelo frio. — Teve um excelente exemplo a seguir.

Ele sorri sem jeito e, com um pequeno empurrão na altura do meu estômago, me coloca contra a parede. O gesto é másculo e me rouba o ar, mais ainda quando ele encaixa seu corpo ao meu, soltando um gemido torturado em meu pescoço.

— Ah... eu senti tanto a sua falta. — sopra em meu ouvido ao me cheirar e um arrepio lambe meu corpo da cabeça aos pés.

— Eu também. — deixo escapulir num fio de voz, sentindo minha mente começar a ficar embaçada com seu toque, sua proximidade, seu

cheiro...

— Mas... posso te contar um segredo? — ele pergunta imoral e seu nariz traça uma rota indecorosa pelo meu pescoço até chegar ao meu busto.

— Sou toda ouvidos. — envolvo os braços em torno do seu pescoço, trazendo-o para mais para perto.

Ele cola os lábios no topo do meu seio e mordisca provocante. — Não precisamos sentir mais.

Então, sem aviso, ele me ergue no colo com seus braços fortes e me carrega até o seu quarto, me jogando na cama.

E ali matamos mais um pouco da saudade que sentimos por meses.



— Vem, eu quero te mostrar uma coisa. — Alex diz, me puxando para fora do seu quarto algumas horas depois. *Juro, estou tão satisfeita que minhas pernas estão até meio bambas.*

Ele tapa meus olhos com as mãos e me faz ir com ele às cegas pela casa.

— Tome cuidado, Vanessa! — Blake brinca quando passamos pelo que acredito ser a sala de estar em razão do barulho da tv. — A última que caiu nessa armadilha amanheceu enterrada no jardim.

Dou língua para ele, mas não perco a deixa, voltando meu rosto cego a Alex.

— Vou logo avisando, se tinha outra aqui aviso que é você quem vai morrer na tal cova, inglês!

Ele dá uma risada gostosa, assim como Blake, e então damos mais alguns passos e sinto uma lufada de vento frio me atingir a face. Devagar, Alex tira as mãos que cobrem meus olhos e descubro estar na varanda da casa, em frente a um pequeno jardim de rosas vermelhas bem cuidadas e um campo aberto.

E ali, cuidadosamente posicionada no centro do espaço, está uma cadeira de balanço de dois lugares enfeitada com um laçarote vermelho.

— Conforme prometido, madame. — ele faz uma reverência a indicando.

Meu coração palpita forte.

Quando fomos ao Parque Lage seis meses atrás, Alex me prometera uma cadeira de balanço na varanda para admirar a vista. Na época, ainda nem havíamos ficado. Não acredito que ele se lembrou disso depois de todo esse tempo. Mais ainda, não acredito que ele fez isso.

Fez por mim.

— É perfeita. — suspiro tocada alisando o laço.

Ele me abraça por trás e me beija a bochecha. — Não, perfeita é você.

Balanço a cabeça, os olhos baixos ao me virar para ele. — Eu não sou perfeita, Alex. Sou humana e cheia de defeitos e...

Ele toca o meu queixo, o levantando. — É perfeita, sim. Perfeita pra mim. Eu amo tudo em você, Vanessa, até seus defeitos, suas manias, sua perversão desenfreada... — me faz rir ao erguer a sobrancelha brincalhão insinuando algo. — Mas o que mais amo em você é sem dúvida o sorriso. Porque quando você sorri, meu mundo inteiro se ilumina. Quando você sorri, o mundo pra mim se torna muito mais bonito.

Eu passo a mão em seu cabelo castanho, removendo uma mecha que lhe cai sobre testa.

— Você realmente existe, meu príncipe?

— Só pra te fazer feliz.

E ao som dessas palavras tão tenras acho que me apaixonei de novo.

Alex termina de tirar a fita e me puxa com ele para a cadeira. Num balanço suave, a cabeça encostada preguiçosamente em seu ombro, olho para a dimensão azul escura lotada de estrelas reluzentes acima de nós.

— Aqui é tão brilhante à noite.

— O céu no campo é sempre assim.

— Eu gosto.

Alex me puxa para perto num abraço apertado e quando me viro para ele seus olhos brilham mais do que as milhares de estrelas no céu que nos observam em sereno silêncio.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está aqui. — sussurra ao meu ouvido, hipnotizado por mim.

— Nem eu. — toco a mecha de cabelo teimosa em sua testa de novo e ele fecha os olhos. — Esperei tanto por isso, poder te ver de perto, te tocar, te sentir... que agora que estou aqui, é tudo tão bom, tão, tão melhor do que imaginei, que nem parece ser de verdade... parece mais um sonho. Acho que você é meu sonho, Alex Summers, o melhor que eu poderia escolher sonhar.

Ele abre os olhos e segura com gentileza meu pulso, depositando um

beijo na palma da minha mão.

— Por favor, não acorde. Nunca.

Borboletas bailam em todo o meu corpo, num farfalhar de asas que me causa os melhores arrepios que alguém pode sentir na vida.

— Às vezes acho que chega a ser um tanto injusto você ser perfeito assim. Torna impossível me afastar depois...

Ele deita a minha cabeça em seu ombro de novo e beija o topo dela com carinho.

— Então não se afaste.

Levanto a cabeça para olhar em seus olhos e de repente estou perdida ali. Um universo novo e mágico, com galáxias perdidas no azul profundo e um passeio na via Láctea me chamam.

— Eu senti tanto a sua falta... - ele confessa de repente segurando ainda minha mão na sua. — Desde que parti, todo o dia em que me levantava eu rezava para que você não mudasse de ideia e desistisse de mim. Que o que aconteceu entre a gente não fosse passageiro para você, que não enjoasse de falar comigo, que viesse mesmo me visitar. Nós planejamos tudo para essa viagem, para esse reencontro, mas eu só acreditei mesmo que era real quando te vi ali, linda como a lua, bem diante dos meus olhos.

— Eu entendo. Também senti muito a sua falta, Alex. Às vezes queria te ligar mais vezes, esticar a conversa, mas tinha medo de me achar grudenta, sei lá.

— Grudenta? — ele ri e gira os olhos nas pálpebras como se aquela fosse a maior piada que alguém já contou. — Ah, Vanessa, se você soubesse... Às vezes eu queria te ligar só para ouvir sua voz... ou pedir que você não desligasse depois de falar boa noite só para ficar te assistindo dormir por horas e horas porque a sua visão me faz bem... sua visão me traz um tipo raro de paz.

— E por que não fez isso? — deslizo o meu nariz no dele e aperto as mãos no seu casaco. — Eu teria adorado passar todo o tempo do mundo com você.

— Acho que pela mesma razão que você.

Eu sorrio. — Desencontros.

— É... desencontros. — ele concorda com um movimento de cabeça.

— Mas aqui estamos nós.

— Sim, estamos. — ele olha para frente parecendo feliz. — Esse é com certeza o segundo melhor dia da minha vida.

Me viro para ele curiosa. — Segundo? E qual seria o primeiro?

Ele vira os olhos na minha direção.

— O dia em que te conheci. — revela com sorriso e põe as duas mãos fortes nas laterais do meu rosto, me beijando da forma mais suave e apaixonada que já fui beijada na vida. O toque, a sensação do seu lábio contra o meu, sua língua se movimentando numa dança com a minha, sem pressa, com devoção absoluta, quase como uma reverência. Um beijo como esse é uma das declarações de amor mais puras que alguém pode receber.

Um beijo como esse é algo que não se esquece.

Nunca.

Abro os olhos e acho que as borboletas agora estão fora de mim e soltas pelo mundo colorindo tudo, porque tudo ao meu redor parece mais alegre e vivo.

Ele levanta a minha mão.

— Você ainda a tem. — comenta e percebo que observa a fita vermelha de São Jorge em meu pulso. A fita que ele amarrou ali, junto com os três desejos que fez pra mim.

Ser feliz.

Nos vemos em breve.

E...

— Algum dia vai me contar qual foi o terceiro desejo? — pergunto de supetão, embora não muito esperançosa de que conseguirei arrancar esse segredo dele. Começo a perceber que Alex é muito bom em guardar segredos.

— Quando ele se realizar. — ele sorri misterioso exatamente como previ que faria.

Aperto os olhos inconformada. — E se não acontecer?

Ele levanta os ombros tentando parecer o mais casual possível ao responder.

— Então não fará diferença alguma contar.

Mas quando Alex volta a olhar para o céu, não sei se imagino ou não ver um lampejo de tristeza em seus olhos, tão rápido como um cometa, mas tão marcante quanto.

E não posso deixar de me perguntar de novo:

Quanta coisa ele tem guardado em si?



Depois de algumas horas no sereno, meu estômago ronca embaraçosamente e nós resolvemos entrar. Alex segue em direção a cozinha onde comemos o almoço pulado, afinal tínhamos fomes muito mais urgentes para saciar naquela tarde.

Descubro que eles se alimentam basicamente de comidas congeladas deixadas por uma diarista que vem a cada quinze dias, além de saladas e legumes cultivados na horta. Preocupantemente o estoque já estava no fim e Deus me livre e guarde de comer algo parecido com aquele biscoito de novo.

Precisaríamos fazer compras o mais cedo possível ou haja leite de vaca.

Embora eu insista, Alex me impede de tentar ajudá-lo com a louça assim que terminamos. Me conformo à regalia de ser a convidada mimada pelo menos hoje, indo me sentar na sala de estar, ou sala de tv, como Blake a apelidou, e aproveito para checar as mensagens no meu notebook.

Vejo que Anastasia me mandara um vídeo e me emociono ao ver que é de sua estreia no belíssimo Parque Lazieki nesta manhã. O exótico anfiteatro a céu aberto está lotado e, do outro lado do lago, entre as românticas colunas brancas, lá está ela, absolutamente linda como uma princesa de conto de fadas no vestido que lhe dei, tocando divinamente seu violino para o público que chega a lacrimejar tamanha a intensidade do sentimento que ela desperta com sua apresentação eloquente de uma melodia de Chopin.

— Ela toca muito bem. — Blake sai do sofá e se aconchega ao meu lado no chão enquanto digito uma mensagem parabenizando-a pela belíssima apresentação. — Quem é?

— Anastasia, uma amiga da comunidade que recebi antes de vir pra cá. — revelo sorrindo de tanto orgulho quando envio a mensagem.

— E o que é esse negócio piscando aí embaixo? — ele aponta para a tela e só então noto o alerta do Skype, indicando que alguém quer iniciar uma chamada em vídeo.

Aceito com um clique e, no segundo seguinte, a imagem solar de Ravi, acompanhado de Fareed e Kantu aparece na tela.

— Vanessaaaaa!!! — eles gritam animados, numa profusão de vozes, assovios e palmas. — Ei, olha, o Blake está aí também!! Oi, Blake!!!

— Ravi? Farred? Kantu!! Ai, meu Deus, não acredito!! — começo a gritar animada enquanto Blake acena para eles. — Alex, Alex, corre aqui!

O inglês vem correndo ao chamado, enxugando as mãos no pano de pratos.

— O que foi? — se ajoelha ao meu lado lívido. — Você está bem?

— Namastê, meu amigo. — Ravi o cumprimenta e, ao som da conhecida voz, o inglês volta o olhar surpreso para a tela e sorri ao encontrar seu velho conhecido ali.

Com as palmas das mãos juntas em frente ao peito e uma leve inclinação do corpo, Alex o saúda de volta.

— Namastê, meu amigo. Namastê.

— Tenho um palpite que sua visita ao Brasil foi boa. — o indiano lança a indireta com um meio sorriso provocador no rosto.

Alex passa os braços em torno da minha cintura e me beija a cabeça, confirmando. — Maravilhosa.

— Isso me lembra que eu ainda não puxei sua orelha o suficiente por ter mantido esse segredo de mim, seu indiano metido a cupido. — relembro em inofensivo e cômico tom de ameaça.

Ravi sorri e levanta as mãos em sua defesa. — Eu não poderia afirmar que daria certo até dar, minha cara.

— Mas no fundo sabia que daria.

Ele dá um sorrisinho de lado e balança a cabeça confirmando. — É, eu sabia sim.

— E como está Kantu, meu preferido? — pergunto o vendo ali, no fundo da imagem, doido para ser notado. O sorriso que ele abre ao ser chamado é muito fofo! — Fareed andou te implicando na minha ausência?

— Que isso, fui um anjo! — o outro já se defende e não precisa ser um gênio para saber que o danado mente.

— Andou, sim, Vanessa! — Kantu denuncia e fico feliz ao notar que a confiança em seu inglês melhorou daquele tempo pra cá. — Mas pode deixar que estou usando aquela tática que me ensinou contra ele.

— Que tática? — Alex e Blake se viram ao mesmo tempo para mim curiosos.

— Bem, vamos dizer que arranjamos um excelente trunfo naquele Carnaval carioca. — pisco marota para o meu protegido que sorri de volta. — E você, Ravi? Como anda a procura pela sua escolhida?

E nesse momento, meu bom e inabalável amigo abre o sorriso mais solar

que já o vi dar até hoje. Um sorriso completo, de quem teve seu mundo inteiro sacudido. — Eu sinto que a encontrei.

Meu coração bate tão, mas feliz por ele e, no instante seguinte, Alex e eu perguntamos em coro. — E quem é ela?

— Samira, Samira, meu amor! — Fareed e Kantu entoam com a voz apaixonada antes que ele possa responder, imitando beijinhos dos dois e dando pulinhos.

— Hum... — balanço a cabeça assimilando a informação com diversão. — Samira então?

Ele sorri com timidez confirmando, o cabelo preto cobrindo as laterais do rosto. — Vamos sair juntos hoje pela segunda vez.

— Uhhhh! — nós três batemos palmas e assoviamos do nosso lado da câmera, o fazendo corar ainda mais. — Vamos estar na torcida aqui por você, bonitão! — é Blake quem fala primeiro.

— Melhor partido na Índia não há! — eu falo em seguida, motivando-o.

— Você consegue conquistá-la, meu amigo, sei que consegue. — Alex é o último a falar.

— Obrigado. — ele sorri baixando os olhos. *Meu Deus, Ravi está mesmo apaixonado! É o marco de uma era!* — Nós aqui desejamos também de todo o coração que vocês aproveitem bastante por aí, nessa sua viagem dos sonhos. Meu peito se enche de alegria em saber que almas tão bonitas finalmente se encontraram.

Olho para Alex que segura apertado minha mão e, em seguida, me viro para a tela de novo, os olhos cheios de lágrimas.

Ele se curva em despedida.

— Om Shanti, meus amigos.

E respeitosamente nos curvamos do outro lado também, o coração acelerado, feliz por amigos a centenas de quilômetros de distância que ainda se fazem tão especiais.

— Shukria.

E desejo do fundo do coração que ele encontre tanta felicidade quanto a que me proporcionou quando entrou em nossas vidas.



Eu acordo no dia seguinte com o som absurdamente alto de um galo, sim, um galo, cantando.

— Pelo amor de Deus, alguém desligue esse bicho! — cubro a cabeça com o travesseiro e Alex ri ao meu lado.

— Você sabe que galos não tem nenhum tipo de botão de desligar, né?

Abro um olho e sorrio.

— Não custa nada tentar.

Ele se vira na cama e apoia a cabeça na mão para me observar, seu cabelo cai rebelde sobre a testa.

— Eu bem que te avisei, garota da cidade, é assim como as coisas são por aqui. Bem-vinda à fascinante e incontrolável natureza selvagem.!

Eu atiro o meu travesseiro na cabeça dele, o fazendo rir. — Ahã! Lá vem você se achando o rei da selva só porque mora num haras! Isso não é bem uma selva, sabia?

— Vai me chamar de mauricinho de novo? — sua sobrancelha se ergue em desafio.

Abro um sorriso.

— Quer apostar nisso?

Num movimento rápido ele me puxa para uma rodada de cócegas e rolamos na cama, bagunçando os lençóis e derrubando os travesseiros no chão.

— Para, para! – eu arfo entre risos quando ele sobe em cima de mim e prende meus braços acima da cabeça, me imobilizando por completo, um sorriso safado desenhado em seu rosto.

— Quando é que você vai aprender que não pode comigo, mulher?

Suspiro.

— Eu espero que nunca... — e aproximo o rosto do dele o beijando lenta e apaixonadamente.

Quando minha boca se descola da dele, é ele que suspira atordoadado.

— Bom dia. — digo.

— Bom dia, minha rosa. — sua mão desliza até a curva da minha cintura a outra ainda segurando minha mão acima da cabeça. — Pronta para um dia no lar dos Summers?

O convite desperta aquelas criaturinhas mágicas e borbulhantes em meu estômago.

— Dê-me meu macacão e minha banqueta que estou pronta para ordenhar vacas!

Seu sorriso zombeteiro se alarga. — Até que isso não me parece uma má ideia...

— Ei, eu estava só brincando! — bato em seu braço e ele solta uma risada. É o sorriso mais bonito do mundo.

— Relaxa, eu não vou te botar para trabalhar nas suas férias. — ele me tranquiliza, alisando sem pressa meu cabelo com os dedos, enganchando-o neles como se quisesse se prender ali — Infelizmente eu só vou estar livre dos meus afazeres daqui a uma semana.

— Mas hoje é domingo.

— É. — seu sorriso se alarga radiante. — Eu sou mesmo um cara de muita sorte. — então olha para a porta. — Está com fome?

— Oh, sim... mas de algo que você faz muito melhor que comida.



Depois de começar o dia maravilhosamente bem, tomar banho - separados e respeitosamente, uma vez que Alex não ocupa a suíte da casa e o banheiro é usado também por Blake (não queremos traumatizar o garoto), volto para o quarto e visto um vestido verde de mangas compridas soltinho e botas de cano alto.

Enquanto Alex calça sua botina, admiro a sua estante recheada de livros por um momento, a única ostentação em seu quarto tão modesto e abnegado.

Há dezenas de livros de veterinária, ensino da língua portuguesa e clássicos da literatura como Fahrenheit, 1984, A revolução dos bichos, Admirável mundo novo e a coletânea completa de obras de Shakespeare. Mas o que mais me chama atenção é a prateleira do topo, onde um autor se destaca.

— Não sabia que Antoine de Saint-Exupéry tinha tantos livros publicados. — comento tocando as edições encadernadas de obras dele que desconhecia, tal como Cidadela, Voo Noturno, O aviator e Terra dos Homens.

— Sim, ele tem. — Alex se levanta e me abraça por trás, cheirando meu cangote. — Não são tão famosos como O Pequeno Príncipe, mas tem mensagens bem bonitas neles também. Aqui. — ele pega um dos livros aleatoriamente e abre, acredite, num marcador. — “Os contos de fadas são

assim. Uma manhã, a gente acorda e diz: ‘Era só um conto de fadas...’. E a gente ri de si mesmo, mas no fundo, não estamos sorrindo. Sabemos muito bem que os contos de fadas são a única verdade da vida.”. — recita pra mim e, sim, acho que meu coração, alma e corpo acabaram de derreter como neve no verão.

— É mesmo muito lindo. — olho para ele e me perco por um momento no azul oceano de seus olhos.

Ele sorri colocando o livro no lugar.

— Pode pegar o que quiser aqui. Não é uma biblioteca de contos de fadas, eu sei, mas são todas obras que li e me marcaram de alguma forma. Compartilhá-las com você é especial, é como ter alguém para habitar os mesmos mundos que um dia habitei.

E é comprovado: *Não existe mesmo limite para quantas vezes você pode se apaixonar por alguém.*

Toco o seu braço e seus olhos encontram os meus novamente. Há tanto fogo, tanto desejo, tanto respeito, admiração e amor guardados ali.

— Juro, se me olhar assim por mais um segundo não sei se um dia conseguiremos sair desse quarto... — ele me adverte cauteloso e eu dou risada.

— Depois eu sou a insaciável dessa relação.

O sorriso dele se alarga, aquelas linhas ao redor dos olhos que tanto amo dando o ar da graça. — Vamos tomar café, madame?

— Desde que não tenha preparado mais daqueles biscoitos...

— Pode respirar aliviada. — ele revira os olhos divertido. — *Nada de biscoitos dessa vez.*

Chegamos à cozinha, que cheira a café recém-coado e pão quentinho. Blake está sentado na mesa com um chapéu de caubói na cabeça lendo jornal.

— A garota da cidade dormiu bem? — pergunta daquele jeito divertido dele.

— Essa garota aqui dormiu maravilhosamente bem. — me espreguiço com um sorriso.

— Exceto o galo. — Alex comenta de lado puxando a cadeira para eu me sentar.

— Ei, não me dedure! — faço careta, me sentando, mas Blake levanta os olhos do jornal, um brilho de humor estampado neles quando sorri.

— O que tem o galo?

Alex contém o sorriso. — Ela queria que eu *desligasse* o galo.

Eles se entreolham. Um segundo de contenção dos dois e então caem na gargalhada. *Tá, talvez eles não sejam tão divertidos assim...*

— Moça, sinto lhe dizer, mas acho que você vai ter sérios problemas por aqui. — Blake diz se recuperando do riso às minhas custas.

— Estou vendo. — reviro os olhos aceitando a zoeira deles. — A começar pelos dois engraçadinhos aí pegando no meu pé.

— É um belo pé. — Alex se justifica beijando minha bochecha e se sentando ao meu lado para se servir de uma porção de ovos mexidos.

— E aí, qual a programação de hoje? — Blake pergunta, largando o jornal na cadeira e nos dando total atenção.

— Pensei em levar a Vanessa para a sua primeira aula de montaria. — Alex revela olhando para mim como se esperasse um aceite.

— O quê? Você nunca montou a cavalo?! — Blake arregala os olhos espantado com a notícia.

Nego com um tímido movimento de cabeça.

— Meu Deus.... — ele puxa o chapéu para baixo em uma rápida condolência. — Essas pessoas da cidade não sabem mesmo a vida que estão perdendo! Não acredito que você não ensinou a ela antes?

Alex levanta os ombros. — Não é como se ela tivesse um cavalo na garagem do apartamento.

— Ei, para o seu governo o meu carro tem mais de sessenta deles e vem com um cinto de segurança!

Blake olha pasmo para mim.

— Sério, você tem que levá-la urgentemente. — diz se voltando para o irmão.

— Ou, qual é! — me defendo ofendida. — Minha piada nem foi tão ruim assim...

Os dois se viram ao mesmo tempo pra mim, as sobrancelhas erguidas com ironia. *Tão, tão iguais...*

— Chatos. Vocês não entendem... posso ser um desastre quando se trata de cavalos...

— Garanto que você vai adorar, podemos cavalgar juntos até o riacho! — Alex propõe entusiasmado segurando minha mão. — O que me diz?

Meneio a cabeça considerando, os dois estão me olhando como se eu fosse uma alma pagã que querem converter. — Aff!! Tá bom, vocês venceram. Vou dar uma chance aos cavalos.

— Aleluia! — Blake comemora e se levanta da mesa num impulso. —

Bom, desejo um ótimo passeio pra vocês.

— Ei, você não vem com a gente? — pergunto de repente confusa.

— Desculpe, cunhadinha, mas um garoto tem suas ocupações.

— Misterioso...

— Bem, você curtiu com o meu irmão... — então pisca com um ar sedutor pra mim. — vai que cola comigo?

Alex estreita os olhos, passando o braço protetor pelos meus ombros. — Tira o olho, ô, espertinho. A moça aqui tá comigo.

— Só tô dizendo Vanessa, — Blake vai se afastando devagar da mesa. — Ainda dá tempo de mudar de ideia...

Ele dá uma carreira quando Alex cata a primeira coisa que encontra sobre a mesa e atira nele.

— Ow, perai! — Blake reclama ao ser atingido em cheio pelo projétil, massageando a cabeça com dor. — Tacar pedra é golpe baixo!

Mas então prendo a respiração ao olhar para a bandeja de onde Alex tirou a coisa e choramos de rir ao descobrir que não foi uma pedra o que ele tacou.

Foi o seu biscoito.



Após o café da manhã regado a leite de vaca, como Blake sabiamente me instruiu a fazer, Alex me puxa pela mão, me levando até os estábulos, uma ampla construção de madeira a cerca de cinquenta metros da casa.

— Aqui. — ele aponta animado para uma das baias. — Quero que conheça o Traveller.

Observo fascinada o puro sangue inglês todo musculoso, o pelo preto brilhante, a crina volumosa e bem cuidada.

— O seu cavalo? — lembro de nossas conversas.

— O próprio. — ele assente orgulhoso.

Dou um passo à frente.

— Ele é tão lindo. — deslizo a mão em seu focinho e ele relincha amigável, sua pele me transmitindo calor apesar do frio.

Alex cruza os braços contra a viga, fingindo checar as unhas. — Como o dono, suponho.

— Um pouco mais modesto. —provoco e ele abre um sorriso.

— Ah, isso é porque você ainda não o viu jogando a crina quando corre, sério, parece até uma diva!

Dou risada e olho ao redor curiosa.

— Qual desses é do Blake?

Alex coloca as mãos nos bolsos, a cabeça baixa. — Era a Hope, mas ela morreu no mês passado. Desde então Blake não monta o mesmo cavalo por mais de um dia seguido. Acho que não quer se apegar novamente.

— Que triste. — Literalmente a esperança dele morreu.

— É, é bem triste sim... ele amava aquela égua, foi meu pai quem deu para ele quando ainda era vivo.

Uma lágrima corta meu rosto sem nenhum aviso por aquele garoto que perdeu tudo tão cedo.

— Não, não... — Alex se exaspera em secá-la. — Não quero que fique triste, quero que esse seja um dia bom. — e então pega minha mão me puxando para duas baías adiante. — Vem, deixa só eu te mostrar a égua que reservei para você montar. Vanessa, te apresento à Destiny.

Olho encantada para o animal de olhos amendoados que me encara de volta. Sua pelagem tem um apaixonante tom de caramelo, com crina e rabo castanho-avermelhados e uma marca branca na testa.

— Olá, Destiny! — a cumprimento com um carinho no dorso e ela esfrega a cabeça no meu braço em resposta.

— Acho que ela gostou de você. — Alex sorri ao meu lado. — Vem, eu te ajudo a montar nela.

Fico repentinamente insegura.

— Mas eu não sei montar. — argumento.

— Fica tranquila, eu te ajudo.

Ele me oferece a mão e, com o coração palpitante, a aceito. Então Alex e eu entramos na baía e ele envolve minha cintura com seus braços fortes, me levantando em direção ao cavalo.

— Passe sua perna por cima do lombo dela. — ele instrui e assim o faço, me sentando na sela e buscando logo a guia para me segurar. *Caramba, é tão alto daqui de cima!* — Isso, perfeita!

— Obrigada.

— É um prazer! — ele se curva cavalheiro e pega a guia, nos levando para fora da baía. — Bem, agora é minha vez. Me espere aqui, madame.

Como se eu conseguisse sair sozinha...

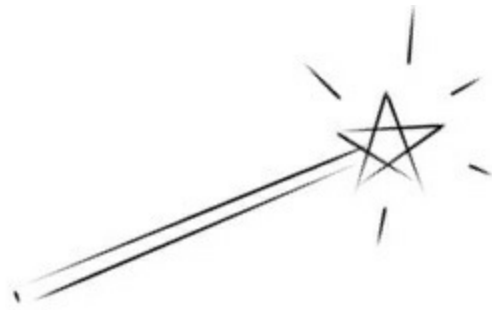
Ele então guia Traveller para fora da baía e, num impulso perfeito, o monta.

— Pronta para dar um passeio? — pergunta se virando para trás.

E meu coração dispara.

Acho que me apaixonei de novo pelo meu príncipe de cavalo negro.

— Pronta como nunca estive na vida. — respondo.



Cavalar é uma atividade surpreendentemente boa, descubro horas depois. O trotar do cavalo dá uma sensação de calma, de liberdade e de conexão com a natureza. Alex é um exímio cavaleiro e, de quebra, se revela também um excelente professor.

Sem pressa e com toda a paciência do mundo, ele me acompanha num tour pela propriedade, visitando além dos estábulos e da horta, a moderna pista de treino indoor, a pista de corrida externa e o centro médico veterinário. Alex me conta durante o passeio que o terreno original se restringia apenas a área da casa e da horta, mas ele foi comprando os anexos quando começou a ganhar dinheiro com o negócio. Pela extensão que o lugar tem agora, vejo que Alex teve bastante êxito.

— O que acha de conhecermos o lago? — ele propõe quando acabamos de explorar os limites da propriedade.

Eu sorrio e assinto em positivo.

Quero ver tudo o que esse lugar maravilhoso possui.

Nós saímos da fazenda e pegamos uma estrada de terra, cavalgando em uma corrida animada até chegar à uma trilha cercada de vegetação alta. Desaceleramos e, é ali, passando por baixo de galhos e abrindo cuidadosamente a folhagem com as mãos, que avisto uma linda e bucólica clareira. No centro dela, o lago cristalino de que Alex falara.

Em um movimento elegante, ele desce do cavalo.

— Vem, eu te ajudo! — oferece erguendo os braços.

Eu fecho os olhos e pulo e, como não podia deixar de ser, ele me pega.

Alex sempre me pega.

— Você continua cumprindo sua palavra. — relembro da promessa que fez pra mim no Parque Lage. — Prometeu nunca me deixar cair.

Ele toca uma mecha do meu cabelo. — Estou sendo cuidadoso. Se você quebrar, Vanessa, eu quebro junto.

Beijo a ponta do seu nariz e ele segura minha mão como um garoto apaixonado me guiando com ele pela clareira. Traveller e Destiny vêm junto e quando chegam à margem, se inclinam para beber água.

— Não é bonito? — ele diz se sentando na margem e descalçando as botinas para pôr os pés na água. A ideia me parece excelente.

Sento ao seu lado, fazendo o mesmo com minhas botas e meias. — Lindo.

— Obrigado.

O acotovelo.

— Então você é rico. — comento casual.

Ele ergue os ombros como quem não liga. — Eu não me sinto rico.

— Eu sei. Mas você fez um bom trabalho aqui, seus pais ficariam orgulhosos.

Ele olha para o lado e percebo que ouvir isso o emociona.

— Está tudo bem? — boto a mão atenciosa em seu ombro.

— Entra comigo? — ele propõe maroto ao invés.

— Mas eu não trouxe biquíni.

— E como é que isso te impede?

— Bem, pra começar, eu não posso entrar aí de roupa, espertinho, e fora isso está um frio dana...aaaaaaaaaaaaaaaa! — sequer consigo terminar a frase, pois Alex me agarra e pula comigo de roupa e tudo dentro do lago azul, espirrando água para tudo quanto é canto. — Brrrrr... Eu não acredito que você fez isso! — arfo trêmula emergindo, meus dentes batem de tanto frio, o cabelo parece uma cortina aberta sobre meu rosto. — Eu vou congelar aqui! E como vou pra casa toda molhada e ... — olho para Alex, seu rosto parcialmente submerso. — Você... brrrr... não vai falar nada?

Então ele balança a cabeça e ergue o queixo para cuspir um jato de água gélida em mim.

— HÁ, SEU SAFADO! Você vai ver só! — num impulso de revanche, pulo sobre sua cabeça e o afundo na água, ele me agarra pela cintura me lançando outra vez como uma bomba para longe. Subo a superfície determinada a me vingar daquele inglês e começamos a brigar e, de início, é

divertido, mas então estou plenamente ciente da minha pele na dele, da proximidade de nossas bocas e, de repente, o frio se torna calor. Estou queimando contra ele, mais que isso, estou fervendo.

Deus, como ansiei por isso.

— Eu não saí com mais ninguém desde que te conheci. — ele revela acariciando o meu rosto com a ponta dos dedos e sinto arrepios e contrações percorrerem meu ventre com o simples toque. — Só conseguia pensar em você, querer você, tocar você. Eu te venero, Vanessa... você é meu mundo.

Sorrio e meus olhos transbordam de tanta emoção, deixando pender uma única lágrima. Eu sei bem o que ele quer dizer, depois de Alex nenhum outro beijo, nenhum outro corpo pareceria certo. Ele é certo.

E ele está aqui.

Nós dois estamos.

Sua boca encontra a minha com desejo ardente e então afundo meus dedos em seu cabelo e enlaço as pernas com força em torno de sua cintura. Ele me encosta contra a margem, os braços másculos me prendendo ali, me pressionando contra seu corpo enquanto percorre os lábios por todo o meu pescoço, me enchendo de beijos e me fazendo arquejar, suspirar e tremer quando sua língua brinca em minha pele, em ondas de prazer tão intensas e reais que me desconcertam e me fazem perder o tino.

Mas isso ainda não parece ser o bastante. Quero mais, preciso de mais.

Afoitas, minhas mãos descem pelo seu abdômen e encontram o botão de sua calça jeans, ao mesmo tempo que as dele se livram da minha lingerie e então, em um movimento perfeito, ele me preenche e eu apenas fecho os olhos e vou para algum lugar no Nirvana do qual nunca mais quero sair.

Quando abro os olhos, Alex está abrindo os imensamente azuis dele também, um sorriso de alívio e prazer de roubar o coração ganhando seu rosto. E então ele se move, se lançando contra mim, num ritmo cadencial, sem me soltar, sem tirar os olhos dos meus, sorvendo com satisfação cada onda de prazer que me causa, da mesma forma que sondo as dele quando me invade e me reivindica para si.

E é maravilhoso... é perfeito.

Quando ele faz aquela última investida que se prolonga por um minuto inteiro e geme afundando a cabeça em meu ombro, eu poderia de fato morrer naquele instante e morreria perfeitamente feliz.

— Eu te amo. — o abraço apertado, os dedos afundados em seus cabelos rebeldes, a respiração entrecortada.

— Eu também. — ele sorri de leve e levanta a cabeça, encostando a testa na minha. — Nunca mais quero sair de dentro de você. — e então seus olhos se arregalam e ele se afasta. — Woowow, caramba!

— O que foi, Alex?! — me aflijo também quando ele leva a mão à cabeça parecendo ligeiramente desesperado.

— Putz... caramba, caramba.... Olha, Vanessa, eu não estou querendo ser estraga-prazer aqui, foi maravilhoso, mas... é que... — ele se embola todo nas palavras e começo a ficar roxa de ansiedade.

— Fala logo!

Ele para me se mexer de um lado pro outro e me olha significativo. — A gente meio que se esqueceu de usar algo... *Algo importante*.

Ele sustenta o olhar por um segundo e então prendo a respiração.

Uau, é verdade! Eu fiquei tão envolvida no momento que nem me dei conta disso. Nós transamos, mas não usamos proteção dessa vez. Esquecemos totalmente a camisinha.

Tento me acalmar e faço as contas mentais.

— Espera, espera... vamos ser pragmáticos. Você tem alguma doença venérea? — ele faz que não com a cabeça confirmando o que eu já supunha. — Ótimo, nem eu. Então, eu estou limpa, você está limpo e, tenho certeza que gravidez não é um problema porque não estou no meu período fértil.

— Não está? — há a ansiedade na pergunta e outra coisa que não consigo identificar.

— Com certeza não, Alex. Menstruei há menos de uma semana, o período fértil começa a partir do décimo primeiro dia.

Ele acena, parecendo absorver aquilo.

— Certo... Nossa, eu sinto muito, Vanessa... não queria trair sua confiança. Eu nem me liguei na hora, não pensei...

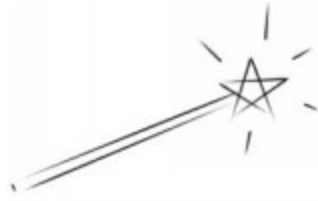
— Que isso, Alex, nós dois agimos por instinto. Sou tão culpada quanto você por não segurar meus hormônios. — e então brinco roçando minha perna na dele provocante. — Também, o que eu poderia fazer? Fui fisgada no momento em que você tirou suas botinas. Quem mandou ter solas dos pés tão irresistíveis, inglês?

Ele ri e aquilo que estava nublando seus olhos se dissipa um pouco.

— Eu disse a você que se apaixonaria por elas. — provoca e me puxa pela cintura de novo me prensando contra o seu corpo já animado outra vez. — Décimo primeiro dia então, você disse?

Eu confirmo com um aceno ao seu sussurro.

— Ótimo. Então eu não vou me desculpar nem um pouquinho dessa vez.
— diz voltando a me beijar sedutor.



Entro no pequeno armazém da vila meia hora depois, totalmente embaraçada por estar molhada da cabeça aos pés. Alex está do lado de fora do estabelecimento, amarrando os cavalos enquanto busco algo fresco para o nosso jantar porque, venhamos e convenhamos, não é só de leite de vaca que sobrevive um ser humano, embora Blake argumente que tenha se saído bem com isso.

Já enchi metade da cesta com suprimentos, mas, quando estico o braço pingando para pegar uma bandeja de contrafilé, um cara loiro, mais ou menos da minha idade, me olha confuso.

— Ué, está chovendo lá fora? — ele tenta espiar a porta de onde estamos.

Eu sorrio corando dois tons. *E lá vamos nós de novo...*

— Na verdade, não. Eu meio que... bem, eu meio que caí no lago.

Ele franze a testa confuso, mas então acho que percebe que não caí coisa nenhuma e começa a esboçar um sorriso.

— Ah, claro! — balança a cabeça assumindo um falso ar de seriedade.
— É realmente um lago muito traiçoeiro esse que temos aqui em Surrey, atacando moças inocentes do nada. — então sorri e me estende a mão. — Prazer, eu sou o Garret.

Sorrio envergonhada e estendo a mão ensopada. — Vanessa.

— Seu sotaque não é inglês, Vanessa. — ele aperta os olhos esverdeados, me sondando curioso enquanto caminho pelas prateleiras. — De onde você é?

Pego um pacote de massa no meio do caminho. — Brasil.

— Sério? Eu adoro o Brasil! — ele se anima todo com a informação. — Sempre quis conhecer a terra do futebol!

— Será bem-vindo quando for.

Ele se encosta contra a prateleira. — Onde está hospedada?

Nisso a porta do armazém se abre e Alex entra por ela. A expressão sorridente dele ao me ver se fecha no momento em que avista o homem à

minha frente. Retorno o olhar para Garret para, embasbacada, ver também sua expressão se transformar no mais puro ódio.

Ei, alguém me atualize: Que diabos está acontecendo aqui?!

— Ah, claro! Entendi. — Garret larga as próprias compras no chão com desprezo quando Alex se aproxima de mim de um jeito protetor que eu não conhecia. — Se quer um conselho, Vanessa, o lago é o menor dos seus problemas. Temos perigos muito piores aqui em Surrey.

Ele e Alex trocam um olhar mortal antes de Garret sair, batendo a porta.

— O que foi isso? — pergunto bem zozza com os últimos acontecimentos.

Alex balança a cabeça ainda tenso e pega uma garrafa de vinho aleatoriamente. — Lembra de eu ter te contado sobre a briga que tive na adolescência que me fez sair de casa?

É óbvio que me lembro.

Um garoto no colégio xingara sua mãe logo após ela ter falecido e Alex partiu para briga com ele. A coisa foi feia, eles só foram separados pela polícia e seu pai ficou muito decepcionado com ele, tanto que Alex se revoltou e saiu de casa, só retornando anos depois com a notícia da doença do pai.

Assinto engolindo em seco.

Sei que esse é um assunto difícil para ele.

— Bem, foi esse imbecil que começou. — conta, colocando irritado as compras em cima do balcão.

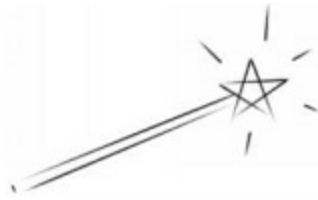
Toco seu braço com suavidade.

— Vocês eram crianças, Alex... — tento acalmá-lo enquanto tira o dinheiro encharcado da carteira para pagar. — Isso já faz tanto tempo, por que não deixar isso pra trás...

— Você não entende, Vanessa... — ele aperta as têmporas como se sentisse dor de cabeça enquanto o atendente embala as compras. — Meu pai morreu dois dias depois de eu ter voltado pra casa. Dois dias! — frisa magoado e seus olhos azuis turvam pela presença de lágrimas. — Sabe, esse tempo todo que perdi com ele, eu não teria perdido se não fosse por conta daquele babaca. Por Deus, eu tinha acabado de perder minha mãe e ele a chamou... a chamou de... — ele sequer consegue repetir a palavra e imagino quão dura foi, quão duro ainda deve ser para Alex. — Ele me tirou do sério, Vanessa, me fez perder a razão, me fez perder tempo... tempo que não volta mais.

Vejo que Alex se abala um pouco ao dizer isso. É uma perda que ele ainda carrega e é pesada, pesada demais, mesmo depois de tantos anos.

O abraço em silêncio e não insisto mais na ferida, embora ache que ele deva deixar isso para trás. O fato é que temos bem pouco tempo juntos e não quero estragá-lo abrindo nenhuma caixa de Pandora sem necessidade.



Pontualmente às seis horas da manhã, Dom Cornelius, o galo – sim, esse é o nome do meliante, sobe majestoso em seu poleiro e, cercado de seu fã clube de galinhas, canta a plenos pulmões.

Cubro a cabeça com o travesseiro ao ser despertada.

— Eu juro por tudo que é mais sagrado que se você não parar, vou pegar uma escopeta, um punhado de arroz, batata e cenoura e fazer uma bela canja contigo hoje, seu...

Escuto a risada de Alex ao meu lado. — Bom dia para você também, assassina de penosos.

Abro os olhos. Ele já está de pé, banho tomado e vestido com seu jeans e camisa de flanela vermelha e preta. — Aonde você vai?

— Trabalhar. — responde desgostoso e então me lembra. — Hoje é segunda.

Me sento na cama frustrada, de repente o quarto parece frio

— Posso ir junto?

— Para o haras?

Assinto animada.

— Você quer me ver trabalhando? — ele pergunta ainda incrédulo. *E macaco por acaso quer banana, meu amigo?*

— O que posso fazer? – visto a minha melhor cara sexy e engatinho na cama em sua direção, o segurando pela gola da camisa. — Você pode ser bem sensual quando suado e sujo...

— Oh, Deus... Ok, — ele arfa se segurando para não pular em cima de mim e passa a mão nervoso pelos cabelos. — se assim deseja, prepare seu macacão e botas de trabalho, senhorita.

— Certo! — me entusiasmo toda pulando da cama só de calcinha e

camiseta, mas então paro no meio do caminho, dando meia volta. — Se bem que....

— Se bem que o quê? — ele levanta aquela sobrancelha característica.

Ando mais alguns passos em sua direção e ajeito com falsa inocência a gola que baguncei segundos antes. — Será que seu chefe se incomodaria se você se atrasasse uma... meia horinha?

Mordo o canto do lábio de forma provocante e acho que Alex até parou de respirar acompanhando o movimento, minhas mãos deslizando insinuantemente sob a sua camisa.

— Pro inferno, acho que tenho uma boa relação com o cara. — ele brinca, arrancando a camisa e se atirando comigo de volta para a cama.

Passo o dia vendo Alex trabalhar no haras. Apesar de dono, descubro que o inglês está longe de ser um mauricinho, como costumo implicá-lo de ser. Não que isso seja uma surpresa, mas constato que ele mete mesmo a mão na massa, trabalhando mais do que qualquer um de seus empregados, colocando corpo, alma e coração no que faz.

É bonito de se ver... e também um tanto engraçado.

Bem, isso porque fica cristalino depois de poucas horas que a minha presença tira completamente o foco e a atenção dele. O dia mal começou e já o vi tomar um verdadeiro banho enquanto lavava um alazão por se distrair ao olhar pra mim, ser arrastado por metros por outro porque ficou flertando comigo do outro lado da cerca e perder um bom tempo tentando me mostrar o cavalo que ensinara a sambar e que não sambava.

Não sei, começo a acreditar que o equino era tímido.

À tarde, uma loira fenomenal chega montada num vistoso corcel negro. Ela é alta e magra e tem um daqueles narizes que parecem esculpidos a dedo de tão perfeito. Pelas roupas, botas e joias de marca que usa, sei que a garota é rica.

Eu já disse como ela é linda?

Meu estômago se contorce desconfortável. Não sei não, mas acho que o bichinho verde do ciúme está me consumindo agora.

Alex a recebe com simpatia e ela ri, tocando-o demais nos braços enquanto ele examina o seu cavalo no centro médico veterinário. Acho que ela não entendeu direito quem é que está examinando quem e estou doida para ir lá e explicar, mas aí me lembro que não posso. Não tenho o direito de bancar a namorada ciumenta, porque não sou de fato a sua namorada.

Minha relação com Alex não é oficial.

Mais para o final do dia, depois que a loira - que nem posso chamar de oxigenada porque seria puro despeito do bichinho verde dentro de mim – vai embora, Alex é chamado às pressas para um parto complicado nos estábulos e o assisto a distância, tentando não o atrapalhar pelo menos naquele momento tão, literalmente, vital.

Ele rapidamente imobiliza a égua prenha e então a ergue com uma tala suspensa com a ajuda de dois assistentes. Em seguida, enluva o braço e começa a puxar o filhote do seu interior com todo o cuidado do mundo. O esforço que Alex faz é gigantesco e dá pra ver como Alex se importa e se preocupa com aquela vida que ainda nem veio ao mundo. *E como se importa com a mãe.*

Há respeito ali.

Quando finalmente consegue tirar o potrinho sã e salvo, Alex faz um carinho atencioso na mãe e se abaixa para ajudar o filhote a terminar de rasgar a bolsa.

Então pega aquele frágil e ainda desengonçado serzinho no colo e olha para mim com um sorriso.

E é lindo ver sua felicidade.

Bem, isso até ele se levantar animado para vir me mostrar e a égua, assustada com o movimento repentino, lhe dar um baita coice bem na cara.

— Nossa, isso com certeza doeu! — comento com dó colocando gelo no lugar em que provavelmente surgirá um grande e roxo hematoma. Estamos no sofá de casa, o expediente acabou tendo que ser encerrado meia hora mais cedo em virtude dos últimos acontecimentos.

— Que isso, não foi nada... — Alex tenta disfarçar e o riso nervoso me escapa.

— Alex, pelo amor de Deus, você acabou de ser nocauteado por uma mãe saindo de trabalho de parto usando uma ferradura. Nem se você fosse o Superman isso teria sido indolor.

Ele se permite rir também, deitado em meu colo, sobre o sofá. — O que achou da experiência de me acompanhar num dia de trabalho, madame?

Eu abaixo a bolsa de gelo e faço carinho nos cabelos dele com a mão livre. — O trabalho aqui no haras é lindo, Alex, você realmente ama muito o que faz.

— É... eu amo. — ele sorri com candura e une a mão com a minha,

olhando nossos dedos entrelaçados. — Mas as vezes eu olho para esse lugar e acho que não estou fazendo o melhor com ele. Sinto que sou um bom veterinário, mas um péssimo administrador.

— Você não é, já fez muito por esse lugar. — sorrio orgulhosa tocando seu rosto com a mão livre e ele sorri de volta. — Mas sim, concordo que esse lugar tem muito potencial. Alguma vez já pensou em expandir as atividades?

Alex ergue o dorso, ficando de frente para mim. — Como assim expandir?

— Como abrir uma escola de hipismo, por exemplo. — sugiro casualmente, tirando o cabelo de cima do machucado. — Você é um excelente professor. Olhe ao seu redor, o que não falta aqui são cavalos que precisam se exercitar e espaço de sobra para tornar a experiência de cavalgar encantadora. Sou testemunha viva disso.

Ele parece pensar a respeito.

— É mesmo uma excelente ideia, Vanessa, mas a parte burocrática de uma escola me assusta um pouco... tratar com gente de terno é muito mais difícil do que lidar com bichos.

— Não é difícil, Alex. É uma questão de prática.

— Diz isso porque é sua especialidade. — ele aperta o meu nariz carinhoso. — Você é a mulher de negócios, Vanessa, aquela que faz as coisas acontecerem.

— Fico lisonjeada que me veja assim.

— Te vejo de muitas formas — e então me puxa para perto e salpica beijos em meu rosto me derrubando no sofá. — e amo muito cada uma delas...

— Ei, ei, ei! — somos interrompidos de supetão pela chegada de alguém em casa. — Vamos parar com esse agarramento público aí, que eu tô de volta.

— Hey, Blake! — me recomponho, passando a mão no cabelo e me sentando direito novamente. — Como foi seu dia misterioso?

— Não ruim... — ele meneia a cabeça e então contém um sorriso ao ver o galo crescente na testa de Alex. — Mas pelo visto você aproveitou bastante o seu mostrando para o meu irmão quem manda nessa relação, né?

Dou risada. — Não fui eu, seu bobo! Foi uma égua.

— Uma égua... sei. — ele finge acreditar, se aproximando e se sentando ao meu lado no sofá. — Olha, se quiser que eu confirme essa versão para a polícia vai ter que me dar algo em troca, cunhadinha.

Quando ele coloca o braço provocador sobre meus ombros, Alex tasca um tabefe na cabeça dele. — Tô machucado, mas não morri, tá?!

— Au! — Blake geme e sorri massageando o cocuruto. — Quer saber? Pode deixar, Vanessa, eu confirmo tudo o que disser. Se quiser dar outro agora, podemos dizer até que a égua estava grávida!

— Mas ela estava! — rio pensando na ironia da coisa, mas ele apenas ri dizendo “Claro, claro” e pisca para mim antes de sair da sala.



Na terça-feira, Dom Cornelius sobe ao poleiro e canta como se fosse o próprio Pavarotti na Terra, o céu ainda escuro da madrugada.

— Droga! — dessa vez é Alex quem geme ao meu lado, cobrindo a cabeça com o cobertor.

— Rezando por um botão de desligar ou uma escopeta agora, não? — não resisto à piada.

Ele vira de lado e abre um olho, me encarando sob as cobertas espessas de lã. — Eu não quero ir trabalhar... — e aconchega o corpo no meu, me envolvendo toda num abraço quentinho. — Quero ficar nessa cama com você o dia inteiro.

Bem, por esse ângulo, a ideia soa mesmo perfeita.

Ah, realidade... às vezes eu te amo... às vezes você me mata.

— Eu sei, Alex, e eu amaria isso imensamente, acredite. — digo com algum vestígio de bom senso, apesar do meu corpo ansiar que eu banque a louca pervertida o acorrentando nessa cama comigo para todo o sempre. — Só que infelizmente você não pode deixar de lado os compromissos que assumiu. Eu sabia que seria assim quando aceitei vir antes, mas preferi ter essa semana a mais com você do que não ter.

— Aghh... Ok, ok... — ele inspira profundamente em meus cabelos. — Vamos então, vou tentar te dar mais atenção hoje.

— Mais atenção? — dou risada em seu pescoço. — Ontem você estava tão distraído com a minha presença que foi nocauteado por uma ferradura, esqueceu, Alex?

— Aquilo não foi nada... — ele tenta desconversar, beijando meu pescoço, mas não o permito negar a verdade. Decidi ontem que, embora

tenha sido muito legal assisti-lo em seu ambiente de trabalho, não posso acompanhar Alex todos os dias ou o haras vai se tornar um verdadeiro caos apocalíptico.

— Amo ficar perto de você, minha raposa, amo mesmo. — digo dedilhando a tatuagem em suas costas com carinho. — Mas esse é o seu trabalho e sei como o leva a sério. Não quero te atrapalhar enquanto estou aqui.

Ele balança a cabeça relutante. — Mas eu não quero te deixar sozinha.

— Sou uma garota crescida. — descanso a mão em seu rosto, sentindo a aspereza sedutora da barba por fazer contra a minha pele. — Acredite, vou ficar bem.

Ele coloca os braços ao meu lado e fica sobre mim, o cobertor se erguendo um pouco e o frio arrepiando todo o meu corpo. — Então deixe-me apenas garantir um bom começo de dia.

Bem, talvez não seja o frio me causando arrepios.

Após uma boa ducha e a troca de roupa, nós seguimos de mãos dadas em direção à cozinha.

— E aí, preparada, Vanessa? — Blake pergunta largando o jornal na mesa assim que entramos no ambiente.

— Preparada? — franzo o cenho confusa.

— É, preparada para quê? — Alex pergunta desconfiado, se servindo de um pouco de chá com leite.

Blake se levanta e reparo que tem quase a altura do irmão mais velho. Ele estala as mãos. — Ora, fique tranquilo, proletariado. Hoje vou levar a moça fina aqui para dar um rolé comigo pela região.

Alex cruza os braços e um sorriso brincalhão se desenha em seus lábios cheios. — Pois é agora que eu fico mais preocupado ainda!

— Relaxa, maninho! — Blake dá tapinhas nas costas do irmão mais velho. — Já fiz toda a programação, ela vai adorar.

— E, por acaso, você não teria aula hoje, maninho?

Blake dá de ombros. — Para a sua ciência, hoje é dia de tortura. E você sabe muito bem que, como bom democrata sou, contra qualquer tipo de tortura.

Alex o olha com censura.

Blake inclina a cabeça de lado com seu sorriso torto.

— Sejam sinceros, Alex, já sabemos muito bem que eu e esportes

sociais não combinamos. Você me criou entre bichos, como poderia ser diferente?

Alex balança a cabeça com diversão. — Simplesmente não entendo... Como pode odiar tanto educação física? Geralmente essa é a matéria preferida de todo mundo... Não é como se você fosse um sedentário ou preguiçoso.

— É só a minha maneira de protestar contra a ditadura das coisas. Para mim não há nada mais idiota do que um monte de marmanjos correndo atrás de uma bola, a essência é sempre a mesma, basquete, squash, queimado, golfe, sério, as pessoas precisam descobrir formas melhores de aproveitar seu tempo.

Alex olha para ele avaliativo, mas como imaginei assente.

— Ok, mas é só hoje, viu?

— Com esse charme? — ele ri. — Um dia é mais que o suficiente, maninho. — então me estende o braço e diz com a voz sedutora. - Vamos então, cunhadinha?

Olho para Alex que me olha de volta já meio incerto. — É por sua conta e risco. — ele avisa, lavando as mãos com um sorriso diabólico.

Olho de novo para Blake. Bem, é isso ou ver Alex causar um pandemônio no trabalho por minha causa outra vez.

— Ok, garotão, mostre-me Surrey da sua maneira.



Sob um sol leve, cruzamos a propriedade dos Summers em direção às porteiras. Fazemos o trajeto a pé, pois a idade mínima para dirigir na Inglaterra é de dezessete anos e meu ciclerone ainda tem dezesseis. Apesar de Alex insistir para que eu levasse o seu carro, não me senti muito confiante com a ideia de dirigir em uma área rural, onde tudo parece o oposto ao que aprendi na autoescola, a começar pelo lado do motorista. E ir a cavalo, como Blake sugerira, me pareceu mais arriscado ainda. *Eu só estava nessa vida de fazenda há um dia, tinha muito leite de vaca para beber até cavalgar no meio dos carros.*

Blake está usando seu típico chapéu de caubói preto, calças jeans, botas

de montaria e camisa quadriculada de flanela. Quando passamos pela plantação de trigo, ele quebra casualmente uma espiga e mastiga sua ponta de lado. O gesto tão interiorano me chama a atenção.

— Você gosta mesmo de ser o garoto da fazenda, não?

— Ora, Vanessa, olhe só pra mim! — ele brinca e dá aquele sorriso convencido que lembra tanto ao do irmão. — O que há aqui para não se gostar?

— Tirando a absoluta falta de modéstia típica dos Summers? — satirizo e ele ri.

— Como eu disse, a perfeição em pessoa. — e então seu tom torna-se mais adulto. — Como foi ontem o dia no haras com o meu irmão?

Noto em seu olhar que ele percebeu algo.

Pelo visto, Blake é muito mais perspicaz do que parece.

Dou de ombros. — Foi bom, mas decidi não repetir a dose hoje. Eu claramente o atrapalho ali.

— A culpa não é sua, cunhada. A maioria dos homens são criaturas primitivas, é só botar a bola preferida na frente deles que nem notam o resto.

— Ei, eu não sou uma bola! — o empurro de lado e ele se diverte.

— Você entendeu a metáfora. Mais alguma coisa aconteceu?

— Veio aquela cliente... a loira Malibu com o cavalo preto.

— Ahh... — ele ergue a testa como quem sabe onde quero chegar. — É a Lisa Marshall, uma ricaça americana. Ela vem bastante aqui.

Finjo que nem ligo.

— Lisa parece gostar bastante do cavalo.

— Ah, não. — ele dá de ombros tão casual quanto eu. — Ela gosta mesmo do Alex.

Engasgo e olho para ele chocada, mas ele apenas me sorri levantando as mãos inocente.

— Ué, pensei que estávamos sendo sinceros aqui, cunhadinha!

É verdade, estávamos sendo sinceros.

Sinceridade às vezes dói.

— Muitas garotas vêm atrás do Alex?

— Você realmente quer saber a resposta disso? Porque, se me permite o conselho, está fazendo as perguntas erradas.

— Então qual seria a pergunta certa?

— Humm... acho que de quantas garotas o Alex já correu atrás estaria bom pra começar.

— E de quantas foram? — não sei se quero ouvir essa resposta também, mas ele abre um sorriso ao responder.

— Uma. E ele foi até o Brasil por ela.

Sorrio, coro, lacrimejo.

— Ok, ok... estou oficialmente envergonhada. — embaraçada levo as mãos ao rosto. — Desculpa o interrogatório, Blake. Acho que fiquei insegura por um momento.

— Tá perdoada, cunhada. E só para que você saiba, eu não ligo para interrogatórios desde que preserve minha integridade física. Sabe como é, não quero terminar com um olho roxo como meu irmão por te irritar...

—Bobo!

Estamos rindo quando acessamos a estrada principal de terra e topamos com uma garota loira de tranças cacheadas, estatura média e corpo mais cheinho em cima de um cavalo branco.

— Oi, Blake! — ela acena tímida quando nos nota ali e, num pulo certo, desce do animal.

Sério, muito leite de vaca para chegar nesse nível de habilidade.

— Oi, Pam. — ele tira apressado o galho da boca e coloca as mãos no bolso sem jeito.

Virada de atitude interessante, senhor confiante...

— Passeando? — ela pergunta olhando com curiosidade dele pra mim. Vejo que veste um elegante uniforme de camisa branca sobreposta de blazer azul marinho com brasão. — Achei que estivesse na aula de educação física agora.

— Er... na verdade, eu... — ele gagueja nervoso sem conseguir completar e começo a achar que engoliu a língua.

— Ele está mostrando a cidade para mim. — completo em seu socorro e estendo a mão. — Vanessa, sou convidada de Alex.

— Ah! — ela parece gostar de ouvir isso. — Não sabia que seu irmão estava namorando. Não costumo vê-lo sair quase nunca por aqui.

— E não sai. — Blake recupera a língua perdida com esforço. — Ela não é daqui, é brasileira. Veio passar as férias com ele.

— Brasil? — a garota arregala os olhos encantada. — Nossa, que legal! Eu sempre quis conhecer seu país!

— Será bem-vinda lá em casa se um dia quiser ir. — ofereço e ela fica confusa com o convite tão repentino.

—A Vanessa faz parte dessa comunidade que recebe viajantes do

mundo inteiro. — Blake explica olhando para o chão. — Foi através dela que eles dois se conheceram.

— Comunidade de viajantes? Ah, meu Deus, Blake, isso é tão emocionante! Não sabia que vocês dois faziam parte disso. Por que nunca me contou?

Cutuco Blake discretamente de lado. — Ah, porque ele é um garoto muito modesto...

— Oh, ele é sim! — ela concorda corando toda e eu seguro o sorriso.

Definitivamente puxei o sadismo da minha mãe.

— Bem, acho que temos que ir agora, né, Vanessa? — Blake me puxa de lado, completamente desconcertado, sem saber o que falar ou fazer diante daquela garota.

— Ah, ... — ela soa decepcionada com a notícia. — Tudo bem... Eu estou indo lá para a escola agora e depois da aula vou ajudar com as coisas para o baile de inverno no ginásio. — como ele não fala nada, ela acrescenta timidamente. — Você vai ao baile?

Acho que o rosto de Blake está assumindo um inédito e hilário tom coral.

— Tenho dois pés esquerdos... — ele responde olhando, claro, para os próprios pés, as mãos ainda enfiadas no bolso. — então acho que não, não mesmo.

Meu Deus!

Aonde foi parar a super confiança desse garoto?

— Ah... — ela parece decepcionada outra vez. — Bem, talvez você pudesse ao menos aparecer depois da aula durante essa semana para ajudar na decoração, estamos precisando de braços fortes como os seus... E dá créditos de educação física.

— Acho que não vai dar... Vamos, Vanessa?

Ele ouviu ela dizendo créditos de educação física?

E por que está suando assim em pleno inverno?

Pam assente e acena sem graça em despedida, voltando a montar no cavalo. Assim que ela se afasta o suficiente do nosso campo de visão, acerto um tapa no cocuruto de Blake.

— Sério? O que deu em você, garoto?

— Outch! — ele esfrega a cabeça fazendo drama. — O quer dizer?

— Ora, não se faça de desentendido! Está na cara que você gosta daquela garota então por que a tratou como se fosse indiferente?

Ele ergue os ombros.

— É complicado.

— Sempre é, não? Vai, desembucha, qual o problema?

— Para começar ela é um ano mais velha que eu e quer fazer medicina. Ano que vem ela vai entrar numa dessas faculdade de elite e vai embora de vez daqui. Sabe, — ele revira os olhos. — outra cidade, outro mundo. Por que começar algo que não tem como dar certo?

Eu engulo um caroço. Um amor a distância, isso não é tão diferente da minha realidade atual, na verdade o caso deles é muito mais fácil porque trata-se apenas de cidades diferentes e não países em continentes distintos.

Blake percebe o que estou pensando e corre para se retratar. — Ei, não foi isso que eu quis dizer, Vanessa. Você e Alex são diferentes, vocês são tipo alma-gêmeas. Ele é louco por você e você por ele. Não tem como dar errado.

— E por que com vocês tem?

Ele levanta os ombros resignado de uma forma que me comove. — Porque eu não sou o tipo de cara para quem coisas mágicas acontecem, Vanessa. Minha vida nunca foi um conto de fadas

Olho para aquele garoto tão especial.

Ele merece que coisas especiais aconteçam pra ele.

— Pois então me considere sua fada madrinha! — proponho, vestindo com orgulho outra vez a camisa daquele meu novo papel. — Vou ajudar você a ter uma chance com essa garota fantástica.

— E só por curiosidade — me olha desconfiado. — como pensa em fazer isso?

— Confia em mim, — pisco marota para ele. — darei o meu jeitinho brasileiro.

— Olha, eu agradeço muito a sua boa intenção, mas as coisas são mais complicadas do que isso.

— Então explique-se.

— Ok... — ele mete as mãos nos bolsos de novo, parando. — Lembra do cara que conheceu outro dia no armazém?

— Garret?

— Esse mesmo. O maior desafeto do meu irmão e vice-versa. — ele resume bem a coisa. — Você ficou sabendo de todo o drama, imagino. A briga com Garret é um dos maiores arrependimentos da vida de Alex, por causa dela meu irmão saiu de casa e só foi ver meu pai de novo dias antes de

sua morte. Agora adivinha o tamanho da minha sorte? — eu faço que não com a cabeça porque não faço mesmo ideia da bomba que virá. — Garret é irmão mais velho de Pam, é basicamente quem comanda a vida dela.

— Putz, Blake... — Ele não mentiu quando disse ser azarado.

— Garret não deixa nem Pam chegar perto de mim, quem dirá namorar comigo. Também, imagine só como seriam maravilhosos os jantares de família...

— Mas eles não podem dar uma trégua nessa briga? Vocês dois são jovens, não tem nada a ver com isso.

— Vanessa, estou te falando... isso é complicado demais, num nível acima de Capuleto e Montéquio.

— Blake, realmente não acho que o caso de vocês seja mais complicado que o de Romeu e Julieta.

— Por que não temos duelos e espadas?

— É uma boa razão para começar.

— Está sendo ingênua, Vanessa. — ele balança a cabeça e volta a andar.
— Você testemunhou em primeira mão o poder de destruição dos biscoitos do meu irmão, imagine só se ele resolver começar uma guerra com eles? É aniquilação da humanidade na certa. Talvez nem as pobres baratas sobrevivam!

Uma gargalhada repentina me escapole, apesar da delicadeza da situação.

— Você tem mesmo um astral maravilhoso, sabia? — reconheço essa virtude entre tantas dele. — Até quando tudo está ruim para o seu lado, você consegue fazer os outros sorrirem.

— É algo que se aprende a fazer quando sua vida desmorona e você tem apenas oito anos. — ele diz olhando para o horizonte distraído.

E sinto um aperto no peito com a dureza da realidade dele.

Eu nunca havia parado para pensar em como isso tudo fora para Blake. Para Alex foi duro, sem dúvidas, mas para Blake... ele era apenas uma criança quando perdeu os pais.

— Nem imagino o quanto deve ter sido difícil para você.

Ele assente sem, todavia, desviar os olhos do horizonte.

— Sente falta deles?

Ele dá de ombros.

— Do meu pai sim. — revela. — Já da minha mãe, devo confessar que me lembro bem pouco... eu era muito novo quando ela se foi. Mas sinto falta

da ideia de ter uma mãe, sabe? Às vezes penso que uma figura materna teria sido algo bom para nós, os garotos Summers não são muito de discutir relacionamentos. Uns três anos atrás perguntei para o Alex como eu fazia para conquistar uma garota e ele apenas me disse “sorria”. Talvez minha mãe tivesse conselhos melhores a me oferecer.

— Em defesa do Alex, você tem mesmo um belo sorriso. — contraponho divertida.

— Outra característica típica dos Summers. — ele sorri largo e bagunçou seu cabelo. — Aproveite, Vanessa... ainda dá tempo de escolher o irmão certo.

Torço o punho no alto de sua cabeça, o fazendo gargalhar alto.

Blake me guia então num tour maravilhoso pela região. Descubro que Surrey é um condado da Inglaterra e que a propriedade deles fica na divisa de Ewhurst e Cranleigh, dois vilarejos rurais do distrito de Guildford. Em nosso passeio, nós atravessamos um rio, passamos por uma área florestal, um clube de boliche, a escola de Blake, um centro de artes, alguns comércios locais e umas três igrejas. Todo o tour é tranquilo, o ambiente em si é muito calmo e interiorano, combina perfeitamente com a personalidade do garoto.

O mais novo dos Summers aproveita para me contar orgulhoso das personalidades que viveram em Surrey e me espanto em saber que Eric Clapton, Roger Waters, o personagem Harry Potter e até o escritor Lewis Carroll fazem parte da seleta lista. Inclusive, visitamos a igreja anglicana St. Nicolas, cuja gárgula gravada em pedra em seu interior dizem ter inspirado o autor a criar Chesire, o famoso gato de Alice no País das Maravilhas.

Estamos completamente exaustos quando voltamos para casa, meus pés doloridos de tanto caminhar. *Preciso mesmo me acostumar a andar de cavalo.*

— Foi um imenso prazer passar o dia em sua estupenda companhia, senhor. — admito a Blake com uma reverência quando nos jogamos no sofá.

— É, foi ok enquanto durou. — ele se faz de difícil, mas seu sorriso denuncia que também adorou passar a tarde comigo. — Agora trate de se preparar que daqui há pouquinho meu irmão vai entrar por essa porta e te arrastar para dentro daquele quarto com um neandertal primitivo.

— Ah, mas pode apostar que vai! — dou risada porque na verdade estou torcendo para isso acontecer. — Agora falando sério, Blake. Peço desculpas por estar atrapalhando a rotina de vocês, imagino que deva ser difícil ter uma estranha aqui, em sua casa.

Ele se inclina no sofá para tirar as botas e seus olhos encontram os meus.
— Na verdade, eu não poderia estar mais feliz com a sua presença, Vanessa.

— Como assim?

Ele joga o corpo para trás e cobre o rosto com as mãos, suspirando. — Sabe, Vanessa, meu irmão é muito bom em enganar pessoas.

Eu faço uma careta olhando para ele.

— Não, não no mal sentido. — ele se apressa em retificar. — É só que ele é muito bom em ocultar suas próprias vontades e emoções para colocar as de outra pessoa na frente.

Nisso eu tenho que concordar com ele, Alex tem um coração bom demais.

— Durante todo esse tempo em que tem me criado, ele nunca pareceu se incomodar com isso, nunca demonstrou de nenhuma maneira. Mas no fundo eu sempre soube que ele não trazia mulheres pra casa por minha causa, que ele não foi embora daqui até hoje por minha causa, a verdade é que ele abdicou e ainda abdica de muito na vida por mim.

— Blake, eu não acho que seja...

— Calma, deixa eu terminar. O que quero dizer é que ele se esforçou o máximo que pôde para que eu nunca me sentisse mal por isso e o fez muito bem, porque nunca senti como se eu fosse um peso para ele. Mas agora que vejo você aqui e a alegria dele contigo, percebo o quanto ele estava perdendo, mas ao mesmo tempo não me sinto culpado por isso, porque o fato dele ter se preocupado tanto em não trazer alguém para a minha vida que não fosse ficar, fez com que ele esperasse por alguém que valesse a pena. Fez com que ele encontrasse você.

Eu sorrio emocionada e me inclino dando um forte abraço nele.

— Obrigada, Blake.

— É bom me agradecer mesmo, — ele me abraça de volta. — reservei o melhor inglês do mercado para você, cunhada. Quero dizer, o segundo.

Ele pisca para mim maroto e a porta da frente de repente se abre.

— Ei, o que vocês dois estão fazendo aí?! — Alex entra por ela e dá de cara conosco abraçados.

Blake faz uma hilária cara de pânico.

— Já era, Vanessa, ele descobriu nosso caso!

— Ah, seu moleque! — Alex tira os sapatos às pressas. — Deixa só eu pôr as mãos em você...

— Essa é minha deixa para pular a janela, madame. — Blake me rouba

um beijo na bochecha e, maroto, salta para fora da casa me deixando às gargalhadas.

— Droga... o safado escapou! — Alex ri, colocando as mãos na cintura e então se aproxima de mim. — Não tem jeito, acho que agora vai ter que se contentar comigo mesmo.

— Ah, mas você é tudo o que eu preciso. — o puxo para um beijo e, nossa, o contato da boca dele na minha acende cada parte do meu corpo, como um interruptor sendo ligado e liberando energia.

— Fico feliz que vocês tenham se dado bem. — ele diz acariciando meus cabelos e me olhando ainda como se eu fosse um milagre.

Dou de ombros. — Blake é um garoto muito especial, é fácil se apaixonar por ele.

Alex para o carinho e me olha com um sorriso travesso. — Devo me preocupar?

Sorrio de volta.

— Por sorte sua, ele chegou alguns anos atrasado.

E o beijo outra vez acendendo todas as luzes que existem em mim.



— O que vai fazer hoje, minha rosa? — Alex me pergunta quando nos despedimos na manhã seguinte na porta de casa, ele já pronto para ir ao trabalho e eu ainda de pijamas e meias.

— Humm... acho que lerei algum dos seus livros de manhã e a tarde tenho planos com Blake.

— Ah, é? — sua boca se curva num sorriso de lado.

— Humhum.

Ele me beija com desejo, as mãos apertando meus quadris, e então me oferece a chave da sua picape. — Aceite. Não quero que machuque seus pés de novo.

Nego com um aceno e subo as mãos pelo seu tórax. — Estou me sentindo meio ousada hoje, talvez eu vá a cavalo.

Ele escancara o sorriso e beija o lóbulo da minha orelha. — Gosto quando está ousada... — sussurra. — guarde um pouco disso para mais tarde.

— Deixa comigo.

Quando ele vira para ir embora, bato em sua bunda e ele me sorri torto.
Ah, mas eu tô muito apaixonada por esse homem!

Assim que fecho a porta, escuto a voz de Blake vinda da cozinha.

— Então temos planos, huh?

Vou até lá e me encosto no portal, assistindo-o tomar café com seu elegante uniforme de blazer azul e gravata amarela.

— Pensei em ajudarmos na decoração do baile depois da sua aula.

Ele me olha com ressalva, largando a caneca de leite de quase meio litro na mesa. — Acho melhor não, Vanessa...

— Ah, vamos lá, Blake! — me sento na cadeira ao seu lado para persuadi-lo melhor. — Você ouviu ontem, Pam está precisando de seus braços fortes para ajudá-la... e dão créditos em educação física. Sabe como créditos em educação física são preciosos! Cadê a pessoa que queria protestar contra a ditadura das coisas?

Ele balança a cabeça em negação. — Eu não quero mexer em coisas que estão adormecidas.

Meu semblante é sincero quando digo. — É, Blake, eu sei, mas infelizmente às vezes você tem que acordar os seus piores pesadelos para poder vencê-los.

Ele levanta o rosto para me encarar.

Seus olhos azuis são surpreendentemente iguais ao do irmão, mas agora estão reticentes. Com medo.

— Por que fico pensando que vou me arrepender por isso? — ele pergunta com a voz carregada de incerteza.

— Vamos lá, caubói, confie em mim! — estendo a mão para ele. — Só se vive uma vez na vida.

Ele me olha hesitante. — Saiba que se isso acabar mal, é você quem vai ter que aguentar o mal humor de dois Summers, não?

Abro um sorriso. — Acho que vou aceitar correr esse risco.

Com um olhar vencido, ele pega a minha mão e a aperta, selando o aceite.

— Ok, Vanessa. Faça a sua mágica.



Ao meio dia, sigo para a escola a cavalo. Nunca ri tanto na vida, primeiro foi um sufoco conseguir montar sozinha em Destiny e, quando finalmente consegui, vi que eu tinha fechado a baia para ela não fugir enquanto eu fazia minhas tentativas e tive que descer, abrir e fazer tudo de novo.

Estou me acostumando arduamente à ideia de que cavalos não têm volantes. E não adianta falar direita ou esquerda para eles, você tem que mostrar, não me pergunte como, porque ainda estou tentando descobrir. Foi infinitamente mais fácil quando estava com Alex naquele dia porque, de certa forma, Destiny seguia Traveller, mas agora que estamos só nós duas, ela provavelmente está mais interessada nos tufo de capim no meio da estrada do que em mim.

Isso que dá não ter uma crina sedosa para jogar por aí de um lado pro outro.

As ruas desse lugar também têm sua própria dinâmica. Logo quando entro na estrada principal, escuto uma buzina alta e dou de cara com um carro vindo em minha direção, descobrindo assim que estou no lado errado da pista. Aqui a esquerda vai e a direita volta, é tudo o oposto do que estou acostumada a fazer. É como cair na toca do coelho e acordar com tudo virado de ponta cabeça

Agora finalmente entendo a Alice.

Quando finalmente chego ao ginásio duas horas atrasada, Blake ainda está me esperando do lado de fora. O garoto parece estar uma pilha de nervos.

— Ainda dá tempo para desistir. — ele diz assim que desço do cavalo.

— Você não vai desistir, Blake.

— E por que não?

— Porque eu estou aqui e não vou deixar.

— Alguém já te disse que você é muito mandona?

— O Alex, mas você viu o estrago que isso causou ao rosto dele.

Ele balança a cabeça se divertindo com a minha piada.

— Eu bem que sabia que o lance da égua era mentira.

Então nós nos olhamos sorrindo por um momento. Ainda há insegurança nele, eu sei, mas de alguma forma louca, Blake parece querer confiar em mim. Me sinto honrada por isso.

— Aff, vamos lá, antes que eu desista da ideia. — ele amarra Destiny e me puxa consigo para dentro.

O ginásio está abarrotado de jovens, a grande maioria garotas. Os poucos espécimes do gênero masculino ali presentes se ocupam das atividades de marcenaria, enquanto elas decoram, pintam cenários, penduram luzes e escrevem cartazes.

E há o rosa, muito rosa para todos os lados, para onde quer que se olhe.

— Só para você saber, é assim que começam a maioria de filmes de terror adolescente. — Blake murmura palhaço e bato em seu ombro, contendo uma gargalhada.

— Oi, Pam! — saúdo quando a garota passa numa feliz coincidência por nós, toda suja de tinta e atabalhoada, coordenando os trabalhos.

— Vanessa! — ela sorri ao me ver. — O que faz aqui?

— Viemos ajudar.

Ao som do plural, ela se vira e vê Blake já a cinco passos de mim, provavelmente querendo fugir à francesa dali.

Ah, hoje não caubói!

— Mas isso é ótimo! — O sorriso que ela abre é de iluminar um estádio inteiro. — Você poderia ajudar com a pintura? — faço que sim com a cabeça e então ela se aproxima de Blake, o puxado consigo. — Você vem comigo, eu te mostro o que fará!

E é assim que passamos a ajudar oficialmente na decoração do baile, eu na pintura e Blake na marcenaria. É bonitinho assistir os dois flertando daquele jeito tão inocente deles no decorrer da semana. Se por um lado Blake fica todo acanhado perto de Pam, a garota compensa a balança do amor sendo toda atenciosa com ele e o olhando como se fosse o cara mais legal do mundo.

A semana passa voando, entre manhãs filosóficas devorando livros, tardes divertidas com Blake e noites para lá de românticas e sensuais com Alex. Quando chega a sexta-feira do baile e nosso último dia em Surrey antes de partir para Londres, estou orgulhosa finalizando meu trabalho no ginásio.

Blake se aproxima com uma água para mim, após outra interação com Pam.

— E então, já a convidou? — pergunto bebendo um gole e limpando o rosto sujo de tinta.

— Naaaã.... — ele sacode a cabeça em negativa.

—E posso saber por que não? O baile é hoje, Blake. Não ache que passei as últimas três tardes pintado por querer tentar a carreira artística.

Ele inspira fundo. — Aff... não convidei porque... olha só para ela, —

seu olhar se perde na garota toda proativa no meio da multidão de alunos. — Pam é linda, inteligente, engraçada... Por qual razão aceitaria ir comigo, o caipira esquisito da cidade?

— Bem, não sei... — abaixo a garrafa pensativa. — Talvez porque que não há nada aí para não se gostar? — o relembro de suas palavras nada modestas no início da semana e ele balança a cabeça rindo. Então acotovelo sua costela de leve. — Ela gosta de você também, Blake. Só um cego ou um garoto completamente apaixonado para não ver isso.

Ele fecha os olhos por um instante e então os reabre. Há um brilho ali.

— Ok, acho que vou arriscar!

— Isso!! — bato palmas animada. — Vai logo!

— Me deseje sorte? — pede inseguro e faço um gesto blasé em resposta.

— Como se um Summers precisasse disso...

Ele sorri, mas posso ver como está nervoso quando caminha com as mãos nos bolsos de trás até onde Pam está. Ele a cutuca sem jeito, os olhos baixos nunca nos dela enquanto fala. Fico observando com o coração na mão a interação os dois. Quando Blake termina de fazer o convite, vejo o sorriso da loirinha se iluminar. — Sim, mas é claro que sim! — ela grita aceitando o convite com tanta animação que acho que o ginásio inteiro a escuta.

Assisto então Blake finalmente levantar os olhos do chão, como se ele necessitasse olhar para ela para crer no que ouvira. E então vejo o momento em ele finalmente acredita, pois a expressão que seu rosto assume é da mais absoluta felicidade.

— Fala aí, garanhão! — brinco quando ele retorna com um sorriso que teima em ficar de orelha a orelha.

— Cala a boca. — ele diz envergonhado e dou risada.

— Eu te disse que você não tinha nada a temer. — digo cheia de convencimento. — Como garota que foi fisgada por um Summers, sei bem o poder de arrasar corações que vocês têm. Agora, — digo me levantando da banqueta e sentindo minhas costas estalarem. — já terminei oficialmente meu trabalho aqui! Vamos embora?

— Er... pode ir na frente, Vanessa, vou tomar um banho aqui no ginásio e passar na cidade com o meus amigos para ver se consigo alugar um terno de última hora.

— Quer ajuda para escolher o modelo? — me ofereço simpática.

— Você parece exausta, pode deixar que eu cuido disso. Não se preocupe, o bom gosto também está no sangue dos Summers. — ele pisca

maroto e então completa. — Mas aceito uma carona mais tarde para o baile, se puder. Tenho que buscar Pam, mas não quero pedir isso ao Alex... você sabe bem o porquê.

— Ok! Então vou indo que demoramos bastante aqui hoje e Alex só vai me deixar sair de casa depois de me levar para aquele quarto e...

— Informação demais, informação demais! — ele brinca tapando os ouvidos e acrescenta com um sorriso torto. — Vai lá, Vanessa. Muito obrigado. E eu diria juízo, mas vocês nunca escutam mesmo...

Me despeço dele com um abraço. *Adoro esse garoto.*

Junto minhas coisas para ir embora e já estou terminado de desamarrar Destiny lá fora quando vejo Blake e Pam saírem do ginásio e se despedirem da forma mais fofa e romântica do mundo: Blake segurando as mãos de Pam e depositando um beijo carinhoso na bochecha dela, a fazendo corar.

Ohhhhh....

A cena é tão linda e pura que me emociona, bem, isso até que escuto um “Merda!” extremamente raivoso ao meu lado e todos os meus sentidos ficam alertas. *Cacete, ferrou!*

Me viro a tempo de ver Garret, o aspirante a Capuleto, partindo para cima deles com tudo, mas sou bem rápida e me meto em sua frente antes que ele consiga fazer uma cena pública.

— Ei, calma aí! — o empurro para trás com toda a força que tenho e ainda assim é pouca. — Vamos conversar...

— Que palhaçada é essa? — ele vocifera espumando de raiva olhando para a porta do ginásio. — Minha irmã não vai se engraçar com um maldito Summers!

— Olha, sei bem que você e Alex tiveram seus desentendimentos no passado, mas seja racional, Garret! Eles são apenas crianças, não têm nada a ver com a briga de vocês!

— O caramba que não têm! — ele grita destilando ódio. — Não vou deixar minha irmã se envolver com um canalha desses! Não mesmo!

— O Blake não é um canalha, pelo contrário, é um excelente rapaz!

Ele me olha com uma descrença assassina. — Diz a garota envolvida com o canalha mor.

— Alex não é mais aquele menino, ele mudou. — argumento sentindo minha cabeça girar de tanta tensão. — Você se surpreenderia se o conhecesse agora, tenho certeza!

— EU NÃO QUERO CONHECER AQUELE PUTO! QUERO O

IRMÃO DELE LONGE DA MINHA IRMÃ! — ele grita na minha cara e agradeço por Blake e Pam estarem à uma boa distância de nós para poderem ouvir.

Acho que estou zozza e tremendo quando ele se vira, mas seguro seu braço, ainda sem desistir.

Não posso desistir, Blake merece muito ser feliz.

— O que posso fazer para que mude de ideia quanto a isso? — pergunto desesperada. *Não quero, não posso deixar Blake sofrer outra desilusão.*

O homem balança a cabeça com um sorriso perverso, uma mistura de ira e satisfação que não se dissipa no olhar. — Se um dia o Alex viesse até mim de joelhos, com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas, pedindo perdão pela humilhação que me causou no passado, eu poderia até pensar no caso. Mas como sabemos que isso nunca vai acontecer, escute bem, brasileira: Mantenha esse marginal longe da Pam!

— Mas... o baile é hoje! — alego desesperada vendo Blake ir embora com seus amigos para procurar o traje dessa noite. — Eles estão tão animados em ir juntos... Não pode apenas...

— Pam não vai mais. — ele decreta com certo prazer em piorar a situação. — Nem com Blake, nem com ninguém. Vou proibi-la de sair de casa já que ela não tem juízo por se envolver com um desajustado desse quando não estou por perto para vigiar.

Lágrimas me veem aos olhos. — Mas você não pode...

— Ah, eu posso sim. — ele me corta sem dó e me tira da sua frente indo em direção a Pam, que ainda sorri docemente olhando para a direção em que Blake foi. — E acredite, moça, o farei com todo o prazer.



Já andei tanto de um lado para o outro que acho que a qualquer momento irei conseguir abrir um buraco no chão que me levará direto à China. Não tenho mais unhas para roer, santos para rezar, promessas para fazer.

Quando Alex entra em casa, estou uma verdadeira pilha de nervos.

— Oi, linda, — ele me toma nos braços e me beija. — morri de

saudades de você hoje. — mas então ele nota minha expressão sutil de “o mundo está acabando” e me segura os ombros, me encarando. — O que foi? Você parece... tensa.

Dou um passo para trás. Vergonha me toma os olhos.

— Eu posso ter feito algo que você não vai gostar...

Alex me observa com atenção e se senta no sofá da sala de estar. — O que você fez, Vanessa?

Eu começo a falar extremamente rápido, as mãos inquietas cortando o ar a cada palavra em agonizante desespero. — Bem, tudo começou porque Blake, gosta dessa garota há séculos, Pam, mas nunca teve nada com ela porque, adivinha, o irmão dela, é Garret, o seu arqui-inimigo desde a infância. Então, vamos dizer, que durante essa semana aqui eu possa ter incentivado eles a se aproximarem, porque parecia absurdo pensar que o irmão dela realmente seria imaturo o suficiente para proibir o relacionamento dos dois por causa de uma briga antiga, então Blake convidou Pam para ir ao baile e ela disse sim.

Alex pisca absorvendo aquilo tudo. *Foram muitas palavras em segundos, provavelmente um novo recorde mundial.*

— Nossa... — ele massageia as próprias têmporas como se já soubesse que essa história vai acabar mal. *Bem, ele não está errado nisso.*

Mordo o canto da boca nervosa, torcendo as mãos antes de falar. — Então a coisa meio que piorou essa tarde.

— Vanessa? — Alex me olha com cautela.

Passo a mão nervosa pelo meu rosto, acho que vou desmaiar de tanto stress emocional. — O Garret viu o Blake e a Pam juntos na saída do ginásio e disse que a proibiria de ir ao baile. Eu discuti com ele, disse que era imaturo não deixar aquilo passar e atravancar a vida de duas crianças, mas ele afirmou que só mudaria de ideia se um dia você pedisse desculpas de joelhos, ou seja, nunca. E agora Blake está vindo para cá, com um terno alugado para o que acredita ser a noite mais especial da sua vida e eu não quero frustrá-lo, porque aquele garoto é muito especial e merece que todas as coisas incríveis do mundo aconteçam para ele, mas eu simplesmente não sei mais o que fazer. Eu ferrei com tudo!

Alex sacode a cabeça, ele parece realmente abalado e nervoso com o que ouvira, os ombros mais tensos do que quando encontrou com Garret naquele armazém. Quando levanta o rosto e me olha, não consigo ler aquele turbilhão de emoções em suas íris azuis, mas é incontestável que são muito, muito

intensas.

— Mas que merda! — ele xinga olhando para o lado. — Nunca imaginei que fosse ser tão egoísta! — ruge se levantando do sofá como um touro.

Pasmei! Ele está furioso comigo?!

Como se respondesse à minha pergunta silenciosa, Alex sai de casa batendo a porta atrás de si. *Oh, merda, oh, merda!*

Me preparo para correr atrás dele, mas então Blake entra logo em seguida pela mesma porta que o irmão saiu, o terno já vestido, cabelo penteado para trás. *Meu Deus, ele está um verdadeiro príncipe!*

— O que deu nele? — ele pergunta confuso, olhando para fora e escuto o som do motor da picape sendo ligado.

Torço as mãos nervosa. *Aguenta coração, aguenta!*

— Acho que temos um pequeno probleminha...

Blake ergue a sobrancelha inquisitivo. — Vanessa?

Tão, tão igual ao irmão.

Em uma enxurrada de palavras, repasso a Blake o que houve e, parecendo em pânico, o garoto me puxa correndo até os estábulos. Ele monta em um cavalo cinza e eu em Destiny e assim galopamos contra o vento da noite fria à toda velocidade, vencendo distâncias, vencendo o medo do que virá.

— Oh, Deus... Isso vai ser ruim... — ele diz balançando a cabeça repetidas vezes durante o trajeto. — Eu sabia que não devia ter aberto essa caixa de Pandora... Se Alex está indo tirar satisfação com Garret, a coisa vai ser feia. você não imagina como ele deixou o cara há vinte anos, imagina o que pode fazer agora.

Não, eu não quero nem imaginar.

Alex se orgulha tanto de ter amadurecido, de ter revisto seus valores e convicções. Saber que eu fui a responsável por reacender o pior lado dele me dá um embrulho no estômago.

Eu nunca vou me perdoar por isso.

Quinze minutos depois, nós chegamos à propriedade de Pam e vemos com o coração acelerado que Alex já está na varanda da casa, batendo à porta. Eu desço do cavalo desesperada e me preparo para correr e interceptá-lo antes que ele perca a cabeça e parta para a briga, quando Garret abre a porta e o inimaginável acontece.

Alex se ajoelha.

Um metro e oitenta se dobram ao chão, abdicando de qualquer orgulho,

de qualquer vaidade. Eu estanco aturdida no lugar, Blake também. Até Garret fica totalmente em choque, sem saber o que dizer ou fazer diante daquele gesto inimaginável.

— Me desculpe. — Alex diz sem levantar os olhos surpreendendo a todos. — Nós éramos garotos, eu estava irado porque tinha acabado de perder minha mãe de uma maneira muito triste, mas não, eu não devia ter batido em você. Acho que por muito tempo te odiei por julgar que você era o culpado pelo tempo que passei longe do meu pai, mas agora percebo que a culpa foi minha, que escolhi a forma errada de lidar com as coisas e paguei o preço por isso. E, sim, estou ciente de que não posso mudar o que passou, mas posso tentar consertar as coisas entre nós daqui para frente, então, peço desculpas. De verdade.

Pausa. Acho que parei de respirar. Acho que o coração de Blake parou de bater. Acho até que a Terra parou de girar.

Garret o olha catatônico. Eu e Blake também estamos mortificados.

Alex está mesmo pedindo desculpas?

— Que brincadeira é essa? — Garret de repente se apruma, desconfiado daquilo.

— Não há brincadeira alguma. — Alex fala tranquilo, mas com uma seriedade desconcertante no olhar. — Você não está errado se quiser guardar rancor de mim, mas por favor, não projete isso em meu irmão. Blake é um garoto incrível, tão melhor que eu em tantos aspectos, passou pelas mesmas perdas, mas nunca deixou se abalar. Ele merece muito ser feliz, não pagar pelos erros do irmão mais velho. — então se ergue e fecha os olhos, colocando as mãos para trás. — Eu me orgulho de pagar minhas próprias dívidas. Se quiser acertar as contas, acerte comigo, Garret. Pode bater o quanto quiser, se vingue, eu não vou revidar.

Garret fica sem palavras. Aposto que nunca na vida imaginou que aquilo pudesse acontecer. *Eu não imaginaria caso não estivesse vendo ao vivo.*

— Eu... eu não vou te bater. — Garret finalmente diz, dando um passo atrás.

Alex abre os olhos surpreso. — Não?

— Não. — confirma e inspira profundamente lhe estendendo a mão. — Quer saber, acho que eu também fui um idiota. Não devia ter dito aquelas coisas sobre a sua mãe... sabia que você estava mal, a morte dela foi triste, foi cruel da minha parte. Sinto muito.

Alex balança levemente a cabeça. — Obrigado.

Eles se olham por um momento e há compreensão real ali.

Homens são realmente criaturas e fascinantes.

É Alex quem ergue a mão primeiro no ar, numa oferta muda de paz.

Um segundo depois Garret ergue a sua e eles se cumprimentam. — Podíamos ter poupado anos de ódio mortal com isso, não?

— É podíamos. — Alex sorri e dá de ombros. — Mas qual seria a graça?

Homens, homens, homens.. alguém deveria fazer um estudo dedicado.

— Eu ouvi um carro che... — Pam surge fungando atrás de Garret na porta e para assustada ao ver Alex, Blake e eu ali. Deus, a garota está um completo caos! Parece que chorou uns dez litros de lágrimas, teve a boca e as pálpebras picadas por uma enxame de abelhas, descascou uma dezena de cebolas das mais ardidas e tentou arrancar os cabelos da cabeça com as mãos. — O que é que está acontecendo aqui?!

— Você pode ir ao baile com Blake. — Garret comunica erguendo os ombros.

— O quê?! Jura?! — os olhos dela se iluminam ao olhar o Summers mais novo, ali, lindo de terno, o cabelo comprido bagunçado do vento. Ela se apressa na direção dele, mas então para em pânico e dá um grito histérico. — Ai, meu Deus! Eu estou horrível! Eu nunca vou conseguir me arrumar a tempo...

— Fica tranquila que eu posso dar um jeito nisso rapidinho. — me ofereço avançando um passo. — Sou ótima com os pincéis e faço milagres com um secador e chapinha.

— Por acaso você é algum tipo de fada madrinha? — ela suspira aliviada agarrando meu braço como um bote salva-vidas e me levando para dentro.

É, acho que realmente já estou me acostumando ao título.



— Fada madrinha, huh? — Alex provoca zombeteiro quando deixo a casa de Garret trinta minutos depois. Ele me espera do lado de fora, encostado contra a picape ao lado de Blake, que parece imensamente ansioso andando de um lado para o outro, como quem cava seu próprio buraco para

China. — E quando é que vai realizar o meu pedido?

— Quando me contar o que é, talvez eu possa pensar no caso... — brinco passando os braços por seu pescoço.

Seus braços envolvem minha cintura. — Espertinha. — me sorri e beija meus lábios com carinho.

Então Pam sai logo em seguida, linda num vestido azul, os cabelos presos numa coroa de tranças, a maquiagem iluminada. Blake esquece qualquer preocupação e avança com o sorriso mais lindo em sua direção.

— Quantos anos ela tem? — Alex sussurra em meu ouvido.

— Um a mais que Blake. — me lembro dele dizer.

— Ei, Blake! — Alex o chama de repente e joga a chave do seu carro. — Não cheguem muito tarde.

— Pode deixar! — Pam sorri e pega a chave da mão de Blake, o puxando para dentro do carro consigo.

E quem disse que as mulheres não estão no comando?

— Eles formam um belo casal. — comento assistindo eles irem, jovens e sonhadores, bailar.

— É, formam sim. — ele concorda com um sorriso..

Então me viro e coloco meus braços em torno de seu pescoço outra vez.

— Eu estou tão orgulhosa de você, Alex. É incrível como você sempre consegue me surpreender. Eu tinha certeza que iria ficar irritado com a história, mas não, o que você fez foi tão inesperado, tão altruísta, foi uma das coisas mais lindas que já vi alguém fazer por alguém na vida.

Ele balança a cabeça sem jeito.

— Não foi nada... Eu amo o Blake, faria qualquer coisa por aquele garoto. E só de saber que ele engoliu um sentimento tão forte assim durante anos por minha causa, fico irritado comigo mesmo, me faz ver como fui egoísta. Eu realmente não fazia ideia de que ele se sentia desse jeito.

—Mas fez a coisa certa assim que soube, isso que importa. Isso me fala muito sobre o seu caráter.

Ele dá um riso sem humor. — Você sempre vê o melhor em mim.

— Porque o melhor é aquilo que você tem a oferecer ao mundo, Alex. — toco seu rosto com carinho. — Você é especial e bom de tantas maneiras que me rouba o ar, me rouba o chão.

Ele sorri e alisa meu cabelo bagunçado da corrida para trás. — Amanhã começam as férias de Blake e vamos para Londres, dar início oficial ao nosso mochilão.

Suspiro me derretendo.

— Eu mal posso esperar por isso.

— Mas hoje eu ainda tenho uma missão importante a cumprir.

— Ah, tem?

— Tenho. — ele assente e exhibe aquele sorriso pecaminoso levando sua boca próxima à minha orelha. — Essa noite vou te levar até o meu quarto e me esforçar para que cada espacinho dele guarde seu cheiro. Eu quero te gravar em toda parte.

— Então não percamos mais tempo. — estendo a mão ansiosa para ele e juntos fazemos nossa última cavalgada para uma noite que vai ficar gravada por muitos, muitos meses.



Na nossa última manhã na bela e campestre Surrey, conseguimos ser mais rápidos que o galo. Quando o safado do Dom Cornelius sobe no poleiro e canta magistral, já estamos todos devidamente acordados, guardando nossas malas no carro. A intenção de Alex de me gravar ali parece ter se realizado de alguma forma, porque me despeço daquele lugar como se estivesse deixando uma parte de mim.

Meu coração provavelmente.

Durante a viagem, Blake parece estar em outra dimensão, deitado no banco de trás, sorrindo como um bobo. Ele olha de minuto a minuto para o celular, de certo trocando mensagens apaixonadas com Pam, sua agora namorada oficial como nos contou eufórico assim que voltou do baile. Apesar de já ter passado da meia-noite, nós nos reunimos na sala e ficamos ali, ouvindo felizes sobre sua noite mágica.

Alex liga o som e o conecta ao seu celular, fazendo Fast car, de Tracy Chapman tocar. Cansada, descanso a cabeça em seu ombro e inspiro profundamente quando ele passa um braço, me puxando para perto.

Tudo ali parece certo: a música de viagem, o cheiro de amaciante na camisa de Alex, a paisagem correndo rápida em tons de verde, a sensação de que algo fantástico está prestes a começar.

Me recordando da noite maravilhosa, fecho os olhos e, sorrindo, durmo.

E mais uma vez, os sonhos nem se comparam a realidade.



LONDRES, INGLATERRA.

As luzes e o barulho da cosmopolita Londres me acordam. Debruço na janela e espio encantada. Deparo com os ônibus vermelhos de dois andares, os símbolos mundialmente conhecidos das placas de metrô, as pessoas com seus elegantes casacos de inverno fechados até o pescoço e as cabines telefônicas retrô com aquele charme inglês característico.

Tudo é lindo e absolutamente fascinante ao meu redor.

Tudo é novo, instigante.

Quando estacionamos no meio fio de uma rua pouco movimentada do bairro de Hempstead, Blake e Alex saltam do carro e se adiantam para pegar as bagagens no porta-malas.

Nem minha mochila consigo reivindicar.

Pelo visto o cavalheirismo era um traço de família.

Nós entramos no charmoso prédio de quatro andares de tijolinhos vermelhos com janelas e portas brancas e subimos de elevador até o último.

— Sejam bem-vindos, meus queridos! — tia May nos recebe de braços abertos em seu adorável duplex, no bairro cult londrino.

— Posso botar as malas no quarto de sempre, tia May? — Blake pergunta daquele jeitinho encantador dele assim que passa pelo batente, de certo querendo logo alguma privacidade para ligar para sua amada Pam.

— Oh, mas é claro, meu querido! Vai lá, do ladinho da sua titia preferida. — e então ela olha para nós ar de reprovação. — Já vocês dois eu quero bem longe dos meus ouvidos, seus coelhos danadinhos! — provoca com um sorriso fácil e fico três tons mais vermelha que o frio já me deixa. — Blake já me contou que não se desgrudam por nada, então tratei de reservar o quarto da cobertura para vocês ficarem mais, digamos... à vontade.

— Obrigado, tia! — Alex dá um beijo estalado em sua bochecha e eu não resisto levantar os polegares em agradecimento, só depois pensando em quão ridículo isso deve aparecer.

Não demoramos muito para nos acomodar, sequer desfaço a mochila, já que só ficaremos uma semana na cidade e sou preguiçosa demais para tirar as coisas e depois ter que arrumá-las de volta.

Então Alex e Blake me raptam para um passeio pela capital inglesa.

Os dois irmãos parecem se divertir a veras com o fato de que é minha primeira vez na cidade e ficam fazendo gracinhas sobre isso a cada minuto.

Aliás, quando é que esses dois não se divertem às minhas custas?

— Então vai ser pacotão turístico mesmo, cunhadinha? — Blake provoca quando me vê sacar a câmera digital e um guia de viagem. — Sabe como é, tenho uma reputação a zelar e isso não inclui tirar fotos dentro de cabines telefônicas.

— O que posso fazer? — me defendo como posso e, sim, entro na cabine. — Não sou inglesa como vocês, logo tenho todo o direito de querer pagar uns bons micos aqui.

Blake faz um hilária cara de preocupado para Alex.

— Não me diga que ela vai tentar aquilo de fazer um guarda real se mover?

Eu sorrio perversa. — Na verdade, já fiz algo bem próximo a isso meses atrás. E, se me lembro bem, — completo olhando de rabo de olho para Alex que cora todo, provavelmente relembrando de quando ele me desafiou a fazê-lo se mover do sofá. — eu provei devidamente meu ponto na ocasião.

— Eu nem vou perguntar o que foi isso. - Blake levanta as mãos em renúncia indo na nossa frente pela rua. — Pela cor que meu irmão está assumindo, posso apostar que é algo pecaminoso.

Gargalho alto.

Não é que ele está absolutamente certo de novo?

— Vanessa é um perigo para a guarda inglesa, isso é tudo o que precisa saber, mano. — Alex me abraça por trás, acompanhando o passo. — E como bom patriota que sou, tratarei de manter bem longe dela, por respeito à rainha, claro.

— Ahã! O patriotismo inglês é tão forte aqui, não? — ironizo seu ciúme.

Ele sorri de lado. — Sem chance de eu deixar você tirar sua blusa para eles. — sussurra em meu ouvido e sinto arrepios da cabeça aos pés. — Isso é um privilégio só meu.

— Só vou deixar passar essa em respeito à rainha e porque deve estar uns 10 graus agora.

Ele joga as mãos para cima em alívio e rio.

— Deus salve a rainha e o inverno europeu!

Durante o primeiro dia, nos entregamos a missão de explorar a cidade. Visitamos o Palácio de Buckingham e assistimos a famosa cerimônia de troca

de guarda (sem nenhum incidente diplomático e necessidade de intervenção da minha embaixada, graças a Alex, que fecha mais meu casaco do que a própria faixa de amarrar que vem nele.). Passeamos então pelos vastos gramados do St' Jaime Park, admiramos a Abadia e o imponente Palácio de Westminster, o famosíssimo e icônico relógio dourado Big Ben e aproveitamos o fim da tarde para observar à distância a imensa roda gigante localizada do outro lado do rio Tâmis. É uma visão de fazer suspirar.

Os dias seguintes a cidade passam voando, com direito a muitas fotos divertidas com personalidades no museu de cera Madame Tussauds, lanches de fish and chips enroladas em folhas de jornal, um passeio pela icônica Baker's Street até o museu dedicado ao detetive Sherlock Holmes, pausa no belíssimo Regent's Park e esticada no agitado e moderno Camden Market, no qual me divirto comprando de lembranças inusitadas para amigos e familiares em impressionantes lojas com fachadas 3D.

Um a um os clássicos turísticos londrinos vão sendo riscados do meu guia: Victorian Memorial, Tower Bridge, London Tower, Catedral St Paul, National Gallery, Chinatown, Trafalgar Square e Oxford Street. A lista é imensa, mas a experiência de conhecê-las de perto é impagável.

Quando me dou conta, já é Natal, ou melhor, Natal para os ingleses. Isso porque acabo descobrindo que o feriado é comemorado em uma data diferente por lá. Ao contrário de no Brasil, onde a ceia é feita na noite do dia 24, na terra de Alex, Blake e tia May as comemorações aconteciam na noite do dia 25.

Então é por isso que quando dá dez da noite desse dia, todos já estão em casa. Passei a tarde ajudando tia May nos preparativos da ceia, queríamos que essa fosse uma ocasião especial para os garotos porque eles sempre comemoravam a data de forma mais prática, já que viviam só os dois.

Blake e Alex, ficaram encarregados de comprar vinho, chocolates e uma caixa com estranhos rolinhos de papeis decorados que mais pareciam bombons gigantes. Fiquei bolada sem saber qual a utilidade daquilo, mas pelo visto todos ali faziam absoluta questão deles, como se fosse uma das coisas mais esperadas do Natal.

Ah, se eles conhecessem a rabanada...

Quando chega a hora dos presentes (que vem antes da ceia, vai entender esse povo inglês doido), sou finalmente apresentada formalmente aos tais rolinhos: Os crackers aparentemente são uma importante tradição inglesa de Natal. Todos nós sentamos em volta da mesa e Alex me mostra como abri-

los: cada um segura a ponta de um cracker, nossos braços cruzados enquanto fazemos a contagem regressiva e puxamos todos ao mesmo tempo com um sonoro “pop”.

— Droga, alicate de unhas de novo! — Blake protesta quando vê a prenda que cai do seu cracker.

— Talvez devesse aproveitar que tirou um e usar para cortar essas unhas de gavião de uma vez. — Tia May provoca lhe dando uma ombrada marota.

— E o que você tirou? — Alex espicha o pescoço para ver quando pego o objeto prateado que caiu sobre a mesa à minha direita.

— Acho que é uma... bússola. — confirmo a aproximando dos olhos.

— Legal. — ele sorri convencido. — Talvez ela te guie para a direção certa.

Sorrio de volta.

— Na verdade ela aponta para você.

—Sério? Bússola esperta! — e então sussurra em meu ouvido bem baixinho. — Talvez ela seja mágica.

Dou risada.

— Pessoal, pessoal! Não vamos nos esquecer das coroas. — Blake alerta, desdobrando um pedaço de papel de seda amarelo que também caiu do cracker e o botando sobre a cabeça.

Ah, são coroas...

— Qual a razão dessa tradição? — pergunto fascinada por participar de algo tão particular, vestindo minha coroa também.

— Hum... Algo a ver com Roma antiga e Saturnalia, — Alex responde meneando a cabeça. — mas honestamente, acho que nós ingleses apenas gostamos demais da ideia de ceirmos como reis.

— Como sempre exagerados. — eu brinco, mas penso o contrário. Tudo aquilo é simples e valioso. Os presentes modestos são perfeitos, mostram o que é importante nessa data: união, diversão, estar com quem se gosta.

— Bem, agora que já estamos todos devidamente arrumados — tia May se levanta, arrumando a coroa rosa na própria cabeça. — acho que está na hora de começarmos a ceia. Me ajuda a trazê-la, Vanessa?

— Mas é claro! — me levanto e Alex me puxa de volta, apenas para me dar um beijo antes de soltar.

— Não se esqueça de voltar, minha princesa. Estou ao norte. — ele me pisca maroto, me fazendo ficar da cor das meias penduradas na lareira.

— Pronta para mostrar a eles o que preparou? — tia May me pergunta

assim que entro na cozinha.

Faço que sim e pego a grande caçarola em cima do fogão, mas ela me impede.

— Não. Deixe esse por último, será como uma surpresa.

Eu assinto e assim seguimos para a sala com as primeiras travessas como uma comitiva real.

— O peru está pronto! — ela anuncia segurando uma assadeira pesada que Alex e Blake se levantam prontamente para pegar das mãos dela.

— E como não podia faltar... — anúncio em sequência chegando com mais duas travessas à mesa. — Batatas assadas e... farofa!

— Wow! — Alex se agita tirando as bandejas da minha mão como se fossem um tesouro precioso. — Eu amo farofa!

Dou risada quando ele as coloca na mesa e avança em direção a colher, incapaz de esperar o restante para comer a tal areia brasileira pela qual se viciou.

— Farofa? — Blake ergue a sobrancelha confuso ao mesmo tempo. — Deixa eu provar isso pra ver se é bom... — e sai na frente pegando o garfo.

— Ei, sai pra lá, moleque! — Alex o intercepta com a colher. — A farofa é toda minha!

— Você já tem a Vanessa.

— E você a Pam.

— Mas ela não está aqui, logo a minha carência me dá prioridade na farofa e... — os dois param de se implicar quando tia May chega com a salada e eu com o último prato, a grande caçarola tampada.

Um silêncio curioso se instaura na sala enquanto a coloco sobre a mesa.

— Mais comida? — Blake pergunta surpreso. — Caramba, cunhadinha, você está mesmo preocupada com a minha alimentação, heim! Deixa eu ver o que tem aq... — então ele destampa a panela e o cheiro e a visão familiar o atingem.

— É scouse. — ele mal consegue balbuciar olhando para o ensopado de carne e legumes, seus olhos cheios d'água. — Eu não como scouse há... há muito tempo.

Eu sei disso.

Scouse era a especialidade do pai deles, a comida ele que fazia para os garotos por anos até não estar mais presente para fazê-la. Alex ficou muito feliz em comê-la de novo quando a fiz lá no Brasil e, bem... Achei que Blake também poderia ficar.

Aquele garoto merecia toda a forma de felicidade.

Alex apoia a mão no ombro dele e serve uma concha em seu prato. — Você primeiro, irmão.

Blake segura o garfo todo trêmulo, olhando para mim e Alex. Então pega uma porção e a coloca na boca e uma lágrima rola de seus olhos fechados. Ele apenas sorri. — Nossa.. isso está... está absolutamente horrível!

Escancaro a boca totalmente chocada, mas Alex e tia May riem emocionados, enquanto Blake continua comendo com toda voracidade do mundo o ensopado.

— Blake sempre odiou scouse. — Alex me revela de lado em um sussurro.

— Jura? — *Oh, merda! Por que ninguém me disse isso antes?* — Então por que ele não para de comer? Se for por minha causa, ele não precisa...

— Não, não é por sua causa. — Alex nega com a cabeça sorrindo e, ao ver minha cara de confusão, explica. — Scouse é mais do que uma comida pra nós, Vanessa. É uma memória. Dos almoços em família de domingo, do meu pai cozinhado pra gente, do cheiro se espalhando pelo ambiente e anunciando um momento bom... Acho que quando fez esse prato, você deu a Blake o melhor presente de Natal que poderia lhe dar: uma lembrança, algo precioso que ele provavelmente já havia esquecido. E deu pra mim também... com a vantagem de que eu... eu amo scuse.

Sorrio também, meu coração se enche de alegria ao ver Blake comer tão feliz.

— Eu não botei repolho.

— Eu vi. — Alex me beija os lábios com carinho. — Obrigado por isso.

Blake termina de comer largando os talheres, e já está pegando a concha para se servir de mais. — Caramba, isso está mesmo abominável!

Eu definitivamente não entendo esses garotos Summers.

— Ei, deixa um pouco pra mim, seu guloso! — Alex brinca tentando pegar a concha da mão dele, mas Blake o impede e assume uma expressão solene. — Sério, mano. Se você não se casar com ela, eu me caso.

Não tem jeito, todos nós gargalhamos.

Depois de Alex se servir e voltar a sentar do meu lado, ele aperta a minha mão sobre a mesa e articula um afetuoso “obrigado”. Meu coração se aquece e, sem dúvida, não é por conta da lareira acesa: a visão dos irmãos e tia May comendo tão felizes é acalentadora demais para não me emocionar.

O momento todo é muito lindo e especial.

Nós ceiamos com alegria, depois contamos histórias frente ao fogo, rimos das tiradas de Blake, nos abraçamos com afeto e é uma noite perfeita.

É uma noite mágica.

E descubro algo importante com ela.

Os presentes mais valiosos do mundo não vêm em embalagens caras.

São aqueles que parecem bobos e fazem *pop* bem na nossa cara.

E que abrimos juntos.

Aqueles que compartilhamos são sem dúvidas os melhores que existem.



— Bom dia, minha rosa. — Alex me cumprimenta assim que desperto no dia seguinte. Ele está debruçado de lado no travesseiro me olhando, veste uma calça de moletom cinza e uma camiseta branca, o cabelo despenteado e sua barba acobreada por fazer. *É sem dúvida o homem mais bonito que já pisou na face da Terra na minha opinião.*

— Bom dia, minha raposa. — me espreguiço e coço os olhos sonolenta.

Ele toca o meu rosto, afastando o cabelo que cai nele. — O que quer fazer nesse feriado?

— Feriado? — faço uma careta meio confusa e jogo meu cabelo bagunçado pra trás, o esparramando sobre o travesseiro — Mas hoje não é dia vinte seis? Achei que o feriado aqui fosse ontem.

Ele sorri. — Ontem foi Natal, dia vinte seis aqui é o Boxing Day.

Franzo a testa deixando escapulir um bocejo e ele alarga o sorriso, como se achasse bonitinho.

— Hum... vamos lá. — ele tenta explicar. — Antigamente as empresas aqui davam bônus generosos para seus funcionários no Natal e, no dia seguinte, as vendas do comércio alavancavam com essa injeção extra de capital. Assim, nosso governo, muito espertamente, resolveu decretar um feriado para incentivar as pessoas a irem às compras. É um dia super movimentado na cidade, você vai gostar, as lojas fazem liquidações inacreditáveis para atrair os clientes.

Lentamente me sento, passo os braços em torno do seu pescoço e subo em seu colo. — Humm... acho que passo. Eu já tenho o que eu preciso bem aqui.

O beijo com uma preguiça boa e ele se acende embaixo de mim.

— Tem certeza? — ele confere cavalheiro. — Tem vestidos, sapatos, casacos, tudo a uma bagate ... — murmura, mas seguro a bainha da sua camiseta e a puxo pela cabeça, o calando.

— Absoluta.

Alex abre um sorriso grandioso, o sorriso mas lindo do mundo.

— Oh, merda... — passa então a mão bagunçando ainda mais os cabelos. — acho que você acabou de arruinar o boxing day pra sempre. — seus braços me envolvem desejosos e fortes ao seu encontro.

— Ah, é? — sorrio de volta lambendo os lábios. — E posso saber por quê?

— Porque agora eu sempre vou querer ter o mesmo... — ele sobe as mãos por debaixo da minha regata e envolve meus seios em suas palmas em concha. — Você. E loja alguma vai poder me dar o que quero.

Eu suspiro alto e mordo o canto da boca, o encarando com diversão.

— Bem, talvez você possa substituir por uns videogames — sugiro implicate e ele me atira contra o colchão em resposta, colocando os dois braços fortes ao meu redor.

— Nop... Acho que isso não é bom o suficiente. — está sorrindo como um gato.

— Um cortador de unha?

Alex sustenta o olhar com malicioso ao negar.

— Livros de culinária? Seriam bem, bem úteis. — provoco por fim e ele revira os olhos, rindo.

— Tá, como se livros pudessem salvar a natureza intragável da minha comida... — então ele se inclina e aproxima o rosto do meu pescoço, seus os lábios roçando de leve a ponta da minha orelha. — Eu quero você, Vanessa. Só você.

Levanto um pouco o pescoço para que se encaixe ali. — Deseja embrulho para presente, senhor?

— Acho que dispense embalagens. — ele desliza a minha lingerie para baixo.



Já são quase três da tarde quando deixamos o quarto esfomeados, porque nem só de amor vive o ser humano. Descobrimos através de um bilhete que Blake e tia May foram às compras logo cedo, eles concluíram a anotação com a palavra “Juízo”.

Juízo, há, até parece!

As ruas de Londres estão bem frias e úmidas da chuva que caiu mais cedo, mas os comerciantes parecem dispostos a tornar o dia nublado o mais agradável possível para os seus visados clientes. Tudo ao nosso redor está mais convidativo hoje, percebo, quase sedutor.

Ajeito minhas luvas de lã e o cachecol vermelho no pescoço e me divirto andando entre os transeuntes atolados de sacolas com respirações condensadas em vapor enquanto falam. Posso sentir a alegria deles com as compras que carregam, mas estou satisfeita sem elas, minhas prioridades agora são outras. Na verdade, agora basicamente se restringe a uma, a mais simples de todas:

Fome.

Estou faminta.

Nós paramos sem nem precisar nos comunicar em frente à uma franquia de comida orgânica que cheira muito, muito bem, como sopa de tomate e abóbora assada. Entramos na fila, atrás de outras pessoas que pararam ali, assim como nós, em busca de algo quentinho e gostoso para se aquecer nessa tarde de inverno.

Eu e Alex estamos lado a lado, mas percebo só então que não de mãos dadas. Desde que saímos da privacidade da casa dele em Surrey e chegamos em Londres, não fizemos mais isso.

Me lembro que Alex me dissera um vez que na Inglaterra as demonstrações de amor em público não são tão comuns e naturais como são no Brasil. Pelo visto, Londres ativara essa postura de decoro nele de novo.

Casualmente, resolvo testar sua resiliência e encosto de leve meu braço no dele.

Ele sorri de lado entendendo meu lance, claro.

Então estico o dedinho e, como quem não quer nada, toco no dele.

O sorriso dele se alarga junto com o rubor em seu rosto e, ambos ainda virados para frente, damos um passo quando a fila anda. Os cidadãos de Londres ainda completamente alheios sobre a minha tentativa de quebrar o sistema.

Olho para o lado oposto e meu dedinho sorrateiramente enlaça o dele.

— Ops! — cubro a boca com a outra mão contendo o sorriso.

Ele olha para o outro lado segurando o riso, mas o mantém laçado.

Quando damos o passo final em direção ao caixa e Alex vai fazer o pedido encaixo a mão na dele e ele gagueja subitamente diante da atendente, vermelho e quente como a sopa de tomate que recebe em seguida.

— Viu, não foi tão difícil! — eu digo toda contente assim que deixamos a lanchonete de mãos dadas com nossos copões fumegantes de sopa para viagem.

— Ah, não... — ele bebe um bom gole e então fecha a tampa. — Mas isso aqui com certeza será.

Então sem aviso ele me entrega o copo e me ergue do chão, saindo em disparada comigo no colo pelas ruas de Londres sob o olhar scandalizado de todos.

— Seu louco! — bato em seu peito assim que ele me bota no chão alguns metros depois. Alex está rindo, vermelho e ofegante da corrida no frio, as mãos apoiadas nos joelhos enquanto recupera o fôlego.

Ele ri. — Sim, eu sou louco, completamente surtado por você. — e então ajeita o gorro na cabeça e puxa meu cachecol para si, me beijando apaixonadamente contra a parede do beco. — Você, Vanessa Zandrine... você me faz querer cometer loucuras.

Um sorriso toma todo o meu rosto e o beijo de volta, com línguas, mãos e tudo a que meu coração tem direito, indiferente da presença das pessoas que passam por nós carregadas de sacolas e seus julgamentos.

Nada disso importa agora.

Enquanto as pessoas passam a vida carregadas, eu passo por ela leve.

Incrivelmente sinto que tenho muito mais do que me orgulhar agora.

Quando meus lábios se descolam dos deles com um sorriso bobo, damos as mãos e continuamos o nosso passeio. Caminhamos sem pressa ao longo do Tâmisa e, dessa vez, nós o atravessamos para o outro lado. Cruzamos a movimentada Ponte do Milênio com seu balanço peculiar a cada passo e deparamos então com um grupo de pessoas elegantes que deixam o Shakespeare's Globe do outro lado das margens.

— A peça da noite deve ter terminado agora. — Alex diz checando o relógio. — Já são quase oito.

Seguimos em frente, dispostos a aproveitar aquela última e perfeita noite em Londres até o último segundo quando um enorme prédio quadradão me chama atenção e paro.

— É um museu. — Alex revela quando vê que detenho a minha atenção nele. — Antes era uma central elétrica, hoje é o prestigiado TATE Modern.

— Olha, tá acontecendo uma exposição! — aponto o cartaz de estreia na entrada como uma criança animada. Assim como Magô e Isis, sempre amei uma exposição de arte.

O puxo pela mão numa carreira e ele ri enquanto compramos as entradas.

O nome da exposição que adentramos minutos depois no primeiro piso é Distância. Há um ruído metálico de fundo no ambiente e luzes futurísticas azuis e brancas piscam no átrio principal do museu.

No centro do espaço, estão duas filas de cápsulas enormes de aparência high-tec posicionadas uma frente a outra.

Um dos monitores parado próximo à curiosa instalação vem nos receber.

— Boa noite. — ele saúda simpático. — Essa instalação que estão vendo aqui foi criada pela artista Micaella Parich, que está presente essa noite para estreia de sua terceira exposição no TATE. — aponta para um local distante onde um mulher de cabelo ruivo afro toda estilosa em estampas étnicas dá entrevista a jornalistas. — Essas cápsulas foram criadas com tecnologia desenvolvida pela artista para simular a sensação de diversas distâncias. Para começar a experiência, é necessário que cada um entre numa cabine.

— E aí, vamos? – pergunto ansiosa.

Alex me olha meio reticente, mas então sorri, provavelmente diante da minha evidente expectativa em participar daquilo. — E quando é que eu poderia lhe negar alguma coisa, minha rosa?

Sem saber o que exatamente esperar, nós entramos cada um numa cápsula como indica o monitor e então estamos de frente um para o outro.

Tem uma espécie de vidro que nos separa. Encosto meus dedos ali e Alex repousa sua mão no mesmo lugar do outro lado. É incrível, posso sentir seu calor pelo vidro, posso sentir até seu cheiro.

— Hey, você. — eu sussurro.

— Hey, você. — Alex sussurra de volta.

Nos encaramos felizes.

É tão bobo, mas é bom estar ali, com ele.

Então a cápsula faz um barulho alto, como a badalada de um relógio e, de repente algo muda, estamos próximos, mas agora não tanto, é como se dez centímetros nos separassem. É possível ver um espaço entre a minha mão e a

dele, um quase tocar, um quase sentir.

— Consegue me ouvir? — eu testo falar um pouco mais alto, minha mão ainda posicionada no mesmo lugar, mas sem sentir mais o calor da dele.

— Consigo! — ele responde em voz normal e meu coração se alivia.

E então vem outra badalada e agora estamos a um metro de distância e algo em meu estômago começa a embrulhar. O espaço entre nossas mãos é considerável. A próxima badalada acontece muito mais rápido que as anteriores e já estamos a cinco metros, não é mais tão fácil identificar o azul dos seus olhos e atino que não sinto mais nada do seu calor ou do seu cheiro.

Outra badalada e agora são dez metros. Alex está longe, levo a outra mão também ao vidro já sentindo o embrulho do meu estômago migrar para o meu peito, que dispara como uma bomba relógio.

Cinquenta metros, a próxima badalada me faz resfolegar de tão rápido que vem. Alex está menor, as feições de seu rosto tornaram-se um borrão e grito para que ele consiga me escutar, mas só o vejo balançar a cabeça confuso sem entender o que digo, mais uma badalada e começo a chorar em pânico. Alex não é mais do que um ponto no meio de um borrão e eu grito e soco o vidro, mas não sei se ele me ouve.

Não sei se ele me vê.

Mil metros. Meu mundo sai do eixo, não sinto minhas pernas. Alex não existe, meu corpo começa a tremer e convulsionar em soluços desesperados porque não posso aguentar a ideia de um mundo em que Alex não exista.

É como uma gaiola e estou presa. Estou sufocando.

— Alex, Alex! — grito socando a cabine. Estou entrando em verdadeiro colapso nervoso quando a porta lateral da cabine se abre e Alex entra ali me abraçando com força. Eu o aperto de volta e o sinto, o aspiro como se ele fosse um tipo vital de ar.

— Está tudo bem, eu estou aqui. — ele diz beijando minha cabeça.

— Me desculpe, me desculpe. — estou tão embaraçada, tão culpada, mas não consigo parar de tremer ou me controlar. — Eu simplesmente não...

— Eu sei... — ele me abraça mais forte e só então percebo que o coração dele também está disparado, socando contra o meu peito.

Sob os olhares curiosos, Alex me ampara e me ajuda a levantar para sair da cabine.

— Eu realmente sinto muito por isso. — ele diz ao monitor e penso cheia de vergonha que é de mim que está falando quando vejo então a porta da cabine dele pendendo em um ângulo estranho e entendo.

Alex arrombou a própria cabine para vir me socorrer.

— De forma alguma. — Micaella, a artista responsável pela exposição, se aproxima atônita e segura minhas mãos trêmulas nas suas. — São por histórias assim que um artista vive. Quando a arte encontra a vida e ambas se conectam.

Eu olho para ela, absorvendo o que disse. Distância, esse é o nome da sua exposição. Não idealizada apenas para mostrar a diferença de centímetros e quilômetros, mas para discutir sobre presença e saudade.. sobre como nos sentimos com o afastamento.

Alex me abraça forte.

— Vamos embora?

Eu assinto e aceno ainda embaraçada para a artista, que me sorri com genuína cumplicidade. Saímos do museu sob o olhar dos demais visitantes do TATE, não há censura ou julgamento de ninguém dessa vez, é como se, de alguma forma, todos ali entendessem e compartilhassem nossa dor.

Em silêncio, Alex e eu cruzamos a calçada e ficamos parados de frente para o rio Tâmisa por um longo tempo.

Respiro fundo sentindo o ar frio invadir os meus pulmões e tento fazer com que meus batimentos voltem ao ritmo normal, que meu coração pare de doer dessa maneira insana que dói e que esse carço que migrou para minha garganta vá embora.

Mas ele não vai.

Nada melhora.

Tudo dói, dói demais.

Na verdade parece que esse carço e essa dor já estavam presentes há um bom tempo em mim, eu é que me recusei a notá-los.

Continuo me recusando agora.

— Vanessa... você está bem? — Alex pergunta passando o braço em torno dos meus ombros.

Eu tento responder, mas tentar apenas me faz chorar. Afundo a cabeça em seu peito e choro, choro muito. Me sinto uma verdadeira idiota por chorar por algo assim tão bobo, por ter passado tamanha vergonha lá dentro, mas Alex não me recrimina, ele apenas me abraça forte e me deixa liberar aquilo.

— Eu juro... eu achei que estava bem enquanto estávamos em Surrey... — minha voz sai nasalada e arranhada por causa do choro. — Porque aqueles dias eram como se fosse um bônus, um presente que ganhei de Blake que eu não esperava ter. Mas desde que chegamos aqui em Londres, sinto como se

tivessem ligado um cronômetro enorme na minha cabeça e estou aflita demais assistindo o tempo passar, correr pelos meus dedos como areia fina. E parece que quanto mais desesperadamente tento segurá-lo, mais ele escapa de mim. E isso foi só uma semana, uma única semana se passou do tempo oficial que eu esperava ter e já estou perdendo totalmente a cabeça. Eu não sei como vou conseguir lidar quando nós...

Ele levanta minha cabeça e alisa meu rosto, secando as lágrimas cuidadosamente com o polegar.

— Vamos combinar uma coisa, minha rosa. — pede antes que eu conclua aquilo que ele já sabe, aquilo que nós dois sabemos, não importa quanto enganamos a nós mesmos. — Nós não vamos pensar ou falar sobre isso nas próximas duas semanas. Nós planejamos essa viagem durante meses e eu quero que ela seja perfeita, quero que você aproveite ao máximo sua estada aqui na Europa, quero que esse seja o mochilão dos seus sonhos, uma memória linda, um tempo que sempre vai ter para se lembrar. Não quero que perca isso, não mesmo, esse é o seu momento, um feliz momento. Vamos deixar para lidar com a saudade e a distância quando tiver que ser, não antes, por favor?

Solto um longo suspiro.

Lá no fundo, sei que Alex está certo. A finitude dessa viagem é como a mala perdida da Anastasia: não há nada que possamos fazer a respeito e pensar demais sobre isso só vai nos estressar e prejudicar que aproveitemos o tempo que dispomos aqui. Então vamos deixar isso de lado e nos divertir enquanto a felicidade durar.

Às vezes é apenas um mês. Às vezes é apenas um segundo.

Ainda assim, ela sempre vale a pena.

Toda a felicidade é eterna na nossa lembrança.

Eu assinto, engolindo o choro e o sorriso que me esforço para dar me faz derrubar aquela última lágrima.

— Ei... “Não chore por ter perdido o pôr do sol, pois as lágrimas te impedirão de contemplar as estrelas.”— Alex cita Saint-Exupéry, a secando pra mim.

— Então, às estrelas. — proponho segurando sua mão e voltando a olhar para o céu estrelado.

— Tenho um último lugar para te levar essa noite. — Alex diz encontrando meu olhos. — Topa?

Ele me estende a mão.

A aceito sem hesitar.

Então ele tira o gorro de lã da sua cabeça e o coloca na minha antes de me puxar apressado pelas ruas gélidas de Londres.

— Para onde estamos indo? — pergunto sentindo o ar frio condensar à minha respiração quando formo as palavras enquanto nos movemos pelas margens do rio iluminado. Deve estar uns cinco graus aqui fora.

— Para a minha vista preferida da cidade.

Nós atravessamos o bairro ainda magicamente iluminado com suas luzes de Natal em torno das árvores, fachadas e prédios e fazemos a curva por baixo da Waterloo Bridge e então eu posso ver o Big Ben e o Parlamento do outro lado da margem e meu coração palpita.

— Nossa! — exclamo atordoada com a visão inesquecível. — Eles brilham tanto à noite, parecem até feitos de ouro.

Alex abre um sorriso. — Espere só até ver do melhor ângulo.

Dizendo isso, ele segura a minha mão e me arrasta em direção à imensa roda gigante posicionada às margens do rio. O assisto tirar dois ingressos do bolso e entregá-los à uma jovem funcionária que nos guia para o interior de uma enorme bolha de vidro flutuante.

Um rapaz entra logo em seguida e serve duas taças de champanhe borbulhante com morangos ao fundo.

— Queria muito te trazer aqui à noite, dizem que é um dos passeios mais românticos de Londres. — Alex comenta caminhando para perto do vidro quando começamos a subir.

— Eu posso entender bem o porquê. — o acompanho e encosto a minha cabeça em seu ombro, maravilhada com a cidade que se agiganta abaixo de nós. — Às vezes você se sente pequeno? — murmuro, meus pensamentos ainda tão aflorados com toda aquela situação de momentos atrás.

É quase como se eu pudesse perceber tudo ao meu redor.

É como se eu não pudesse guardar mais nada para depois.

Alex levanta a sobrancelha sem entender bem o que quero dizer.

Ajeito meu corpo e me debruço na barra de apoio ao seu lado. — Você vê quão grande e maravilhoso é o mundo e se sente um pontinho insignificante e percebe que, não importa quantos anos viva, nunca será o bastante para conhecê-lo por inteiro?

Então Alex sorri e algo em seu sorriso me acalma.

— Eu acho que é mais tranquilizador se pensar que tudo bem se não conhecer todo o mundo, desde que conheça a parte mais importante para

você, estará no lucro.

Me viro e olho no fundo dos seus olhos. — E que parte lhe seria essa?

Ele toca meu cabelo com uma delicadeza ímpar, o afastando do meu rosto.

— Você, Vanessa. Você é o meu lugar favorito no mundo inteiro.

Abaixo os olhos corando. — Eu não sou um lugar, Alex.

Ele inclina o rosto e há algo doce ali enquanto acaricia minha bochecha com o polegar.

— Não, você é mais que isso, minha rosa. É meu porto seguro, meu chão, meu céu. É a pessoa em quem penso do momento em que abro os olhos até quando vou dormir. Você, Vanessa, é o universo para mim, o centro dele, o que o faz girar.

Sorrio e fico na ponta dos pés, pressionando levemente minha boca contra a dele. Duas lágrimas cortam o meu rosto quando o relógio do Big Ben entoa lindamente as doze badalas da meia-noite.

— Duas semanas. — sussurro sem me afastar nem mais que um milímetro necessário de seus lábios, a minha testa ainda colada a dele. — O relógio vai começar a correr mais depressa a partir de agora.

— Então vamos fazer que o tempo valha em dobro. — Alex propõe levantando a taça de cristal para propor um brinde. — À uma viagem perfeita.

Levanto a minha de encontro a dele. — À uma viagem perfeita.

E assim bebemos a esperança de que a viagem não será apenas perfeita.

Ela será algo muito além do que poderíamos sonhar.



São apenas sete da manhã, mas já estamos todos no interior da fervilhante estação St. Pancras, uma das estações ferroviárias mais belas do mundo.

— Bem, mocinhos, foi um prazer tê-los aqui essa semana. — tia May diz emotiva ao se despedir de nós. Nossas coisas já estão empacotadas nas mochilas, nossos passes de trem nas mãos, tudo pronto para iniciar nossa louca e mágica aventura pela Europa.

— O prazer foi todo meu. — digo a abraçando forte. — Obrigada por tudo, tia May, você foi muito gentil comigo.

— Ora, que isso, Vanessa! Estou torcendo para que volte mais vezes.

Ela olha para mim e vejo tanto significado naquele olhar.

— Voltarei, sim. — asseguro apertando forte sua mão numa promessa e então me viro para o meu garoto preferido no mundo. — Você vai ficar bem enquanto roubo seu irmão um tempinho?

Blake ergue os ombros cheio da confiança típica dos Summers.

— Sou um rapaz responsável, Vanessa. E fora isso, tia May com certeza cozinha muito melhor que o meu irmão.

— Há-há-há, muito engraçado! — Alex revira os olhos falsamente ofendido, pois sabe muito bem que sua comida é uma bela gororoba mesmo.

— Se divirta na sua viagem, Vanessa. — Blake deseja sem jeito me dando um aperto de mão. — E obrigado. Obrigado mesmo, por tudo. Se não fosse pela sua ajuda, aquela noite não teria acontecido.

— Ora, não me agradeça, Blake. — toco seu ombro com carinho e ele levanta os olhos para me encarar. — Você também merece que coisas mágicas aconteçam em sua vida.

Então, sem aviso, ele abre os braços e me abraça, me abraça forte e, por alguns minutos, não solta. — Queria que meu irmão tivesse te conhecido antes. — ele sussurra emocionado em meu ouvido antes de permitir os braços caírem.

—Eu também. — sussurro de volta o apertando um pouco mais antes de o deixar ir. — Eu também.

Nós nos encaramos cheios de lágrimas e sorrimos um para o outro

Um sorriso já saudosos.

Um sorriso de amigos.

— Bem, é isso! Vão lá, crianças, ou vão perder a hora! — tia May alerta olhando para o relógio suspenso da estação. — Lembrem-se, esse é um trem inglês, logo nunca atrasa.

Eu rio secando as lágrimas com o dorso da mão. Blake me entrega meu mochilão que trouxe até aqui como o cavalheiro que é.

— Deixa que eu cuido disso. — Alex tenta pegá-lo, mas o apanho antes.

— Sem chance. — ato o mochilão nas minhas costas fechando a fivela no peito. — Sou responsável por carregar minha própria bagagem daqui pra frente.

— Certeza? — ele me olha em dúvida. O mochilão está um pouco mais

pesado do que quando cheguei porque posso ter exagerado um tiquinho só nos souvenirs de presente.

— Absoluta. — não deixo transparecer nenhuma hesitação porém.

— Certo. Então lá vamos nós. — ele se inclina e beija o topo da cabeça de Blake carinhoso. — Tchau, mano. Se comporta aí com a tia, prometo que estarei de volta em duas semanas.

Blake o abraça e fala algo em seu ouvido. É bem rápido, mas deixa Alex atordado.

— Vamos nessa? — ele me dá a mão e juntos caminhamos para a área de check in do Eurostar, acenando para tia May e Blake até eles sumirem da nossa vista. O garoto tem na expressão algo tão triste que me corta o coração ter que dizer adeus.

Ter que dizer adeus é a minha eterna sina.

Depois que passamos pela revista de bagagem e controle de imigração, avistamos o moderno trem prata, amarelo e azul aguardando na plataforma. Meu coração palpita forte quando embarco.

Desato a mochila e me sento na poltrona vermelha marcada. Em seguida, tiro meu celular do bolso e conecto os fones nele, oferecendo um para Alex.

— Boa escolha de trilha sonora. — ele assente com um sorriso quando escuta começar a tocar Beautiful Crazy, de Luke Combs ao fundo. — E então, preparada para começar a aventura?

Olho para a mão dele que segura a minha com firmeza.

— Como nunca estive na vida.



BRUGES, BÉLGICA.

Sou tomada por uma excitação sem igual quando abro a cortina e vejo os primeiros raios de sol clarearem a manhã. Foi uma viagem de apenas duas horas na qual mergulhamos na completa escuridão ao passar pelo canal da Mancha antes de chegar a Bruxelas, capital belga.

É incrível como a tecnologia conectou as pessoas. Construir um trem que ultrapassa a velocidade de trezentos quilômetros por hora e um túnel submerso que liga países era algo totalmente insano de se imaginar no passado, mas totalmente real e viável hoje. Fico pensando que se isso existisse há trinta anos atrás, antes de Alex e Blake nascerem, talvez a mãe deles...

Bem, talvez ela tivesse realizado o seu sonho e ido à Paris.

Nós saltamos na estação Bruxelles Midi para fazer a conexão para Bruges, o nosso primeiro destino escolhido e, pouco tempo depois, descemos na pequena cidade medieval. A impressão é a de entrar em um túnel do tempo, onde castelos, fortalezas, princesas e dragões poderiam facilmente se encaixar no cenário.

— Nossa, isso é lindo! — capto tudo com olhos fascinados de turista. As construções de pedra, os lagos com cisnes, as pontes e canais.

— É impressionante mesmo. — Alex concorda parando ao meu lado para admirar a vista. — Nanda mandou bem na dica.

— É, mandou sim. — me alegro por dizer isso.

— E aí? — ele vira para mim com um sorriso no rosto. — Vamos deixar as coisas no hostel antes de começarmos a explorar?

Olho para o meu relógio de pulso. — Ainda faltam duas horas para o horário do check-in.

— Droga... estava rezando por uma cama.

— Cansado?

— Pelo contrário. — ele abre aquele sorriso libidinoso. — Estou cheio de energia e ansioso para gastá-la da melhor maneira que conheço.

— Ah, é? Pois eu tenho uma outra sugestão para gastar um pouco dessa energia antes, pervertido. O que me diz de explorarmos a cidade de mochila mesmo?

— Se a garota da cidade aguentar. — ele provoca indo na minha frente.

Munidos apenas de um mapa como guia, eu e Alex nos aventuramos pela cidadela. Patrimônio da Humanidade desde 2000, Bruges é mesmo como Nanda descrevera: absolutamente estonteante.

Começamos nossa exploração pela Igreja de Nossa Senhora para conferir de perto seus belos afrescos, vitrais multicoloridos e a famosa estátua em mármore da Virgem Maria com criança, obra de Michelangelo, que fica exposta de forma tão acessível que é quase possível tocá-la.

Percorremos sem cansar o entorno, vislumbrando canais, parques públicos, museus e aquelas fascinantes casinhas estreitas de telhados pontudos em tons de vermelho, laranja e amarelo, que muito me recordam àqueles blocos de madeira pintados com tijolinhos com que brincávamos na infância.

Quando a tarde chega e com ela a fome, decidimos parar para almoçar no Grote Markt, o mercado central da cidade, e ali experimentamos o famoso cone de batatas fritas com maionese caseira, acompanhado de cerveja e de sobremesa, claro, muito chocolate belga. Encho a mochila com pelo menos vinte barras dos mais diversos sabores para levar de lembrança para amigos e família e então rumamos para o último lugar que falta explorar ali:

O Campanário: o mirante mais famoso da cidade.

Após uma subida de mais de trezentos e sessenta degraus carregando mochilões nas costas, chegamos ofegantes ao topo da torre, o ponto mais alto de toda Bruges.

A vista panorâmica da cidade é de tirar o fôlego.

Suspiro acompanhando o lindo pôr do sol e, desato a mochila, me debruçando na janela em arco para admirar a cidade cujo relógio parece que parou no tempo.

Alex me abraça por trás e aproveita aquele momento precioso comigo em que palavras não são necessárias, há no silêncio uma perfeita sintonia. Um perfeito entendimento.

Quando o espetáculo da natureza termina, meu celular vibra no bolso e sorrio ao atendê-lo.

— Fala, Anastasia!

— E aí, musa do carnaval carioca! Como está a aventura romântica na Europa?

— Fantástica! — afirmo sem o risco de estar cometendo nenhum

exagero. — Chegamos em Bruges hoje e, nossa, esse lugar é um verdadeiro sonho! Dá vontade de se perder aqui e nunca mais ir embora!

Ela ri. — Pois então lembre-se de que eu estou cuidando de tudo aqui na Polônia para recebê-los e trate de não se perder, viu?

Olho para Alex, a expressão marota. — Ela disse nada de se perder.

— Droga! — ele brinca, socando o ar em desaponto e rio.

— Já alertei aqui. — retorno a falar e ela ri também.

— Vocês são mesmo duas figuras, sabia?

Olho para Alex com um sorriso orgulhoso.

— É, acho que somos mesmo. — e então troco de assunto, porque não posso deixar de falar sobre aquele vídeo. — Agora me diz, princesa russa, que apresentação maravilhosa foi aquela, heim!? Eu já disse e digo outra vez, você arrasooou naquele palco!

— Ai, nem fala, estou louca para te contar a novidade!

— Opa, como assim? Tem novidade? Qual? Ai, meu Deus, desembucha logo!

— Fui chamada para uma audição, Vanessa, coisa grande! Estou indo para lá agora mesmo.

— Jura?!! Uaaaau, parabéns!! — dou gritinhos eufóricos e Alex ri.

— Bem, na verdade é quase impossível que eu seja escalada, mas, não custa nada tentar, né? — ela considera modesta demais para alguém tão talentosa.

Nem hesito. — Você vai conseguir, amiga, sei que vai.

Ela sopra o ar nervosa. — Me deseja sorte?

— Você não precisa, mas só para acalmar esse seu coraçãozinho, lá vai: boa sorte. — e como se o universo resolvesse mandar também o seu próprio recado, os quarenta e sete sinos da igreja começam a tocar naquele exato segundo em uma alegre e perfeita sinfonia.

— Meu Deus! Mas o que é isso? — ela arfa rindo do outro lado da linha.

— Um bom presságio. — grito em resposta para vencer o som alto dos sinos. — Você vai arrasar, amiga, acredite!

— Obrigada, musa, mesmo! Agora tenho que correr aqui. Só queria te agradecer pelo apoio.

— Agradeça conseguindo. Te adoro, viu?

— Também te adoro, mande um abraço para o Alex.

Quando encerro a ligação, meu coração bate feliz.

Me viro para Alex. — Será que fomos abençoados pelos sinos da sorte

também? – pergunto brincalhona.

Ele me envolve em seus braços e apoia o queixo em minha cabeça.

— Eu não preciso de mais sorte, Vanessa, já a tive por toda uma vida. — franzo a testa confusa e ele sorri. — Eu encontrei você, minha rosa. No meio de tantas, a feita pra mim. Não existe no mundo sorte maior que essa.

Sorrio encabulada.

— Então não me perca.

— Nunca.



Andamos juntos pelas charmosas ruas de pedra da cidade medieval agora iluminada apenas pelas luzes dos postes e da lua. Depois que o sol se foi, o clima esfriou bastante e sinto minha respiração se condensar à minha frente.

Quando chegamos ao plácido lago perto da entrada da cidade de novo, percebo que ele está ainda mais sereno e encantador do que era de dia.

— Esse é o Lago do Amor. — Alex informa olhando o guia. — E essa em que estamos é a Ponte dos Amantes.

— Ponte dos amantes, lago do amor... Caramba, isso não podia soar mais romântico.

Largo a minha mochila no chão, admirando a forma como o vento toca os galhos frondosos dos salgueiros-chorões, assim como a superfície delicada da água povoada de belos cisnes adormecidos.

Como se para provar que estou errada nisso, Alex tira o casaco e o coloca com carinho sobre os meus ombros, me abraçando por trás.

Suspiro.

Sim, com ele é sempre possível ser mais romântico.

— Eu amei essa cidade... Ela é tão bucólica, tão sem pressa. Parece até que voltamos no tempo.

— Deve ser bom, não? — ele diz próximo a minha orelha, sua respiração gelada me provocando cócegas. — Imagina só ter a chance de consertar as coisas que fizemos de errado no passado? Nossa... eu mudaria tanta coisa.

— Eu não sei se mudaria algo. — me apoio na mureta da ponte e olho

para o lago pensativa.

— Não? — ele pergunta curioso. — Mas deve haver coisas que você gostaria de mudar... o tempo que passou em seu antigo trabalho, ou o dia em que perdeu seu avô ou... quando se envolveu com Victor.

Eu viro o rosto, encarando de frente aqueles olhos tão azuis de perto.

A visão deles é sempre desconcertante.

— Sabe, as vezes eu penso sobre isso... — confesso. — Eu olho para trás e vejo quantas besteiras eu já fiz e como fui tola, e, sim, queria poder passar uma borracha nessa parte feia da minha história, esquecê-la. Mas aí penso: se pudéssemos voltar no tempo e apagar todos os nossos piores erros, não os cometeríamos de novo no futuro? — e então volto a encarar o lago, tão plácida e conformada quanto ele. — É um paradoxo, percebe? Se mudássemos o passado, a pessoa que nos tornamos hoje não existiria mais, e aquela pessoa que cometeu o erro no passado, sem ter aprendido nada, acabaria o cometendo outra vez. Então acho que por mais dolorosa que seja, a lembrança do que vivemos é sem dúvida a nossa melhor conselheira. Ela nos prepara para acertar.

Ele apoia os cotovelos nas laterais dos meus, me cobrindo, me protegendo do frio. — Sabe, às vezes você me apavora.

— Como? — pisco surpresa com o comentário e me viro para encará-lo, percebendo só então quanto estamos próximos.

Ele me olha assustado e fascinado ao mesmo tempo.

— As coisas que você fala e faz... — ele diz e seu nariz toca de leve o meu pela proximidade, sua respiração se confundindo com a minha. — É estranho, eu não saberia nunca explicar direito. É como se você tivesse sido inventada para quebrar todos os meus medos, inseguranças, para desfazer as crenças que mais me assombram. Eu não acreditava no amor quando você surgiu, não acreditava em perdão, não acreditava sequer que eu valesse a pena e você...

— ...você vale. — o interrompo, colocando o dedo sobre seus lábios.

Ele suspira pesado e balança a cabeça para os lados, fechando os olhos.

— O que quero dizer é que você me conserta... me repara onde eu às vezes nem sabia que estava quebrado. Sempre achei que os erros do passado eram um dano permanente, uma mancha que só me trazia vergonha e que desejava de todo jeito poder apagar. Mas aí vem você e me diz que não se muda o passado, porque é ele quem nos muda. E percebo que tem toda razão.

Então ele se aproxima e sussurra em meu ouvido, a mão entrelaçando

meus cabelos. — Eu te amo, Vanessa. Te amo tanto que pela primeira vez na minha vida não estou vivendo o passado ou o futuro, tudo o que me importa é o presente. O aqui e o agora, com você. Queria ter o poder de congelar esse momento.

A declaração repentina faz meu corpo arrepiar. Safiras cintilantes me encaram como o céu estrelado e, como um passe de mágica, flocos brancos começam a cair do céu.

Neve.

A primeira da temporada.

— É uma sorte então que estejamos no inverno. — eu digo e ele sorri, seus lábios cobrindo os meus num beijo lento, profundo e apaixonado.

Enquanto a neve continua a cair, tingindo de branco árvores, pontes e vielas, sinto que também queria poder congelar esse momento, viver essa sensação de amar e ser amada para sempre. Quando a lua passa a se refletir cheia e plena no lago azul escuro, nós nos refugiamos no hostel, que também é um bar no primeiro andar, compramos uma garrafa de vinho e tomamos as escadas para aproveitar a nossa última noite de privacidade antes de nos aventurarmos em camas e sofás alheios.

Subimos acesos, trocando beijos intensos, largando as mochilas pelo chão do quarto e despindo camadas e camadas de roupas enquanto bebemos vinho direto do gargalo. A bebida desce perfeitamente bem no frio e os beijos, enluvados nesse sabor, são tenros e quentes.

Apesar do frio lá fora, o calor emana vívido no interior do pequeno quarto em Brugges.



Acordo sentindo o gélido frescor do inverno europeu cobrir minha pele. Abro os olhos devagar e me deparo com uma bela flor branca repousando em cima do meu travesseiro.

— Bom dia, minha rosa. — Alex entra no quarto carregando uma caneca fumegante de café e waffles cobertos de chocolate belga.

Chocolate belga, café e Alex juntos?

Deus! Acho que morri e fui parar no céu!

— Eu já disse que te amo? — mordo o waffle sentindo o inenarrável prazer do chocolate quente derretendo na boca.

— Posso mentir descaradamente e dizer que não? — ele sorri majestoso, os olhos azuis me fitam enquanto limpa o cantinho da minha boca e lambe o polegar melado de chocolate. — Porque vou ser sincero contigo, acho que não me canso de ouvir.

O puxo para perto e o beijo com gosto de chocolate.

— Eu te amo, Alex Summers. — e então salpico seu rosto de mais beijos. — Te amo, te amo, te amo.

— Desculpa... — ele faz uma cara de sonso. — Acho que ainda não ouvi direito.

— Ah, não?

Ele nega com a cabeça dissimulado.

— Bem, talvez ajude se eu demonstrar um pouco...

Ele assente entusiasmado e então passo minhas pernas em torno do seu quadril, me sentando em seu colo.

— Assim ajuda?

— Def... definitivamente ajuda. — ele gagueja, quando inclino a cabeça para beijar seu pescoço de forma indecorosa.

— Quanto tempo até o nosso trem sair? — sussurro ali e ele estremece me apertando mais contra si.

— Não o suficiente...

Eu me afasto desconfiada e então me estico para pegar o livreto no bolso do meu casaco, jogado em cima do criado mudo.

— Alex! — dou risada ao conferir o horário de partida. — Nós ainda temos uma hora, seu doido!

Ele abre um sorriso voraz antes de me derrubar na cama.

— Como eu disse, não o suficiente.

Duas horas depois fazemos a conexão em Bruxelas, entrando no trem que vai nos levar rumo a nossa próxima parada: Berlim. Me jogo na poltrona à janela e Alex fica ao meu lado, no corredor. Rio ao olhar para ele e ver que ainda está corado do frio e do esforço que fizemos essa manhã.

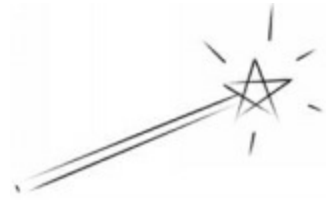
Foi um hora muito, muito bem aproveitada.

Quando ele nota que o observo, disfarço e coloco a minha mochila no colo, procurando por meus fones nela.

— Qual será a trilha sonora dessa vez? — ele pergunta se inclinando

para perto.

— Vamos descobrir agorinha. — entrego a ele um fone e pego o outro pra mim, dando o play. Meus olhos piscam de cansaço porque essa foi uma noite bem agitada e quase não dormida, de forma que quando a primeira faixa começa a tocar, me deixo embalar ao som de *Nosso nó* e, exausta, adormeço.



BERLIM, ALEMANHA.

Desperto com o barulho truculento da mudança de trilhos. Ainda sonolenta, abro os olhos e vejo que o trem acaba de adentrar a capital alemã. Viro para avisar a Alex que estamos chegando, mas para a minha surpresa não o encontro ali ao meu lado, apenas minha mochila está em pé em sua poltrona.

Estico o corpo sobre os assentos e olho para os dois sentidos do corredor o procurando, mas nada, nem sinal do meu inglês por perto.

“Ele deve ter levantado para ir ao banheiro”, penso, mas não sei porque, sinto certa ansiedade com sua ausência e esfrego as mãos que estão geladas apesar do poderoso aquecimento central da locomotiva.

O trem desacelera e vinte minutos depois já é possível avistar os prédios cinzas da cidade delineados através da janela embaçada. Alex ainda não retornou ao seu lugar. Começo a ficar preocupada e me levanto em busca dele quando o trem desacelera, anunciando sua chegada.

Meu coração palpita de um jeito ruim enquanto corro pelo corredor à contrafluxo dos passageiros que se levantam para sair.

— Alex! Alex?

Droga, nada nesse.

Abro a porta para o próximo vagão, mas quando vou atravessá-la, trombo de frente com alguém.

— Alex?

Ele me segura antes que eu caia.

— Chegamos em Berlim. — diz sem olhar para mim. Sua voz é cortante e fria, reparo, fria como o inverno europeu.

Após o aviso, ele simplesmente passa por mim indo em direção aos nossos assentos. *Oi?!*

— Você me assustou. — o sigo com certa dificuldade por conta do fluxo de pessoas. — Fiquei preocupada quando acordei e não te encontrei ali.

Ele para em nossos lugares e olha pra mim. Mas não são mais safiras brilhantes, seus olhos agora são duas pedras afiadas de gelo.

— Acho que você consegue se virar muito bem quando não estou.

Franzo a testa e tento entender que porra que aconteceu aqui que eu não vi.

— Não entendo... O que deu em você? — levanto as mãos começando a me sentir exasperada.

— Nada. — ele responde seco, pegando sua mochila no bagageiro acima da poltrona.

— Onde você estava? — insisto enquanto ele veste as alças.

Seu rosto é impassível quando me olha de novo.

— O trem vai partir, precisamos sair.

Então se vira, indo na frente em direção à porta de desembarque.

Ave Maria protetora de todas as apaixonadas, me ajude aqui que acho que deu pau.

Pego minha mochila na poltrona e o sigo aos tropeços enquanto a visto apressada. Um ânsia corrói meu estômago enquanto cogito. “Você deve estar sonhando, Vanessa. Mas é claro que está, isso só é um pesadelo”.

Dou um beliscão no braço e me arrependo na mesma hora.

Isso definitivamente não é um pesadelo.

Quando descemos da composição, Christian já está lá na plataforma para nos receber. Seus cabelos castanhos estão mais curtos do que me lembro e ele veste um elegante casaco de inverno cinza escuro.

Conheci o jovem alemão no ano novo na casa da Nanda e, apesar de a princípio ele ter dado em cima de mim nas águas de Copacabana, acabamos nos tornando bons amigos depois pela internet.

— Halo, brasileira que não gosta de futebol! — ele brinca me dando um abraço de boas-vindas que me tira do chão.

— Olá, alemão que não gosta de salsicha! — brinco de volta e dou um passo atrás, puxando o que só pode ser o irmão-gêmeo-do-mal de Alex comigo. — Deixe-me te apresentar o Alex.

— Halo, é um prazer finalmente conhecê-lo! Vanessa fala à beça de você. — Cristian estende a mão simpático, mas reparo que Alex irmão-gêmeo-do-mal não está muito para simpatias.

— Fala mesmo? — sua expressão é pétrea, quando responde.

Cristian me lança um olhar confuso, a mão ainda erguida no ar.

— Alex... — o cutuco sem graça, apontando para Christian.

O inglês balança a cabeça como se recuperasse um pouco do juízo e, a contragosto, o cumprimenta. — Obrigado por nos receber em sua casa.

— Ora, que isso! — Cristian respira um pouco aliviado. — É um prazer tê-los aqui. Vanessa é uma amiga muito querida.

— Ah, com certeza é. — Alex responde de uma forma que não soa

muito boa e Christian coloca as mãos nos bolsos do casaco ficando sem jeito de novo.

Sério! What the fuck is going on?

— Deixei meu carro estacionado ali. — o alemão indica com um movimento breve de cabeça. — Vamos nessa?

— Está tudo bem? — sussurro para Alex enquanto caminhamos atrás dele.

— Claro. Por que não estaria?

Mas a sua expressão é o suficiente para saber:

Nada está bem e eu não faço a menor ideia do porquê.



O trajeto até a casa de Christian é todo muito estranho. Alex está esquisito, quieto demais, taciturno demais, mal-humorado demais, é quase como se fosse outra pessoa.

Ainda não descartei mesmo a possibilidade do gêmeo do mal.

Eu simplesmente não consigo entender o que diabos aconteceu com ele nesse tão curto intervalo de tempo, ontem nós estávamos trocando juras de amor na Ponte dos Amantes e agora isso.

Será que Alex é bipolar?

— Vocês vão adorar Berlim! — Christian fala animado enquanto dirige, mas não consigo prestar muita atenção no que ele diz porque o silêncio de Alex no banco de trás me apavora.

Espio sobre o ombro e vejo que Alex está com o olhar perdido na janela, a mão firmemente em torno do passaporte e do passe de trem ainda não guardado, como se ele cogitasse a ideia de voltar à estação e ir embora daqui a qualquer momento.

O pensamento contorce meu estômago. Será que ele me levaria junto?

Não, ele não levaria.

Algo em Alex mudou. E mudou comigo.

Quando chegamos ao apartamento de Christian, vejo que é apenas alguns metros quadrados maior do que o meu, mas de alguma forma tudo parece mais caro, luxuoso. O alemão tem diversos eletrodomésticos hightech,

jogos eletrônicos e pôsteres de carros esportivos emoldurados na parede, além de uma estante repleta de miniaturas automotivas reluzentes.

— Você gosta de carros. — Alex abre a boca pela primeira vez, mas o tom é mais de constatação do que interesse.

— Na verdade é o meu trabalho. — Christian sorri pegando a miniatura de um Porsche. — Desenho peças para eles.

— Nossa, que legal! — exclamo querendo ser simpática, mas os olhos de Alex se voltam para mim e me arrependo no mesmo instante. Ele me olha como quem tenta entender uma completa estranha.

Eu não sou uma estranha.

Não pra ele.

Sou?

— Bem, me desculpem, mas tenho que ir agora para o trabalho. — Christian comunica, parecendo sentir certo alívio com o fato de ser segunda-feira. — Deixei roupa de cama e toalhas lá no quarto de hóspedes para vocês.

— Se importa se eu dormir no sofá da sala? — Alex pergunta e eu congelo, meu coração se partindo em mil pedaços.

— Ah, — Christian coça a cabeça aturdido. — mas é claro que não. Eu só imaginei que... que vocês...

Ele para de falar constrangido e apenas se abaixa e entrega um lençol e travesseiro que tira do rack para Alex.

— Obrigado. — o inglês agradece cerimonioso.

Alex então coloca a mochila no chão e começa a desdobrar o lençol, deixando ainda mais claro seu ponto de que não tem nenhuma intenção de dividir o quarto comigo.

Uma pausa desconfortável. Christian olha para mim e leio em seus olhos a pergunta implícita: “Você vai ficar bem?”

Assinto, mas na verdade não tenho muita certeza disso.

— Fique com a chave. — ele me oferece uma cópia. — Ainda é cedo, podem querer dar um giro pela cidade.

Lanço um olhar para Alex que já está se deitando no sofá e duvido um pouco dessa hipótese.

— Obrigada e... me desculpe. — articulo o final sem emitir som.

Christian me oferece um sorriso de solidariedade em resposta junto com um “boa sorte” também mudo.

Um conjunto de sinos auspiciosos seria muito bom agora, viu, Universo.

Quando ele sai e fecho a porta, conto até três, respirando fundo antes de

me virar para encarar Alex. Mas quando o faço, vejo que ele já está de olhos fechados. Sei que ainda não dorme, sei disso pelo vinco formado em sua testa e a forma tensa como suas mãos estão fechadas na lateral do corpo.

E, apesar de mais que tudo querer cutucá-lo e perguntar o que houve, discutir, arrancar isso dele nem eu seja à força, eu também tenho medo de que ao fazê-lo ele pegue o passaporte e o passe que ainda estão à mão e vá embora de vez. Então pego minha mochila e a arrasto até o quarto de hóspedes. E, apesar de ser apenas cinco da tarde, me deito na cama e fecho os olhos.

Mas não durmo.

Não quando meu sonho acabou de se tornar um pesadelo.



Em algum momento da madrugada consegui finalmente dar um cochilo. Certamente não foi o bastante, porque minha cabeça dói como o inferno quando desperto com o bater de porta da sala. Ainda deitada, peço a Deus que ontem tenha sido apenas um dia estranho e louco e que Alex e nossa viagem maravilhosa estejam de volta hoje, mas quando me levanto e saio do quarto, compreendo que sou boa em atender desejos, mas não tão boa em tê-los realizados.

Alex está acordado, a roupa de cama dobrada no braço do sofá, o passe de trem e o passaporte ainda ao alcance da mão. Seus olhos azuis estão sombreados por olheiras escuras e sua expressão é zangada, mas relutante.

Pelo visto eu não fui a única a dormir mal essa noite.

— Ouvi um barulho na porta. — digo acanhada entrando na sala.

— Christian foi trabalhar. — ele responde sem me dirigir o olhar.

Ótimo, ainda taciturno.

— Vai a algum lugar? — aponto o passaporte em sua mão corajosamente.

— Devo ir? — ele pergunta de volta, seus olhos frios com gelo agora me encarando.

— Não, claro que não. — balanço a cabeça negando e me aproximo, me sentando ao seu lado e segurando sua mão. — Só se me levar junto.

Ele me olha avaliativo, novamente me sondando como se não me

conhecesse. Como se eu fosse um enorme e duvidoso ponto de interrogação.

— O que foi, Alex? — meu rosto desmonta.

Ele vira o dele para não ter que me encarar, mas suas mãos se apertam na lateral do corpo.

— Algum problema com o Christian?

— Não, ele é um cara legal. — Alex dá de ombros soando indiferente e se levanta em direção ao banheiro. — E gosta de você, se ainda não reparou.

Não pode ser...

Será que isso tudo era ciúmes?

Ora, Alex não pode ser tão infantil assim!

— Ele já deu em cima de mim uma vez, Alex, mas não aconteceu nada e isso entre a gente ficou para trás. — me apoio no batente da porta enquanto o assisto escovar os dentes de uma forma que parece querer assassiná-los. — Somos só amigos. Juro.

Seus olhos se apertam quando ele cospe na pia.

— Mas tudo bem se tivessem algo mais, certo? — ele diz guardando a escova na mochila. — Não somos namorados, Vanessa. Não nos devemos explicações desse jeito, na verdade não nos devemos nada.

Ouvir isso dele dói.

Dói muito.

Apesar de não termos oficializado nossa relação, Alex sabe muito bem o que eu sinto por ele, pelo menos eu achei que soubesse. Será que eu entendi tudo errado?

Ele vai para a sala e começa a vestir o casaco pesado.

— Onde você vai? — vou atrás dele.

— Esfriar a cabeça.

E sai pela porta.



Mesmo sem ser convidada, o sigo calada pelas ruas cinzas de Berlim. Eu sequer escovei meus dentes ou penteei o cabelo, quando Alex botou o casaco para sair, fiz o mesmo e fui atrás, não queria correr o risco de ele ir embora sem mim.

Não quando ainda não entendia o que estava acontecendo com a gente.

O frio está mais intenso agora, dez graus abaixo de zero como marca o termômetro que passamos. O vento frio corta o meu rosto como chicotadas, deixando-o marcado de vermelho. Minha expiração sai em uma fumaça espessa e abraço o meu próprio corpo, mas não sei se é para me aquecer ou para não me partir em pedaços.

Alex caminha logo à frente e parece mergulhado em seus próprios pensamentos. Me pergunto que pensamentos são esses e porque estou envolvida neles.

— Olha, é um parque! — eu aponto à direita, apertando o passo para alcançá-lo, pois suas pernas são mais longas. — Quer conhecer?

— Não, realmente.

— Ah. — suspiro frustrada e coloco as mãos no bolso, abaixando a cabeça.

O silêncio nos segue por mais algumas quadras.

A angústia dentro de mim vai crescendo a cada passo e junto com ela o medo de perdê-lo. Porque sim, algo que me diz que assim que essa caminhada acabar, Alex vai pegar seu passaporte e passe e vai embora.

E eu talvez nunca mais vá vê-lo de novo.

Ai, coração... aguenta.

Chegamos a uma parte murada cheia de grafites. Estou tão nervosa com a situação que só uns dez metros depois é que me ligo que estamos diante de um importante marco histórico da cidade.

— Olhe, Alex! — eu paro perplexa, encarando aquela degradada construção. — Esse é o muro de Berlim.

Ele para e, por um minuto, olha surpreso para o lado, pois também não percebera diante do marco que estava. Infelizmente, porém, o momento logo passa e ele volta a fechar o rosto e se afastar de mim.

Eu corro e seguro o seu braço.

— Pare! — o faço estagnar e meus olhos se enchem de lágrimas quando encontram os dele frios e relutantes como o inverno. — Por favor. Não me magoe sem ao menos me dizer a razão. Eu te amo, Alex, e quando alguém que amo me magoa dói. Dói demais e não sei se posso aguentar mais disso. Você está me partindo. Partindo em pedaços.

Como se o feitiço do silêncio fosse quebrado pela transparência das minhas palavras, os olhos azuis de Alex também se tornam espelhos d'água.

— Você quer que eu me mude para o Brasil?

A pergunta direta me pega desprevenida.

— Alex, eu...

— A pergunta é simples, Vanessa. Você quer que eu me mude para o Brasil, sim ou não?

Olho para o chão. — Sim.

— Mas você sabe que ...

— Eu sei... você tem Blake, eu nunca te pediria para deixá-lo.

Ele suspira fundo passando a mão no cabelo sem conseguir olhar pra mim também. — Então no fundo você já tomou sua decisão.

Olho para ele confusa. — Que decisão?

— Se nós não vamos para frente do seu jeito, o que isso me torna, Vanessa? — sua voz é magoada quando me encara destruído. — Pode dizer você mesma, já até definiu as palavras.

Eu sacudo a cabeça sem entender bulhufas.

— Mas que palavras, Alex?!

— Uma chuva de verão! — ele ri sem humor e duas lágrimas se derramam em seu rosto. — É irônico que me chame assim, uma vez que estamos em pleno inverno.

— Mas eu... nunca... eu nunca te chamaria assim. Pelo amor de Deus, Alex, como eu poderia?

— Me desculpe... — ele olha para cima trêmulo e percebo o quanto está quebrado, enxugando envergonhado as lágrimas que cortam seu rosto. — Eu sei que estou sendo um completo babaca com você, Vanessa. Você não fez nada de errado, acho que fui eu que me precipitei ao achar...

Ele engasga e abaixa os olhos sem completar a frase.

— Ao achar o quê, Alex?

Seus olhos são pura tristeza quando os levanta com um encolher de ombros.

— Que você e eu... que nós dois tínhamos algo especial.

— E não temos?

Ele ergue a sobancelha de um jeito doloroso.

— Por favor, não minta pra mim...

— Como assim? — puxo os meus cabelos exasperada. — Eu não sei do que diabos você está falando, Alex! Preciso que me diga claramente antes que eu surte aqui!

Ele me observa com angústia e, também, arrependimento.

— Sabe, — sua voz sai falha e rouca. — eu sei que eu não deveria te julgar por isso, eu é que fui burro, não oficializei as coisas quando devia.

Acho que, sei lá, estava esperando por um momento especial e acabei deixando a porta aberta para isso acontecer. Achei que o que tínhamos era tão certo e recíproco que você agiria da mesma forma que eu, mas acho que enganei e, a culpa disso, repito, foi toda minha. Eu realmente acho que não me machucaria tanto descobrir se não tivesse sido justamente com ele...

— Oh, meu Deus! Você ainda está falando de Christian? — joga os braços pra cima exasperada. — Eu já disse, Alex, nós nunca...

— Não, Vanessa! Caramba! — ele grita magoado, erguendo as mãos também. — Eu não estou falando do Cristian, estou falando dele! Olha, quero que saiba que não fuzei sua vida nem nada, mas quando você apagou ao meu lado no trem a sua mochila estava aberta e tombou do seu colo e... dela caíram coisas. Um envelope em especial. Um envelope cheio de dinheiro, dinheiro do Victor.

Não consigo falar, não consigo respirar, apenas o olho em completo choque.

Mas que merda do ...!

— Eu não quis acreditar no que estava na minha cara, — ele continua e acho que estou em choque porque não me lembro nem como falar. — mas a mensagem que ele escreveu ali era bem clara mesmo eu sabendo tão pouco de português. Desde que fui embora do Rio, aquele palhaço deu um jeito de encontrar meu perfil na comunidade e de me enviar mensagens. Dizia que estava contigo, que eu era apenas um otário que estava sendo feito de trouxa enquanto ele te... aghh — ele faz uma careta enojada sem conseguir terminar a frase. — Eu achava que ele era perturbado, não queria nem te incomodar falando daquilo. Sou um idiota, não? Qual era o plano, Vanessa? “Curtir bastante a Europa” comigo e depois me dar um pé na bunda pra ficar com ele? Começar a “planejar o grandioso futuro” de vocês? Por que não, né, Vanessa? Afinal “só se se vive uma vez”.

Meu coração se alivia com o entendimento ao mesmo tempo que se estrangula. Se estrangula por ele, que sofreu tanto e pelos motivos errados.

— Alex...

— Eu sei, eu sei que ele é o retrato do cara perfeito: importante, rico e tal. — continua, nervoso demais para parar agora que começou a falar. — Mas Victor é um babaca, Vanessa, ele te fez mal! Sei que não é por conta do dinheiro que voltou pra ele, não pode ser. Eu tenho dinheiro e você preferiu viajar como uma mochileira pela Europa ao invés de me deixar bancar nossos hotéis e voos. Mas daí a acreditar que você está com ele por livre vontade é

ainda pior... Isso me magoa mais do que tudo porque, tudo bem você não me amar com a mesma intensidade que te amo, mas não se amar? Ah, isso eu não posso aceitar, me desculpa, eu simplesmente não posso. Você é especial demais para se sabotar desse jeito, sabe. Você merece mais que isso.

Meus olhos se enchem d'água e acho que me apaixonei pela centésima vez.

— Oh, Alex, você entendeu tudo errado...

Seguro seu rosto relutante entre minhas mãos e o faço olhar nos meus olhos. — Você está certo quando diz que Victor é o retrato do cara perfeito, mas sabe qual o problema em ser um retrato? Um retrato é um momento congelado, uma imagem fabricada que não diz absolutamente nada sobre a realidade por trás dela. Eu não fiquei com Victor depois que nós terminamos, eu não fiquei com o Cristian ou com ninguém mais... e quer saber o porquê?

Ele assente confuso, totalmente perdido como um garoto de doze anos.

— Porque eu te amo, seu inglês bobo. — ato meus braços ao redor do seu pescoço. — Eu te amo com todo o meu coração. Você é minha raposa, me cativou e se tornou único no mundo pra mim e é por você, por você e mais ninguém, que eu espero todos os segundos, dias e meses. É por você que conto as horas. E é você e só você que faz meu coração disparar, que me faz cruzar oceanos e quilômetros de distância só para te ver outra vez.

Então encosto minha testa na dele e digo baixinho.

— Aquele envelope foi escrito pela Isis, Alex, não por Victor. Eu vendi o anel que ele me deu antes da viagem, me libertei da última coisa dele que restava nublando a minha vida. Ele é a chuva de verão que deixei pra trás, não você. Você, Alex... você é o meu amor de verdade.

Ao som dessas palavras, Alex se desmonta e me toma em seus braços, me beijando desesperadamente. Posso sentir suas lágrimas molharem meu rosto ou talvez sejam as minhas, mas não importa, tudo o que quero é estar o mais próxima possível dele porque ficar longe é como o pior inferno na Terra.

Meus joelhos se encaixam entre os seus e enfio os dedos nos seus cabelos bagunçados o puxando pra mim, absorvendo profundamente cada sensação maravilhosa que sua boca, língua e braços despertam no meu corpo, incapaz de ter dele o bastante, incapaz de parar. Nossas bocas só se afastam quando nossos corpos nos obrigam a outra das necessidades mais básicas:

Respirar.

— Ah, minha rosa.... — Alex ofega sem fôlego, um mar de culpa

tomando seus olhos. — Me perdoe, por favor me perdoe... eu sou um idiota. Sinto tanto ter pensado...

— Shh... — coloco a mão suavemente sobre o seu coração e sinto como bate descompassado. — Já passou agora, meu amor, foi apenas um mal-entendido. Você não tinha como saber, nunca na vida imaginei que você conseguiria ler isso, quanto mais que interpretaria desse jeito...

— Deveria ter te perguntado antes, fui um idiota completo...

— Não, você não foi... Só estava magoado.

Ele fecha os olhos com dor e seus braços caem do enlace em meu corpo. — Devo ter agido igualzinho a ele...

Nego com a cabeça e seguro seu rosto para que abra os olhos e me encare.

— De jeito nenhum... Mesmo magoado você ficou, mesmo ferido você defendeu meu caráter dizendo saber que não agi por interesse. E, acima de tudo, mesmo com a hipótese do lance com o Vitor ser real, você não me diminuiu, você disse que eu merecia mais que isso, que eu era especial. Essas não são atitudes de um mal perdedor egocêntrico, são atitudes de alguém que se preocupa, de alguém que ama de verdade.

Ele suspira alto.

— Eu realmente te amo. — coloca com delicadeza uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e deixa a mão ali, na minha face corada de frio. — Muito.

— Eu sei... e eu também te amo, minha raposa. — toco seu peito. — Muito.

Então nos olhamos em silêncio por um minuto inteiro e é como voltar pra casa depois de um longo dia. Não preciso de mais nada no mundo, não quero mais nada. De repente sei que tenho tudo o que sempre desejei.

E mais.

A nossa conexão é interrompida apenas quando um pequeno guindaste com bola se aproxima de onde estamos. Viramos em sua direção e assistimos ele demolir uma parte do muro mais à frente, no que parece ser uma reforma promovida pela prefeitura.

Encosto a cabeça no ombro de Alex enquanto observamos a derrubada.

— Não é assustador pensar que esse muro separou famílias inteiras, amigos e amantes durante anos? — divido meus pensamentos com ele. — Às vezes me pergunto porque criamos tantos muros, tantas fronteiras e separações. Porque criamos a distância. Inventamos aviões, trens que

atravessam sob o mar e até a internet para aproximar as pessoas, mas continuamos achando outras formas de nos separar.

Alex segura firme minha mão na sua.

— Acho que é porque somos humanos. — diz. —E humanos, Vanessa, costumam criar barreiras e separações antes de se dispor a conversar sobre os problemas que lhe afligem.

Ele me olha com culpa.

— Me perdoa?

Eu o abraço forte.

— Não há nada a que se desculpar, Alex, o desentendimento já passou... O muro entre nós foi ao chão.

— Sim, ele foi. — ele concorda e me abraça forte afundando o rosto em meu cabelo. — Você o derrubou com tudo.



Volto para o apartamento de Christian naquele dia carregando uma pedregulho enorme, um pedaço derrubado do muro de Berlim que consegui surrupiar depois que o guindaste foi embora. Alex ainda ri do meu apego a pedra, mas argumento que é um fragmento da história, uma relíquia, de três quilos e meio, é verdade, mas ainda assim de valor inestimável.

Quando Christian chega em casa, é um alívio para ele ver que Alex e eu nos entendemos. Sem necessidade que eu peça, o inglês pede mil desculpas a ele pelo comportamento e se redime da forma mais universalmente masculina que conheço, com um six pack de cervejas.

Eles se divertem falando sobre bebidas e carros e viramos à noite na sala. Christian nos conta algumas coisas sobre a Alemanha, pergunta sobre a Inglaterra e diz que morre de vontade de voltar ao Brasil. E quando vemos, o sol já está raiando.

Um recomeço.

A partir disso, vivo dias incríveis em Berlim. Eu vejo os flocos de neve começarem a cair e, em minutos, o chão lisinho e duro da Pariser Platz se transforma em um fofo tapete de neve a céu aberto emoldurado pelo imponente Portão de Brandenburgo.

Faço a minha primeira bola de neve da vida - e taco certa na cabeça

de Alex, óbvio, monto um gracioso boneco de nariz de salsicha – porque brasileira que é brasileira sabe improvisar e, por fim, me jogo na criancice deitando no chão para fazer um anjo na neve apesar de Alex me alertar que vou congelar depois.

Congelo.

Berlim se mostra cosmopolita e empolgante em nossa estada. Tem tantos bares, tanta cultura, tanta história. Cervejas dos mais inusitados sabores saindo de máquinas como as de refrigerantes, metrô sem catracas, palavras gigantescas formadas por junção de outras como a temível *Donaudampfschiffahrtselektrizitätenhauptbetriebswer* que mais pareciam que um gato andou fazendo a festa nos teclados alemães e me faziam agradecer mil vezes por ter sido alfabetizada em português.

Visitamos a *Alexanderplatz* que abriga a torre de tv com a vista mais alta da cidade, a bela catedral de Berlim, a Ilha dos Museus e a moderníssima *Potsdamer Platz*. Conhecemos também o emocionante Museu do Holocausto, com seu memorial de túmulos de concreto em diferentes tamanhos dedicado aos milhões de judeus mortos durante o regime nazista, e o DDR Museum, onde passo a entender melhor como era a vida na Alemanha Oriental comunista em contraponto a Ocidental capitalista, revivendo ali a sensação angustiante da cápsula da distância de Micaela, sentindo a dor de famílias inteiras separadas por anos.

Já mais no fim, passamos uma longa tarde no antigo campo de concentração em *Daschau* e conhecemos de perto os tantos horrores que a Guerra proporcionou a milhares de inocentes. Como o ser humano pode tratar seu semelhante de forma tão hedionda? Ao fim da visita, sai gravado em minha mente a frase dos portões de entrada: Para jamais esquecer.

Eu, sem dúvida, jamais me esqueceria do que vi.

Na última noite em Berlim, nós somos convidados para uma confraternização organizada pelos amigos de Cristian. O lugar do encontro é um estúdio de tatuagem bem cool pertencente a um deles e cervejas são servidas em canecas de tamanho Viking assim que chegamos.

No grupo, está uma garota pálida de curtos cabelos tingidos de pretos com belas tatuagens de orquídeas no braço, um rapaz negro bem alto com piercing fluorescentes na sobrancelha e um cara com não mais de trinta, de barba ruiva e tatuado dos nós dos dedos ao pescoço que rabisca sem parar num montinho de guardanapos.

— E o que viram de interessante em Berlim durante sua estada? — o

cara de piercing, Aaron, pergunta dando um bom gole na sua cerveja.

— Ah, muita coisa! — eu conto ainda fascinada com a experiência toda.
— O Portão, os museus, a torre, o muro...

— Na verdade a Vanessa gostou tanto do muro que está levando um pedacinho dele. — Christian me dedura na maior cara dura para seus amigos.

— Um pedacinho? — Alex dá uma mega risada. — Ora, você tá sendo gentil, a pedrinha que ela pegou tem mais de quatro quilos, é quase um meteorito!

— Como é que você sabe o peso? — faço a egípcia diante das risadas de todos. — Sequer te deixei segurar.

Ele revira os olhos achando graça. — Porque eu te vi carregá-la até em casa e você estava quase morrendo no meio do caminho, mas teimosa do jeito que é não deu o braço a torcer.

Olho para Christian em busca de ajuda, mas ele apenas ergue as mãos.
— Sinto muito, mas é verdade. Você estava andando que nem zumbi de braços duros no dia seguinte.

— Como eu disse. — Alex me puxa para perto e me beija a têmpora. — Uma teimosa determinada.

— Acho que você não é o único da relação. — dou língua e ganho um beijo em resposta.

— E vocês estão voltando para casa amanhã? — Becky, a garota estilosa pergunta com um pequeno sorriso no rosto ao ver nossa interação.

Fico encabulada e me endireito no sofá. — Ah, ainda não. Vamos seguir viagem, passaremos ainda pela Polônia e também Itália.

— Ah, então vocês estão mochilando? — Aaron pergunta empolgado, jogando um dardo certo no alvo.

— Isso aí. — sorrio olhando pra Alex.

— Deve ser uma experiência incrível. — ele diz voltando a se sentar no sofá conosco. — Um dia ainda vou arranjar vergonha na cara e fazer.

— Não vai se arrepender! — afirmo com conhecimento de causa agora.
— Tem algo romântico nessa ideia de botar uma mochila nas costas e sair por aí, sabe? Algo sobre ser um viajante errante, explorar esse mundo enorme. E uma vez que você cai na estrada e realmente a experiencia, ela passa a te atrair de novo, a exercer um empuxo em você, como um vício.

— Wanderlust. — olho para o lado ao som da palavra e vejo Fritz, o cara tatuado, nos estender o último de seus guardanapos desenhados.

A palavra que falou está lindamente desenhada nele.

— O que isso quer dizer?

É Christian quem me explica.

— Wanderlust é uma palavra que só existe na língua alemã, Vanessa. Quer dizer algo como um desejo de viajar que transcende a alma. Acho que Fritz crê que se aplica a você, ele tem esse estranho hábito de sugerir as tatuagens para cada pessoa.

Sorrio olhando para a palavra com tanto significado.

— Eu gosto dela.

— Eu também. — Alex aperta minha mão e nos olhamos, nos comunicando silenciosamente antes de Fritz se levantar em direção à sua estação de trabalho.

— Que assim seja.



Na manhã seguinte, estamos prontos para deixar a cidade. Christian nos leva até a Estação Central de Berlim e nos despedimos com muitos abraços, imensamente gratos pela maravilhosa estadia que tivemos.

— Sério mesmo que vai carregar esse trambolho contigo até o final da viagem? — o alemão pergunta apenas para me provocar apontando para minha pedrinha de estimação.

Alex ri.

— Acho que se alguém tentar tirar agora, é capaz dela até morder.

— Há há há. — dou língua para eles e reviro os olhos, admirando minha pedra grafitada de um lado e cinza do outro — Se vocês não sabem dar valor a um achado histórico a culpa não é minha.

— Tem certeza que não quer que eu carregue? — Alex oferece outra vez.

— Minha “loucura”, minha responsabilidade. — respondo orgulhosa e ele apenas ri balançando a cabeça.

— Ok, ok! — ergue as mãos em desistência. — Bem, estamos indo então, Cris. — eles se despede com um abraço amigável. — Obrigado por tudo e desculpe mais uma vez pelo começo com o pé esquerdo.

— Tá mais que perdoado, cara. E você compensou com as cervejas.

Eles dão risada e levanto os ombros.

Homens.

— Tchau, Vanes... — Christian vem se aproximar para dar um abraço, mas é barrado pela pedra entre nós. — Pensando pelo lado positivo, com esse muro aí nenhum polonês vai conseguir se aproximar da sua garota, Alex.

Eles caem na gargalhada.

Homens, homens, homens.

— Sério, vocês deveriam ser comediantes. — faço careta e eles apenas riem mais.

Tão engraçados, aposto que estão morrendo de inveja da minha pedra.

Após a nossa despedida, pegamos nossos passes Eurail e subimos na plataforma em que partem trens para diversos destinos de minuto a minuto.

— Vou sentir falta de Berlim, esse foi um lugar intenso... — confesso olhando para trás. — Sinto que entendi um pouco mais o mundo aqui. Sinto que me transformei com esse entendimento.

Olho de relance para a palavra recentemente gravada no meu pulso, ainda coberta com um plástico.

Wanderlust.

O mundo me chama.

— Eu também. — Alex segura a minha mão e então meu telefone toca e sou obrigada a soltá-la para atendê-lo sem deixar a pedra cair.

— Fala, princesa russa! — saúdo animada ao ver que é Anastasia e equilíbrio o peso da pedra no braço. — Estamos agorinha mesmo na plataforma aguardando o trem para aí!

— Que maravilha, musa! — ela exclama cheia de entusiasmo. — Já está tudo preparado aqui para receber vocês! Espero que gostem bastante de vodka porque abasteci a geladeira com umas russas excelentes para a nossa virada de ano novo.

Tampo o bocal e olho para Alex com um sorriso. — Acho que vamos passar a virada nocauteados.

Ele ri erguendo os ombros.

— Ah! — me lembro destampando o bocal — Acabei me esquecendo de perguntar, Ana! Como foi o seu teste?

Ele hesita por um segundo.

— Ah... sabe como é, não rolou dessa vez.

Sinto uma tristeza repentina.

Eu tinha certeza absoluta que ela conseguiria.

— Caramba, que merda, Ana... Você é tão talentosa, jurava que iria

conseguir. Até os sinos de Bruges fizeram torcida.

Ela expira pesado. — Tá tudo bem, Nessa, apenas não será dessa vez. Outras chances virão, tenho certeza.

Peraí.

Ela disse “não será”, não “não foi.”

— Anastasia?

— O quê?

— Por que acho que está mentindo pra mim?

Uma pausa muito, mas muito longa.

Será que ela morreu do outro lado?

— Ana? — testo.

E então escuto um suspiro.

— Porque provavelmente eu estou, Nessa.

Woowww!

— Quer dizer... quer dizer que você conseguiu??!

— Sim.

— Uhulll!!! — comemoro dando gritinho e quase joga a pedra pra cima de tanta felicidade, mas por sorte Alex me contém, ou provavelmente seria presa por matar alguém com ela. — Caramba, Anastasia, isso não se faz, viu? Já estava toda triste aqui achando que os manés não tinham sido capazes de reconhecer seu talento! Por que não me contou antes??

Então vem outro longo silêncio.

— Olha, Vanessa, deixa isso pra lá... — ela foge reticente. — Eu não vou aceitar o trabalho de qualquer maneira.

Choquei!

Estou mesmo ouvindo direito ou entrou neve demais no meu ouvido quando ignorei a advertência de Alex e fiz o meu anjo?

— E por que no mundo você não aceitaria uma chance de ouro como essa, Ana?!

— Alguma chance de você deixar isso quieto e seguirmos com a vida?

Faço careta. *Até parece!*

— Nenhuma.

— Ok... — posso sentir pelo tom de sua voz como está nervosa. — Neguei porque, caso aceitasse o trabalho, eu teria que partir uma semana antes para os ensaios. — ela revela.

E enfim entendo.

Era o trabalho dos sonhos ou eu.

Ana me escolheu. Isso é ou não é amizade de verdade?

— Apenas não foi dessa vez, Nessa, – ela diz agora tentando soar festiva. — mas não grila com isso, não. Agora eu até já estou acreditando que virão outras chances, sabe, eu posso...

— Você vai. — A corto de repente.

— Deixa de bobeira. — ela nega na hora. — Vocês já estão na estação e eu já preparei tudo aqui e...

— Não interessa, você vai. — repito convicta e então complemento. — Esse é o seu sonho, Anastasia. Não vou deixar que o deixe escapar assim.

Um minuto inteiro se passa até que ela fale.

— Mas... que tipo de pessoa eu seria se fizesse isso contigo?

— O tipo da qual me orgulho. – respondo sem hesitação e a escuto soluçar de emoção do outro lado. — Eu acredito em você, Anastasia. Acredito muito.

— Vanessa... — sua voz está toda chorosa. — Você não pode estar falando sério... Não vai ficar triste ou magoada comigo? Porque eu prometi que iria...

— Não, eu não vou, Ana. — digo e estou sendo totalmente honesta. — Eu te adoro, princesa russa, de verdade. Tudo o que desejo para sua vida é que seja feliz. Você tem muito talento e lutou por isso, merece colher os louros.

Quando sua voz sai, ela é estrangulada.

— Eu também te adoro muito, musa. Obrigada por me apoiar.

— Agradeça sendo fantástica, polaca. Prove que seus pais estavam errados, choque-os, deixe sua marca no mundo e seja lembrada por algo que se orgulhe.

Escuto-a fungar alto e percebo que estou chorando também.

De alegria.

Quero que essa garota conquiste o mundo.

— Mas... e vocês? — ela pergunta voltando a soar incerta. — Onde é que vão pas...

A interrompo antes que volte atrás. — Fica tranquila, Ana. Eu e Alex acharemos outra coisa incrível para fazer na virada. Essa é a Europa, não? Coisas mágicas acontecem aqui a todo instante. Apenas não se preocupe conosco e faça bonito, está me ouvindo?

Seus suspiro de emoção é audível. — Obrigada, Vanessa, muito obrigada... Você nem imagina o quanto seu apoio significa pra mim, pra

minha carreira.

— Isso é só o começo, Ana, você ainda vai muito longe. — olho para o trem com destino a Polônia que para bem na nossa frente. — Tenho que ir agora. Te amo, princesa russa. Arrase!

— Também te amo, musa tropical.

Desligo o telefone e olho para Alex.

— Não vamos mais para a Polônia? — ele deduz com um sorriso no rosto antes mesmo de eu contar.

Nego e então sinto seus braços me envolverem, com pedra enorme e tudo.

— Você é uma excelente amiga, sabia? — sussurra em meu ouvido e me beija.

— Mas uma péssima namorada. — contraponho culpada me afastando para olhá-lo nos olhos. — Onde vamos passar o ano novo agora?

Ele dá de ombros.

—Em qualquer lugar. O que realmente importa é a companhia... toda a vodka do mundo é dispensável se tiver você ao meu lado.

Sorrio corando e Alex puxa o livreto com os horários dos trens do bolso de trás da calça.

— Poderíamos pegar um direto para Roma. Da última vez que você falou com o Vincenzo e a Marie eles disseram que podíamos chegar quando quiséssemos, não?

— Sim, mas Roma é uma viagem de dois dias, Alex. Passaríamos o ano novo no trem. — raciocino abaixando os ombros ao ver o trem para Polônia partir.

— E o que fazemos então? — ele me estende o livreto quando o Trem para Polônia parte. — A decisão é toda sua, vou contigo até o fim do mundo.

Penso por um minuto até que um barulho crescente atrai minha atenção. Um novo trem acaba de chegar à plataforma.

— Uma vez ouvi dizer que todos os lugares levam a Roma... — e então lanço um olhar maroto para ele. — O que me diz de testar a teoria?

Nos entreolhamos por trinta segundos e, sem trocarmos uma só palavra, corremos juntos rumo ao fascinante desconhecido.



PRAGA, REPÚBLICA TCHECA.

Três horas e meia depois chegamos ao nosso, até então, desconhecido destino: Praga, a capital da República Tcheca. Desço do trem ainda incerta do que esperar da cidade quando avisto as placas inteligíveis com consoantes acentuadas com circunflexo ao contrário ficando levemente apavorada:

Praha hlavní nádraží, Příjezdu, Odjezd, Výstupu...

Oh, merda, no foi que nos metemos?

Nem latim, nem anglo-saxão, estamos num ambiente linguístico de derivação totalmente desconhecida agora.

— Imagine só quando quiser ir ao banheiro? — Alex sacaneia ao meu lado ao ver minha careta e lhe dou uma cotovelada nas costelas.

— Não é hora de piadinhas, inglês!

— Ué, você não queria um pouco de aventura, Vanessa? — ele dá um sorriso implicante. — Acho que tirou a sorte grande.

— Você realmente quer me provocar quando estou segurando isso? — ameaço erguendo minha amiga pedra e ele levanta as mãos prudentemente em rendição.

— De jeito nenhum, madame. De jeito nenhum.

Então sorri e me estende uma mão.

E sorrindo de volta a aceito e caminhamos rumo a saída.

— Tem certeza que não quer me dar isso pra carregar? — ele aponta para minha pedra pela décima vez.

— Já disse que não. Está levinha.

Não está.

Ele levanta a sobrancelha, com um pequeno sorriso de quem sabe que sou orgulhosa demais para admitir agora que esse troço pesa pra cacete e me permite fingir que o engano.

Saímos da estação e o céu já está claro lá fora, embora o sol esteja encoberto e esteja bem, bem frio. Aperto o casaco contra o corpo. Provavelmente nevará bastante essa noite.

— E agora, wanderlust? — Alex me olha divertido esperando ansiosamente por meu próximo passo.

— Google, claro. — banco a sabichona e saco o meu celular digitando à

procura de albergues. Após uns vinte minutos de busca descubro o pior. — Merda... estão todos lotados.

Alex sorri como quem já previa isso. — Faz sentido, visto que é véspera de ano novo.

Respondo fazendo uma careta e, teimosa, continuo a pesquisa. Mas infelizmente nem albergues, nem hotéis simples têm vagas para essa noite, apenas hotéis de luxo cujas diárias em cima da hora são astronômicas.

Alex espia a tela e ri, provavelmente da minha expressão chocada com os preços que vejo.

— Vem, vamos pegar um quarto para gente. — me puxa carinhoso.

— Mas estão custando uma fortuna, Alex! — argumento inconformada. Nem a pau pago mais de dois mil reais numa noite.

Ele dá de ombros. — Tá tudo bem, eu tenho dinheiro.

Penso no envelope na minha mochila, eu também tenho dinheiro. Essa é a grana para o imprevisto, o dinheiro do Universo, como diz Anastasia. O consegui por acaso e é para ser usado se o acaso ocorrer e, aqui está ele, ocorrendo agora.

Porém sinto em meu peito que recorrer a esse dinheiro estragaria a experiência. Sinto que se vamos sair dos trilhos, temos que fazer direito.

— Desculpe, mas não posso, Alex. — paro no meio do caminho o fazendo parar também. — Um mochilão é para ser algo empoderador, libertário, sabe? É sobre aprender a se virar em situações adversas, se entregar de cabeça à experiência. Não podemos simplesmente virar o ano num hotel de luxo, estragaria totalmente a ideia, estragaria tudo.

— Bem, — ele meneia a cabeça divertido. — considerando que nem você ou eu falamos nenhuma palavra em tcheco, não temos conhecidos na cidade e os albergues estão todos lotados, acho que vale quebrar a regra uma única vez.

Olho para ele nadinha convencida. As vezes sou teimosa como uma mula.

— Agradeço o que quer fazer, Alex, mas a ideia dessa viagem não é sobre coisas caras... é sobre momentos. Momentos que vamos guardar por toda vida.

Ele me olha por um minuto. Há ternura em seus olhos.

— Ok... — comemoro ao ouvir seu aceite. — O que sugere?

— Hummm... um pouco de aventura?

— Já ouvi isso antes. — ele ri. — Você não vai mesmo mudar de ideia,

né?

Sorrio. *Ele me conhece tão bem.*

— De jeito nenhum.

— Então vem, teimosa. — coloca a mão no meu ombro. — Vamos deixar pelo menos esse pedregulho num locker antes.

E lá vamos nós para dentro de novo deixar nossas mochilas e minha querida pedra num armário até amanhã, quando pegaremos o primeiro trem para Roma, para encontrar Marie e Vincenzo. Eles ficaram super felizes quando perguntamos se poderíamos chegar alguns dias antes.

Deixamos a estação apenas com a roupa do corpo e algum dinheiro no bolso.

— Por acaso você faz alguma ideia de para onde está me levando? — Alex desconfia quando o arrasto pelas ruas com toda a confiança do mundo.

Sorrio olhando para trás. — Não faço a menor ideia.

— Oh, Deus! — ele revira os olhos preocupado, mas está rindo. — Estou completamente perdido com você.

Pisco para ele.

— E não é exatamente essa a intenção?



Com a ajuda do Google Maps e de alguns cidadãos locais simpáticos, que quando não falam inglês, nos orientam com seus muitos gestos e boa vontade, chegamos à suntuosa e multicolorida Mesquita Jerusalém, uma das construções mais lindas que tenho o prazer de adentrar, com a arquitetura repleta de vitrais, curvas e padrões geométricos.

Já visitei muitos locais de fé até hoje. De cultura à cultura, vi Deus assumir diferentes nomes e diferentes roupagens, mas só recentemente entendi que não há forma melhor ou pior de crer, não existe uma forma correta. Religião é apenas como você projeta sua crença, mas o mais importante, descobri nesse meio tempo, é o que você projeta. Não o ódio, não a intolerância, Deus está na esperança, na gratidão.

Deus está no amor.

E Deus é pra todos, de diferentes maneiras porque nós... nós somos

diferentes.

Um dos meus últimos visitantes, um gaúcho do Brasil, era agnóstico. Ele não acreditava em Deus, santos, milagres ou reencarnação. Achei isso frio num primeiro momento, mas então ele falou uma frase que mudou toda a minha percepção de mundo mais uma vez. Ele disse: Muitas religiões acreditam que existem várias chances para consertar os seus erros nas próximas vidas, mas eu só acredito em uma. Logo, tenho que me esforçar para fazer certo dessa vez.

E percebi que apenas a forma de projetar dele era diferente da minha, o princípio era o mesmo. Ele queria imprimir algo de bom no mundo enquanto estivesse nele. E havia beleza também nessa intenção.

Me ajoelho e rezo para essa força superior que nos rege, sem dar-lhe nome ou aparência, agradeço por essa experiência fantástica que estou vivendo, por Alex, pela minha amada família e amigos, por minha saúde, meu trabalho, e pelo próximo ano que terei pela frente, como uma estrada novinha para trilhar.

Alex se ajoelha ao meu lado e reza também, em silêncio. Quando termino a minha oração e o espio, vejo que sua expressão parece angustiada e triste.

— O que foi? — estendo a mão preocupada pra ele quando abre os olhos.

— Nada... — ele parece envergonhado por eu ter notado quando se levanta. — Vamos?

Não me pareceu nada, mas não insisto na questão por respeito à privacidade dele. Como Blake disse uma vez, Alex pode ser muito bom em enganar.

Continuamos então o nosso passeio, dando de cara com o belo teatro Divadlo Stavovské, onde já tocou ninguém menos que Wolfgang Amadeus, o próprio Mozart.

Me pergunto se a essa hora Anastasia já se apresentou para os ensaios e torço para que ela se destaque no tal evento. Olho para o belo teatro dourado e imagino ela tocando ali também um dia. Não vai demorar muito para Anastasia ganhar o mundo.

Paramos pra comer quando a fome bate forte e essa é realmente uma experiência lúdica - e particularmente corajosa - de nossa parte. Simplesmente, na falta de informações traduzidas ali, apontamos para nomes estranhos no cardápios sem fazer a menor ideia do que virá.

Alex escolhe Vepřo knedlo zelo e eu Hovězí tatarák. Para o desespero do inglês, chega minutos depois um prato quentinho de carne de porco, um pãozinho fatiado e muito, mas muito chucrute.

— Eu troco contigo. — ofereço solidária porque sei como ele odeia repolho, mas logo em seguida o garçom coloca o meu prato na minha frente e nós dois olhamos abismados para ele.

— Acho que amo chucrute. — Alex ri vendo a carne bovina crua, coberta de gema de ovo também crua, acompanhados por dois alhos, mais cebola e pão que terei que encarar.

Oh, droga!

— Eu é que não vou te beijar depois disso. — ele sacaneia e bato nele que ri.

Então pego o garfo e fechando os olhos pergunto. – Como é que se diz mesmo?

Ele enche o garfo de repolho encarando o desafio também e diz:

— Hakuna Matata.

—Hakuna Matata! — repito abocanhando com ele a singular iguaria.

Quando deixamos o pequeno restaurante no qual tivemos uma divertida e inesquecível experiência gastronômica, a qual um dia ainda contarei aos meus netos, pisco os olhos e vejo que já anoiteceu.

No inverno sempre escurece rápido na Europa.

Seguimos para a famosa Cidade Velha, onde contemplamos embasbacados a beleza da gótica Igreja de Nossa Senhora antes de Tyn e a barroca St. Nicholas, assim como o palácio Kinský, que abriga hoje uma incrível coleção de arte.

Giro encantada nas calçadas de pedra, feliz por estar ali tão por acaso, e então noto a aglomeração de pessoas mais à frente e levanto o olhar para admirar aquele que é o relógio mais mágico e encantador que já vi na vida.

Orloj.

Um relógio astronômico medieval que a cada hora completa exhibe diante de nossos olhos um verdadeiro balé de apóstolos, esculturas que se movem, sinos tocando e até corneta ao vivo. A finalização se dá por conta de um galo dourado, que surge na janela mais alta e, exibido como não podia deixar de ser, canta para todos.

Alex me cutuca provocador.

— Trouxe a escopeta?

Reviro os olhos rindo.

— Não, esse tem botão de desligar.

É incrível como Europa está cheia de relógios grandiosos, galos cantando e sinos tocando, é como se quisesse nos lembrar a todo momento que o tempo está passando e é preciso aproveitá-lo.

É preciso fazê-lo valer.

Valer em dobro, me lembro.

Quando a noite começa a cair e junto com ela a neve fria, fazendo as pessoas se dispersarem, apertamos nossos grossos cachecóis de lã em torno dos pescoços e nos refugiamos em um pequeno bistrô que ainda está aberto.

— Olá, boa noite! — saúdo o senhor barbudo de cabelos grisalhos que trabalha atrás do balcão ao passar pela porta com sinete.

— Boa noite! — ele responde simpático secando o último copo e respiro aliviada ao ver que fala inglês. — O que vão querer, meus jovens?

— Uma garrafa de vinho, por favor. — Alex pede esfregando as mãos enluvadas, sua expiração saindo condensada em vapor.

— Mas é claro. — o homem se vira para mostrar as opções disponíveis, mas Alex apenas balança a cabeça, pedindo que ele mesmo escolha qual. O senhor pega uma bonita garrafa azul. — Vão gostar desse aqui, traz um leve torpor que combina bem com jovens apaixonados.

Nós sorrimos enquanto ele serve as taças até a borda.

— Parece que está tudo fechando por aqui... — comento por alto bebericando um gole que me aquece por dentro. O estabelecimento está praticamente vazio, exceto por nós e um bêbado ao fundo. — O senhor indica algum lugar para assistirmos os fogos da virada?

Ele sorri. — Acho que vocês não sabem que o ano novo aqui é comemorado oficialmente só amanhã, às seis da tarde.

Pela cara de espanto que eu e Alex fazemos, fica óbvio para ele que não.

— Mas e o lance da meia noite, da contagem regressiva... — tento argumentar inconformada e ele ri.

— Sinto muito, menina, mas o governo daqui decidiu que comemorar no dia seguinte num horário mais cedo permitia que mais famílias assistissem juntas a queima de fogos. — minha expressão deve ter murchado como um balão estourado, porque ele acrescenta. — Mas mesmo não oficial, acho que acontece uma pequena queima de fogos particular no Rio Vtalava. Se tiverem sorte, talvez ainda consigam lugar numa balsa.

Após agradecê-lo diversas vezes, nós saímos do bar às pressas levando a

garrafa de vinho conosco. Em nossa corrida desenfreada até as docas não encontramos praticamente ninguém pelas ruas, o frio é intenso e as pessoas estão refugiadas em suas próprias casas e quartos de hotel quentinhos.

Excelente ideia, Vanessa, sair numa aventura inconsequente em pleno inverno europeu. O que é que poderia dar errado?

Agora eu sei bem o que.

Chegamos ao local indicado e descemos às escadas correndo como loucos apenas para assistirmos a última balsa ali ancorada se distanciar de nós.

— Droga... eu estraguei tudo! — chuto a neve com raiva me sentindo culpada por ferrar essa data para Alex também.

Ele ainda está ofegante, mas me abraça, beijando minha têmpora. — Pra mim não tem nada estragado, minha rosa. Faltam duas horas para meia noite, tenho meia garrafa de vinho e você ao meu lado. É praticamente perfeito.

Esboço um sorriso corando.

— Tem certeza de que não está com raiva? Podemos ir para o hotel, se quiser. Eu pago.

— E acabar com a melhor aventura da minha vida? — ele me sorri maroto. — De jeito nenhum. Quero ficar bem aqui, com você.

Nos refugiamos da neve que cai forte embaixo de uma robusta ponte de pedra, às margens do plácido e imensamente azul rio Vtalava. Alex limpa gentilmente a neve do lugar com suas luvas de couro e, ali, sozinhos, nos aconchegamos um ao outro para aplacar o frio enquanto olhamos o céu estrelado.

— Vinho? — ele me estende a garrafa e aceito bebendo um bom gole que me aquece por dentro.

— Já pensou que em cada lugar que vamos o céu é diferente, mas ainda assim é o mesmo? — pergunto olhando para aquelas lindas luzes que piscam acima de nós.

Ele assente entendendo perfeitamente o que quero dizer.

— Por causa das estrelas. Elas sempre estão lá.

Então engulo aquele caroço persistente na garganta e envolvo meus braços ao redor do seu pescoço, afundando ainda mais a minha cabeça em seu peito. — Quando eu voltar para casa, vou olhar para as estrelas à noite e me lembrarei de estar aqui com você.

Lágrimas me banham os olhos quando levanto o rosto para encará-lo e recebo um beijo, mas não um beijo qualquer. Um beijo romântico, que

começa doce como o vinho que bebemos e então se intensifica e abala todos as estruturas do meu já frágil coração.

Suspiro apaixonada quando nossas bocas se separam.

Alex sorri pra mim.

— O que foi?

— Lembra quando o Pequeno Príncipe conta ao aviador antes de partir que sempre estará rindo de uma daquelas estrelas e, que por isso, ele e somente ele, terá estrelas que o fazem rir? — assinto e então ele ergue os dedos e alisa minha pele com carinho. — Agora, Vanessa, você e somente você, terá estrelas que te fazem suspirar. Esse é o presente que te deixo.

Eu sorrio e uma lágrima corta meu rosto.

— Você é incrível... — digo lhe tocando a face. — apaixonante, simples, perfeito. Sempre me dá os melhores presentes do mundo, aqueles dos quais nunca vou me esquecer.

Então o beijo docemente e, sob o testemunho das estrelas e mais ninguém, subo sobre seu corpo trêmulo de frio, o cobrindo com o meu.

— O que está fazendo? — ele pergunta quando minhas mãos encontram o cós de seu jeans, abrindo o botão.

— Com que tenha a sua própria memória especial das estrelas também.

E, sob um céu azul iluminado pelo brilho de corpos celestes e fogos de artifício, escrevemos lembranças que vão nos conectar pra sempre, não importa a distância que se coloque entre nós.



— Hey, bela... acorde.

Desperto devagar e vejo Alex sorridente à minha frente, emoldurado pelo rio e pelo azul do céu.

— Dormimos demais. — ele diz se abaixando à minha frente. — É melhor corrermos ou vamos perder o próximo trem para Roma.

— Oh, merda! — me levanto num pulo e começo a arrumar meu casaco todo abotoado errado e minha juba armada, a qual um dia já chamei de cabelo.

— Você tá linda. — Alex me puxa para um beijo sensual e apaixonado. — Agora vamos, bela adormecida. Temos que nos apressar.

Esqueço o cabelo e corremos a toda pelas ruas da cidade até a estação.

— Cinco minutos para o trem sair! — Alex grita quando chegamos aos lockers e pegamos apressados nossas mochilas e minha pedra.

Nos apressamos esbaforidos em direção à plataforma, trombando com pessoas no meio do caminho numa confusão sem fim. A pedra mais a mochila fazem parecer que estou correndo com uma âncora nos pés. Acho que vou infartar se der mais um passo.

— Vá, — eu grito dramática soltando sua mão e a erguendo no ar. — vá sem mim!

Alex para se divertindo. — Vem, Nessa! Joga essa pedra fora.

Tá doido?

Nem a pau.

— Nunca. — a agarro ainda mais forte.

Ele ri revirando os olhos.

— Já que é assim...

Então vem correndo ao meu encontro e me pega, me jogando sobre o ombro num único movimento com mochila, pedra e tudo mais.

— O que você está fazendo, seu doido? — arfo literalmente vendo meu mundo virar de ponta cabeça.

— Eu nunca iria sem você, sua boba.

E então corre comigo.

Corre como se tivesse asa nos pés.

Ele cruza a plataforma como uma flecha, encontra a parada e adentra o trem quase por um milagre. Quando as portas se fecham atrás de nós com um apito, sou devidamente devolvida ao chão toda descabelada.

— Pronta para ir para a Itália, signorina? — ele me pergunta ofegante com um sorriso no rosto e tenho vontade de agarrá-lo ali mesmo e beijá-lo até não poder mais.

Ora, que se dane!

Largo a pedra na poltrona e dando um passo largo, agarro seu rosto e o beijo sem me preocupar nadinha com quem está olhando. Só se vive uma vez, tenho mais é que fazer valer.

Se Alex já estava sem ar, depois do beijo então nem se fala. Ele ainda está meio atordoado quando nos sentamos em nossos devidos lugares e, empolgada, cato o meu celular, entregando a ele um dos fones. Quando uma saudosa e especial tarantela começa a tocar numa daquelas hilárias coincidências do destino, me recosto na poltrona e respondo:

— Prontíssima, signore.



Assisto no silêncio do trem à noite a paisagem correr acelerada pela janela. A neve bate forte no vidro se acumulando em fofas camadas brancas em torno da moldura. Alex dorme profundamente, a cabeça acomodada em meu colo, o corpo comprido atravessado entre as poltronas, embalado ao som de Don't You Wanna Stay, de Jason Aldean e Kelly Clarkson, e do suave cafuné que faço em seus cabelos enquanto penso no maravilhoso momento que estou vivendo.

Que coisa mais louca e maravilhosa é mochilar.

Dormir em um país, acordar em outro, ter a liberdade para mudar de rota e sair do plano, não ter rotina. Anastasia estava certa no que disse: deixar o inesperado tomar as rédeas às vezes pode ser a melhor forma de experimentar a vida na real.

Minha viagem até agora tem sido fantástica. Amei conhecer os campos vastos e cheios de vida de Surrey, me encantei com a agitada e elegante Londres, voltei no tempo em Bruges, entendi mais o mundo e sua história em Berlim e vivi o momento mais lindo e inesquecível em Praga.

Essa breve experiência me faz pensar que todo mundo deveria algum dia fazer isso, botar uma mochila nas costas e viajar por aí. Não ficar em hotéis de luxo, não se trata de comer nos restaurantes mais caros ou ir aos lugares mais exclusivos. Se trata de vivenciar o novo, de aprender aquilo que achou erroneamente que sabia, de olhar com olhos fascinados para o mundo que é tão mágico e tão rico de possibilidades.

De se permitir ser criança, de novo e sempre.

Agora percebo que, quando viramos adultos, temos vergonha de quase tudo: de parecer ridículo, de errar, de arriscar, das pessoas nos julgarem por sairmos do esperado. Por isso creio que viajar seja tão libertador.

Um turista é como uma criança na cultura do outro, a ele é dada maior tolerância, menos julgamento.

Como sabe que seu tempo ali é limitado, ele se permite passar mais por bobo, se permite ousar mais e errar. Olha para tudo com grande excitação, curiosidade e inocência. Tem menos medo de ser julgado porque entende que

tudo ali é provisório, passageiro.

Assim como ele.

Hoje, depois de tudo que vivi e experimentei, percebo que todos nós deveríamos viver mais assim, com esse espírito desbravador de viajante, mais dispostos a aceitar riscos e nos passar por tolos.

Porque no final das contas mesmo sem sair de nossos países de origem, estamos todos em uma grande viagem. Uma grande viagem chamada vida que nos deixa aqui por um tempo e depois nos leva embora.

Que histórias vamos ter pra contar quando voltarmos pra casa?



ROMA, ITÁLIA.

— Vanessa!!! — Vincenzo me saúda com os braços abertos assim que desembarcamos no Roma Termini quase dez da noite, quatorze horas de viagem depois. Reparo como permanece com a mesma presença marcante, a voz ativa, o corpo robusto, embora um pouco mais magro e de posse de uma bengala. Marie sorri ao seu lado e está tão elegante e graciosa quanto lembro: seus graciosos cabelos cinzas cortados num delicado Chanel balançam ao vento enquanto seus dedos finos me acenam.

Vincenzo me envolve num abraço, com mochila e pedra no meio mesmo, e sussurra contente. — Seja benvenutta a la mostra terra, cara mia!

Tem pessoas que parecem mesmo ter o poder de abraçar o mundo.

— Grazie mille. — agradeço sorrindo para os dois e então puxo Alex para frente. — Marie, Vincenzo quero que conheçam alguém.

— Il tuo ragazzo? — Vincenzo confirma radiante, olhando dele para a esposa. — Ma vedi come é bello, Marie! Guarda questi occhi azzurri, questa postura elegante di uomo!

— Oui, oui! — ela concorda com um sorriso simpático e estende a mão pra ele. — É um prazer finalmente conhecê-lo, Alex.

Ele se curva, beijando o dorso da mão dela como um legítimo cavalheiro. — O prazer é todo meu, mademoiselle.

— Oh, mas é um conquistatore nato! — Vincenzo acusa e me divirto junto com ele. — Devo tomar muito cuidado! Anche tu, Vanessa, anche tu! — bota o indicador no olho para me indicar que preste atenção nele e então estende a mão. — Seja benvenuto, Alex! Io sono Vincenzo e questa donna bellissima qui é la mia moglie, Marie.

— Obrigado por nos receber. — Alex agradece, retribuindo o aperto. — Espero que não estejamos atrapalhando muito por adiantar nossa vinda.

— De forma alguma! — é Marie quem fala. — Estávamos ansiosos pela chegada de vocês.

— E o que estão achando della mia bella Italia até agora? — Vincenzo pergunta orgulhoso. *Um italiano per davvero.*

— Ficamos maravilhados olhando a paisagem na vinda. É um lugar realmente lindo!

— Pois allora verã o que há de migliore em Roma! — ele exclama ativo balançando a bengala no ar! — I vicini sono tutti curiosi di conoscerti. Io e Marie abbiamo preparato una colazione meravigliosa per voi. Andiamo! Andiamo! Dammi questa pietra qui...

— Boa sorte com isso, meu amigo! — Alex dá risada quando o italiano tenta em vão tomar o pedaço do muro que carrego. — Acho que Vanessa está afetivamente envolvida com essa pedra.

— Ma che roba è questa? — ele franze a testa intrigado pra mim.

— É um pedaço do muro de Berlim... — explico e coro um pouco ao justificar. — Tem valor histórico...

— E quatro quilos, para dizer no mínimo. — Alex completa e eles riem alto da minha doideira.

E a graça nunca se esgota.

Nós entramos no carro, um simpático Opala vermelho dos anos setenta, e seguimos rumo a casa deles, passando por grandiosas construções iluminadas as quais Vincenzo aponta e apresenta animado, mostrando sua cidade como um verdadeiro troféu a céu aberto. Marie vai atrás comigo e revira os olhos com um sorriso toda vez que o marido fala de um novo ponto turístico, totalmente apaixonada por ele e seu jeito expansivo, como eu sei bem.

Ao entrarmos num calmo bairro no subúrbio, Vincenzo reduz e estaciona frente à uma casa modesta de dois andares, apagando os faróis. O muro da frente é baixo e branquinho e um lindo bougainville cor de rosa contrasta com o azul turquesa da pintura da casa, onde as flores se derramam em cascata.

— E siamo arrivati a casa nostra! — ele comunica desligando o motor.

Eu desço do carro de mãos dadas com Alex e suspiro encantada já no primeiro passo, sentindo os inconfundíveis cheiros de alecrim, manjerição e limão siciliano se misturarem perfeitamente no ar.

— É linda, — Alex comenta realmente impressionado. — parece até um sonho.

— E cheira como um! — complemento salivando e Marie e Vincenzo caem na gargalhada pela minha sinceridade.

— É vero, è vero! Viene qua, ragazzina, vou te mostrar o porquê! — Vincenzo abre o portão e seguimos com ele para dentro da propriedade, onde uma bela horta de temperos, suculentos morangos do bosque, oliveiras carregadas e um limoeiro se mesclam em perfeita harmonia com um jardim

de flores. — Este é o jardim da minha moglie. Ela non è una vera artista?

Marie fica toda encabulada ao ter suas virtudes exaltadas pelo marido e eu e Alex concordamos sem nem pestanejar, elogiando com sinceridade o trabalho fantástico que ela fez ali.

— Vamos entrar! — ele diz colocando a chave na fechadura da porta de entrada e, quando abre, o cheiro que preenche o lugar é ainda mais atordoante e convidativo.

— Ben venutti!!! — levo o maior susto com os gritos que vem lá de dentro.

Meu Deus! Vincenzo não mentiu quando disse que os vizinhos estavam ansiosos por nossa chegada, a sala está lotada, tem muita gente ali que nunca vi para nos receber.

Eu e Alex passamos então de pessoa em pessoa recebendo abraços e beijos calorosos sem entender nem metade do que dizem para nós, mas como todos falam alto e ao mesmo tempo acho que nem percebem o fato. É uma loucura maravilhosa e contagiante até que enxergo.

Comida.

Por Deus, aquela mesa que me encara é uma verdadeira benção na Terra.

Pães italianos recém-assados, uma lasanha derretendo cheia de queijo, gnocchi de manteiga e sálvia, almôndegas gordas no molho sugo com espaguete artesanal, saladas multicoloridas, azeitonas gigantes, são tantas iguarias de dar água na boca que fico na dúvida por um momento se esse é o paraíso.

— Acho que morri e fui pro céu. — falo em choque e eles se divertem às gargalhadas.

Com agitação, somos guiados aos nossos lugares de honra e Vincenzo pede a todos silêncio. — Sentem-se, sentem-se, per favore! — ele abraça Marie ao seu lado. — Como já sabem, eu e minha moglie estamos oferecendo essa colazione em homenagem a Vanessa que nos recebeu tão bem na sua casa, no Rio. — e então olha pra mim com um sorriso no rosto. — Esperamos que tu e il suo ragazzo tenham uma estada tão agradável quanto, qui, em Roma.

— Obrigada, Vincenzo. Muito obrigada, Marie. — meus olhos se enchem de lágrimas. *Meu Deus, eles fizeram tudo isso por mim!*

Meu coração se enche de alegria e minha boca de saliva.

— Um brinde! — ele propõe então levantando a taça e, como é Itália,

todos enchemos as nossas com o aromático vinho e brindamos. — À Roma e um bel Viaggio!

— À Roma e um bel Viaggio! — repetimos em uma hilária tentativa de uníssimo.

— Agora, — Marie pisca para mim após o primeiro gole. — como diz meu marido... Mangia che te fa bene!

E mangio... mas mangio mottoo!



Após a ceia e a despedida de todos os vizinhos, Vincenzo tenta nos oferecer o quarto deles para nos alojarmos, mas nego ficando no antigo quarto dos filhos deles, que possui um beliche. Deito na cama de baixo e Alex na de cima exaustos, mas nossas mãos ficam ligadas até que peguemos no sono.

As coisas singelas, mas cheias de significado que fazemos quando amamos.

No dia seguinte, Vincenzo e Marie nos levam para un giro nella bela Roma. Visitamos as emocionantes ruínas do Coliseu, a grandiosa arena circular onde os gladiadores batalhavam por suas vidas que eu só vira até então nos filmes. Depois passamos pelo ostensivo Arco do Constantino, subimos o monte Palatino e chegamos ao Fórum Romano, o centro da vida pública da Roma Imperial.

É um passeio cheio de cultura e história e Vincenzo nos guia com entusiasmo nessa jornada ao passado, revelando com toda aquela sedução que lhe é característica os segredos romanos mais seculares.

Às quatro da tarde, exaustos e famintos da extensa caminhada, paramos em uma charmosa pizzeria e pedimos uma autêntica quattro formmagio. Vincenzo se levanta logo após fazermos o pedido, parecendo um tanto cansado.

— Scusami um átimo, ragazzi! — diz pegando a bengala para se apoiar.
— Devo andare ao bagno.

— Está tudo bem, mon amour? — Marie pergunta como sempre zelosa.

— Perfecto! — ele beija os dedos e lhe dá uma piscadinha safada. —

Volto logo, amore mio.

Marie enrubesce toda e Alex sorri ao meu lado.

— Quando a Vanessa me contou sobre a relação de vocês, supus que era algo especial, mas vejo que é bem mais que isso. Vocês dois têm algo único.

— É a parceria de uma vida. — ela suspira e se emociona ao sorrir. Marie é toda coração, ainda mais quando se trata de seu esposo. — Vincenzo é a minha metade, é a primeira pessoa pra quem quero contar sobre meu dia e a última que quero ver antes de fechar os olhos para poder sonhar com ele.

Faço um “ohhh” toda tocada pela beleza dessa declaração de amor e a abraço carinhosa enquanto ela seca as lágrimas com um lençinho.

— Olha que boba eu sou, chorando à toa. — diz ficando sem jeito. — Depois os franceses ganham fama de manteiga derretida por minha causa...

— Pelo menos não são considerados os piores cozinheiros do mundo... — Alex contrapõe piadista e ela ri.

A pizza chega então à nossa mesa, o queijo gratinado borbulhante, as bordas crocantes que até estalam e a massa dourada como o sol. É quase um pecado só de olhar, cheirar então... deve engordar uns dez quilos!

Alex se inclina para o garçom.

— Poderia trazer o ketchup, por favor?

Para a nossa surpresa, o cara arregala os olhos e o fuzila, como se o inglês tivesse acabado de proferir a maior blasfêmia do universo.

— Maddona, questi turisti sono tutti pazzi... — sai praguejando mal-humorado rumo à cozinha.

— Meu Deus! Mas o que foi que eu fiz?! — Alex pergunta atordoado e segurando a própria risada. — Tenho quase certeza de que o ofendi e que ele vai voltar com um rolo de macarrão pronto para me bater.

Eu e Marie, óbvio, caímos na gargalhada.

Marie cobre a boca, tentando parar de rir sem sucesso. — Oh, mon cher, você fez muito pior que isso! — ela engasga num novo acesso de riso. — Você pediu ketchup! Ketchup na Itália! Isso é quase um sacrilégio tão grande quanto falar mal do Papa, entende? Olha, pelo amor de Deus, não me repita isso na frente de Vincenzo, acho que ele te esganaria só de pensar em você maculando a santa massa italiana com esses condimentos americanizados. Se quiser botar algo, bote azeite. Azeite é sempre a melhor opção aqui na Itália.

Assim que ela termina de falar, Vincenzo retorna à mesa e se senta admirando a pizza fumegante.

— Buoníssima! — a aspira com gosto colocando o guardanapo no

colarinho e beijando a ponta dos dedos em aprovação. — Andiamo a mangiare, ragazzi!

Ele pega a faca para fatiar os pedaços, mas então seu olhar paralisa na direção da saída da cozinha, de onde volta aquele mesmo garçom, altamente contrariado, diga-se de passagem, trazendo um tubo de ketchup na ponta dos dedos como quem segura um rato morto.

Ihh, lascou!

— Guarda, Marie, guarda che schifo! — ele brada torcendo o nariz enojado. — Questi turistas... — olha com censura para o grupo de australianos atrás de nós e tenho que morder a língua para não começar a rir naquele instante. — Sono tutti pazzi di stragare una bella pizza con questa con quella roba americana...

Enquanto ele fala, vejo Alex desesperadamente gesticular para o garçom abortar a missão, cortando o próprio pescoço. O homem o olha com verdadeira apatia, mas compreendendo a desistência, solta um suspiro resignado e dá meia volta, retornando à cozinha para guardar o maldito condimento profano nos confins de onde nunca deveria ter saído.

Alex respira aliviado, escorregando o corpo na cadeira e não me aguento e uma risada alta me escapole os lábios.

Marie me cutuca tentando me censurar, mas tem que segurar o próprio riso quando nos olhamos. Vincenzo vira para nós com uma ruga na testa e o inglês tem a cara de pau de agarrar o vidro de azeite e despejar sobre a pizza para distraí-lo.

Vincenzo abre um sorriso largo.

— Bravo, Alex, bravíssimo! — bate em suas costas em aprovação. — Assim que se fa, vedi, pazzi? — o italiano exhibe um Alex vermelho-ketchup para o grupo atrás de nós, que não deve estar entendendo bulhufas do que está rolando, coitados. — Questo si è un ragazzo esperto! Pode casar com ele! Io aprovo!

Quando faço menção de estourar em uma nova risada, Alex me chuta por debaixo da mesa.

“Não me dedure.” — Ele gesticula sem som, ainda sendo abraçado por Vincenzo.

“Nunca mais fale da minha pedra.” — gesticulo de volta e, sem saída, ele balança a cabeça, assentindo.

“Fechado.”

E descubro que na Itália é assim que se come a vingança: deliciosamente

quente e, de preferência, com azeite ao invés de Ketchup.

-

No dia seguinte, começamos o passeio cruzando o rio Tibre na linda Ponte Sant'Angelo, onde somos banhados pelas sombras dos anjos de Bernini, grandiosas estátuas esculpidas em puro mármore que se elevam em seus pedestais contra o céu azul de Roma.

Chegamos ao Castelo de Sant'Angelo, uma fortaleza de pedra circular coroada com uma bela estátua de São Miguel no topo, onde optamos por fazer uma visita panorâmica. Em seguida, partimos para a Praça São Pedro, com seu semicírculo de colunas brancas que abrigam a majestosa Basílica de São Pedro. Vincenzo insiste que devemos ir ao topo da cúpula, que é uma das vistas mais belas de toda Roma. Então, lá vamos nós, primeiro de elevador e depois enfrentando mais de trezentos degraus em uma subida íngreme, estreita e cheia de curvas até, sim, dar de cara com a vista mais gloriosa da cidade.

Ele estava mesmo certo.

É algo de tirar o fôlego.

— Vincenzo, mon amour, você está bem? — escuto Marie se exasperar atrás de nós. Alex e eu nos viramos e vemos Vincenzo sentado no chão, as mãos nas costas parecendo sentir dor.

Droga, não devíamos tê-lo deixado fazer tanto esforço assim.

Às vezes é fácil se esquecer que Vincenzo já passou dos oitenta anos. Ele é tão ativo e cheio de entusiasmo que parece ainda um rapaz, na glória dos seus vinte. Mas a idade chega para todos, até para aqueles que a enganam bem.

— Vincenzo? — me abaixo ao seu lado preocupada, Alex também. — O que está sentido? Quer que o levemos ao hospital?

— Dai, dai, sto bene... — ele nega, sorrindo com cansaço e aponta para o bolso da calça. - Solo da-me la medicine, per favore e melhora presto. — Marie pega a cartela e entrega a ele, que tira três comprimidos e engole de uma só vez. — Pronto, pronto, agora vai passar.

— Vou chamar alguém para nos ajudar... — começo a me levantar, mas ele me para, segurando meu braço.

— Non, non se preoccupa, Vanessa. Subito passa.

Alex lhe entrega uma garrafa d'água.

— Beba um pouco.

Ele assente e toma um bom gole. Marie fica ali, ao seu lado no chão,

segurando sua mão com preocupação. Às pessoas ao redor começam a nos olhar e percebo que Vincenzo se incomoda de ser o centro das atenções quando está fora do seu normal, caído e frágil.

Antes que ele tente se levantar por orgulho, me sento também e puxo Alex comigo, formando uma roda casual de amigos que pararam para descansar e não mais um grupo preocupado com um idoso que passou mal.

Vincenzo me agradece com o olhar, mas ele não precisa fazê-lo, porque quem tem a agradecer é muito somos nós, pela companhia maravilhosa que ele tanto se esforçou para poder nos dar.

Relaxo o corpo e observo a Praça São Pedro que se estende abaixo de nós, posso ver o Vaticano e também o Coliseu daqui.

— Você estava certo, Vincenzo. É uma bela vista.

Ele bota a mão em meu ombro.

— Fico feliz que tenha gostado, cara amica.



Meia hora depois, os remédios parecem fazer o seu efeito e Vincenzo se sente um pouco melhor para descer. Eu e Alex então o apoiamos em nossos ombros e o ajudamos nas escadas, depois pegamos o elevador no meio do caminho, atravessamos a ponte e chegamos ao ponto em que eles estacionaram o carro.

Vincenzo é taxativo em negar que voltemos com eles pra casa.

— Mai, de maneira alguma! — ele recusa quando Alex faz menção de abrir a porta para dirigir. — Vocês têm pouquíssimo tempo aqui e precisam *conhecere il Vaticano*. Vão e curtam, o giorno stá bellissimo!

— Podem ficar tranquilos, eu o levarei pra casa. — Marie informa erguendo a chave do carro.

— Mas...

— Senza più! — ele interrompe altivo minha tentativa de argumentar ao contrário. — Vão, vão! Vocês são jovens, tem que curtir seu viaggio! Senza discussione e punto e basta!

Olho para Alex sem saber o que fazer. Ele ergue os ombros na mesma situação. Queremos voltar com eles e nos certificar que Vincenzo ficará bem,

mas ao mesmo tempo somos incapazes de ir contra a sua vontade.

Olho pra Marie preocupada.

— Vamos ficar bem. — ela reassegura com um leve sorrir.

— Tem certeza?

Ela assente. — Absolve.

— Nós podemos ver o Vaticano outro dia... — começo a sugerir, mas ela apenas ri, balançando a cabeça.

— N'y pense môme pas! — nem pense nisso, diz. — Ele morreria de desgosto.

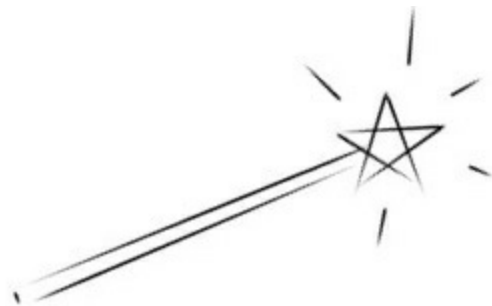
— Morreria mesmo. — Vincenzo confirma dramático nos fazendo rir também, apesar da seriedade situação. — Vão logo, vocês dois são jovens demais para se preocupar.

Aceitando sua decisão, abraço os dois com carinho e peço para nos ligarem assim que chegarem em casa. Alex faz o mesmo e então Marie entra no carro e dá partida.

— Acha que ele vai ficar bem? — pergunto com o coração apertadinho enquanto se afastam.

— Espero que sim. — ele acompanha o carro virar a rua com relutância.

E espero mesmo.



No restante do dia, visitamos a maravilhosa Capela Sistina com sua abóboda toda pintada, os riquíssimos museus do Vaticano com suas milhares de obras de arte e seus extensos e bem cuidados jardins. E é tudo muito lindo, tudo muito precioso; ter o privilégio de ver de perto os trabalhos de artistas consagrados como Michelangelo, Rafael, Ticiano e Da Vinci é uma oportunidade ímpar na vida, mas no fundo nossas cabeças e corações estão longe, dispersos, preocupados com um amigo que aprendemos a amar.

E percebo que Vincenzo está errado.

Ser jovem nunca significou ser livre de preocupações.

Ser jovem nunca significou ser livre de nada.

Encerramos nossa jornada pelo pequeno país do Vaticano passando pelos homens uniformizados da Guarda Suíça Pontifícia – e, mesmo estando dentro do lar do Papa, lá está Alex segurando fortemente a faixa do meu casaco só por precaução outra vez.

Será que ele acha mesmo que vou fazer um strip tease aqui?

Pegamos um taxi e resolvemos passar num mercado, chegando abastecidos de compras em casa.

— Oh, meu Deus! O que é tudo isso? — Marie pergunta abismada quando abre a porta e nos vê cheios de sacolas.

— Uma pequena surpresinha. — digo entrando e tirando os sapatos. — Como está Vincenzo?

— Melhor. Está deitado na sala.

— Dio mio! — ele se espanta ao esticar o pescoço do sofá e nos ver. Realmente parece estar um pouco melhor, mas sua fisionomia ainda é cansada. — Cosa successo? Per che tanta cosa?

— Quando vocês estiveram no Brasil me contemplaram com jantares especialíssimos de seus países, então decidimos fazer o mesmo hoje à noite pra vocês.

— Comida brasileira contra inglesa? — ele pergunta todo entusiasmado.

— Mais ou menos. — Alex se justifica corando um pouco. — É que sou horrível na cozinha, então, para a própria segurança de vocês, comprei a minha parte pronta.

— Pronta? — Vincenzo faz uma careta desconfiada, mas então para, sacode os ombros e relaxa. — Capisco... vá bene! Que a disputa comece!

— Sorte a sua ser charmoso. — Marie brinca, dando uma piscadela antes de nos indicar a cozinha.



— Ma-ra-vi-gli-o-sa! — Vincenzo elogia batendo na barriga visivelmente estufada duas horas depois.

— Oui, oui! Sua... — Marie começa a falar e estala os dedos tentando se lembrar do nome diferente do prato que acabou de comer.

— Moqueca. — Alex ajuda de pronto. *É tão bonitinho ouvi-lo falar o*

nome com aquele sotaque característico inglês!

— Mercie, Alex! Sua moqueca estava esplêndida, Vanessa! Esplêndida! Sorrio contente que todos gostaram.

Ela ficaria orgulhosa.

— Tive uma excelente professora — digo e a frase sai saudosa.

Vicenzo assente com a cabeça. - È vero...

— É uma pena que dona Josefa tenha partido tão cedo. — Marie suspira botando seu guardanapo sobre a mesa.

— Quella era una donna muito destemida, deve ter ido de braço dado com a morte. — Vicenzo diz com admiração na voz e me arrepio toda emocionada. — Depois que seu marido se foi, ela continuou lá, vivendo la vitta senza medo.

Marie balança a cabeça. — Mas não sem dor, nunca sem dor... Imagino que essa seja a maior das solidões: Aquela que já conheceu a companhia perfeita e teve que se despedir dela.

Ele a olha com carinho.

— É sempre difícil dizer adeus a quem se ama, ma chérie. Mas, uma hora ou outra, todos nós dizemos.

Eu olho para Alex com o coração na mão e percebo que ele está olhando pra mim também. Nós dois sabemos o que ela quer dizer.

Nos despediremos em breve.

— E formosa como ela era, deve ter conhecido muitos outros homens depois dele. — Vicenzo completa dando de ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo e Marie torce o nariz arrebitado numa careta de desgosto.

— Não necessariamente...

— Mas deveria. — abre aquele sorriso tão italiano. — Uma donna speciale não deve deixar de ser amada nunca, não é, Alex?

Alex acena concordando e seu olhar é distante, pensativo.

— Às vezes ela escolheu continuar sendo fiel. — Marie argumenta baixinho e posso sentir sua dor.

Vicenzo sorri e seu sorriso é triste e doce ao mesmo tempo quando toca seu ombro.

— É egoísta querer que alguém seja fiel a você quando não pode se fazer presente. Quem ama da vero quer que o outro seja feliz, que viva e não guarde o coração num túmulo. Caixões são tristes demais, ma chérie, não combinam com um coração que ainda pode amar

Os olhos dela se enchem de lágrimas.

— É difícil ficar quando uma parte de você se vai.

Os olhos deles espelham sua dor.

— E é difícil partir quando uma parte de você fica.

Meu coração de repente sufoca entendendo que há muita realidade naquelas palavras.

Marie se emociona. — Pardon, me deem licença.

Ela deixa a sala às pressas e me levanto para ir atrás, lançando um olhar para Alex, que encara o vazio, a mão pousada nas costas de Vincenzo que sofre em um choro por ter que dizer adeus à mulher amada.

Bato na porta do quarto. — Posso entrar?

— Oui. — ouço Marie permitir e fungar logo em seguida. Abro a porta e a vejo ali, sentada na cama de casal, debulhada em lágrimas, um lenço nas mãos, o nariz pequeno todo vermelho.

— Vincenzo está doente. — Não é uma pergunta, mas uma constatação que veio tarde demais.

Ela confirma com um aceno e soa o nariz ruidosamente quando mais lágrimas cortam seu rosto.

— Desde quando?

— Desde antes da nossa viagem pelo mundo. — ela conta e sinto o ressentimento em seu tom.

— Ele não te contou. — entendo outra vez a razão da sua mágoa.

Ela balança a cabeça confirmando. — A ideia de fazer essa volta ao mundo foi dele, era algo de que eu sempre falava, mas que nunca colocamos em prática. Um dia ele chegou em casa e disse que havia comprado as passagens. O louco usou toda a poupança que levou décadas para juntar... disse que só se era jovem uma vez... Jovens... Nós. — ela sorri emocionada. — Era como se ele quisesse me dar essa última lembrança antes de partir.

— O que ele tem? — me sento ao seu lado e seguro sua mão.

Seus olhos se enchem d'água. — Câncer. De pâncreas... estágio quatro.

— Sinto muito. — e sinto mesmo, sinto na alma e no coração. Vincenzo ama tanto a vida que tirar isso dele parece injusto, errado.

— Ele nunca se esqueceu do que você fez, sabe. — ela então cobre minha mão com a dela e a aperta carinhosamente. — Rodamos o mundo todo passando de sofá em sofá, mas aí chegamos ao Rio e você percebeu algo que nem eu fui capaz de perceber... Vincenzo estava morrendo de dor nas costas por conta dos avanços do câncer, mas turrão do jeito que ele é não deixou

transparecer para mim nem por um segundo, não reclamou uma vez que fosse durante toda a viagem para que eu não desconfiasse de nada. Mas você notou, foi necessário apenas um gesto para você perceber... e lhe ofereceu conforto quando ele mais precisava. Nos ofereceu sua cama. Sua cama para dois estranhos. Acho que nunca poderei lhe ser grata o bastante por isso.

Lágrimas me vêm aos olhos. Eu nunca, nunca poderia imaginar que uma ação tão simples pudesse ter tanto valor.

Lembro-me, sim, de notar Vincenzo acariciando às próprias costas quando chegou e perguntar-lhe se estava doendo. De ele ficar surpreso quando ofereci que dormissem em meu quarto e, já no fim, ficar emocionado ao dizer que dormiu como um anjo enquanto estive comigo.

Muitas vezes as atitudes mais nobres que temos não são calculadas, nem grandiosas. São espontâneas e vem direto do nosso coração.

— Merci, Vanessa. — ela aperta minha mão. — Merci.

Então nos entreolhamos com cumplicidade.

— Quanto tempo ele tem?

Ela olha para a porta angustiada como se tentasse enxergá-lo através dela. — Um ano, um mês, um segundo... — diz sem saber exatamente e imagino quão assustador isso deve ser. — Vincenzo preferiu fazer somente o controle dos sintomas, já que um tratamento pesado lhe roubaria tempo dentro de um hospital, sem a possibilidade de cura. E, sim, ele sente bastante dor e perdeu peso, mas é grato por não ter perdido o apetite e o paladar. Acho que para um italiano isso seria pior que a morte.

Ela ri mas seu sorriso é triste e acompanhado por lágrimas.

O meu também.

— Sabe... de certa forma eu me sinto meio traída por ele. — ela conta em tom de confissão, os dedos retorcidos sobre o colo. — Há oito meses, deitado aqui nessa mesma cama, Vincenzo comentou comigo como seria bom alugar um sítio grande e dar uma festa enorme, um final de semana inteiro, reunindo toda a família, da França, da Itália, nossos irmãos, primos, filhos, sobrinhos, netos e amigos. Um mundaréu de gente, você nem poderia imaginar as proporções. Eu, claro, ri e revirei os olhos, dizendo como ele era um exagerado. Só três meses depois, quando descobri da sua doença, que finalmente compreendi. Não era uma festa o que ele queria. Era uma despedida.

Meu coração se aperta ao saber de algo tão triste.

— Ele colocou meu sonho na frente do dele, Vanessa. De novo, como

sempre fez durante a vida inteira. Gastou a poupança toda para me dar esse presente e eu embarquei de mala e cuia, feliz, sem saber de nada. Ah, se eu soubesse... se eu soubesse antes, tudo teria sido tão diferente... Eu pegaria o dinheiro e alugaria um sítio, uma casa onde coubessem os mais de duzentos parentes e amigos que ele mais ama e teríamos juntos o final de semana perfeito. Eu lhe daria a melhor despedida de todos os tempos.

Ela cai no choro e a abraço forte, permitindo que extravase sua dor.

— Vincenzo quer que eu siga a vida, que seja como dona Josefa... mas eu não sou como ela, Vanessa. Não sou... Vivi com Vincenzo por mais de sessenta anos, quase uma vida inteira... eu não sei como viver sem ele, eu não consigo imaginar meu mundo sem sua presença. Porque quando se ama alguém como eu o amo, essa pessoa se torna seu mundo. Acho que você entende isso.

Assinto e lágrimas cortam meu rosto também.

Dizer adeus é sempre difícil demais.

— Me desculpe, não queria te deixar triste. — ela se endireita e seca o meu rosto atenciosa.

— Está tudo bem. — minto porque ela já tem muito sofrimento pra suportar.

Ela então respira fundo, acomodando aquela dor dentro dela mais uma vez.

Às vezes ainda me surpreendo com a força que as pessoas têm dentro de si.

— Acho melhor voltarmos pra sala ou eles vão começar a ficar preocupados conosco. — sugere.

Aceno em positivo e então ela entra no banheiro da suíte para se recompor antes de irmos. Segundos depois, volta com o rosto ainda vermelho, mas agora seco de lágrimas.

— Vamos?

Abrimos a porta do quarto e retornamos à sala, mas para a nossa surpresa, ela está vazia

— Ué? Para onde eles foram? — pergunto confusa.

— Eles podem ter ido lá fora para espairer. — Marie arrisca incerta.

Olho pela janela. — Não, eles não estão no jardim.

Ela coloca a mão em meu ombro, a voz calmante. — Não se preocupe, querida. Alex está com Vincenzo, vai ficar tudo bem.

Acredito meio desconfiando.

O que deu naqueles dois para saírem sem avisar?

Porém, quando as horas passam e os dois não voltam, começo a ficar realmente agoniada. Marie repete para eu não me preocupar e me chama para ir dormir quando dá meia noite, mas simplesmente não consigo.

Visto minha camisola e deito na cama de baixo do beliche sem pregar os olhos, quando um barulho na porta me alerta às três da manhã.

Corro para a sala num pulo. Vincenzo e Alex vêm se aparando mutualmente, ambos trocando as pernas sem equilíbrio.

Meu Deus, eles estão bêbados?

— Amore mio!! — Vincenzo abre os braços festivo para Marie, que chega logo atrás de mim à sala. — Ho tornato a casa!

— Vanessa! — grita Alex por sua vez e se joga em cima de mim aos tropeços. — Eu senti tanto a sua falta!

— Pelo menos os bandidos são românticos. — Marie ri, mas não estou achando a mesma graça que ela agora.

— Por que saiu sem me avisar, Alex? Por que bebeu tanto assim?

— Não briga comigo, Vanessa... — ele balança a cabeça tonto. — Eu te amo... Te amo muito!

Ele tenta me beijar desesperado, mas me afasto.

— Vá se deitar.

Alex me olha e seus olhos se enchem d'água com culpa.

Sem arriscar dizer nem mais uma palavra, ele deixa a sala e vai até o nosso quarto cambaleando e quase derrubando um vaso no caminho. Está tão bêbado que nem tenta subir no beliche, apenas tira a camisa e se deita no chão.

— Vá pra minha cama, Alex.

— Não...

Era só o que me faltava.

Me abaixo para puxá-lo dali. — Levante-se ago... — mas ele então me puxa e seu corpo forte rola sobre o meu.

— Eu te amo tanto... — sua voz é sofrida e apesar do hálito de vinho, dos gestos lentos e da voz arrastada, eu o quero, sempre vou querer. Quando seus lábios encostam nos meus entreabrindo-os devagar com a língua de gosto adocicado, me sinto começar a desmoronar em lágrimas, porque sei que isso vai acabar em poucos dias.

Agarro seus cabelos com força e pressiono minha boca na sua, o beijo com tudo de mim e sinto seu corpo se moldar contra o meu. Suas mãos

deslizam pelos meus braços, numa carícia íntima demais, fazendo cada pelo se arrepiar sem ser de frio e então ele os prende pra cima, contra o chão.

Uma de suas mãos desce e ergue meu quadril contra o dele e sua boca se afunda no meu pescoço e, quando vou arfar, ele me cala com um novo beijo enquanto sua mão se livra da minha lingerie e ele entra em mim de uma só vez. E é o céu, é o inferno. É como se o tempo pudesse parar ali.

Pra sempre.

Em silêncio nos encaramos e então ele se move. E cada vez é sentida, cada vez é perfeita. Eu não quero que acabe, ele não quer que acabe, mas alguma hora infelizmente tudo o que é bom e maravilhoso nesse mundo acaba.

Tudo ter que acabar parece ser a nossa sina.

Atingimos aquele lugar proibido do paraíso juntos e é a minha boca que cobre a dele dessa vez, em cumplicidade, para que seu gemido não seja ouvido no quarto ao lado. Para que esse momento seja só nosso.

Ele chora quando se derrama em mim.

— Eu te amo, Vanessa. — sussurra em meu ouvido, deitando sobre meu peito exausto e tonto.

— Eu também te amo.

Então o abraço com força e, percebendo que adormeceu, choro contendo os soluços. Marie e Vincenzo resumiram tão bem isso.

É difícil ficar quando uma parte de você se vai.

É difícil partir quando uma parte de você fica.



Já são quase onze da manhã e Alex ainda está apagado no chão. Tentei fazê-lo se levantar a todo custo para ir para cama, mas não teve jeito. Blackout total. Sei que o meliante está vivo somente porque respira, na verdade, até ronca bem baixinho.

Entro na sala e só encontro Marie, tomando uma xícara de chá com biscoitos.

— Vincenzo?

— Derrubado como um touro. — ela sorri tranquila. — Do jeito que eles

beberam não vão acordar tão cedo.

Me sento ao seu lado.

— Ainda não acredito que eles fizeram isso, foram tão inconsequentes.

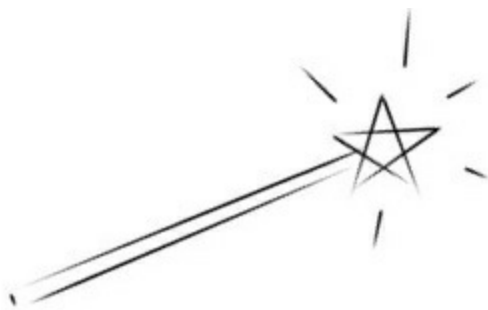
— São homens, Vanessa. — diz sacudindo a mão como se isso já explicasse tudo. — O que me diz de hoje darmos uma volta só nós duas pela cidade?

Olho na direção do quarto. Tenho tão poucos dias com Alex que a ideia de passar um sem ele parece machucar.

— Vamos voltar antes deles acordarem, te garanto. — ela diz como quem consegue ler minha mente. — Ficar aqui só vai te deixar mais nervosa.

Suspiro fundo.

— Acho que você tem razão. Deixa eu me vestir.



Marie me leva para um passeio pelos seus monumentos favoritos de Roma: as fontes. Não sabia que um lugar podia ter tantas, mas me surpreendo com o contrário. [Fontana dell'Acqua Felice](#), [Fontana della Barcaccia](#), [Fontana delle Naiadi](#) Fontanone e agora estamos na Praça Navona, onde ela me apresenta as belíssimas Fontana Netuno, Fontana dei Quattro Fiumi e Fontana de Moro.

— Como começou esse seu encanto por fontes? — pergunto curiosa.

— Eu sempre amei fontes. — ela responde enquanto caminhamos sob o agradável sol da tarde. — Quando morava em Paris na minha adolescência, gostava de ir até a Fontaine de Mers e me sentar ali para ler um livro... Era perfeito.

— Paris deve ser mesmo linda.

— Você nunca foi?

Balanço a cabeça em negativa.

— Sempre quis, mas só passei alguns minutos no aeroporto de lá na conexão do meu voo.

— E por que não ficam lá alguns dias?

— Não achamos ninguém para nos receber lá nesse período. — levanto os ombros conformada. — É Paris, logo acho que é sempre disputada. Não tem problema, fica pra próxima.

— De jeito nenhum! — ela decide altiva. — Fiquem no meu apartamento.

— Como?! — engasgo com a casquinha do gelato de tiramisù que tomo, apesar dos gélidos quatro graus.

A comida italiana nos faz cometer verdadeiras loucuras.

— Mantenho meu apartamento lá, Vincenzo nunca me deixou vendê-lo porque acha que irei usá-lo quando ele se for, como se eu fosse ir pra Paris e me apaixonar por um parisiense depois de ter amado um italiano. Há! — ela faz careta e rio com ela até que Marie me encara séria outra vez e segura minhas mãos. — Vá para Paris, Vanessa. Leve Alex contigo.

— Eu não posso aceitar...

— Mas é claro que pode. — ela me cutuca marota com o ombro. — Ligue para a sua companhia aérea e peça o stop over. Em vez de sair de Roma e fazer a conexão em Paris, pegue o voo de volta direto de lá.

— Mas temos poucos dias.

— Uma noite em Paris já seria mais que inesquecível, Vanessa. Mas fique duas, se puderem. Amanhã nós podemos levar vocês para uma última volta de despedida em Roma e depois podem seguir para uma última aventura em Paris.

Aventura. Cada vez amo mais essa palavra.

Sorrio grata, concordando, e então paramos. Percebo que chegamos a última fonte do circuito, o nosso grand finale.

A fonte mais conhecida do mundo:

Fontana di Trevi.

Fico sem palavras, imóvel, diante da beleza sem igual, do monumento de mais de vinte metros onde estátuas suntuosas de deuses de mármore se elevam, as águas azuis jorrando de diferentes pontos em uma fluidez sem fim. E ela é linda, perfeita, mas apesar de toda a grandiosidade e beleza daquela obra de arte à minha frente, uma lágrima solitária corta meu rosto... porque de alguma forma, a aventura não é a mesma sem Alex aqui.

Marie observa a fonte com um olhar perdido. — Você sabia, Vanessa, que existe uma lenda de que quem atira uma moeda nessa fonte volta à Roma, duas, encontra o amor da sua vida e três, se casa com ele e é feliz para todo o sempre?

— Verdade? — olho novamente para o monumento com uma ponta de esperança, querendo crer que é real. *Precisando crer que essa superstição poderia mesmo ser verdade.*

Marie bota a mão em meu ombro compreensiva. — Mágica existe, minha querida, mas ela não habita essa fonte. Só você tem o poder de realizar seus próprios desejos. A magia toda está aqui, ó — ela toca meu coração e me emociono.

— Eu não tenho o poder para mudar a realidade...

— Ah, querida.. — ela sorri com ternura enxugando a lágrima que cai. — você se surpreenderia se acreditasse.

Quando voltamos para casa uma hora depois, vemos Alex e Vincenzo acabaram de acordar. Alex está com a cara toda amassada de dormir no chão e exibe um semblante culpado quando me vê passar pela porta.

— Oi. — ele diz, as mãos afundadas no bolso do moletom.

— Precisamos conversar. — digo direta.

Nós vamos para o jardim para ter um momento a sós e, apesar do frio, não estou tremendo por conta dele. Estou trêmula, mas é de tantas emoções que estão fervilhando dentro de mim agora.

— Por que saiu para beber ontem? - pergunto irritada.

Alex desvia o olhar.

— Me desculpe, eu não planejei...

— Não planejou? — sorrio sem humor, completamente magoada com toda aquela situação. — Podia ao menos ter deixado um recado, Alex! Não foi legal me deixar preocupada te esperando, sem saber se alguma coisa tinha acontecido contigo!

— Me desculp... — ele começa, mas o corto. Não estou nem aí para desculpas hoje.

— Não, eu não desculpo! Não te perdoo e sabe por quê? Porque você não entende! — e percebo que estou chorando de raiva, de frustração, de saudade, estou chorando por tudo de uma só vez. — Por que bebeu tanto assim? Nós perdemos um dia inteiro juntos! Um dia inteiro de um universo já tão pequeno deles!

Alex encolhe os ombros ao som dos meus soluços sofridos.

— Eu sei. Fui um completo idiota.

Sacuda a cabeça exasperada. — Sabe, fico pensando se estou enlouquecendo às vezes. É como se tivesse esse relógio na minha cabeça, que

alguém ligou o cronômetro e eu sei que vai disparar a qualquer momento e que vai ser tarde demais, que não vou mais estar ao seu lado, que não vou poder te abraçar ou te beijar... E, por Deus, eu vou sentir falta disso... Eu não sei como seguir minha vida sem você... porque você, Alex, é a parte mais linda dela.

Ele me envolve num abraço cheio de arrependimento.

— Me desculpa... me desculpa mesmo. Eu não queria te magoar.

Assinto e pisco as lágrimas que me embaçam meus olhos, derramando-as. — Me desculpa também, eu sei que às vezes eu surto...

— Você surta? — ele ri e um som estrangulado escapa de sua garganta.

— Eu arrombei uma porta de ferro para ir atrás de você, Vanessa.

— Para me acudir. — corrijo.

Ele nega balançando a cabeça.

Olho para ele sem entender, mas então ele desvia os olhos outra vez.

Fugindo. Ah, não! Chega de fugas.

— Acho que precisamos falar sobre isso. — insisto tocando seu rosto para que me encare.

Alex fecha os olhos. — Eu não acho que consigo, minha rosa. Se abrir a boca agora, creio que vou desmoronar e não posso fazer isso. Não quero ruir bem na sua frente.

Seguro sua mão. — Talvez ruir seja justamente o que você precisa.

Então ele abre as pálpebras e vejo a real dor contida em seus olhos azuis e escuros como o céu acima de nós. A dor dele se reflete nos meus. É uma dor que pesa centenas de quilômetros.

A dor de quem antecipa a distância.

— Às vezes penso que sou como um iceberg... só deixo as pessoas verem uma mínima parte do que sinto e o resto escondo em mim. Mas não é fácil continuar desse jeito porque sei que quando colidirmos e nos machucarmos de verdade, a culpa pela gravidade do impacto será toda minha. — Ele solta uma expiração pesada e o vapor se condensa entre nós. — Eu não arrombei aquela porta para te acudir, Vanessa. Eu a arrombei porque não podia aceitar a ideia de um mundo em que você não existisse.

Nos encaramos num momento sem fim.

— Eu não quero que você vá. — ele sussurra e vejo a umidade se acumular em seus olhos.

Isso me corta o coração. O parte, mais do que já está partido.

— E eu também não quero ir...

— Mas tem. — ele diz o óbvio, afagando meu rosto com doçura. — Sua vida, sua família, amigos e trabalho, está tudo lá, no Brasil. Você lutou muito para recuperar isso, para reencontrar aquilo que era importante para você, não faz sentido perder.

— Eu sei. — E é verdade, eu lutei muito por isso. — Mas você também é uma parte importante pra mim. Você é uma parte muito importante da minha vida, Alex.

Ele balança a cabeça e posso sentir a sua aflição antes mesmo de proferir as palavras seguintes.

— Eu pensei, pensei bastante, e... — suspira fundo. — Oh, merda, isso é tão difícil. — então passa as mãos pelo cabelo, exasperado, andando nervoso de um lado pro outro. — Acho que depois dessa viagem, você deve me deixar pra trás e seguir com a sua vida. Eu... eu não sirvo pra você, Vanessa.

É como levar um choque.

Acho que estou zozza.

— Por... por que está dizendo isso?

Seus olhos são pura dor. — Porque eu te amo. E quero que seja feliz.

— Eu sou feliz. Com você.

— Em um a cada doze meses. — ele aponta amargurado.

— Não, Alex, eu sou feliz o tempo todo!

— Não, não como deveria ser. Você... você não entende... — ele castiga os fios de cabelo com as mãos, os puxando pra trás com força outra vez. — Eu... eu não te mereço de verdade.

— Por que diabos está falando um absurdo desse?!

Estamos exasperados, olhando um para o outro, respirações ofegantes, corações machucados.

Tanta coisa não dita. Uma hora... explode.

— Eu omiti algo importante de você... — ele diz com vergonha e culpa estampadas nos olhos.

O encaro, o coração acelerado em antecipação às próximas palavras.

— No dia em que partimos de Londres, Blake... ele me liberou. — ele conta e seus ombros desabam com o peso da confissão. — Ele me disse para ir atrás de você, viver esse amor, que ficaria com a tia May em Londres até ter idade para morar sozinho. Mas eu... eu sinto muito, Vanessa, mas não posso fazer isso com ele... eu queria, muito, mas eu não posso ser feliz às custas da felicidade do meu irmão. Todo mundo deixou Blake. Minha mãe foi embora, depois meu pai, Pam vai pra faculdade ano que vem, até o cavalo

dele morreu, pelo amor de Deus! Eu não posso tirar a fazenda dele, eu não posso ir embora quando sei que ele claramente precisa de mim.

Eu não falo, apenas avanço um passo e o abraço forte.

— Nunca mais diga uma bobagem dessa, ouviu? Você é aquele que merece tudo no mundo.

— Não, não você. — ele balança a cabeça e lágrimas caem sobre mim. — Você merece alguém que vá atrás de você até o fim do mundo. E eu juro, eu queria muito ser essa pessoa. Queria ser livre para fazer minhas malas e ir atrás de você. Desejei isso desde o momento que te conheci e me sinto horrível por isso. Sou uma pessoa ruim, Vanessa. Eu te disse, nunca fui um bom homem.

— Não... Você é, sim. — seguro seu rosto e afasto o cabelo de seus olhos para encará-lo. — O melhor deles. E é por isso que me apaixonei tão perdidamente por ti.

Seus olhos se tornam nuvens pesadas de chuva quando sobem para encarar os meus.

— Aquilo que o Vincenzo disse... de que não é justo esperar fidelidade quando não se pode estar presente, me fez enxergar como estava sendo egoísta te prendendo nessa relação. Ele está morrendo e não pode ficar, isso é triste e inevitável, mas no nosso caso, não, sou eu quem está ferrando tudo... como posso querer você pra mim, querer que me espere quando não agarro a melhor chance que tenho de ir atrás de você?

— Você tem um coração enorme, Alex. Não o culpe por ter a capacidade de amar mais de uma pessoa.

— Mas eu não quero que você sofra.

Fico na ponta dos pés e deposito um beijo em sua testa.

— Então é fácil: não me faça sofrer. — toco seu rosto cheia de sentimento. — Marie nos convidou para ficar em seu apartamento em Paris. Mas para seguirmos em frente amanhã, você tem que deixar essa insegurança para trás. Ou então ficaremos aqui mesmo, estagnados sempre no mesmo ponto. Não há culpados a se encontrar, Alex, somos adultos, podemos arcar com as consequências de nossas próprias decisões. Estou ciente de que nos veremos a cada seis meses e aceito isso. Agora cabe a você se livrar dessas nóias e decidir se está dentro ou não.

Dando um último e significativo olhar para ele, me viro e volto para dentro da casa, deixando-o pensar sobre suas próprias questões. Alex tem que entender que não é altruísmo liberar alguém de um amor se essa pessoa quer

vivê-lo, ainda que haja dor causada pela distância e a espera, sempre terei os bons momentos e são por esses que vivemos.

Entro no nosso quarto e pego o celular, discando para aquele novo número na agenda. Sou atendida no segundo seguinte.

— Já com saudade, cunhadinha? Devo alertar que sou um homem comprometido agora.

— Muito engraçadinho, Blake. Preciso da sua ajuda.

— Claro, manda aí!

Explico para ele o meu novo plano e ele assente de imediato.

— Pode deixar comigo, Vanessa. E como está a viagem aí com meu irmão?

Hesito por um minuto na resposta. Tem tanta coisa acontecendo na minha cabeça agora que não sei o que dizer.

— Ele quis terminar contigo, não foi? — Blake adivinha na lata sem eu precisar dar nenhuma pista. — Merda... eu imaginei que ele acabaria fazendo algo estúpido assim. Eu disse a ele que fosse para o Brasil com você, que eu ia ficar bem, mas você conhece o Alex tão bem quanto eu... Ele vai fazer a coisa certa, mas se sentirá errado assim que a fizer porque nem sempre aquilo que devemos fazer é o que nos faz feliz. Ele te ama, Vanessa. Vai se destruir se puder evitar que nos machuquemos, mas, de uma maneira ou outra, a verdade é que acabaremos todos feridos.

— Eu sei. — minha voz embarga. — Agradeço o que tentou fazer, Blake, mas esse plano nunca funcionaria. Alex te ama muito pra isso... e agora acho que eu também.

— É mesmo uma sina ser tão irresistível. — ele brinca e eu rio, apesar da situação. *É um dom incrível o que ele tem.*

— Eu te amo, viu?

— Também te amo, Vanessa. Espero que as coisas se acertem entre vocês logo.

Desligo o telefone e me jogo na cama de baixo exausta, fechando os olhos pelo o que planejo ser apenas um momento, mas então o sono me vence e adormeço profundamente.



Acordo ao o som de buzinas.

— Vanessa! Venha ver, venha ver!! — escuto Marie gritar eufórica da sala e corro até lá tropeçando nos próprios pés.

Me debruço ao seu lado na janela e vejo Alex e Vincenzo em frente à casa montados em duas típicas Vespas italianas, charmosas scooters elétricas nas cores azul clara, e a cena é a coisa mais apaixonante que já vi na vida.

— Viemos buscar le donne piu belle di Italia para um giro! — o italiano grita galanteador.

Eu e Marie nos entreolhamos com um sorriso no rosto e, depois de nos arrumarmos como dois furacões, ela segura a minha mão e descemos aos saltos as escadas para encontrá-los lá embaixo.

Me aproximo de Alex. — O que é tudo isso?

Ele abre um sorriso com covinhas. — Aluguei assim que acordamos. Achei que tínhamos que nos redimir de forma apropriada.

— Ou seja, da forma mais brega e romântica possível?

Seu sorriso se expande. — Exato!

Eu passo meus braços em torno do seu pescoço e o beijo ainda com o gosto de pasta de dentes. Ele suspira baixinho e então coloca um capacete na minha cabeça atando a fivela e subo na garupa, o apertando forte enquanto ele coloca o dele.

— Pronta para uma volta em Roma?

— Pronta como nunca estive na vida.

Eles dão partida, acelerando e posso ver o sorriso de Marie, agarrada as costas do marido, sentindo o vento lhe soprar a face enquanto percorremos depressa as ruas da cidade. Idade é um número e percebo que toda hora é hora de viver, é hora de amar. Alguns escolhem ser turistas a vida inteira e não ligam se algo é vergonhoso ou não, apenas aproveitam o momento.

E que momento!

Aperto os braços em torno da cintura de Alex e deixo minha bochecha repousar em suas costas. Adoro seu cheiro de verbena, adoro o calor que seu corpo emana mesmo quando está frio.

Chegamos aos portões do que parece ser um extenso parque arborizado e Vincenzo para a Vespa, seguido de Alex.

— Vão entrando vocês duas. — Alex me ajuda a descer todo atencioso. — Eu e Vincenzo vamos achar um lugar para estacionar essas belezuras e logo as encontraremos.

Tiro o capacete e o beijo.

— Não demore.

Ele me beija de volta.

— Nem um segundo a mais que o necessário.

Sorrio e me encontro com Marie logo à frente. O cabelo dela está todo desalinhado da corrida, mas o sorriso que ela exhibe faz com que esse seja o momento em que a vi mais bonita até então.

— Onde estamos? — pergunto quando passamos pelos imensos portões.

— Na Villa Borghese. — ela conta suspirando. — O terceiro maior parque público de Roma e o lugar que abriga a famosa Galleria Borghese.

— Uau, eles capricharam na escolha!

— Oui, oui. — seu sorriso é radiante. — É um dos lugares mais românticos da cidade.

Vicenzo e Alex retornam em uma carreira.

— Siamo tornati! Sentiram nossa falta?

— Como do ar que respiro. — ela o recebe com um abraço cheio de amor.

— Um dia nós seremos assim? — Alex pergunta baixinho no meu ouvido e ergo a sobrancelha curiosa para ele. — Dois velhinhos perdidamente apaixonados?

— Bem, você já está se encaminhando para os trinta...

Ele ri e me beija a testa.

— Engraçadinha. Vamos lá?

De mãos dadas caminhamos pelo parque sem pressa. Vicenzo e Marie alugam algo parecido com um tuc tuc indiano, duas bicicletas elétricas unidas na lateral com um teto e vão na frente, curtindo o passeio como os dois eternos namorados que são.

O parque é enorme. Abriga em seu interior uma casa de cinema, museus, galeria, jardins, monumentos, zoológico, ludoteca para crianças e até mesmo um carrossel com luzes a céu aberto! O passeio todo é emocionante e chegando a um lindo lago, Alex me pede para aguardar um segundo e volta me puxando com ele em direção à margem.

— Você primeiro, madame. — ele brinca, fazendo uma reverência ao apontar para um romântico barquinho parado na água.

— Obrigada, senhor. — aceito sua mão para me equilibrar ao entrar.

Alex entra em seguida e pega os remos, nos levando calmamente em direção a um lindo templo que fica no meio do lago.

— Quero conversar sobre o que falamos ontem. — ele diz cauteloso.

Assinto, meu coração disparando sem aviso quando os seus olhos sobem indecifráveis para encarar os meus.

— Não consegui dormir essa noite pensando nisso, Vanessa. Eu não sou ingênuo, sei que um dia meu irmão vai ter idade para viver a própria vida, para constituir família, assumir os negócios da fazenda e então poderei ir atrás de você, aonde quer que esteja, sem culpa. Mas também sei que até esse momento chegar, tenho milhões de chances de te perder, da distância conseguir nos separar e de eu me arrepender amargamente pela decisão de ficar.

Então toca meu rosto, com tanta delicadeza que mais se parece uma reverência, encostando a testa na minha.

— Já doeu como o inferno quando você se relacionou com Victor e isso foi antes de termos ficado. A situação toda com aquele envelope só serviu para me mostrar que se isso acontecesse agora... se isso acontecesse eu quebraria. Sinto muito, Vanessa, mas não consigo mais ter essa relação em aberto com você.

— Então... está dizendo que está desistindo? — minhas palavras se quebram junto com meu coração. — Está desistindo... de mim?

Ele separa nossas testas e balança a cabeça, me olhando nos olhos. — Não, mas é claro que não, minha rosa... — e então pega a minha mão com carinho. — Estou dizendo justamente o oposto. Ontem a nossa conversa me fez perceber uma coisa... uma coisa muito importante que eu já deveria saber. Seis meses longe podem ser um inferno, mas uma vida sem você... Ah, isso me mataria...

Começo a chorar quando meu coração erra uma batida, aliviado e feliz demais para seguir o ritmo. Alex pega a minha outra mão e junta as duas nas suas, sem tirar os olhos dos meus.

— Nessa viagem percebi que tudo muda o tempo todo: o lugar, as pessoas, as comidas, as expectativas... só o que não tem mudado é o que sinto aqui, dentro do peito, só o que permanece é o meu amor por você. E não posso deixar de pensar que isso significa alguma coisa...

O barco chega à margem e Alex se levanta me estendendo a mão. Ficamos diante ao templo, com suas colunas brancas e cúpula adornada de estátuas. Alex se vira pra mim e ajoelha.

— Vanessa, você é a minha trilha sonora. É aquela que mais quero ouvir quando chego em casa, quando acontece algo bom ou ruim. É a que toca o que há de mais profundo e verdadeiro dentro de mim, que me equaliza, que

me inspira, que me deixa em paz. Eu não lutaria guerras por uma bandeira, mas ajoelharia e pediria perdão para todos os meus inimigos se fosse você quem me abrisse os olhos. Porque você, Vanessa, me faz querer ser melhor do que sou. E quero continuar tentando ser melhor... ser melhor para fazer jus a você.

Ele retira uma caixinha do bolso.

— Durante essa viagem nós dividimos nossa música a cada destino. E quero que continue assim, que o som que nos embala seja sempre o mesmo e que nos leve a acreditar que chegaremos juntos a lugares fantásticos. Você quer ir a lugares fantásticos comigo, Vanessa?

Faço que sim enfática.

— É um compromisso sério. — ele testa advertindo e rio entre lágrimas felizes sem mudar de ideia. — então ele se levanta e coloca uma mexa de cabelo atrás da minha orelha. — Eu te amo. Não quero mais ter contigo uma relação em aberto, cheia de espaço para dúvidas e inseguranças. Quero que seja minha namorada e eu o seu. Tudo oficial e declarado. Você me aceita como seu namorado, Vanessa?

— Mas é claro que sim... — lágrimas despencam dos meus olhos e então ele me entrega a caixinha e encontro dentro dela um adaptador para fones duplos de celular. É perfeito, começo a rir, agora poderemos compartilhar da melhor maneira a nossa trilha sonora.

Mas então Alex se aproxima e retira o adaptador e os fones, revelando ali escondido no fundo da caixa um delicado anel de ouro branco com uma linda safira cravejada. E paro de rir, totalmente surpresa.

Alex o solta com cuidado, pega a minha mão e o desliza em meu dedo anular direito.

— Eu disse que era um compromisso sério.

Olho para o belo anel encantada.

— O azul... — toco a pedra com carinho. — ele me lembra o tom dos seus olhos.

— Fico feliz... — envolve minha mão na sua. — assim sempre vai poder se lembrar de mim.

Alex avança um passo e me enlaça em seus braços, me beijando lentamente, apaixonadamente. É o beijo que poderia durar uma eternidade e ainda assim seria pouco. É o beijo que sela um momento do nosso para sempre.

— Agora é oficial. — ele sussurra baixinho em meu ouvido quando

nossos lábios se separam.

— Eu sou sua e você é meu. — sussurro de volta o apertando forte.

Ele ri, balançando a cabeça devagar — Oh, Vanessa... não seja boba...
Eu sempre fui seu.

E rio pensando em como ele também é bobo, pois eu também sempre fui dele...



Às dezenove horas estamos na estação de trem para a nossa despedida e já estou emotiva antes mesmo de partir.

— Oh, Itália, o que fizeste comigo? — bato na minha barriga agora roliça rindo. Cheguei ao absurdo de almoçar três vezes em um único dia porque, a cada lugar que passávamos, o cheiro delicioso de comida me puxava para dentro como um imã. — Acho que nenhuma das minhas calças estão mais fechando e sequer consigo me arrepender do fato!

Vicenzo abre um sorriso contentíssimo.

— Ma dai! Allora si, está formosíssima, Vanessa! Non è vero, Alex?

— Com certeza. — Alex me beija a nuca, passando os braços em torno da minha cintura. — Agora tem mais dela para eu amar.

Rio batendo nele.

— Cuida bem dessa ragazza, Alex. — Vicenzo diz sério então batendo em seu ombro. — Ela é davvero speciale.

— Ah, eu sei. — Alex olha para mim com carinho. — Essa aqui é a mulher mais especial do mundo.

— La seconda... — Vicenzo puxa Marie e lhe beija a testa. O som da risada dela é revigorante.

— Aqui, meus queridos. — a francesa tira da bolsa uma chave e me entrega. — É do meu apartamento em Paris, quero que aproveitem bastante a estada lá. Se sintam como se estivessem em casa.

— E, per Dio, usem aquela cama! — Vicenzo dá uma piscadinha marota para nós. — Ela teve muito descanso desde a última vez que viu ação de verdade.

Damos risada. — Pode deixar! — Alex está corado quando estende a

mão para ele. — Farei o meu melhor que puder para honrar os bons tempos.

Vicenzo ignora a mão e lhe dá um forte abraço.

— Bravo, Alex! — o italiano diz orgulhoso. — Bravíssimo!

— Obrigada, Vicenzo, — digo me aproximando em seguida. — foram os três melhores quilos da minha vida, mas nada se compara ao prazer que foi dispor de sua companhia.

— O piacere é tutto mio, cara mia. — ele se emociona e Marie segura minha mão também emotiva.

— Você sempre será bem-vinda a nossa casa, Vanessa.

— Obrigada, Marie. Muito obrigada por tudo. — a abraço forte.

— Vamos então? — Alex pergunta quando o trem chega à plataforma.

— Vamos... — mas então paro.

E de repente tudo faz sentido.

Abro a mochila. Alex olha pra mim quando vê o que pego de dentro dela e assente ao meu pedido silencioso de permissão. Então dou meia volta e ando de novo até Marie, entregando em suas mãos a minha querida cópia em francês de O Pequeno Príncipe.

— Quero que fique com isso. — digo baixinho à ela. — Alex me deu esse livro quando nos conhecemos no Brasil. Ele é bem simples e fala daquilo que permanece mesmo quando as pessoas se vão, fala do valor das lembranças principalmente. — então me aproximo para que somente ela escute e sussurro. — Você e Vicenzo construíram uma vida inteira juntos, Marie. Você tem sessenta anos de lembranças maravilhosas para te fazer companhia. E também um coração vivo que ainda pode amar. Quem quiser, se quiser. A escolha é sempre sua.

Seus olhos castanhos se enchem de lágrimas. — Eu... eu não posso aceitar... foi um presente do seu namorado pra você.

Balanço a cabeça negando. — Um livro só faz sentido quando é lido por quem deve ser.

Ela me abraça forte, emocionada.

— Obrigada, *mà petit*. Muito obrigada.

Beijo seu rosto com carinho e então volto para o lado de Alex, acenando para aquele casal tão especial quando embarcamos no trem.

— Você sabe que o envelope de dinheiro estava dentro daquele livro, não? — Alex pergunta assim que as portas se fecham e paro de acenar.

Sorrio.

— Você conhece o conceito de dinheiro do universo, Alex?

Ele nega com a cabeça e então explico aquilo que Anastasia um dia sabiamente me explicou.

— Esse dinheiro veio até mim de forma inesperada e deveria ir de forma inesperada, como um acaso misterioso que completa seu fluxo até deixar de ser e do qual sou mera intermediária. É curioso, mas até quando tudo saiu dos trilhos lá em Praga, senti no meu coração que não era a hora de usá-lo, senti que não fora para aquilo que o dinheiro chegara em minhas mãos. — então olho pra Alex, o coração sereno agora. — Só quando me despedi de Vincenzo que percebi quanto aquilo, o ato de despedir-se, era importante para ele. Vincenzo terá sua despedida e será uma despedida linda, Alex, uma festa exagerada, regada a vinho, família e amigos. Uma festa inesquecível... assim como ele.

Alex me puxa pra si orgulhoso e me beija a testa.

— Eu realmente não consigo deixar de te amar, mais e mais. — e só então ele finalmente nota que minhas mãos estão livres. — Oh, meu Deus! Cadê a sua inseparável amiga? Não vai me dizer que você esqueceu a pedra lá?

Eu rio.

— Não, não esqueci, seu implicante. Quando descobri que iríamos à Paris, percebi que estava na hora de seguir em frente e deixar o passado para trás. Entendi que memórias podem ser preciosas, mas quando se transformam em um peso que nos impede de aproveitar o momento presente devemos deixá-las ir.

Ele me olha, intrigado e mistificado. — Você é realmente um poço de surpresas, Vanessa. Tinha quase que certeza de que carregaria aquele trambolho de muro até os confins do universo e teriam que te sedar no aeroporto para conseguir tirá-lo de você.

— Provavelmente seria assim mesmo... Mas veja só, talvez eu esteja amadurecendo nessa viagem.

Ele sorri segurando a minha mão.

— Talvez nós dois estejamos.



O trem expresso acelera, passando agora pela majestosa paisagem dos Alpes Suíços, com seus picos grandiosos cobertos de neve. São composições como essas das quais nunca me esquecerei quando retornar ao Brasil, são cenários assim que nos mostram como somos apenas pontinhos num mundo enorme.

Alex dorme profundamente com a cabeça apoiada em meu colo. *Meu namorado*. É incrível como amo esse homem, como quero fazê-lo feliz e ajudá-lo a superar todos os seus medos e inseguranças.

Meu telefone toca e me levanto para não acordá-lo, colocando com cuidado sua cabeça em cima do meu casaco dobrado.

— Vanessa! — escuto a voz de Marie do outro lado quando atendo seguindo pelo corredor. — Ah, que bom que atendeu!

— Já estão sentindo nossa falta? — brinco e ela ri.

— Sempre vou sentir falta de vocês, *mà petit*. — diz com aquele carinho característico de sua voz. — Mas não, não foi por isso que liguei agora. Liguei para avisar que você esqueceu um envelope com dinheiro dentro do livro que me deu.

— Não, não esqueci...

— Esqueceu sim, *ma petit*, tem umas coisas escritas em port...

Sorrio. — Eu sei de que envelope se trata, Marie. Eu apenas estou lhe dizendo que não o esqueci.

Um minuto de silêncio enquanto ela compreende o que digo e então escuto um gemido abafado e um soluço.

— Vanessa, você não deveria... — sua voz é emocionada.

— Sim, deveria. Faça a festa, Marie. Alugue um lugar grande, convide toda a família, cantem e dance tarantela, riam de si mesmos e guardem isso pra todo sempre.

— Mas... mas eu não posso aceitar... vai te fazer falta.

— Não, não vai, Marie. — asseguro tranquila. — Eu quase não tive gastos extras nessa viagem e tenho ainda um pouco de dinheiro comigo. Acredite, vou ficar bem.

— Mas... oh, Deus... tem certeza disso?

— Absolve. — respondo em francês e a escuto chorar do outro lado.

— Eu prometo, prometo que vou te devolver assim que puder.

— Não se preocupe com isso, Marie. Apenas se assegure de dar a Vincenzo a melhor e mais exagerada despedida do mundo.

— Pode deixar. — ela ri, mas sinto a emoção profunda que a toma

quando diz aquelas três últimas palavras antes de desligar. — Merci, Vanessa... merci.

E acho que o Universo completou seu ciclo mais uma vez.

Guardo o telefone no bolso e adentro o restaurante de bordo. Peço um chocolate quente na cafeteria e me sento numa das mesas ali, à janela.

Uma garota jovem e bonita passa por mim com seu café e seus olhos se detém na mão com que seguro o copo.

— Bela tatuagem. — ela diz em um inglês com sotaque pesado, apontando para a frase gravada em meu pulso.

— Obrigada. — aliso carinhosamente a palavra Wanderlust com o dedo. — Mochilando também? — aponto para suas costas.

— Há algum tempo. — ela assente com um sorriso. — Tenho quase certeza que esse troço já se fundiu às minhas costas e virei uma espécie de tartaruga ninja.

Dou risada.

— Gio. — ela estende a mão, se sentando à minha frente.

— Vanessa.

— E aí, Vanessa? Qual é o seu fim?

— Como assim meu fim? — penso que compreendi algo errado em suas palavras. — Quer dizer meu destino?

— Não, seu fim mesmo. — ela ri da careta confusa que faço e se explica. — Pela minha experiência, todo viajante que está na estrada tem um fim, alguns viajam para fugir, outros para encontrar. Você está viajando por qual motivo?

— Ah, entendi. Bem, acho que vim reencontrar alguém. E você?

— Vim reencontrar a mim mesma. — ela sorri de forma serena.

— A si mesma? — pergunto curiosa debruçando na mesa.

Ela assente. — Tive uma relação ruim há um tempo e acabei me perdendo um pouco nela. Mas aí, tirei uma força não sei de onde e consegui me livrar daquilo e essa viagem é o presente que me dei por ter tido essa coragem. Desde então tenho viajado há mais de um ano de país a país e, devo dizer, tem sido uma experiência fantástica.

— Mas não sente falta da sua família, do seu emprego, dos amigos?

— Ah, como do ar que respiro... mas sinto que fiz a escolha certa. O mundo. Esse é o lugar aonde devo estar.

Um apito corta o ar e o trem desacelera entrando em uma nova cidade.

— Olha, é a minha parada. — ela se levanta ajeitando a mochila. — Foi

um prazer conhecê-la, Vanessa.

Eu aceno em despedida e a vejo caminhar para fora do vagão quando minha garganta coça e pergunto:

— E você se achou?

Ela se vira e abre um sorriso dos mais lindos.

— Cada pedacinho de mim.



PARIS, FRANÇA.

Algumas paradas depois, o trem chega à Estação Lyon du Nord. Acordo Alex que tem o cabelo todo arrepiado para cima e juntos pegamos um táxi até o endereço do apartamento de Marie, onde deixamos nossas mochilas e partimos para nos aventurar nas ruas mágicas de Paris.

Começamos o nosso tour visitando o Panteão, um impressionante mausoléu onde repousam os grandes pensadores da França, como Voltaire, Jean-Jacques Rousseau e Rene Descartes. Em seguida, cruzamos a charmosa Igreja Saint Etienne Du Mont e chegamos à belíssima Notre Dame, com seus vitrais majestosos e gárgulas em sentinela que vigiam toda Paris de cima.

Fazemos uma parada estratégica para almoçar o famoso crepe quadrado com vista para a deslumbrante igreja Saint Chapelle em um banquinho de praça e, então seguimos para ele, o maior museu de arte do mundo:

O Louvre.

Fico completamente encantada com a beleza da pirâmide de vidro sobre o espelho d'água e mais ainda com as incríveis obras de arte que ele abriga. A coleção do Louvre é tão grandiosa que demoraria cerca de cem dias para ver cada item dela, isso não demorando mais que trinta segundos em cada.

Infelizmente esse era um tempo que não dispúnhamos.

Quando deixamos o museu, já é noite em Paris. Caminhamos sem pressa por seus jardins verdes até chegar à Place de la Concordia, onde me deparo com a belíssima Fontaine de Mer da qual Marie falara.

Ela tinha razão. Essa é mesmo uma fonte linda.

Subo em sua borda e me equilibro, admirando a Paris iluminada.

— E então, o que achou da Monalisa? — Alex me pergunta sentando ali e esticando as pernas.

— Mona quem? — faço careta e então abro um sorriso maroto. — Ah, você diz aquela moça do quadrinho atrás das zilhões de câmeras?

Ele ri.

— Eu não entendo a necessidade das pessoas de virem à Paris para fotografar um quadro. Tem milhões de fotos muito melhores deles disponíveis na internet, mas eles têm a chance de vê-la de perto... e perdem. Realmente não entendo. Pra mim os momentos mais preciosos acontecem

quando olhamos para o mundo não através das lentes, mas diretamente... — ele pisca quando um flash o cega. — Ei, o que você está fazendo, sua louca?

Estou rindo quando abaixo a câmera, uma expressão inocente tomando meu rosto.

— Ora, você estava falando algo que parecia importante, resolvi eternizar o momento.

Ele sorri. — Olhe pra mim, Vanessa. Diretamente.

— De jeito nenhum. — me esquivo dele e então Alex me agarra pelas pernas, balançando a cabeça e os ombros enquanto ri.

— Prometa que nunca nos tornaremos tão sérios a ponto de nos esquecermos de como é bom sorrir.

Relaxo o corpo, anestesiada em seu enlace perfeito.

— Dou minha palavra, senhor. — então toco seu cabelo, o jogando para trás e o olho nos olhos. — Amanhã é o seu aniversário.

Ele abre um sorriso tímido e suas íris brilham. — Você se lembrou.

— Na verdade, nunca me esqueci... Foi por isso que comprei a passagem de volta só para o dia seguinte.

Alex me beija e sussurra em meu ouvido. — O melhor presente de todos os tempos, só pra constar.

Sinto aquele algo dentro de mim aquecer apesar do inverno europeu. — Vamos pra casa?

Ele me pega pela cintura e me ergue da borda. — Vamos sim. — e então me coloca no chão, passando o braço pelos meus ombros. — Prometi ao Vincenzo que daríamos fortes emoções para aquela cama.

— Sempre adorei homens de palavra.

— Então vai amar muito esse aqui.

Ah, tolinho...

... eu já o amo.



Assisto na sacada o amanhecer de um perfeito dia em Paris. Hoje é uma data muito especial, acordei bem cedo para deixar tudo pronto e agora é torcer para que a cereja do bolo chegue a tempo.

Avisto o carteiro chegar à pequena rua de paralelepípedos em sua bicicleta azul às nove em ponto. Ele mexe em sua bolsa e tira alguns envelopes e um embrulho branco de dentro dela.

Por favor, que seja esse.

Sigo até onde Alex dorme profundamente depois da noite fantástica que tivemos. *Aquela cama com certeza viveu muitas emoções.*

— Parabéns, meu amor. — deposito um beijo em seus lábios, o despertando.

— Hummm... melhor aniversário de todos os tempos. — Alex me agarra após um breve olhar e me derruba na cama me fazendo dar risada quando começa a tentar me despir.

— Vá com calma, apressadinho, o dia ainda mal começou.

Ele me puxa contra seu corpo e vejo que pra ele o dia começou bem, bem cedo.

— Preparei um banho quentinho pra nós. — sussurro em seu ouvido e ele abre um sorriso, cedendo ao argumento. *Ninguém recusa um banho quente no inverno.*

Nós deixamos o calor dos cobertores rumo ao banheiro e lá tomamos um banho fumegante, entre outras coisas maravilhosas que se pode fazer acompanhada numa banheira quente em Paris.

Após nos enxugarmos e nos vestirmos, abro os braços dando uma voltinha para exibir meu modelito todo preto com a echarpe vermelha no pescoço

— E então? Pareço uma francesa?

Alex pega uma boina de Marie que está num suporte ao lado da cama e coloca na minha cabeça. — Mais que francesa, uma legítima parisiense.

Eu o beijo mordiscando de leve seu lábio inferior e pego minha bolsa abastecida de coisas que providenciei essa manhã antes dele acordar. Nós descemos em saltos as escadas do pequeno prédio de três andares e quando chegamos a portaria, solto a mão dele para checar ansiosa a caixa de correio.

— Chegou! — comemoro dando pulinhos com o embrulho nas mãos. — Nunca mais falarei mal dos correios na vida!

Alex ergue uma sobrancelha desconfiado.

— O que é isso aí?

Faço a egípcia. — Não, não é nada, não...

— Então me deixa ver quem te mandou... — ele se aproxima com um sorriso torto, mas escondo o pacote atrás de mim.

— De jeito nenhum vou te deixar ver isso. — me preparo para lutar, mordê-lo em defesa, se necessário, mas Alex apenas ri e me puxa para perto, me roubando um beijo apaixonado.

— Se quer me fazer uma surpresa, Zandrine, eu não vou impedi-la. — sussurra e sai andando na minha frente pela rua.

— Ora, e quem é que disse que eu vou fazer uma surpresa pra você, heim, convencido? — saio falsamente injuriada marchando atrás dele. — Até parece! Como se você fosse o cara mais importante do mundo pra mim...

Sem aviso, ele se vira e me prende contra um poste e perco o fôlego quando seus olhos azuis me encaram divertidos.

— Eu não sou?

Olho para os seus lábios ali tão perto e cheios e suspiro.

— Mas é claro que é. — o beijo com verdadeira sede.

Nunca achei que pudesse ter tanta sede de alguém nessa vida.

Nós caminhamos sem pressa pelas ruas agitadas da Champs Ellysées com suas vitrines chiques e restaurantes caros. Compro um café expresso e um chá com leite grande para viagem numa pequena delicatessen e cruzamos a Ponte de L'alma.

E então lá está ela:

Linda e grandiosa, perfeitamente eterna contra o céu azul de Paris.

Torre Eiffel.

Dou a mão a Alex e margeamos o rio Sena até chegar aos seus pés.

— Ela é mesmo linda. — Alex diz emocionado olhando pra cima.

— É sim. — apoio a cabeça em seu ombro, deixando que ele tenha esse momento de contemplação. Quando os seus olhos descem e encontram os meus minutos depois, estão marejados.

Estendo a mão e o puxo em direção aos vastos e verdes gramados dos Campos de Marte, iluminados agora por ocasionais feixes de sol, apesar da temperatura. É um dia perfeito e límpido, músicos estão tocando instrumentos de corda em algum lugar ali perto, casais se beijam apaixonados, turistas se encantam. *É Paris sendo nada menos que Paris, a cidade eterna dos sonhos.*

— Acho que aqui é um ótimo lugar. — declaro após uma breve conferência do entorno e então Alex se vira confuso para mim.

— Um ótimo lugar para qu...? — a pergunta começa a sair de sua boca, mas então ele para, e prende o ar quando me vê abrir o pacote e tirar dele uma toalha.

— Essa... essa toalha... é da minha mãe. — ele mal consegue completar a frase, seus olhos azuis se enchendo de água enquanto a estendo no gramado.

Eu assinto com um sorriso. — É, é sim.

— Mas... como? — seu queixo treme de emoção.

— Pedi ao Blake para enviar assim que soube que viríamos à Paris. — explico com um leve erguer de ombros enquanto aliso a toalha com capricho. — Era o sonho dela vir aqui, então achei que seria algo significativo pra você.

Alex fica paralisado, me olhando, lutando com todas aquelas emoções dentro dele de modo que seu corpo inteiro treme.

— Eu te amo. — sussurra e uma lágrima corta o seu rosto até o queixo. — Te amo tanto... — e então dá um passo para frente e me abraça forte apoiando a cabeça sobre a minha. — Eu não vou conseguir te dizer adeus de novo...

— Então não diga. — suspiro o envolvendo com os braços também porque entendo exatamente o que sente. — Pelo menos não por enquanto. — estendo a mão e seco sua lágrima com o polegar, o fazendo fechar os olhos com o toque. — Vamos fazer desse tempo que nos resta algo especial. Vamos aproveitar esse dia e torná-lo o melhor de nossas vidas, fazer com que valha pelos próximos seis meses. Fazer com que valha uma vida inteira.

Nos separamos e Alex olha para cima, para conseguir conter as novas lágrimas que lhe brotam os olhos. Com um sorriso esforçado, ele assente.

Eu sorrio tocando o seu cabelo e então me ajoelho, o puxando comigo.

— Me ajude aqui com isso. — abro a bolsa e começamos a tirar dali os pães, brioches, macarrons, geleias, uvas, queijos e, por fim, um pequeno cupcake decorado com glacê azul e uma única vela no topo.

— É o seu aniversário, — digo acendendo a vela com um isqueiro. — faça um pedido.

— Eu já fiz. — ele toca com carinho a fita amarrada em meu pulso.

Sorrimos um para o outro daquele jeito apaixonado que o coração dispara.

— Acha que ela está aqui? — ele pergunta então olhando ao redor e assinto.

— Acho que ambos estão. Sua mãe e seu pai vão sempre estar com você e Blake.

— Eu sinto que não importa o que eu faça, jamais conseguirei substituí-

los.

Seguro sua mão e encosto sua palma aberta na minha. — Você não precisa substituí-los, Alex, já é suficiente para Blake sendo você mesmo. É o melhor irmão que alguém poderia querer. Sem dúvidas.

Ele pisca para afastar as lágrimas que insistem em voltar.

— Entendo agora o que você disse no trem, sobre deixar o passado para trás quando ele se transforma em um peso para o presente. Não foi só você quem esteve carregando uma pedra, não?

Eu lhe dou um sorriso solidário.

— Você fez um bom trabalho durante todo esse tempo, Alex. Você ainda o faz, todo o dia. Tenho certeza que seus pais, onde quer que estejam, devem estar orgulhosos pela forma maravilhosa como criou Blake, como o educou com bons princípios, como transformou a fazenda deles em algo tão maior e inspirador, realizando ao mesmo tempo seu sonho e criando bases para que seu irmão realize os dele. — e então toco seu braço com doçura, deslizando os dedos ali num carinho que lhe arrepia toda a superfície. — Mas agora está na hora de fazer algo corajoso de novo, meu amor, está na hora de finalmente aceitar que merece isso, que conquistou o lugar de chefe da sua família. Está na hora de largar essa pedra e ficar apenas com a lembrança. As boas e preciosas lembranças deles... como essa.

Toco a toalha e ele então suspira fundo, jogando o torso para trás, a face banhada de lágrimas erguida ao sol.

— Você tem razão. — ele seca o rosto e sorri ao completar. — Sempre tem, embora eu jamais vá admitir.

— Meu bem, sinto dizer que acabou de fazê-lo.

Ele me dá uma piscadela marota. — Não me julgue, sou um homem perdidamente apaixonado. Tenho todo o direito de ser tolo.

Me debruço e levo a mão à sua nuca antes de encostar de leve meus lábios nos seus. — Eu te amo.

— Mãe, pai, espero mesmo que estejam presentes agora porque quero que conheçam a mulher da minha vida. — ele me beija de volta com ardor.

— Alex! — sorrio quando ele se anima demais quase me derrubando em cima da toalha. — O que seus pais vão achar de mim desse jeito?

— De você eu não sei, mas acho bom se despedirem daquele quarto logo porque quero produzir muitos netos nele.

O beijo dando risada. — Seu bobo!

Então ele me puxa para o seu colo e passa os braços pelo meu quadril.

— Obrigada pelo melhor aniversário de todos.

Eu pego um brioche e o recheio com geleia lhe oferecendo uma mordida. Alex, por sua vez, me dá um macaroon lilás que se derrete em um sabor sem fim na minha boca. E então continuamos a comer assim nosso piquenique, sem pressa alguma, trocando petiscos, roubando beijos e carícias ao som da bela música de fundo, com a visão impagável da torre que se eleva majestosa acima de nós como se fizéssemos parte de um cartão postal.

Quando o sol já está se pondo e o céu está ganhando belos tons de rosa, meu telefone toca.

— Fala, princesa russa! E aí, como foi o concerto?! — pergunto ansiosa ao ver que é Anastasia quem liga.

— Na verdade, ele é hoje à noite. — ela conta do outro lado da linha. — Liguei mais para saber como estão vocês aí, nesse último dia, em Roma.

— Na verdade, — imito ela. — nossos planos mudaram um pouquinho... — sorrio de canto para Alex, que está deitado em meu colo ganhando cafuné, a coisa que mais gosta na vida. — Você não vai acreditar onde estamos.

— Onde?!

— Em Paris.

— Cala a boca!! Meu Deus, eu não acredito! — ela grita eufórica, me fazendo arregalar os olhos de susto. — Você está brincando, você está mesmo em Paris?!

— Sim? — tenho até medo de confirmar e essa garota pirar de vez. — A Marie nos deu a chave do apartamento dela aqui e...

Ela nem espera eu terminar de explicar.

— Nossa, isso não poderia ser mais perfeito! Onde vocês estão?

— Debaixo da Torre Eiffel, nos Campos de Marte.

— Maravilha! Passa o telefone para o Alex.

— Heim?! — faço careta.

— Só passa logo, caramba! Fica tranquila, não vou dar em cima do seu inglês.

Eu pego o telefone e estendo para Alex. — Ana quer falar com você.

Alex levanta a sobrancelha desconfiado e eu dou de ombros do tipo “nem discuta”. *Quando Anastasia quer algo, Anastasia consegue.*

Ele se levanta do meu colo, se sentando e, por mais ou menos uns cinco minutos, assisto-o escutar calado com o rosto indecifrável.

— Claro, pode deixar comigo. — ele assente e me estende o telefone. —

Ela quer falar com você de novo.

Olho interrogativa para Alex querendo pistas do que acabou de acontecer, mas ele apenas sorri misterioso.

Ponho o telefone na orelha. — Posso saber o que vocês dois estão tramando?

— Me encontra no Arco do Triunfo em trinta minutos. — ela diz e então desliga.

Ai, cacete...

Alex me observa com um sorriso no rosto.

— Pelo visto, Anastasia está em Paris... ela me pediu para encontrar com ela daqui há meia hora. — conto meio sem jeito para ele guardando o celular. — Mas acho melhor eu não ir, Alex. É nosso último dia aqui, quero poder passar cada segundo dele com você. Quero ficar contigo aqui até de noite, ver a torre Eiffel se acendendo, toda iluminada.

Ele ergue os ombros, o mesmo sorriso ainda em seus lábios. — Acho que vai ter que confiar na sua amiga dessa vez.

— Não vai me dar nenhuma pista do que ela te falou?

— Hummm... ela é uma excelente amiga.

Reviro os olhos. — Ok, então. Vamos lá.

Ele se levanta guardando a toalha e as coisas. — Na verdade, eu precisarei dar uma voltinha sozinho.

Boto as mãos na cintura. — Tá de brincadeira, né?

Ele me rouba um beijo indecoroso. — E desde quando ingleses brincam quando o assunto é Vanessa Zandrine? — sussurra e cola os lábios em minha testa por alguns segundos. — Te vejo mais tarde, meu amor.

O assisto ir com o coração apertado e então suspiro fundo, sentindo o frio do cair da tarde me atingir... ou será o começo da distância?

Espero que Anastasia saiba mesmo o que está fazendo.

Coloco as mãos nos bolsos e atravesso a ponte de volta, o ar gelado se condensando a cada respiração. Caminho devagar pela Avenue Marceau, me despedindo de Paris já com saudade até chegar a Place Charles de Gaulle, onde avisto o colossal Arco do Triunfo situado posicionado no centro de uma rotatória que liga todas as principais avenidas de Paris.

E então vejo Anastasia.

Ela vem toda linda, correndo em minha direção, os cabelos lisos contra o vento, o rosto maquiado como uma tela renascentista.

— Musa!! — ela atira os braços em torno do meu pescoço e rodopiamos

pela praça felizes nesse inesperado reencontro de amigas.

— Nossa, garota! Você está uma gata!

— É pra hoje à noite, vou me apresentar no Baile de Gala, no Teatro da Cidade.

— Uau!! Isso é grande, amiga!

— Imenso, eu sei! Estou tremendo da cabeça aos pés, meu coração poderia sair pela boca se eu a abrisse um pouco mais e tenho quase certeza que vou vomitar aquele scargot... definitivamente, não sei aonde estava com a cabeça quando aceitei provar aquilo! — rio porque sou tão louca quanto e então ela segura minhas mãos e posso sentir sua agitação através da pele. — Esse é o evento de abertura do ano mais disputado que conheço, as pessoas mais influentes da Europa vão estar todas aqui essa noite... provavelmente até meus pais.

— Eles sabem que vai tocar?

— Ah, não, mas vão saber.. — e abre um sorriso levado. — Hoje eles vão ver aonde a filha artista conseguiu chegar.

A abraço de novo. — Estou tão orgulhosa de você, polaca.

Então ela se afasta e me estende a mão. Dois ingressos balançam no ar.

— Quero que venham.

— Anastasia... isso é demais, mas eu não posso...

— Aceita, eu faço questão. Se não fosse por você, eu jamais chegaria até aqui. Mas você acreditou em mim, Vanessa. Acreditou quando meus próprios pais não o fizeram.

Me emociono com suas palavras, sei o quanto isso é importante pra ela.

— Mas eu não tenho como ir num evento desses, Ana. Sou mochileira aqui, não trouxe roupa...

Ela não fala, apenas me estende uma sacola.

E eu a pego e fico paralisada com o que vejo lá dentro.

Meu vestido lilás.

Meu vestido dos sonhos, aquele que dei para que ela usasse em sua estreia.

Ana me oferece um sorriso cúmplice.

— Fadas madrinhas também vão ao baile, minha amiga.

E começo a chorar emocionada.

Seus braços me envolvem quando soluço, com ternura, com carinho. — Vá viver o seu conto de fadas, Vanessa. Você também o merece.

Nos despedimos naquele mesmo cruzamento onde carros vão e vem

com suas luzes brilhantes. Caminho pra casa, a sacola apertada contra meu peito que bate acelerado enquanto cruzo as ruas agitadas de Paris. O Universo às vezes age de uma forma muito surpreendente. Eu dei esse vestido para Anastasia e agora ele estava voltando curiosamente pra mim no momento perfeito.

Como um acaso que completa seu fluxo até deixar de ser.

Entro no apartamento de Marie, tirando as botas na entrada e coloco o vestido de festa estendido sobre a cama. Eu mal posso acreditar que vou num evento importante assim, é como um sonho, só que real.

Coloco meu playlist para tocar no celular e entro no banheiro. Me dispo das minhas várias camadas de roupas e giro a torneira. Após um minuto, o vapor preenche o box e a quentura da água contra a minha pele me traz um conforto tão bom que acho que posso derreter ali, misturada ao cheiro maravilhoso de sabonete de verbena de Alex que uso para me lavar.

Saio enrolada na toalha. Olho o vestido e meu coração palpita forte no peito.

Isso está mesmo acontecendo?

Me sento na penteadeira de Marie e cacheio meu cabelo, prendendo-o com a ajuda de grampos em um coque com ondas soltas. Depois passo para a maquiagem, leve e clássica, com um brilho rosa chá delicado nos lábios e cílios pretos curvados.

Então me levanto e me dirijo a parte mais importante da produção: o vestido. Quando o visto e me olho no espelho, estou tão tocada que posso até chorar. Acho que já estou chorando.

Nunca me imaginei bonita assim.

Como uma verdadeira princesa indo ao seu baile dos sonhos.

Hoje é sem dúvida o momento mais especial da viagem.

“O mais especial”, isso me faz lembrar e corro até a minha mochila, já arrumada para amanhã. Remexo nela agitada e encontro lá no fundo a caixa que Isis me dera antes de embarcar e meus olhos marejam quando a abro.

Sapatinhos de cristal, lágrimas tombam dos meus olhos.

Isis me fez sapatos de Cinderela.

Eu os calço nos pés e pareço flutuar... na minha mente, eu estou flutuando.

Acho que existe algo místico em Paris que afeta até a gravidade.

Ansiosa, sigo para a sacada e o vento frio beija meu rosto provocando um arrepio bom, como um amante que promete o início de uma noite mágica.

Speechless, um dueto de Chevel e Dan+Shay começa a tocar de fundo e inspiro fundo, admirando a beleza do cenário europeu uma última vez. O céu em si parece até ter sido pintado, pincelado em tons de roxo e lilás contra as luzes eternas da cidade. E a lua, suspiro encantada...

A visão da lua cheia é mesmo de roubar o ar.

Escuto o barulho da porta se abrindo e me viro para perder o fôlego de vez ao ver Alex entrar no apartamento.

— Você... Você está de smocking. — balbucio surpresa ao vê-lo todo bonito como um príncipe, os cabelos escuros penteados para trás realçando as belas safiras que são seus olhos.

— Não estaria à sua altura em outro traje. — ele se aproxima e se espanta quando realmente me vê, ali, de pé, contra o vento, contra a lua. — Você... está linda. — perde por um momento até a própria voz e engole em seco antes de dar mais um passo. — Parece até uma princesa.

Sorrio corando.

— Não me diga que veio montado num cavalo branco?

— Quase isso. — ele sorri tímido. — Mas devo confessar que cancelei três corridas até achar um carro dessa cor.

Dou risada. — Está falando sério?

Ele sorri ainda mais envergonhado e assente. — As loucuras que um homem apaixonado é capaz. — então me oferece o braço cavalheiro. — Vamos, senhorita?

— Com você? — pergunto aceitando com prazer. — Até o fim do mundo.



— Respire, Cinderela. Respire.

Olho perplexa a magnitude dourada do teatro mais lindo de toda Paris e fico momentaneamente paralisada. *Deus, eu devo mesmo ter feito algo bom nessa vida para merecer um dia especial assim.*

Desço do carro e piso no tapete vermelho estendido para receber os convidados, as luzes brilham em todas as direções em flashes, holofotes e luminárias suspensas como globos de luz etéreos pairando no ar.

Somos imediatamente recebidos por um mestre de cerimônia, que pega nossos casacos e, ao ingressarmos no salão, meu coração para.

É tudo tão... mas tão lindo!

Lustres adornados de infinitas contas brilhantes de cristal se elevam acima de nós, afrescos divinamente pintados recobrem as paredes, um salão cheio de arranjos fabulosos de flores brancas, escadas grandiosas de corrimões dourados e uma orquestra inteira tocando no palco.

Garçons nos servem taças altas e borbulhantes de Chardonney um segundo depois e então percebo que o salão só tem dois casais valsantes, idosos, que provavelmente já se cansaram do jogo social dos demais convidados há algum tempo.

Se tornaram turistas, turistas como nós.

— Vamos dançar. — puxo Alex comigo deixando a taça na mesa.

— Com você? — é a vez dele me provocar. — Até funk...

Dou uma risada e passo os braços em torno do seu pescoço, me aproximando dele. Alex suspira alto fechando os olhos quando coloca braços em torno da minha cintura.

— Me lembre de agradecer sua amiga por isso. — sussurra em meu ouvido como se embriagado.

Às vezes o amor deixa a gente meio tonto.

Apoio a cabeça em seu ombro enquanto olho de relance para o palco e tento localizar Anastasia na orquestra. Não é rápido, nem fácil. Encontro-a lá no fundo, quase oculta pela presença dos demais músicos. Aceno para ela, mas vejo que a polaca está concentrada demais na partitura para nos ver.

— Talvez mais tarde eu consiga falar com ela. — murmuro.

— Tenho muitos outros planos para você mais tarde, senhorita. — Alex diz com malícia afastando o tronco para me olhar e me pego sorrindo quando ele me rodopia por vezes e vezes, fazendo minha mente e coração ficarem leves, até me trazer de volta e encaixar seu corpo perfeitamente no meu.

Sem tirar os olhos um do outro, nós então valsamos, valsamos ao som de Mozart, Bach, Haydn e Brahms. Valsamos ao som dos clássicos, valsamos ao som dos imortais.

E, nesse momento, me sinto como se fosse imortal.

Como se nada adiante pudesse apagar quem sou nesse momento.

Minha cabeça já está meio tonta das tantas voltas e do champagne e está ficando meio difícil conter o desejo explosivo que sinto toda vez que nossas peles se tocam. Alex é como fogo em palha para mim, e me sinto ardendo,

queimando por dentro.

De repente, os músicos se reorganizam e começam a tocar as Quatro Estações, de Vivaldi, e imagino que esse seja o ponto máximo da noite porque todos param para assistir.

As pessoas se levantam de suas cadeiras nas mesas para acompanhar a belíssima introdução e a cada troca de estação, um membro da orquestra se desloca para frente para um solo, seguido do acompanhamento dos demais músicos. Assistimos assim encantados a transição da primavera, para o cálido verão, então o suave outono e quando o inverno chega, meu coração para.

Tudo para.

Os músicos se abrem, como o mar Vermelho, e Anastasia surge entre eles como um anjo de branco, caminhando lentamente até se posicionar à frente do palco. Ela carrega seu inseparável violino e tudo se silencia quando se curva de leve e o encaixa na lateral do pescoço, debaixo queixo.

Em um microssegundo, a pequena polonesa corre os olhos pelo salão e lança um sorriso confiante ao me encontrar, erguendo o arco e, numa técnica impecável, começar a desafiar os maiores mestres do mundo com sua apresentação.

Ana não é como os outros, percebo. Ela toca de forma passional, intensa, devota. Não mexe apenas o arco, mas o corpo inteiro, é como se a música fluísse a cada poro e ela valsasse com ela. É completamente hipnotizante assisti-la tocar, é uma apresentação que mexe com todos os sentidos, que mexe com o coração e alma ao mesmo tempo.

A música vai crescendo à nossa frente, não só em volume e ritmo, mas também em complexidade. Acho que até a orquestra têm dificuldade de acompanhá-la, pois ela está num lugar além, acima de nós.

Anastasia intensifica as notas e as leva ao limite, o salão inteiro parece prender o ar e, então, ela balança o corpo numa luta interna de sentimento e técnica e se entrega aqueles dois últimos acordes com tudo, um desfecho perfeito para uma apresentação impecável antes de levantar o arco triunfante e se dobrar em uma reverência, seguida por uma fenomenal onda de aplausos.

Me arrepio toda batendo palmas.

Olho emocionada para o público que está ali, tão deslumbrado quanto eu por ela, e então noto um casal que parece completamente aturdido.

Seus pais, sei na mesma hora.

Quando Anastasia desce do palco para a sua pausa e a orquestra retoma agora uma música ambiente, indicando o fim da noite, nos aproximamos

dela.

— Você foi perfeita, Ana! Perfeita! — a abraço cheia de orgulho.

— Fico feliz que tenha gostado. — ela está ofegante, mas completamente radiante ao dizer. — Botei meu coração naquele palco.

— Deu pra ver. A propósito, eu sou o Alex, namorado da Vanessa. — ele estende a mão com um sorriso simpático. *Namorado, adoro!*

— É um prazer finalmente conhecer o inglês que roubou o coração da Vanessa. — ela diz e, ao invés de segurar sua mão, a doida examina curiosa sua palma. — Mas devo dizer que a sua sola do pé é muito mais sedutora, meu amigo.

Nós duas caímos na gargalhada.

— Temos que ir agora, Ana. Meu voo e o trem do Alex saem amanhã bem cedo, às oito. Queremos aproveitar um pouco mais essa última noite juntos.

— Mas é claro! — ela nos dá um sorriso cúmplice. — Vão lá, meus amigos, carpe noctem. Essa é a cidade perfeita para isso.

Então a abraço forte e num sussurro, conto a ela.

— Eles viram, Ana. Hoje seus pais conheceram a artista incrível que você é.

Ela sorri, seu queixo ficando trêmulo.

— Obrigada, minha amiga. Muito obrigada.

— Eu é que agradeço pelo vestido, pelo convite... pela apresentação inesquecível.

Ela levanta os ombros, os olhos marejados. — Tudo parte do plano do universo, amiga.

— É, eu sei. — sorrio porque agora entendo bem a forma curiosa e perfeita com que o Universo atua. — Adeus, minha princesa russa.

— Até a próxima, musa tropical.

Quando soltamos o nosso enlace emocionadas, Alex me oferece o braço e juntos deixamos o belo teatro.

— Foi uma última noite inesquecível. — suspiro ao sair para a noite fria, esfregando meus braços para aquecê-los.

— Foi sim. — Alex me ajuda a vestir o casaco. —. Uma pena que não deu tempo de você ver a torre Eiffel iluminada.

Levanto os olhos para ele, um sorriso tomando os meus lábios.

— E por que não a vemos agora?

— É meia noite, Cinderela.

— Sim, é meia noite em Paris, a cidade mais romântica do mundo! — exclamo dando rodopios loucos na calçada.

Ele ri, sacudindo a cabeça.

— Por favor. — estendo a mão num convite suplicante. — Preciso de uma última lembrança.

Ele sorri e a toma, porque sim, eu o faço cometer loucuras.

Juntos andamos pelas lindas ruas de Paris, iluminadas apenas por seu postes altos de luz, que mais parecem obras de arte de tão lindos. Há um clima de romance no ar, algo fervilhando, crepitando dentro e fora da gente que só acontece em Paris.

Eu estou tão leve que mal sinto meus pés tocarem o chão.

Nós chegamos até às margens do rio Sena e nos sentamos numa mureta ali, minha cabeça apoiada em seu ombro enquanto admiramos a torre Eiffel brilhar contra a noite escura e estrelada.

— Eu nunca quero me esquecer disso. — digo, a voz saindo embargada.

— Eu com certeza não vou. — Alex beija meus cabelos, deixando o queixo repousar ali.

Então de repente meus batimentos aceleram e me desespero. — Oh, meu Deus, Alex! Nós quase não tiramos fotos, eu estava tão ocupada que acabei esquecendo! E agora, me diz? Como vou poder me lembrar de tudo?

— Calma, — ele segura minhas mãos e me faz respirar com ele. — Você vai se lembrar, Vanessa. Não de tudo, não nos mínimos detalhes, como a cor do vestido da Monalisa ou o tamanho da capela Sistina, mas aquilo que realmente importa sim, isso vai estar sempre gravado aqui. — toca em meu peito com carinho. — Não existe backup mais seguro para uma lembrança que o coração da gente.

Minha aflição se apazigua e suspiro, encontrando paz. Alex tem esse efeito em mim, é minha calma e adrenalina. Meu céu e meu chão.

Meu ar e minha falta dele.

— Eu te amo tanto...

Seus olhos encontram os meus, há tanto amor, dor e outras coisas guardadas ali. — Vamos indo? — ele se levanta e me estende a mão com um sorriso que mascara tudo aquilo. — Quero ter a chance de me ajoelhar e tirar seu sapatinho de cristal. Quem sabe roubá-lo para te chantagear a voltar.

— Bobo. — Levanto e coloco as mãos em torno do seu pescoço. — Por você eu voltaria até descalça.

Seus joelhos cedem e ele me rouba um beijo passional, se encaixando

em mim num abraço perfeito.

E então escutamos um estrondo acima de nós.

Uma chuva forte e torrencial começa a cair por toda a cidade.

— Venha! Corra! — ele me puxa em direção a uma marquise e, sim, em qualquer outro momento da minha vida eu faria isso, correria, me refugiaria em um abrigo seguro, mas não agora, não depois de tudo o que passei, pois aprendi a reconhecer os pequenos presentes que a vida nos dá.

A vida não é pra quem não corre riscos.

A vida é pra quem sai na chuva e se molha.

Paro no meio do movimento de correr soltando sua mão e então abro os braços, ergo o rosto e deixo que a chuva me banhe. Giro e giro no lugar e Alex sorri encantado por me ver me divertindo com algo assim tão simples e bobo.

Ele se aproxima e, como um cavalheiro, se curva me estendendo a mão.

— Me concede essa dança, senhorita?

Com meu coração palpitando forte no peito e as lágrimas se confundindo com a chuva, eu faço uma medida e a tomo, concedendo-lhe essa última e preciosa dança.

Aquela da qual nós nunca esqueceremos.

E é assim, como um casal de amantes apaixonados e inconsequentes, que nós cruzamos as ruas de Paris, atravessando pontes em um balé improvisado, rodopiando em postes e saltando poças d'águas como se a cidade da luz fosse o nosso salão, o nosso palco.

É como um filme antigo, o nosso filme.

É a história que estamos escrevendo agora.

Ao chegar ao pequeno prédio, nós subimos apressados as escadas e entramos rindo e encharcados no apartamento, nos livrando de nossos casacos já na porta, num desejo louco e desenfreado de ter mais.

Preciso de mais.

Alex me ajuda se livrando de meu vestido, eu o ajudo o livrando de suas calças e quando meus lábios encontram os seus de novo há tanto fogo ali que consegue queimar e já estamos nos tocando, é tudo tão intenso, é tudo tão certo, é tão real e perene.

— Eu não sei se vou conseguir dizer adeus amanhã. — ele diz desesperado, seus lábios tremendo contra os meus. — Dizer adeus naquele aeroporto há seis meses foi a coisa mais difícil que já fiz na vida.

— E eu não vou conseguir ouvir. — aperto os dedos forte em seus

cabelos, as lágrimas me brotando os olhos. — Se tiver que me despedir de você novamente, meu coração vai se partir em mil pedaços.

— Então sem despedidas? — ele confere o plano.

Assinto cúmplice. — Sem despedidas. Vamos fazer dessa noite algo para nunca se esquecer.

Ele me beija com tudo e sequer encontramos tempo para nos livrar dos sapatos ou da combinação que visto porque ele já está em mim e eu já estou nele, nossas mãos percorrendo todas as partes, querendo memorizá-las, querendo eternizá-las.

Alex entra e sai o meu corpo e o abraço firme, para que não se distancie nem um milímetro a mais que o necessário, não agora, não ainda.

— Eu te amo. — ele diz a cada vez que me invade. — Eu te amo, te amo, te amo...

E eu o amo...

... o amo, o amo, o amo.



Estou chorando copiosamente na poltrona do avião quando ele decola. É uma tristeza tão grande dentro do meu peito que parece não ter fim... Meu coração está mais do que em pedaços, acho que minguiu e até parou de bater.

— Vai ficar aí chorando por causa do gringo, é?

Abro os olhos e pisco duas vezes sem acreditar no que estou vendo e ouvindo.

— Dona Josefa?!

Ali, na poltrona à minha direita, está ela, nordestina e arretada, a minha amiga, a melhor vizinha que alguém poderia sonhar em ter.

— Mas... como?!

— Arre égua! Sempre essas perguntas “Como”, “Por quê”, “Pra quê”. Como se a vida precisasse de mais explicações pra acontecer. Já se esqueceu do básico, Vanessa? O que realmente importa?

Balanço a cabeça confusa. — Eu... eu não entendo... Do que está falando?

— Oxi, explica aí pra ela que tá difícil, meu amigo.

Viro para o meu lado esquerdo, pra aonde ela olha, e quase caio dura no chão (se é que eu já não tô morta) ao ver meu avô Ângelo sentado ali, confortavelmente na poltrona ao lado.

— Vô! — meus olhos se enchem d'água quando o abraço.

— Oi, minha querida. — ele abre um sorriso sereno, fazendo carinho na minha cabeça. — É muito bom poder ter a chance de vê-la outra vez.

E então uma sirene estridente começa a tocar e luzes vermelhas a piscar.

— Que barulho é esse? — me desespero segurando com força os braços da poltrona. — O avião tá caindo?! Vamos morrer?!

— Morrer? — Dona Josefa ri e suspira alto. — Vixi Maria, ela sempre foi assim tão dramática? Vamos, menina, tá na hora.

— Espere. — meu avô coloca a mão sobre a minha e meu peito dispara. — Temos pouco tempo agora, minha querida, mas antes de ir, preciso lhe dizer algo. Uma vez lhe escrevi que o que importa é a estrada, não a mala. O que me esqueci de te dizer naquela carta é que ter com quem dividi-la é a melhor parte.

Meus olhos marejam e então ele me beija a testa. — Agarre sua felicidade, Vanessa. Agarre-a com tudo o que tiver.

— Pode deixar, vô.

— Vamos, vamos! — Dona Josefa me puxa agitada pelo corredor da aeronave, onde ela me ajudar a vestir o paraquedas, que curiosamente se parece e muito com o meu mochilão.

— Agora escute bem, menina, quando chegar a hora, não hesite, não olhe para trás, não pense! Se fizer isso, se encasquetar um cadinho que seja, vai se estabacar todinha, tá me ouvindo? Em loucuras não se tem meio termo, ou se acredita ou não. Tu tá certa do que quer?

Assinto sentindo toda a euforia do momento me dominar da cabeça aos pés.

— Ótimo, porque chegou a hora! — então ela abre a porta de emergência do avião, o vento soprando forte contra nós, sugando tudo. — Quando eu der o sinal, não se esqueça, corra, corra, corra...

... e então pule.

Acordo com a sensação de queda livre, a adrenalina a mil por conta do sonho louco que tive. Ao meu lado, o despertador toca estridente. “Foi só um sonho.”, penso aliviada e rolo para o lado, no movimento agora tão espontâneo de procurar por Alex, mas todo o meu corpo fica alerta quando

não sinto o seu calor, não sinto sua presença.

Abro os olhos desesperada.

Sua mochila, sua roupa, seu cheiro, tudo, tudo sumiu. O quarto está todo arrumado, meu vestido com a barra molhada está pendurado na corda, minha mochila feita, meu sobretudo impermeável num cabide do closet, a aparência é de total ordem, mas no fundo parece um verdadeiro caos, um verdadeiro desastre, porque Alex não está mais aqui. E ele é a parte mais importante dessa cena.

Pulo da cama sentindo uma ansiedade crescente em meu peito, um desespero que parece consumir cada pedacinho do meu coração. Prometemos não nos despedir, sei que prometemos e ele se sacrificou para me dar isso, mas agora me sinto idiota porque percebo que eu precisava me despedir. Cada momento com Alex é importante e eu não podia ter abdicado nem desse, por mais triste e difícil que fosse.

Desligo o despertador que avisa que já são sete e dez horas.

Estou atrasada.

Muito atrasada.

— Casaco, sapatos... — tropeço desesperada pelo cômodo vestindo o sobretudo por cima da fina combinação de cetim que bate na altura dos meus joelhos. *Sem chance de eu abrir essa mochila agora para pegar uma roupa e correr o risco de nunca mais conseguir fechá-la.*

Calço os meus sapatos de cristal aos pulinhos já descendo as escadas e corro pelas ruas de Paris como uma louca, olhando em todas as direções em busca de um táxi enquanto praguejo pelo frio que castiga minhas pernas.

Um motorista para e, quando entro no carro, todo o meu vocabulário em francês parece sumir da minha cabeça.

Maravilha.

Ele me olha esperando e tenho uma ideia, mostrando o local no guia.

— Depressa, s'il vous plait! — me lembro ao menos do por favor.

Sei que devo ter soado como uma verdadeira analfabeta, mas, para a minha surpresa, o taxista sorri como quem compreende o motivo da minha aflição e afunda o pé no acelerador, zunindo como uma flecha pelas ruas de Paris.

Pelo visto existe mesmo uma língua universal nessa vida e não, não é esperanto, nem inglês. *É o amor.*

Debruço na janela, o coração acelerado e olho a paisagem correr. Desejo que sejamos ainda mais rápidos, desejo mais uma vez poder ter asas para

chegar a tempo. Puxo o meu celular do bolso do casaco e, depois de agilizar o máximo que posso as coisas com ele, suspiro fundo antes de digitar a última mensagem que precisa ser digitada. Alex pode ser um homem de palavra, mas eu não.

Eu sirvo ao meu próprio coração.

“Desculpe. Eu sei que prometi que não haveria uma despedida, mas não posso calar o que meu coração deseja. Quero que saiba que sempre terei muito carinho por vocês, fui recebida da forma mais calorosa que poderia imaginar e adoraria continuar aí pra sempre, fazendo parte dessa história linda que sei que irão construir juntos, mas sinto que o meu destino está me chamando alto em um outro lugar e que, se eu não pegá-lo agora, vou me arrepender pelo resto da minha vida. Espero que entenda e me perdoe. Com muito amor, Vanessa.”

Aperto enviar e sinto que paramos. Olho para fora e vejo que o trânsito daquele trecho final está todo congestionado. *Terrific, era só o que me faltava!* Guardo o celular no bolso e pago o motorista com repetidos e enfáticos “mercis” ao descer do seu carro, correndo às pressas rumo à entrada.

Correr é difícil, fora o frio absurdo, minha mochila é um verdadeiro trambolho batendo contra minhas costas e prendendo em tudo aos seu redor. De salto alto ainda por cima, minha missão se torna praticamente impossível. *Merda, desse jeito não vou conseguir chegar a tempo.*

Ah, mas eu vou chegar a tempo de qualquer maneira!

Paro, tirando meu passaporte e doleira da mochila antes de entregá-la a um sem teto deitado ali e volto a correr, muito mais livre e desimpedida. Mais uma lição que aprendo nessa viagem, não importa quanto reduzimos nossa bagagem, ela sempre, sempre, pode ficar mais leve.

Entro zunindo pelos portões e subo as escadarias à todo vapor, as pessoas me olham curiosas sem entender o motivo da urgência ou da minha falta de calças em pleno inverno, mas não me importo, elas não estão em meu coração para saber como isso é significativo, como esse momento define tudo.

Passo pelo controle quase que por milagre. Quando o funcionário vê o horário do meu bilhete executivo no celular, ele apenas me dá passagem, dizendo para correr, senão perderei a última chamada.

Então levanto o olhar, o coração batendo tão acelerado que dói.

O relógio central marca sete e cinquenta. *Merda! Para que lado agora?* Vou pegar o celular trêmula para conferir, mas então encontro a bússola em meu bolso. Estou sem fôlego, são quase oito e esses europeus são ridiculamente pontuais, eu sei, mas não desisto e confio na fé, corro mais que o vento ao norte, corro mais do que julgava que minhas pernas seriam capazes de correr.

Compreendo finalmente que, sem perceber, estive distante durante todo esse tempo fazendo minha própria lista de experiências. Viajei para um lugar distante, aprendi algo novo, conheci alguém especial, fiz uma mudança em mim mesma e uma boa ação. E quando chego a plataforma meu esforço parece ser recompensado da forma mais preciosa do mundo.

Eu o vejo.

Minha montanha.

Aquele que mais me atrai, desafia e assusta, tudo ao mesmo tempo

Alex está sentado no último vagão, que ainda tem sua porta aberta. Ele está chorando e a cena é de cortar o coração porque sei por quem e pelo que chora. Lágrimas cortam meu rosto e, como se atraído por minha presença, nesse instante, ele levanta aqueles únicos olhos, azuis como o oceano.

E me vê.

E é chegado o momento. O trem apita impaciente.

Não hesite, não olhe para trás, não pense, Vanessa.

É agora ou nunca

Tudo ou nada.

Eu corro, corro, corro..

E então...

...pulo.



No instante em que passo o corpo para o interior do vagão, as portas se fecham com um estampido atrás de mim. Alex se levanta exasperado e o alcanço, selando esse momento com o beijo mais apaixonado e intenso que já dei na vida, ele me gira e me aperta contra seu corpo, sorvendo meu cheiro,

sentindo o gosto das lágrimas em meus lábios que, assim como os dele, ainda sorriem sem acreditar.

— O que você está fazendo, sua louca? — ele não sabe se ri ou chora, olhando para mim como se eu fosse um verdadeiro milagre, uma miragem, uma alucinação.

— Eu não pude dizer adeus.

Seu sorriso se alarga e ele me beija mais vezes, salpicando meu rosto com toda a sua felicidade.

— Você está dizendo...?

— Sim.

— Mas ... e sua vida no Brasil? Seu trabalho...

— Já avisei a Magô que não vou voltar. — Acho que Plutão no final das contas estava certo.

Talvez ele mereça voltar a ser um planeta.

— E sua mãe? — Alex se preocupa, é claro que se preocupa.

— Mandeí mensagem a avisando também, mas acho que no fundo ela já sabia que isso aconteceria. — me lembro então de nossa emocional despedida no aeroporto.

Ela me abraçou e me disse para ser feliz.

Não me divertir ou curtir...

Ser feliz.

Alex me olha confuso. — Mas como ela poderia saber, se nem você mesma sabia até agora?

Dou de ombros.

—Porque ela é minha mãe, e como minha mãe acho que conhece meu coração melhor do que eu mesma.

Ele me abraça forte.

— Me desculpe, eu queria muito que não tivesse que abdicar de nada, queria poder ter sido eu a...

— Eu sei, eu sei. — interrompo sua desnecessária justificativa, repousando o indicador suavemente em seus lábios. — Mas eu vim, estou aqui e foi por minha escolha. Percebi que não preciso de um príncipe encantado para salvar meu dia, sou a fada madrinha afinal, não sou? Tenho o poder de tornar meus próprios desejos realidade.

Ele sorri emocionado e então seu olhar recai no meu pulso.

— A fita...

Só então eu noto. *Ela não está mais lá.*

— Caramba, ela deve ter agarrado em algum lugar durante a corrida... E então, — levanto os olhos para ele com um sorriso. — finalmente vou descobrir qual é o misterioso terceiro desejo?

Ele me olha como se eu fosse a pessoa mais preciosa do mundo e me abraça forte antes de sussurrar com a voz embargada em meu ouvido.

— Que nunca mais tivéssemos que dizer adeus novamente.

— Cacete! — suspiro, totalmente perplexa com meus recém descobertos super poderes. — Eu sou mesmo uma baita de uma fada madrinha!

Ele ri. — É, você é sim. — e me beija a ponta do nariz.

Radiante, seco suas lágrimas, que agora são da mais pura alegria, e envolvo seu pescoço num caloroso abraço. — E agora, Alex, o que você faz quando todos os seus desejos se realizam?

Ele me segura apertado contra o seu corpo e pega a faixa do meu casaco que se abriu em algum momento da minha maratona para dar um novo nó.

— Eu começo a vivê-los.

Quando o trem mergulha na escuridão do Canal da Mancha rumo a um novo e emocionante destino, sinto que minha jornada nesse mundo maravilhoso está apenas começando.

E que ela será incrível.

Ah, isso eu tenho absoluta certeza que será.

FIM



Hey, obrigada por embarcar em mais uma jornada comigo, viajante! Espero que Fadas tenha te feito suspirar, sentir um calorzinho gostoso dentro no peito e uma vontade imensa de botar uma mochila nas costas e meter o pé na estrada. Se eu pudesse dar só um conselho nessa vida seria esse: saia de casa, visite um outro bairro, outra cidade, outro país, não importa... apenas saia e olhe o mundo, mas olhe diretamente:

Vou te dizer uma coisa: *Ele é maravilhoso.*

Agora vou partir para os agradecimentos porque gratidão nessa vida é tudo, né? Agradeço à minha família, meu amor e filhos de quatro patas por entenderem essa necessidade de escrever que me faz virar noites seguidas em claro e até esquecer de pentear o cabelo. Obrigada pelo apoio e por me amarem mesmo descabelada.

À leitora alfa beta, líder da matilha, a fantástica Luciana Dryer! Seus cílios vão te que aturar muito minhas histórias ainda, viu, lindona?! ;P

Às fadas betas que embarcaram de mochila e tudo comigo nessa jornada: Sthéfanie, Watuse, Carmem, Bruna, Luana, Lia, Mirtes, Ana, Giordana, Janaína, Cristiane, Tati e Luciana. Muito obrigada a todas, foi um prazer

viajar em tão boa companhia!

Às lindas blogueiras Fabi, do PS Amo Leitura e Carol, do Ler é viver Sonhos por sempre receberem meus livros de braços abertos. E aos blogs Segredos entre amigas (Bárbara Sá), Livros e tal (Arícia), Dicas de Malu (Malu), Ste do Stelivros, (Ste) e uma Segunda Opinião (Luana) por terem feito parte dessa história desde o início.

E, especialmente, quero agradecer a vocês leitores que tornam o meu sonho possível, que apoiam esse trabalho comprando meus livros, deixando suas opiniões, divulgando para os amigos. A vocês deixo meu muito, muito obrigada! Sempre acreditei que a gentileza existe no mundo e vocês são a prova viva disso.

Se quiser dar uma moral também para essa autora carioca que vos fala é fácil, deixe sua avaliação aqui na Amazon, uma frase sua já me ajuda muito! =D Além de rapidinho, vou amar ler o que escreveu!



Ah, e se quiser me add nas redes sociais é [@autorac.nanbiachi no insta](#) e no [face](#), será super bem vindo por lá! E para conhecer meus outros livros, [clique aqui](#)!

E é isso, já falei demais. Tá na hora de ir. Um grande beijo, foi um prazer enorme e até a próxima...

... e por falar em próxima, vira só a página aí... rs



— Então você está me dizendo que era uma workaholic que trabalhava numa multinacional, perdeu o seu avô, largou o emprego, herdou um sofá-mala, entrou para uma comunidade de viajantes, recebeu gente de tudo quanto é canto em casa, conheceu o amor da sua vida, namorou com ele por seis meses à distância, embarcou para a Europa onde fez aquele que só pode ser chamado de o mochilão mais romântico de todos os tempos, não conseguiu se despedir dele, então saiu correndo pelas ruas de Paris de combinação e sapatinhos de cristal em pleno inverno europeu pulando dentro de um trem para Londres e foi assim que chegamos aqui? — a mulher sisuda pergunta num só fôlego, em um misto de choque e incredulidade.

— Oh, não. — sorrio tranquila, mexendo no anel em meu dedo. — Antes disso aconteceu algo muito importante, algo ainda mais inacreditável.

Ela me olha como quem não acredita que eu consiga tirar algo ainda mais surreal de dentro da cartola.

— E o que seria?

Escancaro o sorriso.

— *O casamento indiano.*

O casamento indiano.

*A conclusão da série Aquilo que realmente importa.
Em breve.*



[Avalie aqui e namastê !](#)

